

# POLÍTICAS SOCIAIS E SEM-ABRIGO – UMA RELAÇÃO (IN) MEDIÁVEL?

Dissertação de Mestrado

Helena Filipa Mendes Gonçalves

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Cristovão Margarido

Leiria, 30 de Setembro de 2016

Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional e respeito pelo percurso escolar e profissional por mim escolhido...

Agradeço especialmente à minha irmã pelo exemplo de perseverança e força que me serviram como grandes incentivos na construção da presente dissertação....

Agradeço ao meu companheiro de jornada, que sempre acreditou que eu seria capaz...

Agradeço profundamente ao Centro Comunidade Vida e Paz de Fátima e em especial à D.<sup>a</sup> Renata Alves por ter autorizado a concretização das entrevistas naquela instituição para a qual tive o prazer de colaborar como terapeuta...

E, é claro, aos utentes da mesma Comunidade que voluntariamente se propuseram a colaborar neste estudo e sem os quais a realização do mesmo não poderia ter sido possível. Agradeço-lhes também, do fundo do meu coração, por terem partilhado um pouco do seu “mundo”, das suas experiências de vida e das esperanças que têm para o seu futuro.

Por último, agradeço ao Professor Dr. Cristovão Margarido pela partilha de conhecimentos e pela (longa) orientação que primou pelo profissionalismo e dedicação.

O meu sincero obrigado a todos!

## RESUMO

Em Portugal, comparativamente a outros países da Europa, a problemática dos sem-abrigo foi tardiamente abordada, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista das políticas e respostas sociais. Com efeito, o estado da arte em Portugal sobre esta população permanece escasso. Contudo existem estudos sobre a identificação das características desta população e dados estatísticos.

Também não existem em Portugal políticas sociais destinadas especificamente à condição de sem-abrigo. Porém, estes podem auferir de outros apoios que se destinam a uma grande variedade de situações e grupos alvo de intervenção. Com efeito, o que tem sido realizado em termos de políticas e respostas sociais para esta população não colmata as suas necessidades e não garante o seu processo de inclusão na sociedade.

Face a esta realidade justifica-se a realização de um estudo aprofundado baseado nas próprias opiniões dos sem-abrigo acerca dos apoios sociais destinados para a sua condição. O principal objetivo deste estudo foi compreender se os sem-abrigo conhecem as políticas sociais e de que forma usufruem ou usufruíram das mesmas.

O presente estudo é qualitativo e contou com a participação de 4 indivíduos do sexo masculino que estão ou estiveram em situação de sem-abrigo.

Os resultados indicam que os sujeitos em estudo têm conhecimento das políticas sociais disponíveis para a condição de sem-abrigo e que, inclusive já usufruíram do RSI e do Sistema Nacional de Saúde. No entanto, os mesmos assumem que se não fosse pelo facto de terem tido ajuda de técnicos de intervenção social e de familiares para os esclarecerem e ajudarem em todo o processo de

pedido do apoio, não teriam conseguido auferir do mesmo. Estes técnicos e familiares, acabam por assumir o papel de mediadores interculturais na medida em que estabelecem uma ligação entre os sem-abrigo e as políticas sociais que lhes estão destinadas.

Todos os sujeitos concordam com as respostas sociais disponíveis para a condição de sem-abrigo e inclusivamente demonstram gratidão para com a comunidade terapêutica onde residem.

**Palavras-chave:**

*Mediação Intercultural, Políticas Sociais, Sem-abrigo*

## ABSTRACT

In Portugal, compared to other countries in Europe, the problem of homelessness was belatedly study in the theoretical point of view, whether from the point of view of policies and social responses. Indeed, the State of the art in Portugal on this population remains scarce. However there are studies on the identification of the characteristics of this population and statistical data.

There are no so far social policies designed specifically to the condition of homelessness. However these may obtain from other support for a wide variety of situations. In fact what has been accomplished in terms of policies and social responses to this population fills your needs and does not warrant its inclusion process in society.

Given the scarcity of studies in the country about this condition, and the relevance of conducting an in-depth study based on the personal opinions of the homeless about the social support for their condition, the main objective of this study was to understand if the homeless know social policies and how they enjoy or enjoyed.

The present study is qualitative and included the participation of 4 male individuals who were or have been in a situation of homeless.

The results indicate that subjects under study are aware of social policies available to the homeless. However, note that if it weren't the fact that they have had technical help of social intervention to clarify and help throughout the ordering process of support, would not have been able to obtain that help. These technicians and, sometimes, family, eventually taking on the

role of intercultural mediators in that it establishes a link between the homeless and the social policies.

All subjects describe agree with the social responses available to their condition having essentially demonstrating gratitude to the therapeutic community where they are.

**Keywords:**

Intercultural mediation, social policies, homeless

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract.....	v
Índice Geral .....	viii
Índice de Tabelas .....	ixx
Abreviaturas.....	x
Introdução.....	1
<b>Capítulo I – Fundamentação Teórica .....</b>	<b>5</b>
1. O Sem-abrigo – definição unívoca ou complexa?.....	6
2. Desvio, estigma e a condição de sem-abrigo.....	16
3. Política Social .....	23
<b>Capítulo II – Objetivos e Metodologia.....</b>	<b>29</b>
1. Objetivos do estudo .....	29
2. Modelo de análise.....	30
3. Operacionalização dos conceitos.....	32
4. Metodologia, técnicas e procedimentos de recolha de dados .....	34
4.1 Pesquisa documental .....	35
4.2 Entrevista.....	35
4.3 Questionário de informação sócio-demográfico.....	36
4.4 Sujeitos em estudo .....	38
<b>Capítulo III – Parte Empírica e dos Resultados .....</b>	<b>42</b>
1. Relações familiares.....	42
2. Relações de amizade/comunidade .....	45
3. Experiência como sem-abrigo .....	46

4. Apoios sociais.....	53
5. Perspetivas de futuro .....	58
<b>Capítulo IV – Síntese Conclusiva .....</b>	<b>61</b>
Bibliografia Utilizada .....	64
Apêndices/Anexo .....	1
Apêndice A: Guião de Entrevista Semiestruturada .....	2
Apêndice B: Questionário Sóciodemográfico .....	6
Apêndice C: Pedido de autorização à instituição para a realização da investigação....	9
Apêndice D: Procedimentos de tratamento das entrevistas.....	11
Apêndice E: Instrumentos relativos à entrevista de AJ.....	23
Apêndice F: Instrumentos relativos à entrevista de CL.....	76
Apêndice G: Instrumentos relativos à entrevista de NS .....	99
Apêndice H: Instrumentos relativos à entrevista de BG.....	121
Apêndice I: Grelhas de Análise de Conteúdo – Categoria de Análise: Relações familiares .....	140
Apêndice J: Grelhas de Análise de Conteúdo – Categoria de Análise: Relações de Amizade/Comunidade .....	148
Apêndice K: Grelhas de Análise de Conteúdo – Categoria de Análise: Experiência como Sem-abrigo.....	152
Apêndice L: Grelhas de Análise de Conteúdo – Apoios Sociais .....	163
Apêndice M: Grelhas de Análise de Conteúdo – Expetativas de Futuro .....	177
Anexo 1: ETHOS- tipologia europeia de exclusão relacionado com habitação.....	180

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Operacionalização dos conceitos .....	33
<b>Tabela 2</b> – Anos estimados de experiência na situação de sem-abrigo .....	39
<b>Tabela 3</b> – Idade/Sexo/Nacionalidade/naturalidade/Escolaridade.....	39
<b>Tabela 4</b> – Dificuldades Físicas e/ou Psicológicas no momento da recolha de dados ..	40
<b>Tabela 5</b> – Mendigagem durante a experiência como sem-abrigo .....	40
<b>Tabela 6</b> – Percepção sobre as condições habitacionais no momento da recolha de dados .....	40

## ABREVIATURAS

CVP - Comunidade Vida e Paz

EAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza

FEANTSA - Federação Europeia de Serviços para Pessoas Sem-Abrigo

RMG - Rendimento Mínimo Garantido

RSI - Rendimento Social de Inserção

SNS – Sistema Nacional de Saúde

SS – Segurança Social

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta de uma investigação realizada no âmbito da primeira edição de mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social que teve lugar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria. Esta pesquisa decorreu entre Março de 2014 e Setembro de 2016 estando subordinado ao tema “As Políticas Sociais e os Sem-abrigo – Uma relação (in) mediável?”. Deste modo, procurámos perceber de que modo as pessoas que estão, ou já estiveram em situação de sem-abrigo, conhecem e recorrem aos apoios sociais disponíveis para fazer face a situações de maior vulnerabilidade social e de que forma se desenvolveu esse processo.

Nos últimos anos tem-se verificado um aumento da mobilização de esforços na recolha de informação sobre a população sem-abrigo, embora continue a persistir a inexistência de um estudo aprofundado acerca desta problemática em Portugal. A este propósito Isabel Baptista (2004) salienta que o interesse e esforço pela recolha de informação provém sobretudo de instituições que intervêm com esta população mantendo, contudo, um carácter meramente descritivo assente na investigação de determinadas características e se estas se encontram presentes em maior ou menor frequência (por exemplo: o sexo, a idade, a profissão, o nível de escolaridade, a naturalidade, entre outras) (Baptista, 2004).

Apesar de identificada esta lacuna na realização de estudos mais aprofundados sobre esta população ao nível nacional, muitos autores compreendem a condição de sem-abrigo como a “*ponta do iceberg*” sobre a qual assentam múltiplas e complexas problemáticas, quer ao nível individual, quer ao nível coletivo que, por sua vez, se entrecruzam e dão origem àquilo que vários autores abordam como o extremo da pobreza e da exclusão social: estar sem-abrigo (Baptista, 2004; Branco, 2004; Louro, 2004; Silva, 2007).

Neste quadro de exclusão social inserem-se, para além da ausência de uma habitação própria, problemáticas relacionadas com carência económica extrema, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, carências graves ao nível da saúde e a inexistência de fontes de suporte (Baptista, 2004). Em Portugal a EAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza (2016) destaca os seguintes dados relativamente aos indicadores de pobreza e exclusão social referentes ao ano vigente: 27,5% da população portuguesa

encontra-se em situação de pobreza e exclusão; as mulheres possuem maior risco de pobreza e exclusão social (28.1%) por comparação aos homens (26.7%); a taxa de desemprego é de 12.1% e o desemprego jovem tem uma percentagem de 30.7%.

É da responsabilidade do Estado garantir os direitos básicos dos cidadãos e a igualdade de oportunidades, bem como promover o bem-estar e a coesão social (Comissão do livro branco para a segurança social, 1998). Contudo, tem-se verificado o surgimento de “novos” sem-abrigo com características bastante distintas e um número de casos bastante significativo nas cidades onde este tipo de problemática é mais premente.<sup>1</sup>

Adicionalmente existem um conjunto de experiências transversais a toda esta população, resultantes da atuação das estruturas referentes às políticas públicas e sociais do Estado, que não têm sabido gerir a inclusão destas pessoas a vários níveis (Branco, 2004). Assim, as principais causas associadas a esta problemática são “(...) *as fragilidades do sistema*”, do qual sobressaem a “falha” na coesão social, a “falha” da economia e a “falha” nos apoios ao emprego que potenciam a pobreza e, por sua vez, a exclusão social desta população que contém em si mesma a tendência para desafilarse do mundo que a rodeia (Louro, 2004). Desta forma é vital o papel do mediador intercultural como construtor dessas pontes em que “*o mediador, neste âmbito, não arbitra ou resolve, faz propostas, recorda o esquecido e desvela o desconhecido, promovendo simultaneamente a curiosidade pelo que se ignora*” (Vieira, Marques, Silva, Vieira e Margarido, 2016: 12). É a mediação como nó de intercomunicação (intergrupar) apresentado por Torremorell em que se facilita o intercâmbio na medida em que os diferentes grupos o desejarem (Torremorell, 2008) Com efeito, alguns autores constatarem que os sem-abrigo tendem a acomodar-se e a prolongar a sua situação de vulnerabilidade e exclusão social por não percecionarem as instituições e o Estado como potenciadores de ajuda para saírem da situação em que se encontram, recorrendo apenas às mesmas com a finalidade de conseguirem apoio para minimizarem os efeitos da situação em que vivem e para colmatar necessidades imediatas (Fernandes, 2006; Jesus e Menezes, 2010). Toro e Warren (1991, citados por Jesus e Menezes, 2010:533) defendem que, para tal, deve existir “(...) *a colaboração das pessoas sem-abrigo na elaboração de alternativas para os seus problemas (...)*” de forma a “(...) *favorecer o*

---

<sup>1</sup> Registo de 482 casos em Lisboa e 328 no Porto, só no ano 2004 (Louro, 2004).

*seu empoderamento psicológico e uma resolução mais eficaz da condição de sem-abrigo”.*

Face ao anteriormente exposto, procurámos com esta investigação **conhecer a perceção de quatro indivíduos, acerca dos apoios sociais, durante a sua vivência como sem-abrigo e perceber se recorrem ou recorreram a estes apoios e de que forma.** Ao mesmo tempo, propusemo-nos a compreender o início e desenvolvimento do seu processo de desafiliação, a sua perspetiva sobre a experiência como sem-abrigo e, por último, compreender quais são as suas perspetivas de futuro.

O interesse em aprofundar este tema surgiu após a leitura de um artigo da autoria de Jesus e Menezes (2010) que aborda a problemática dos sem-abrigo e o empoderamento advindo da experiência de habitar na rua ou em locais desprovidos de condições básicas. O mesmo artigo descreve as opiniões críticas dos sem-abrigo relativamente aos apoios institucionais disponíveis para a sua condição facto, este, que aguçou profundamente o meu interesse pela área da intervenção comunitária em situações de pobreza e exclusão social e, desta vez, em especial, pelo público sem-abrigo. Acreditamos que a opção de realizar um estudo de carácter qualitativo com recurso a entrevistas permitirá “dar voz” àqueles que, devido à sua condição socioeconómica, mais dificilmente se fazem ouvir.

A recolha de dados foi realizada com recurso a entrevistas semiestruturadas e de um questionário de informação sociodemográfica a quatro pessoas em situação de sem-abrigo, que se encontravam, no momento da recolha de dados, a residir no Centro Comunidade Vida e Paz, em Fátima. A razão para a realização da escolha de dados nesta instituição prende-se ao facto da investigadora ter exercido funções de aconselhamento na referida instituição e por esta acolher para tratamento toxicodependentes sem-abrigo.

Relativamente a esta problemática Quintas (2010) acrescenta ser necessário criar vertentes de apoio educacional por parte das instituições de forma a promover competências pessoais de carácter simbólico, cultural, relacional e de participação comunitária, com o objetivo de contornar o comodismo associado à permanência prolongada na situação de sem-abrigo, bem como a dependência causada pelo apoio institucional maioritariamente assistencialista. É sentido que a mediação se torna fundamental no fomento das dimensões acima citadas pois possibilita o estabelecimento de importantes interações entre os intervenores sociais e a população sem-abrigo que serão essenciais para ajudar a (res) estabelecer e/ou reforçar os laços sociais entre as

partes ou entre os sem-abrigo e os devidos apoios sociais que têm direito a auferir (Torremorell, 2008).

Acreditamos que com esta pesquisa poderemos dar um importante contributo para compreender o estado da arte em Portugal relativamente a esta problemática. De igual modo, pretendemos contribuir para o incremento de conhecimento dos técnicos de intervenção social que lidam diariamente com os sem-abrigo e introduzir a mediação como um método que os técnicos poderão fazer uso de forma a empoderar esta população e possibilitar a sua reinserção social.

Esta dissertação encontra-se dividida em 4 capítulos. O capítulo I tem como propósito enquadrar os conceitos considerados fundamentais para a investigação, através da revisão bibliográfica. Deste modo, procurámos abordar teoricamente os conceitos de sem-abrigo, desvio e estigma, a mediação como estratégia de intervenção e as políticas sociais.

No capítulo II, é apresentada a metodologia de investigação, onde são enquadrados a problemática, os objetivos do estudo, o mapa conceptual e os objetivos específicos. Neste capítulo são ainda descritas as técnicas de recolha de dados utilizadas, a delimitação do campo de estudo e, em último lugar, são descritas as técnicas de tratamento de dados usadas, quer na análise de conteúdo, quer nas entrevistas e questionário sócio-demográfico.

No capítulo III é realizada a apresentação e análise dos resultados, tendo em conta as categorias de análise previamente definidas.

Por fim, no capítulo IV é explanada uma síntese conclusiva sobre as principais conclusões retiradas da análise de conteúdo.

# CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo constitui-se de extrema importância por incluir literatura científica sobre o tema proposto, uma vez que “ (...) *realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além (...)*” (Galvão, 2010) e “(...) *é indispensável não somente para definir bem o problema, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado actual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento*” (Bento, 2012: 1). Assim, é neste capítulo que apresentaremos e desenvolveremos aqueles que são os conceitos considerados por nós como a base teórica da presente investigação.

Começamos por abordar a definição, as características e causas associadas à condição de sem - abrigo. De seguida contextualizamos a evolução desta problemática do ponto de vista histórico e social e apresentamos também uma breve síntese das principais teorias e ideias sobre exclusão social, desvio e estigma. Posteriormente explicamos as origens e evolução das políticas sociais e o seu contexto atual em Portugal e, por fim, refletimos sobre o papel da mediação no contexto comunitário, onde procuramos evidenciar a sua importância na reinserção social desta população.

## 1. O SEM-ABRIGO - DEFINIÇÃO UNÍVOCA OU COMPLEXA?

Historicamente foram adotadas várias terminologias para designar a população sem-abrigo, como por exemplo, “mendigos”, “vagabundos”, “vadios”, “ociosos” “indigentes” e “pedintes” (Bento e Barreto, 2002; Fernandes, 2006). Estas designações encontram-se associadas ao estigma social sofrido por esta população que, em Portugal, foi sendo alvo de várias disposições legais de modo a legitimar as diferentes noções de sem-abrigo que iam surgindo ao longo do tempo (Fernandes, 2006).

De acordo com Fernandes (2006), a consolidação da visão repressiva/punitiva sobre a mendicidade, vagabundagem e ociosidade deu-se, com maior ênfase, durante a emergência do Estado Novo, embora já existissem disposições legais desta índole durante o século XIII, no reinado de D. Afonso II.

A principal crença associada a esta visão punitiva era de que as causas para a vagabundagem e mendicidade eram estritamente individuais, sem ter em consideração de que estes não tinham quaisquer formas de subsistência e, por isso, eram vistos a vagabundar nas ruas e a pedir esmola. Esta divisão entre vagabundos e mendigos era realizada através da própria legislação que os dividia consoante a disposição física para trabalhar, isto é, se possuísem doenças que os impossibilitasse de exercer um trabalho eram chamados de mendigos e tinham determinadas autorizações legais para mendigar. Quanto aos vagabundos eram considerados todos aqueles que não sofrendo de condições físicas debilitantes não trabalhavam e, por isso, eram vistos como ociosos e como indivíduos que não trabalhavam por não quererem (Bastos, 1997 citado por Bento e Barreto, 2002; Pinto, 1999 citado por Bento e Barreto, 2002). A estes últimos eram “*[...] aplicadas diversas punições que iam desde os castigos físicos até à prisão, passando pelo trabalho compulsivo*” O Código Penal de 1852 punia a vadiagem, assim como o que considerava falsa mendicidade, aplicando uma pena de 6 meses de prisão, ficando o condenado sob a responsabilidade do governo e sendo obrigado a trabalhar” (Fernandes, 2006: 8).

Paradoxalmente à política de repressão, a criação de estruturas de assistência a esta população começou a desenvolver-se no início do século XX. Surgiram instituições e iniciativas para a entrega de subsídios e esmolas (por exemplo, o Governo Civil, a Santa Casa da Misericórdia e o jornal “O século”), a criação de refeitórios sociais (como o refeitório dos Anjos) e maior preocupação com as condições de higiene com a criação

de balneários públicos e a edificação de colónias balneares para os mais necessitados e crianças” (Pinto, 1999 citado por Bento e Barreto, 2002).

Com a emergência do Estado Novo a política de repressão aumenta e a PSP (Policia de Segurança Pública) acaba por assumir o papel mediador entre os “vadios” e a sociedade civil, abarcando igualmente funções de assistência e reeducação social. A mando do Decreto de Lei nº 30 389 de 20 de Abril de 1940, são criados albergues, anexados aos comandos da PSP, de forma a atuarem como prevenção à mendicidade em todas as cidades distritais (Bastos, 1997 citado por Bento e Barreto, 2002), inaugurando uma nova abordagem no domínio da assistência em que são assumidas funções a uma instituição de ordem estatal, funções essas outrora desempenhadas por Misericórdias e outras associações de carácter religioso. Este maior envolvimento por parte da polícia estava então inserido num movimento de maior intervenção do Estado na área da assistência. Desde então, os mendigos eram ou enviados para a sua localidade de origem ou para os albergues da polícia e asilos. Nos referidos albergues encontravam-se “mendigos” nas mais variadas situações: idosos, menores, doentes mentais, alcoólicos, tuberculosos, prostitutas, homossexuais, delinquentes e reincidentes (Bastos, 1997 citado por Bento e Barreto, 2002).

A repressão à mendicidade foi destituída no pós-25 de Abril através do Decreto de Lei nº 365 de 15 de Maio, em 1976, que introduziu uma nova compreensão do fenómeno da mendicidade focado nos problemas estruturais do país relacionados com o desenvolvimento socioeconómico e cultural. Acreditava-se que uma vez resolvidos os referidos problemas sociais, o fenómeno da mendicidade tenderia a desaparecer. Assim, a mudança de paradigma sobre o fenómeno sem-abrigo deu-se, em parte, através da instauração da democracia “ [...] e com o surgimento das preocupações com o bem-estar social da população, com a necessidade de implementação de medidas asseguradoras da igualdade de oportunidades, verificou-se uma ruptura com as concepções mutualistas de proteção social vigentes até então” (Fernandes, 2006:9).

Nos dias de hoje a vadiagem e mendicidade não são punidas por lei exceto quando se prova que existe exploração através da mendicidade por parte menores de 16 anos ou de pessoas portadoras de doença mental (artigo 296 do Código Penal de 1995 citado por Bento e Barreto, 2002).

Desta forma não existe atualmente legislação específica para os sem-abrigo, à parte da Lei da Saúde Mental (Lei nº 36/98 de 24 de Julho), que não menciona os sem-abrigo mas pode beneficiá-los aquando é verificada a existência de doença mental. Esta

Lei dá apoio legal ao tratamento e internamento compulsivo em casos mais graves. Também o Rendimento Mínimo Garantido ou RSI (Rendimento Social de Inserção) é utilizado para apoiar esta população (Bento e Barreto, 2002).

De acordo com Bento e Barreto (2002) constata-se a existência de oscilações no que diz respeito à tolerância e à tomada de medidas repressivas relativamente ao fenómeno sem-abrigo, ao longo da história, sendo o período atual de tolerância.

A definição de sem-abrigo tem sido alvo constante de reflexão por vários autores “ [...] *pela dificuldade encontrada de o limitar ou de o objetivar*” (Fernandes, 2006:4). É possível observar-se uma mudança clara das definições meramente assentes no fator “ter casa ou não ter” para um paradigma de análise muito mais complexo e global que olha para a situação de sem-abrigo como algo transitório complexo e relacional (Daly, 1996 citado por Fernandes, 2006). Muitas definições de sem-abrigo incluem, de um modo geral, características como o estilo de vida, a localização, a permanência na habitação ou a segurança da sua posse, a qualidade da habitação e os requisitos para ter acesso aos apoios sociais (Tipple e Speak, 2005 citado por Miguel, Ornelas e Maroco, 2010).

Definições relativamente difundidas incluem conceções como a proposta do *The Housing Act 1985*<sup>2</sup>, que refere ser sem-abrigo aquele que não possui direito legal à habitação ou que se encontra impedido de ocupar uma casa de forma segura ou com conforto razoável (Munoz e Vasquez, 1998 citado por Bento e Barreto, 2002). Outra definição, proposta pela *United States Alcohol, Drugs Abuse and Mental Health Administration* em 1983, é de que o sem-abrigo é “*qualquer pessoa que não dispõe do alojamento, dos recursos nem dos laços comunitários adequados*” (Munoz e Vasquez, 1998 citado por Bento e Barreto, 2002:25).

Definido também de forma oficial pelo governo norte-americano, o sem-abrigo é visto como “*aquele que perdeu uma residência noturna fixa e permanente ou aquela cuja residência noturna é um abrigo temporário, pensão social ou qualquer lugar público ou privado, que não está concebido como acomodação para seres humanos dormire*” (Blau, 1992 citado por Bento e Barreto, 2002: 26).

Por seu turno, em 1992, o Conselho Europeu definiu este conceito como “*pessoas ou famílias que estão socialmente excluídas de ocupar permanentemente um*

---

<sup>2</sup> *The Housing Act 1985* - Esta lei do parlamento britânico introduz normas relacionadas com a posse de habitação e foi um marco pioneiro e fundamental para a compreensão do conceito de sem-abrigo.

*domicílio adequado e pessoal*” (Munoz e Vasquez, 1998 citado por Bento e Barreto, 2002:26).

Já a Federação Europeia de Serviços para Pessoas Sem-Abrigo (FEANTSA) desenvolveu um esquema com diversas categorias conceituais e operacionais que permitem definir uma tipologia europeia de exclusão relacionada com habitação (Anexo 1), incluindo na mesma todas as pessoas que se encontram a viver: sem-teto (por exemplo: em espaços públicos) ou em condições habitacionais precárias, isto é, que se encontram em risco de serem despejadas ou que estão a viver em abrigos, albergues ou pensões (FEANTSA, s.d.; Martins, 2007). Deste modo os sem-abrigo são definidos pela FEANTSA como todos *“aqueles que são incapazes de ter acesso a uma habitação adequada, pessoal e permanente, ou a manter essa habitação devido a impedimentos financeiros e outros”* (FEANTSA, s.d.).

Apesar da definição europeia proposta por esta Federação é mencionado pela mesma que o conceito de sem-abrigo varia consoante o país, servindo a tipologia europeia apenas como guia para todas as formas de sem-abrigo e exclusão relacionadas com a habitação existentes na Europa (FEANTSA, s.d.). Alguns autores realçam também que além das diferentes etiologias deste conceito, que podem variar em função do país, causas e outros fatores, a forma como cada sem-abrigo percebe a sua condição também varia, tornando assim a experiência como sem-abrigo bastante subjetiva (Roll, Toro e Ortola, 1999; Toro, 2007 citado por Jesus e Menezes, 2010).

Por último destaca-se, ao nível nacional, a definição elaborada pela Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-abrigo (2009) que os conceptualiza como qualquer indivíduo que independentemente da sua nacionalidade, idade, sexo, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental se encontre ou 1) sem teto - a viver num espaço público, alojado num abrigo de emergência ou num local precário; ou 2) sem casa (encontrando-se num alojamento temporário destinado para esse efeito). É de notar que esta definição foi redigida tendo como base a definição proposta pela FEANTSA e, por essa razão, engloba o fenómeno de sem-abrigo num paradigma mais vasto relacionado com a exclusão, pobreza e dificuldades de afiliação em que os sem-abrigo não são apenas vistos como aqueles que vivem literalmente na rua mas também quem se encontra em risco de ficar a viver na rua (Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-abrigo, 2009; Daly, 1996 citado por Fernandes, 2006; Bento e Barreto, 2002).

Assim, o termo sem-abrigo reúne em si mesmo uma grande variedade de situações como: estar a viver na rua; ocupar, ilegalmente ou legalmente, casas abandonadas, barracas e outros sítios semelhantes; estar alojado em refúgios ou centros de acolhimento para sem-abrigo tanto do setor público, como do privado; viver em pensões, camaratas ou outros refúgios privados; coabitar forçadamente em casa de amigos ou familiares; residentes de instituições como estabelecimentos de cuidados infantis, hospitais, prisões, hospitais psiquiátricos, que não possuem domicílio ao sair destes locais; e, por último, residir numa casa não adequada deixando-os numa situação de mau alojamento (Munoz e Vázquez, 1998 citado por Bento e Barreto, 2002).

Ou seja, o conceito de sem-abrigo é complexo, respeita a um grande número de situações, tais como: a escassez de meios económicos e de laços sociais, que tornam o acesso a um alojamento pessoal adequado uma tarefa de extrema dificuldade, senão impossível de alcançar (Bento e Barreto, 2002). Face ao exposto pode afirmar-se que ” [...] *Ser sem-abrigo é [...] estar no último degrau dos padrões de vida, é a total privação de recursos materiais e simbólicos, é a impossibilidade do exercício de cidadania [...]*” (Fernandes, 2006:54).

Em Portugal só a partir da década de 90, com o surgimento dos primeiros equipamentos e projetos sociais destinados aos sem-abrigo, é que a referida população começou a ser considerada com especial atenção por parte das instituições (Bento e Barreto, 2002).

No que diz respeito ao número de sem-abrigo registado em território nacional, são levantados vários dados, embora sejam corroborados pelas “ [...] *dificuldades metodológicas inerentes a esta população*” (*idem*, 2002:30). Uma dessas dificuldades prende-se com a grande variedade de definições disponíveis (*idem*, 2002) e à ausência de uma definição oficial quer ao nível nacional quer ao nível Europeu e, até mesmo, ao nível mundial (Tipple e Speak, 2005 citado por Miguel, Ornelas e Maroco, 2010). Estas resultam, segundo Tipple e Speak (*idem*, 2010), do facto das definições de sem-abrigo possuírem uma grande variedade de critérios que variam consoante a nação e o ambiente político vivido no momento, que gera naturalmente “ [...] *diferentes perspetivas sobre a situação de sem-abrigo, e afeta as políticas adotadas para lidar com o problema*” (*idem*, 2010:437). Um exemplo disto é dado por Drake (1994 citado por Bento e Barreto, 2002) que faz referência à surpresa que foram os dados atribuídos por Portugal ao Observatório Europeu de Sem-Abrigo relativamente ao número de sem-abrigos em Portugal (4.100 pessoas) quando o número de pessoas que residiam em

barracas era estimado em 60.000. No norte da Europa as pessoas que residem em barracas são consideradas sem-abrigo, no entanto, esse critério não foi assumido da mesma forma em Portugal.

Outra dificuldade na contabilização dos sem-abrigo é conseguir aceder a indivíduos de maior *invisibilidade*. Isto é, o acesso a pessoas em situação de sem-abrigo depende sobretudo do contato que estes têm com os serviços, desta forma” [...] *os números de sem-abrigo apontados num determinado país tendem a depender do nível de provisão de serviços para esta população*” (Bento e Barreto, 2002:30).

Por estes motivos o número de sem-abrigo é geralmente baseado em estimativas que, de acordo com Jenks (1995 citado por Bento e Barreto, 2002:31), “(...) *tendem a variar amplamente consoante as fontes e o seu significado político*”, com as instituições privadas a tenderem para inflacionar os números, por dependerem financeiramente dos apoios do Estado, e por seu turno, as instituições do Estado a tenderem para subestimá-los.

Ao longo da década de 90 as estimativas em Portugal apontavam para a existência de 2.500 a 5.000 pessoas em situação de sem-abrigo. Em 2000, o Grupo de Ecologia Social (2000 citado por Bento e Barreto, 2002) contabilizou 1.366 sem-abrigo, número bastante inferior às estimativas. Já em 2004 os números de processos abertos referentes a sem-abrigo por distrito eram: 482 em Lisboa e 328 no Porto; seguindo-se Setúbal e Faro como distritos onde também são relatados casos de sem-abrigo, desalojamento e violência doméstica (Louro, 2004).

Relativamente ao perfil dos sem-abrigo na cidade de Lisboa, a equipa de Rua da Santa Casa da Misericórdia recolheu as seguintes características: a maioria é do sexo masculino; são de raça branca; têm naturalidade e nacionalidade portuguesas; a idade situa-se entre os 35 e os 60 anos; têm escolaridade mínima; são solteiros; não têm filhos; não possuem qualquer contato com a sua família; pernoitam no centro de Lisboa; utilizam os serviços da Santa Casa da Misericórdia; detêm um passado institucional em termos educacionais, psiquiátricos e/ou prisionais; possuem doenças psiquiátricas como o alcoolismo, psicoses e/ou toxicodependência; têm tendência para a vitimização e a mendigagem é pouco frequente (Bento, Barreto e Pires, 1996 citado por Bento e Barreto, 2002).

Outras investigações (Borges, 1995; Bento *et. al.*, 1996; Pereira e Silva, 1997, citado por Baptista, 2004) têm relatado um perfil comum ao sem-abrigo condizente com o explanado anteriormente: pertencer ao sexo masculino; ser solteiro; possuir fracas ou

inexistentes relações familiares ou outras redes de suporte; estar desempregado e/ou apresentar um percurso laboral em setores marcados pela instabilidade; ter um baixo nível de escolaridade e evidenciar uma saúde física e/ou mental debilitada que poderá estar associada ao consumo de álcool.

De acordo com Baptista (2004) as referidas características constituem o perfil clássico do sem-abrigo que entretanto tem vindo a sofrer alterações devido às mudanças socioeconómicas mais recentes, como por exemplo: o agravamento da precarização do emprego, a desvalorização dos currículos, a ausência de emprego preservador de “valor social” e ruturas nas redes de suporte social. Com estas mudanças têm surgido cada vez mais os chamados “novos” sem-abrigo, que não se enquadram no perfil clássico previamente descrito (Baptista, 2004). Nesta linha também Branco (2004) apresenta alguns dados relativos ao perfil daqueles a que se podem apelidar por “novos” sem-abrigo apresentando quatro características: o aumento considerável de jovens nesta situação, o isolamento e proveniência de famílias monoparentais, a prevalência de imigrantes, e possuem trajetórias de vida ligadas a instituições judiciais.

Este “retrato” da população sem-abrigo em Portugal mostra precisamente o extremo dos problemas ligados à pobreza e à exclusão social que esta população detém pois englobam em si mesmos um grande conjunto de desvantagens e problemas complexos, tais como, problemas do foro mental, questões ligadas à justiça ou ao comportamento delinquente (*Idem*, 2004)

No que concerne aos fatores causais a literatura aponta para fatores de ordem estrutural e individual (Main, 1998 citado por Bento e Barreto, 2002).

Alguns autores nomeiam como fator primário para a condição de sem-abrigo a pobreza, incluindo em si mesma não só as taxas de pobreza mas também as taxas relativas aos salários, aos apoios sociais, ao acesso ao mercado habitacional e de emprego, e outros parâmetros. Desta forma, os “sem-abrigo” podem ser vistos como pessoas muito pobres que numa determinada altura do seu percurso de vida perderam a sua habitação por diferentes motivos relacionados com a sua pobreza (Shinn *et. al.*, 1992 citado por Bento e Barreto, 2002). Assim, quando os níveis de pobreza aumentam e a habitação a baixo preço escasseia a população mais vulnerável fica de “fora”, ou seja, em situação de sem-abrigo (Bento e Barreto, 2002).

Passando aos fatores individuais, que mostram a vulnerabilidade individual tida por *quem* poderá vir a estar na situação de sem-abrigo, são indicadas quatro dimensões: as perturbações psiquiátricas; os défices ao nível educacional e profissional; a

desafiliação; e, por último, a identificação cultural (Piliavin *et. al.*, 1993 citado por Bento e Barreto, 2002).

A existência de perturbações psiquiátricas, como as psicoses e a dependência do álcool e/ou drogas, têm sido apontadas de forma bastante recorrente em diversos estudos sobre a população sem-abrigo (Arce *et. al.*, 1984; Bassuc *et. al.*, 1998; Gelberg *et. al.*, 1988; Susser *et. al.*, 1989; Bento *et. al.*, 1996, 1999 citados por Bento e Barreto, 2002). Num estudo de Bento *et. al.* (1999 citados por Bento e Barreto, 2002) a percentagem de sem-abrigo com doença mental, consumo abusivo de álcool e/ou drogas e perturbações da personalidade em Lisboa, perfazia os 94% da população estudada (de um total de 511 pessoas), o que, como evidenciam Bento e Barreto (2002), condiciona significativamente a inserção destas pessoas na sociedade.

Também a baixa escolaridade (1º ciclo), a escassa qualificação profissional e a idade (média nos 45 anos) tornam esta população bastante vulnerável à situação de desemprego e, por seu turno, à situação de sem-abrigo ou à permanência nesta mesma situação (Bento *et. al.*, 1996, 1999 citados por Bento e Barreto, 2002).

A desafiliação é definida por Bahr (1973 citado por Bento e Barreto, 2002) e Costa *et al.* (2008 citado por Quintas, 2010) como um processo progressivo de perda de laços afiliativos em “espiral descendente” com diversas estruturas sociais como por exemplo, a família, a escola, o trabalho, a religião, a política e o lazer. São estes “cortes” dos laços afetivos que “[...] explicam a entrada nessa espiral descendente de [...] processos multifactoriais, num somatório de perdas consecutivas que finalmente conduzem o indivíduo à situação de pobreza mais extrema” (Costa *et al.*, 2008 citado por Quintas, 2010:8). A desafiliação encontra-se pois implícita à população sem-abrigo e é indicada por vários autores como o grande motivo para o isolamento desta população e para a condição de sem-abrigo *per si*. Não é ao acaso que são encontradas na maioria das sem-abrigo características como: não ter quaisquer contatos com a família de origem, não ter constituído família e/ou não ter tido filhos (Bento *et. al.*, 1999 citado por Bento e Barreto, 2002). No geral, este “corte” de laços inicia-se precocemente na vida e materializam-se pela vivência de certas experiências, como por exemplo, a morte dos pais, ter crescido fora do seio familiar (instituições de acolhimento), ter fugido de casa, e outras situações (Susser *et. al.*, 1987; Bento *et. al.*, 1996 citados por Bento e Barreto, 2002).

Tem-se feito notar também a importância da identificação cultural como um fator que poderá explicar a tendência para permanecer na situação de sem-abrigo. Viver

na rua poderá ter as suas próprias regras e cultura e o fator aculturação poderá desempenhar um papel crucial nas motivações que levam as pessoas a permanecerem na rua. Por sua vez, este fator dificulta particularmente as intervenções nesta população e coloca em causa a adequação dos serviços e da ajuda prestada (Wallace, 1965 citado por Bento e Barreto, 2002).

Para além das dimensões descritas anteriormente, Baptista (2004) acrescenta o fator género, como um determinante de relevância na obtenção de respostas sociais adequadas e na permanência na situação de sem-abrigo. Segundo o autor, as mulheres são mais beneficiadas que os homens devido à “utilidade social” percebida pela restante sociedade aquando uma situação de desemprego. Isto sucede porque a “utilidade social” nos homens encontra-se mais associada à manutenção do emprego e por conseguinte ao sustento da família, enquanto nas mulheres a “utilidade social” aparece não só relacionada à esfera laboral mas também à casa e às atividades que lhe estão associadas. Esta dualidade de tarefas confere às mulheres a vivência da situação de desemprego de uma forma menos “dura” comparativamente aos homens, verificando-se também que as redes de suporte familiar permanecem unidas de forma mais eficaz quando é a mulher a ficar em situação de desemprego. Estas representações de masculinidade e feminilidade, muito presentes na sociedade atual, têm tido impacto também no tipo de respostas institucionais destinadas aos sem-abrigo em função do seu género. Com frequência verifica-se um maior número de respostas institucionais, que incluem o acolhimento, satisfação das necessidades básicas e a concretização de um trabalho mais alargado focado na reinserção social para com as mulheres que estão numa situação de sem-abrigo do que para com os homens que se encontram a vivenciar essa mesma situação.

Branco (2004) nota também que estas pessoas provêm, muitas vezes, de um contexto familiar multi-problemático, de contextos familiares onde existem elementos com dificuldades de inserção no mercado de trabalho, problemáticas associadas à escola e adesão a comportamentos desviantes, como por exemplo, o consumo de substâncias ilícitas ou a realização de furtos. Possuem trajetórias de vida, muitas vezes, ligadas a instituições públicas como é o caso da justiça de menores, a justiça em geral, e a área da saúde mental o que, de acordo com o mesmo autor, evidencia que estas instituições não estão a cumprir devidamente o seu papel na ressocialização, reinserção e refiliação destas pessoas. Por seu turno, pode afirmar-se que as políticas sociais, na área da educação, emprego e formação profissional, na justiça de menores, na justiça em geral e nas políticas de habitação e saúde mental, “falham” no sentido em que não geram

oportunidades de inserção ou inclusão na sociedade. Um exemplo claro de falha nas políticas públicas e sociais, bastante comum nesta população, ocorre em termos educativos com a frequência em escolas que não apoiaram devidamente o seu processo de inclusão (Branco, 2004).

No que toca a respostas sociais, a Segurança Social tem “ [...] *um investimento relativo [...]*” no que concerne a esta população contudo, ao nível nacional, não detém respostas particularmente destinadas aos sem-abrigo. Assim, prevalecem as respostas maioritariamente do tipo assistencialista, como são exemplo, as cantinas sociais, os centros de acolhimento temporário, os centros comunitários, as casas de abrigo para mães e centros de abrigo para toxicodependentes, sendo a Santa Casa da Misericórdia a instituição que disponibiliza o maior número de respostas. (Louro, 2004).

Relativamente à perceção dos sem-abrigo sobre estes apoios, um estudo da autoria de Fernandes (2006), postula que nenhum sem-abrigo sente qualquer apoio das instituições para uma eventual saída da situação, não olhando para as mesmas como potenciadoras de apoio à criação de autonomia e emancipação. Para o mesmo autor “*embora os sem-abrigo recorram às instituições para auferir de benefícios em termos de alimentação, higiene ou vestuário, não deixam de manifestar a imagem negativa que detêm das mesmas, de criticarem as suas práticas e o modo de funcionamento*” (Fernandes 2006:133). Dentro das queixas são nomeados o controlo social, a ausência de privacidade, os conflitos entre os utentes e o tratamento humilhante a que estão sujeitos.

No que respeita aos apoios pecuniários ou subsídios, embora tenham conhecimento dos mesmos e da possibilidade de auferir deles, tomam uma atitude de alheamento ou mesmo de evitamento, descredibilizando qualquer benefício que poderiam retirar dos mesmos. O recurso à Segurança Social é desvalorizado ou rejeitado e a maioria dos sem-abrigo incluídos no estudo de Fernandes (2006) tem reservas da sua eficácia face ao pedido de subsídios.

Parece, assim, que apesar do crescente número de instituições de apoio aos sem-abrigo estes tendem a acomodar-se e a prolongar essa mesma condição social por não percecionarem as instituições como potenciadoras de ajuda para saírem da situação em que se encontram, recorrendo apenas às mesmas com a finalidade de conseguirem apoio para minimizarem os efeitos da situação em que vivem e para colmatar necessidades imediatas (Fernandes, 2006; Jesus e Menezes, 2010).

## 2. DESVIO, ESTIGMA E A CONDIÇÃO DE SEM-ABRIGO

De acordo com Girard (1978 citado por Costa, 2012) as sociedades têm sentido a necessidade de expiar a violência fazendo uso de determinados indivíduos ou grupos sociais, os quais são designados como “vítimas sacrificiais”. Na opinião do mesmo autor, esta necessidade de excluir indivíduos da restante sociedade cresce, quanto maior for o carecimento de coesão ou de purificação das representações que a sociedade possui de si própria. Costa (2012:189) acrescenta que “ [...] a vítima sacrificial não pode senão fazer-se expulsar ou matar. Assim, desaparecendo, ela parece transportar consigo para a morte o mal e a violência, confirmando a convicção de que também fora ela que anteriormente os introduzira e difundira na comunidade [...] ” (Costa, 2012:189). Desta forma, todos os indivíduos que possuem características visíveis e não têm a possibilidade de se defenderem podem ser colocados na categoria sacrificial, sejam eles, delinquentes, trabalhadores do sexo, sem-abrigo, toxicodependentes e estrangeiros (Bento e Barreto, 2002).

Apesar dos sem-abrigos serem colocados na categoria sacrificial também têm sido associados, ao longo da história a ideais religiosos, por exemplo, para os cristãos, o “mendigo” era visto à imagem de Cristo, e por isso, dever-se-ia dar-lhe esmola, que teria, por sua vez, um valor simbólico religioso, sendo o “mendigo” o mediador entre a pessoa que lhe deu esmola e o sagrado. (Bahr, 1973, Bastos, 1997 citados por Bento e Barreto, 2002).

Quanto aos estereótipos que lhes são associados (como por exemplo “os alcoólicos”, ou “os drogados”) pode constatar-se que são simplificações que tendem a aumentar determinadas características dos mesmos e, evitam, ao mesmo tempo, que o público seja confrontado com o desconforto de olhar realmente para aqueles que estão a viver essa situação. Para além disso, os estereótipos estigmatizam e agravam este fenómeno (Breakey *et. al.*, 1992 citado por Bento e Barreto, 2002) que, na opinião de Goffman (1963), descredibiliza os sem-abrigo enquanto pessoas, fragmenta a sua identidade e impede-os de serem aceites pelos outros.

Já Velho (1974:21) defende que as designações de “inadequado” ou “desviante” “ [...] estão amarrados a uma visão estática e pouco complexa da vida sociocultural [...] por isso mesmo devem ser utilizados com cuidado [...] ”, pois encontram-se

comumente associados a uma perspectiva patológica em que o “desviante” é percebido pelos demais como aquele que “não pertence à norma”.

O desvio à “norma” foi sempre entendido numa perspectiva patológica. Esta ideia foi sendo encarada tradicionalmente sobre a perspectiva da medicina, desde há muito ocupada em distinguir o “são” do não-são”. Desta forma, há muito que persiste a preocupação generalizada em diagnosticar e tratar aqueles que apresentam características “anormais”, ou seja, que apresentam algum tipo de desequilíbrio e/ou doença (Velho, 1974:).

Assim, o conceito de desvio tem sido relacionado a conotações problemáticas por implicar sempre a existência de um comportamento normativo ou “*ideal*” que representa a existência de harmonia entre esse comportamento e “*[...] as exigências do funcionamento do sistema social*”. Prevalecendo ainda a ideia de que o estabelecimento de um modelo rígido (considerado normal) é essencial para a continuidade da vida social (Velho, 1974).

Atualmente, vários autores têm contribuído na compreensão do fenómeno do desvio fazendo notar os mecanismos socioculturais envolvidos na origem destes casos (Velho, 1974).

Numa das suas obras, Merton (1970, citado por Velho, 1974), explora o conceito de *anomie*, que assume grande importância no que diz respeito às teorias do comportamento desviante. O referido autor propõe a existência de uma estrutura social e cultural responsável pelo surgimento do desvio em si, uma vez que é induzida, em indivíduos que se encontram a vivenciar uma variedade de situações naquela estrutura, a pressão favorável ao surgimento do comportamento socialmente desviante. Esta ideia abandonou por completo as teorias individualistas que postulavam que “*[...] as diferentes proporções de comportamento divergentes, nos diversos grupos e estratos sociais, são resultado accidental de proporções variáveis de personalidades patológicas encontradas em tais grupos e estratos*” (Merton 1970 citado por Velho, 1974:12).

De forma mais aprofundada Merton (1970 citado por Velho, 1974) conceptualiza a estrutura social e cultural como sendo constituída por dois elementos especialmente importantes: os objetivos da sociedade e os procedimentos, através dos quais esta atinge os seus objetivos. Esta perspectiva enfatiza a *integração* da sociedade realizada através de objetivos e meios para concretizá-los legítimos para todos os seus membros. O mesmo autor conclui que nem todas as sociedades “funcionam bem” e podem existir sociedades “mal integradas”, que manifestam desequilíbrios entre os

objetivos e os meios. Este tipo de dinâmicas podem, de acordo com Merton (1970 citado por Velho, 1974), originar grandes tensões sobre o valor concedido aos objetivos em comparação com o mínimo de investimento concedido aos meios institucionalmente recomendados para a execução dos tais objetivos. Segundo o mesmo autor, este seria um exemplo de uma cultura mal integrada, uma sociedade “doente” e “instável” e, por isso, em situação de *anomie*.

Merton (1967 citado por Velho, 1974) ressalva ainda que um indivíduo pode estar a vivenciar um processo de anomia (isto é, ter comportamentos considerados desviantes) sem o sistema social estar numa situação de *anomie*. Contudo, “ [...] a desorganização de normas e valores vai fazer com que o ambiente social seja favorável ao aparecimento de indivíduos «anômicos»” e, por isso, “perdidos”, “soltos” e “desenraizados” (Merton, 1967 citado por Velho, 1974:14). Assim, o grau de *anomie* de um sistema social manifesta-se através do nível de desacordo das normas tidas como legítimas e a insegurança sentida nas relações sociais (Merton, 1967 citado por Velho, 1974).

Contrariamente, o conceito de *anomie* é também conceptualizado como um sintoma da “*redenção*” da sociedade, em que o comportamento desviante não é apenas visto como uma ameaça ao funcionamento da sociedade, mas também como algo que pode trazer respostas inovadoras e adequadas à mesma. Deste modo, pode afirmar-se que “ [...] o desviante de hoje pode ser o herói civilizador de amanhã” (Merton (1967 citado por Velho, 1974:15). No mesmo sentido, o autor (*Idem*) defende que os processos de mudança social podem despoletar desequilíbrios e conflitos embora a tendência seja para a sociedade retornar “naturalmente” a um estado de equilíbrio e harmonia, podendo mesmo resultar no estabelecimento de uma nova ordem.

Para além da noção de *anomie* a conceção de comportamento desviante pode ser visto do pressuposto de que não existem desviantes em si mesmos, “ [...] mas sim, uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com o seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural” (Velho, 1971 citado por Velho, 1974:23). Contudo, esta visão é contestada por Becker (1966) que se refere ao desvio como algo que não se define pela qualidade do ato realizado por um indivíduo “ [...] mas sim [...] ” pela “ [...] consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao “transgressor”. O desviante é aquele a quem tal marca foi aplicada com sucesso” (Becker, 1966:8-9). O mesmo autor conclui que determinados grupos sociais possuem

uma compreensão específica acerca do sistema sociocultural do qual fazem parte e “*Em função da sua situação, posição, experiências, interesses, [...] estabelecem regras cuja infração cria o comportamento desviante*”. Assim, para Becker (1966) Kitsuse (1967) e Kay Erikson (s.d.) “*O comportamento desviante não é uma questão de “inadaptação cultural” mas um problema político, [...] vinculado a uma problemática de identidade.*” (citados por Velho 1974:24).

O problema político associado à delimitação do desvio propriamente dito ocorre dentro dos grupos que constituem a sociedade. As finalidades (ou objetivos) de um determinado grupo e o que as apoia ou lesa constituem um problema político devido ao facto das partes discordarem entre si e tentarem que a sua definição da função prevaleça no restante grupo. Pode então afirmar-se que a função do grupo/organização é determinada através de um conflito político (Becker, 1966). Esta perspectiva ultrapassa a ideia de sociedade monolítica e estática, exaltando-a como um campo onde coexistem tensões que podem manifestar-se quer a um nível amplo do sistema social, como entre linhagens e classes sociais, quer a um nível “micro”, como por exemplo em famílias (Becker, 1966; Velho, 1974).

Sendo através da linguagem que a discussão política é concretizada, é perspectivada como uma capacidade que possibilita a evolução cultural do ser humano. Neste sentido “*[...] em qualquer sociedade ou cultura, existe uma permanente margem de manobra ou áreas de significado “aberto”, onde podem surgir comportamentos divergentes e contraditórios*” (Geertz, 1973 citado por Velho, 1974:22).

Integrando este conceito de cultura menos rígida, Velho (1974), alega que o indivíduo “inadaptado” não vê o mundo “sem significado” mas, sim, que o entende com um significado diferente do que é percebido pelos indivíduos considerados “ajustados”.

Desta forma, o indivíduo “desviante”, não é necessariamente um “deslocado” e a cultura não é tão determinante como defendem alguns autores. A vida cultural pode ser, então, compreendida como multifacetada, dinâmica e ambígua e, ao mesmo tempo, em permanente e ininterrupta transformação. Nas palavras do autor: “*A cultura não é em nenhum momento, uma entidade acabada, mas sim uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que não só desempenham “papéis” específicos mas que têm experiências existenciais particulares*” (Velho, 1974:21).

Em suma, o “desviante” não é aquele que está fora da sua cultura mas sim aquele que possui uma perspectiva divergente. Estando sozinho ou pertencendo a um determinado grupo ele não é sempre “desviante”, isto é, existem áreas em que o

comportamento será considerado “normal” e noutras em que divergirá, consoante os valores dominantes do grupo ou cultura onde está inserido. Estes valores são essencialmente implementados e mantidos por determinado grupo de pessoas que possuem as condições necessárias para tornar dominantes as suas ideias, ou seja, por pessoas que detêm um poder reconhecido pelos “outros” (Velho, 1974).

Distinguir o que é funcional do que é disfuncional torna-se, de facto, a tarefa mais difícil aquando a intervenção do que na teoria relativamente a uma determinada sociedade ou grupo social (Becker, 1966), daí a importância dos mediadores e dos processos de mediação intercultural. É por esta razão que abordaremos de seguida a mediação como ferramenta fundamental de ligação entre os sem-abrigo e as políticas sociais.

A mediação engloba em si mesma um sem número de definições, no entanto, podemos referir-nos à mesma como “ [...] *uma técnica e uma arte*” (Six, 1990: 231, 165 citado por Torremorell, 2008:17) onde existe uma terceira parte que ajuda a chegar a um entendimento entre os sujeitos envolvidos (Vieira, 2013:106). A mediação pode servir, deste modo, os mais variados contextos e ter uma grande variedade de propósitos, partindo da assumpção de que o objetivo último da mediação não é apenas o chegar a um acordo, ou a resolução de conflitos entre as partes, mas sim, também, o fortalecimento do relacionamento entre as pessoas envolvidas ou até ser uma técnica possibilitadora de hábitos democráticos e melhoria das sociedades e organizações (Jares, 2002:151).

Se adequada a contextos multiculturais, “ [...] *em e sobre situações sociais de multiculturalidade significativa [...]* ” é apelidada de mediação intercultural ou social pois é “ [...] *orientada para a consecução do reconhecimento do Outro e para a aproximação das partes, a comunicação e a compreensão mútuas, a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência, a regulação de conflitos e a adequação institucional, entre actores sociais ou institucionais etnoculturalmente diferenciados*” (Gimenez, 1997:142 citado por Oliveira e Freire, 2009:14), tornando-se especialmente relevante na promoção da integração e da participação social (Oliveira e Freire, 2009).

A mediação pode então ser encarada enquanto um meio que as “*estruturas políticas, educativas, económicas e jurídicas podem promover [...]*”, de forma a fomentar “ [...] *condutas enraizadas tanto na força do individuo como na sua empatia pelas outras pessoas [...]* ” visto que “ [...] *isto pode conduzir à transformação do meio social – desde um cenário de luta adversativa até uma colaboração no*

*estabelecimento de laços comuns e na procura de um melhoramento mútuo*” (Folger e Bush 2000:74 citado por Torremorell, 2008:39).

Esta abordagem “transformadora” da mediação encontra-se pois orientada para a construção de “pontes” entre as pessoas e estas com a sua comunidade, numa constante evolução em conjunto. Para além disso, antevê situações conflituosas como uma possibilidade de *empowerment* na medida em que são cultivados ou reavivados valores como o respeito, a confiança e a segurança autodirigidos, “ [...] *ao mesmo tempo que afastam a desumanização e [...] adversidade*” (Torremorell, 2008:39). Aqui o mediador presta sobretudo assistência ao processo de diálogo, dando também apoio ao decurso decisório das partes que dependem, sobretudo, da capacidade de “olhar com os olhos do outro”, como se estivesse na sua pele, pois tal como refere Gergen (2000:61 citado por Torremorell, 2008:39): “*o diálogo transformador pode depender [...], em grande medida, de que cada participante se encontre dentro do outro*”.

Quer seja durante o seu processo ou no seu resultado, a referida qualidade transformadora confere à mediação a capacidade de gerar novas “leituras” ou interpretações da realidade que excedem o encontro individual com o mediador e ressoam no meio social (Torremorell, 2008:39). De acordo com Horowitz (1998:39 citado por Torremorell, 2008:49), o processo mediativo envolve “ [...] *a proposta de uma mudança importante – uma mudança de paradigma – que parte de uma conceção individualista para uma conceção relacional*”. Esta mudança paradigmática é o que confere à mediação um papel tão singular (Torremorell, 2008:39).

Por sua vez, a mudança paradigmática ocorre por meio dos “ [...] *espaços comunicacionais ternários nos quais, com a contribuição da pessoa mediadora, sujeitos agentes geram horizontes simbólicos partilhados*” (Bush e Folger, 2000; Bonafé-Schmitt, 2000; Ury, 2000 citados por Torremorell, 2008:85). Nesses espaços comunicacionais são trocadas representações e transformam-se os mundos simbólicos dos sujeitos “ [...] *graças à elaboração interpessoal das respetivas vivências num meio guiado por valores.*” (Torremorell, 2008:85). Assim o mediador preserva a humanidade de todo o processo com valores como a horizontalidade, a inclusividade, a cooperação e a equidade e, através do realismo e da esperança, articula a complexidade do espaço comunicacional (Morin, 2000 citado por Torremorell, 2008:85). Para além das características referidas anteriormente considera-se que o mediador deve assumir uma atitude de *trânsfuga intercultural* ou, por outros termos, ser um *mestiço* (Vieira, 2009), na medida em que aceite receber a nova cultura do outro sem rejeitar a sua, criando

dessa forma, “[...] pontes atitudionais contextualizadoras entre as esferas culturais que atravessou ou incorpora no seu universo pessoal a aquisição cultural que dá uma nova dimensão à cultura de origem mas não a aniquila nem a substitui.” (Vieira, 2009:40). A importância da manutenção de uma atitude trânsfuga ou mestiça por parte do mediador é enfatizada pelo facto de permitir a auto (re) construção de si mesmo, através dos “outros”, tornando-se também ele num “novo outro” que não renega os seus “outros anteriores” (*idem*).

Tendo em vista um objetivo transformador e relacional, a mediação poderá também ser vista à luz do conceito de cultura de convivência, de Giménez (2004, 2005a citado por Giménez, 2010:30), conceptualizado como: “[...] vida que é compartilhada com os pelos indivíduos, famílias e grupos no que diz respeito a interesses, preocupações, problemas, soluções para esses problemas, expetativas, uso do espaço, serviços e tudo aquilo que faz parte da vida em sociedade”. Deste modo, para o autor, a convivência refere-se ao estar efetivamente com o outro “[...] com o qual se interage activa e criativamente, com quem se compartilha características comuns, e entre quem existe um entendimento, uma empatia”.

Compreendendo que “Os grandes pilares da inserção social são a família, a escola e o emprego” (Gomes, 2002), entende-se que a mediação poderá desempenhar um papel preponderante na reinserção da população sem-abrigo, especialmente no que diz respeito à (re) introdução na vida social e no (re) estabelecimento dos laços afetivos com os outros (família, sociedade, emprego, entre outros) dando, assim, início ao seu processo de afiliação. A mediação pode possibilitar, de igual modo, um maior conhecimento sobre o papel destes indivíduos enquanto cidadãos, com deveres e direitos, uma vez que esta técnica permite a circulação de informações através da comunicação e possibilita a aprendizagem através da co-construção de sentidos.

Uma vez que a mediação possui tal impacto como estratégia de mudança de paradigma e envolve os sujeitos na construção e reconstrução de si próprios, dos outros, das suas relações e do contexto que as rodeia (Verjat, 1989 citado por Torremorell, 2008: 86), a utilização da mediação por parte de técnicos de intervenção social e das instituições do Estado seria essencial não só no estabelecimento de laços afetivos da população sem-abrigo com os outros, como proporcionaria o adquirir de novas perspetivas sobre os apoios sociais disponíveis para a sua condição e sobre os seus direitos enquanto cidadãos trazendo, talvez, novas perspetivas de futuro com metas focadas na sua realização pessoal. Por outro lado, a mediação traria também ganhos em

novas perspetivas sobre esta realidade para os técnicos, e conseqüentemente para as instituições que trabalham com esta população, pois o contacto com o “outro” traz a oportunidade de auto (re) construção, mestiçagem e transformação, teorizada por Vieira (2009).

### 3. A POLÍTICA SOCIAL

De acordo com Matias (1999) a política social encontra-se incluída num contexto, mais amplo, de intervenção do Estado no domínio da economia. Segundo o mesmo autor, a proteção social disponibilizada pelos próprios organismos Estatais só veio a concretizar-se por meio da queda do liberalismo económico na Europa, entre os séculos XIX e XX.

A referida intervenção na proteção social por parte dos Estados foi desenvolvida em consequência dos efeitos do auge da industrialização, do qual se fizeram sentir particularmente situações de precaridade social. Em virtude do aumento do nível de precaridade e desigualdade social, a própria sociedade iniciou, por si mesma, movimentos associativos e/ou sindicais, no sentido de gerarem respostas condizentes com os seus objetivos e interesses. Também os Estados começaram a interessar-se em aumentar o seu âmbito de atuação “ [...] *por razões de pragmatismo social e económico.*” (Matias, 1999:20).

Com o surgimento da “questão social” associada aos problemas de pobreza e desigualdade extremas, exacerbados pela revolução industrial, surgem os primeiros seguros sociais de carácter obrigatório. Tendo sido Bismarck, na Alemanha, o primeiro governante a instituir o primeiro seguro social obrigatório, como forma de controlo da revolta social, sentida naquela época (século XIX) (*Idem*).

A rutura com os seguros sociais em vigor na Europa e nos Estados Unidos deu-se por meio de William Beveridge (1942 citado por Rosanvallon, 1984:115), que idealizou, pela primeira vez, a criação de um sistema global e coerente de proteção social. Beveridge propôs uma nova perspetiva sobre o “risco social” e o papel do Estado em que sugeria como principal objetivo desse sistema de segurança social “*libertar o homem da necessidade, garantindo uma segurança do rendimento*”, tomando como “risco social” tudo o que pudesse prejudicar o rendimento regular das pessoas, como por exemplo, doenças, acidentes de trabalho, morte, velhice, maternidade e desemprego.

O referido sistema foi idealizado para ser generalizado a toda a população, independentemente do tipo de emprego ou rendimento; unificado e simples, com uma quotização única abrangente a todos os riscos que poderiam deter as pessoas de possuírem um rendimento; uniforme ao nível das prestações dos rendimentos, independentemente da quantia que o individuo recebesse; e centralizado, na medida em que antevia a consecução da reforma administrativa e a criação de um serviço público único. Esta ideologia foi mais tarde constituída como a base para a criação de um sistema de segurança social em muitos países, depois da Segunda Guerra Mundial.

Por sua vez, o Estado Providência ou “Estado do Bem-estar” (ou *Welfare state*) foi proposto por John Keynes, que o teorizou tendo como pressuposto a existência de um “pacto” ente a economia, o capital e o trabalho “[...] *nos termos do qual os capitalistas renunciam a parte da sua autonomia e dos seus lucros (no curto prazo não no médio prazo) e os trabalhadores a parte das suas reivindicações*” (Santos, 1990:194). O gestor, ou por outros termos, o mediador deste “acordo” seria o Estado, ao qual caberia a função de transformar o capital monetário (proveniente da tributação do capital privado e dos rendimentos salariais) em capital social (*idem*). O Estado Providência foi assim criado “[...] *na ideia de compatibilidade entre crescimento económico e políticas sociais, entre acumulação e legitimação ou mais amplamente, entre o capitalismo e a democracia*” (Santos, 1990:196).

Segundo Henrique Medina Carreira (1996) “*O nosso país terá sido dos últimos, no oeste europeu, a empreender mais intensos esforços públicos para o desenvolvimento das políticas sociais. Um conjunto de fatores poderá explicar esse atraso. A pobreza geral e acentuada, expressa em baixos rendimentos per capita, até ao arranque para o desenvolvimento, operado a partir de meados deste século, não constituía o suporte económico indispensável de políticas sociais de algum relevo.*” (Carreira, 1996: 265)

No ano de 1935 foi aprovada, em Portugal, a Lei nº 1884 de 16 de Março que definiu as bases gerais para a criação e organização da providência social. Pressuponha as bases doutrinárias elaboradas na Constituição Política de 1933 que, por sua vez, constavam no Estatuto do Trabalho Nacional. Foram assumidos pelo corporativismo das atividades nacionais os princípios da *solidariedade*, entendida como “[...] *função superior de coordenação [...] adstrita à competência do Estado, e na obrigatoriedade de inscrição em determinadas instituições [...]*” e da *subsidiariedade* da qual eram responsáveis “[...] *a primazia da iniciativa privada na defesa contra os riscos sociais,*

*a intervenção supletiva do Estado na garantia do nível de existência, a natureza privada das instituições de previdência social e a participação direta dos organismos corporativos na gerência dessas instituições” (Costa, et. al., 1962:13-14).*

Através desta lei foram reconhecidas e classificadas as instituições de previdência, que incluíam: associações de socorros mútuos, instituições de proteção dos servidores do Estado e corpos administrativos, caixas sindicais de previdência, caixas de previdência da casa do povo, casas dos pescadores e caixas de reforma ou previdência, cuja referida lei também definiu a sua organização. Constava igualmente a criação de instituições de seguros obrigatórios aquando a existência de novos setores profissionais, na cobertura de novos riscos ou na prática de novas modalidades de proteção (Comissão do livro branco para a segurança social, 1998:54; Costa, et. al., 1962:13-14).

Esta “organização” da previdência social mostrou-se bastante limitada uma vez que não abrangia todos os trabalhadores independentes e os agricultores e pescadores (Comissão do livro branco para a segurança social, 1998:54).

Em 1962 deu-se a primeira reforma significativa da previdência social através da regulamentação da Lei nº 2115 de 18 de Junho de 1962, em que é evidenciada a intenção de incluir outros setores da política social como o da saúde e da assistência; a inclusão de uma visão mais universal e ampla no campo da aplicação pessoal; o aumento do campo de aplicação material a riscos não cobertos, tornando o sistema de prestações mais completo (contudo sem ainda estarem incluídos os riscos de desemprego, acidentes de trabalho e as doenças profissionais); d) a manutenção do financiamento sustentado em contribuições quer dos trabalhadores quer dos empregadores, sem comparticipação monetária do Estado e, por último, e) a substituição da estrutura administrativa antiga das caixas sindicais de previdência com base no tipo de prestações e geografia e não no cargo profissional ou atividade económica (Comissão do livro branco para a segurança social, 1998:54).

Até 1974 foram implementadas algumas medidas com impacto no desenvolvimento do sistema de previdência português, como por exemplo: a definição legal para as eventualidades de doença, maternidade, encargos familiares, invalidez, velhice e morte, para trabalhadores agrícolas abrangidos pelas Casas do Povo e, ao mesmo tempo, um regime transitório e de ação imediata de pensões destinado a agricultores inscritos nas Casas do Povo que se encontrassem com dificuldades devido a invalidez ou velhice. Mais tarde, em 1972, esta medida veio a abranger também os agricultores não inscritos nas Casas do Povo e os produtores agrícolas. Foram alterados

também os regimes jurídicos das pensões de sobrevivência (1971), de doença e de morte (1973), como consequência da alteração do regulamento das Caixas Sindicais de Providência e foram incluídas na Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais as profissões de comércio, indústria e serviços (1973). Os prazos de garantia sofreram alterações, resultando na diminuição dos períodos de inscrição e no aumento do número de pensionistas. Por último, foi extinto o limite superior das retribuições sujeitas a contribuição para a Caixa Nacional de Pensões e Caixas Nacionais de Previdência (Comissão do livro branco para a segurança social, 1998:55).

Após a revolução de 25 de Abril de 1974 foram concretizados esforços com o objetivo de serem implementadas políticas sociais efetivas em Portugal (Ferreira, 2006; Leal, 1985; Rodrigues, Samagaio, Ferreira, Mendes e Januário, 1999). Para tal, foram criados novos organismos do Estado que regularam e produziram novos serviços como o Sistema Nacional de Saúde, o Ensino Público, a administração da Segurança Social, o planeamento urbano e da habitação social e estruturas organizadoras da atividade científica (Santos, 1990:197-198). Contudo, veio a constatar-se um grande aumento da despesa pública com as despesas sociais e, desta forma, a aplicação destas políticas acabou por não ser viabilizada, como inicialmente idealizado, devido ao contexto social e histórico vivido no momento, especialmente marcado pela necessidade de integração de Portugal na Europa e em que foram superiorizados certos compromissos e interesses com outras instituições europeias (Fernandes, 2006).

Deste modo, Fernandes (2006) afirma que *“A tentativa de edificação de um Estado-Providência à semelhança do que tinha vigorado até então na Europa, com preocupações de consolidação de um sistema de protecção social, com o reconhecimento dos direitos sociais para todos os cidadãos, pouco mais ultrapassou que um plano de intenções. Um Estado com uma intervenção forte no domínio das políticas sociais não foi implementado em Portugal”*. Constata-se então que o surgimento de um *quase-Estado-Providência* (Santos, 2002:185 citado por Fernandes, 2006:10) deu-se devido ao próprio contexto sociopolítico vivido em Portugal, à crise económica a nível internacional, e *“ [...] à influência dos modelos neoliberais [...]”* que, em conjunto, causaram o afastamento do modelo de políticas sociais que se tentou edificar, um modelo assente no bem-estar e na providência social. Assim, Fernandes (2006:10), conclui que não foram criadas as *“ [...] estruturas sólidas de apoio, de combate e de erradicação da pobreza [...]”*.

As influências dos modelos neoliberais, impostas através do controlo da dívida externa realizada pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial (Chossudvsky, 1997 citado por Fernandes, 2006), começaram a ser especialmente sentidos na década de 80 quando o Estado Português foi forçado a restringir os gastos nos apoios sociais do suposto Estado Providência. Com a redução dos apoios do Estado começaram a sobrevalorizar-se os serviços privados e a contratualização com setores da sociedade civil com o objetivo de serem produzidos bens e serviços de proteção social (Rodrigues, 2002 citado por Fernandes, 2006).

Com a integração de Portugal na Comunidade Europeia, foi dado como urgente a concretização de planos de intervenção de combate à pobreza que, depois de implementados e integrados em projetos de ação local, concluiu-se que os resultados ficaram aquém das necessidades reais das populações que mantiveram os mesmos níveis de desigualdade social (Fernandes, 2006).

Deste modo, foi criado em 1997 o Rendimento Mínimo Garantido como medida de discriminação positiva e de proteção social generalizada. Segundo António Gomes (2002:44) *“num país em que existem, segundo as estimativas mais baixas, 2 milhões de pobres, a não estigmatização dos excluídos e a sua inserção social não podem ser vistas como um problema residual, resolúvel apenas por medidas assistenciais ou de uma política social compensatórias das disfunções do crescimento económico, por mais relevantes que sejam”*. Neste sentido, embora esta medida tenha como principal intuito atribuir a quem necessitasse e pudesse usufruir deste apoio, um nível de rendimento considerado como limiar para a sobrevivência *“ [...] a política de inserção social não pode situar-se apenas no plano do combate à exclusão já produzida, antes tem que ser vista como uma política com um papel fundamental de prevenção de situações de exclusão, de apoio à consolidação de um tecido social que atenua e, no limite, erradique os fatores que a produzem.”* (Idem, 2002:44).

Fernandes (2006) refere que ao incluir em si mesmo situações de exclusão social persistentes este apoio abrangeu também os sem-abrigo, embora sobre estes últimos, não tenham existido quaisquer objetivos de intervenção especificados. Depressa se veio a verificar que o Rendimento Mínimo Garantido não cumpria os objetivos subsidiários inicialmente propostos devido à falta de adesão/compreensão do alcance dos programas de inserção. No que concerne aos sem-abrigo este apoio não teve qualquer viabilidade em atingir os objetivos previamente propostos, devido à *“ [...] dificuldade de aplicação*

*a uma população que não é especificamente discriminada por ser possuidora de uma identidade própria” (Fernandes, 2006:13).*

Um relatório sobre as políticas habitacionais exercidas desde 1974 redigido por Baptista e Costa (2001b citado por Fernandes, 2006) aponta para o facto da habitação inadequada representar um dos maiores problemas sociais em Portugal, no entanto, os autores sublinham que todos os governos definiram medidas específicas para a resolução desta problemática, que acabou por não ser solucionada devido àquilo que os mesmos autores intitulam como um “ciclo vicioso”: “ [...] *por um lado, as casas no mercado não são acessíveis aos indivíduos e às famílias carenciadas, não considerando a sociedade portuguesa o sector habitacional como alvo prioritário de uma intervenção pública; por outro lado, uma profunda intervenção pública requereria recursos económicos que não existem [...]*” (Ibidem, 2006:11) No que respeita aos sem-abrigo Baptista e Costa (2001b citado por Fernandes) referem que são identificados como problemática mas não como objeto de intervenções concretas no domínio da política habitacional. Os autores referem inclusive que as soluções disponíveis para esta população em termos habitacionais são soluções temporárias ou de proteção por tempo indefinido (neste caso, em concreto, ocorre apenas para as mulheres).

Por fim, Fernandes (2006:13) afirma que na atualidade se verifica “ [...] *um especial alheamento governamental com os problemas da população sem-abrigo [...]*”. Existe “ [...] *o poder local, mas [...]*” este possui “ [...] *um poder de intervenção muito limitado, [...]*. Para além disto “*A sociedade civil intervém [...] junto desta população, através das tradicionais organizações religiosas ou de organizações não-governamentais, prosseguindo objectivos independentes e autónomos, [...] obrigatoriamente não vinculativos à promoção de um bem-estar geral, à promoção de condições objectivas e subjectivas de reivindicação de melhores condições de vida*”. (Fernandes, 2006:13)

## CAPÍTULO II- OBJETIVOS E METODOLOGIA

No presente capítulo encontra-se descrita a metodologia utilizada na realização da investigação. Em primeiro lugar, são explicados o objetivo geral e os objetivos específicos e, de seguida, são apresentados o mapa conceptual e a respetiva operacionalização dos conceitos do presente estudo. Posteriormente são explanados a estratégia metodológica, os sujeitos em estudo e também a escolha dos métodos e técnicas de recolha de dados utilizados.

### 1. Objetivos do estudo

Compreende-se que ser ou estar sem-abrigo pressupõe a vivência de um período na vida marcado por uma crise pessoal profunda (Semedo, 2012), tornando-se, por isso, fundamental investigar o modo como estas pessoas se relacionam com a sua família, amigos, o trabalho e a vida em geral, analisar como estas percebem as suas dificuldades e aspirações para o futuro mas, também, como é que percecionam os apoios provenientes do Estado e da sociedade.

Por sua vez, a exclusão social é determinada como resultante da própria sociedade e da configuração que a define. Sendo, assim, torna-se urgente gerar mudanças sociais de forma a resolver esta problemática e criar novas conceções sobre este fenómeno, uma vez que “ [...] o que se tem feito ao nível das políticas sociais e de criação de emprego não colmata as necessidades dos sem-abrigo, nem garante o seu processo de inclusão ” (Semedo, 2012:26)

Desta forma, justificado também pela ausência de estudos que ultrapassem a descrição de características dos sem-abrigo e destaquem a perceção dos mesmos relativamente aos apoios sociais (Baptista, 2004) determinamos o **objetivo geral** que se segue:

**Conhecer a perceção dos sem-abrigo acerca dos apoios sociais, perceber se recorrem ou recorreram a estes apoios e de que forma.**

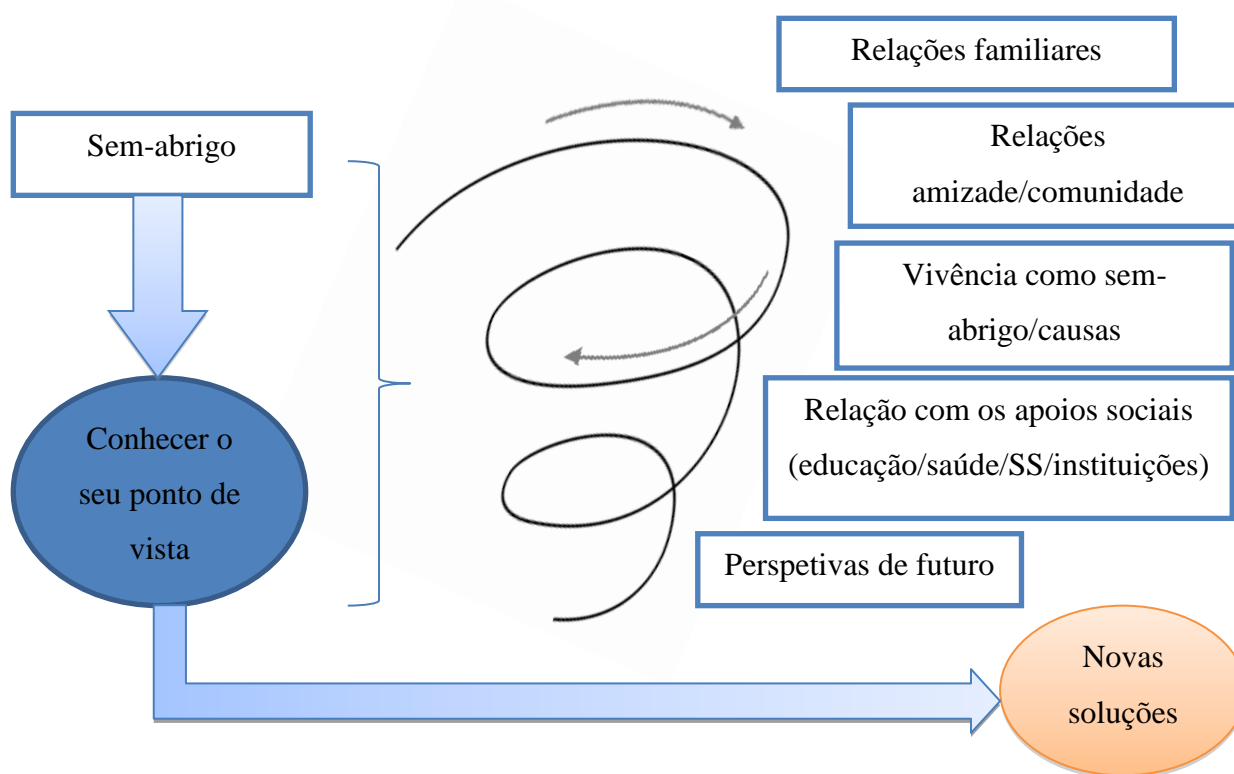
Ao mesmo tempo, propusemo-nos a **explorar** como **objetivos específicos**:

- Compreender o início e desenvolvimento do processo de desafiliação dos sem-abrigo em relação aos outros.
- Descrever que causas são identificadas pelos sem-abrigo para a situação em que se encontram;
- Analisar se os sem-abrigos são conhecedores dos apoios sociais;
- Identificar se os sem-abrigo usufruem, e de que forma dos apoios aos quais têm direito;
- Compreender a percepção que os sem-abrigo possuem sobre o modo como os outros os vêem (Heterorepresentação);
- Compreender a percepção que os sem-abrigo possuem da sua própria realidade (Autorepresentação);
- Descrever o modo como os sem-abrigo veem o seu futuro.

## **2. Modelo de análise**

O modelo de análise é uma "*estrutura analítica que visa representar uma versão simplificada e abstrata da realidade*" (Dicionário de Ciências Sociais, 1986, p. 773 citado por Pardo *et. al.*, 1998), que possibilita a investigação das relações entre variáveis (Pardo *et. al.*, 1998). Confere assim uma função explicativa à investigação pois "*estabelece as noções, os objetos e as operações formais que permitirão, num dado momento, a testagem empírica de seus componentes.*" (Dicionário Geral das Ciências Humanas, 1986:300 citado por Pardo *et. al.*, 1988).

Deste modo, construímos um mapa conceptual que apresentamos em seguida:



O modelo de análise aqui exposto tem como propósito compreender as perceções dos sem-abrigo nas cinco dimensões descritas e de que forma as suas perspetivas poderão contribuir para a elaboração de “novas soluções/respostas” a esta problemática.

Relativamente à dimensão **Relações Familiares** procuramos perceber o tipo de relações com a família (por exemplo, se mantem uma relação próxima, afastada, problemática ou até inexistente), antes e depois de estar sem-abrigo e compreender se existiu tendência à desafiliação.

De igual modo, procurámos compreender através da dimensão **Relações de Amizade/Comunidade** o tipo de relações mantidas pelos sem-abrigo com os seus amigos e/ou a restante comunidade, antes e depois de ter ficado a habitar na rua. Há semelhança da dimensão anterior, procurámos perceber em que momentos existiu a desafiliação dos outros.

No que concerne à dimensão **Experiência como Sem-abrigo/Causas** tivemos como objetivo analisar a perceção dos sem-abrigo relativamente às causas que apontam para se encontrarem na situação de sem-abrigo, assim como, episódios marcantes que

tenham experienciado, a percepção que acham que os outros possuem dele (heterorepresentação) e a sua autorepresentação.

Quanto à dimensão **Relação com os Apoios Sociais**, foi elaborada para compreender de que forma os sem-abrigo (re) conhecem os apoios sociais e como os percebem, quer seja ao nível da educação, Sistema Nacional de Saúde (SNS), Segurança Social ou ao nível de respostas sociais existentes. De forma mais específica, procurámos perceber se frequentaram o ensino público e quais são as suas memórias marcantes sobre o mesmo; se conhecem o SNS e o tipo de relação passada e atual com o mesmo; se sabem o que é a Segurança Social se já usufruíram de algum apoio da Segurança Social e o tipo de relação que tiveram e têm com a mesma e, em termos de apoio institucional, tentamos entender se os sem-abrigo receberam algum apoio institucional e qual a importância dada a esse apoio. O principal objetivo desta dimensão resume-se, assim, ao objetivo geral proposto para esta investigação.

Por fim, a última dimensão **Perspetivas de Futuro** teve como intuito instigar os sem-abrigo acerca dos seus objetivos, sonhos e esperanças para o futuro de forma a entender sua perspetiva sobre aquilo que o futuro lhe reserva ou sobre aquilo que acham que conseguirão alcançar futuramente.

### **3. Operacionalização dos conceitos**

A operacionalização dos conceitos é definida pela divisão dos conceitos em estudo nas partes que os integram. Deste modo, decomposemos os conceitos do objetivo geral em estudo, os quais foram organizados em dimensões e posteriormente em indicadores, nos quais nos apoiámos para recolher os dados “reais” que serão explanados e discutidos mais adiante.

**Tabela 1:** Operacionalização dos conceitos

<b>Objetivo</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Compreender as percepções dos sem-abrigo relativamente aos apoios sociais</b>	Relações familiares	- Antes e depois de se tornar sem-abrigo;
	Relações de amizade/comunidade	- Antes e depois de se tornar sem-abrigo;
	Experiência como sem-abrigo/causas	- Causas de aponta/início; - Episódios marcantes; - Heterorepresentação; - Autorepresentação;
	Apoios sociais (educação/SNS/SS/Respostas Sociais)	- Frequência no ensino público e Memórias marcantes; - Conhecimento sobre o SNS e se é abrangido; - Relação passada e atual com o SNS; - Conhecimento sobre a SS; - Usufriui ou usufruiu de algum apoio da SS; - Relação com SS; - Se recebe/recebeu algum apoio de respostas sociais; - Importância dada a esses apoios;
	Perspetivas de futuro	- O que se vê a fazer no futuro/desejos pessoais

#### 4. Metodologia, técnicas e procedimentos de recolha de dados

De forma a aceder às perceções e vivências subjetivas dos sujeitos em estudo, a presente investigação será realizada com recurso a metodologia qualitativa, uma vez a nossa intenção é compreender, de uma forma holística e aprofundada as perceções, ideias, comportamentos, crenças e outros aspetos, dos sujeitos em análise. Assim, esta metodologia pode ser caracterizada por incluir “ [...] *uma concepção global fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjectiva e orientada para o processo [...]*” (Carmo e Ferreira, 1998: 177).

Esta escolha prendeu-se também ao facto da metodologia qualitativa permitir “ [...] *um ato subjetivo de construção*” (Günther, 2006:202) de novos sentidos e/ou significados, e não ser baseada apenas numa perspetiva singular, mas sim, em várias perspetivas sobre a mesma problemática. Esta última característica resulta da leitura indutiva e subjetiva da realidade que acrescenta maior conhecimento e compreensão ao fenómeno estudado. Desta forma, este estudo caracteriza-se, quanto ao seu método, como qualitativo e quanto à sua tipologia, como estudos de caso, uma vez que centrámos a investigação na análise de quatro pessoas e das suas experiencias pessoais como sem-abrigo.

Considerado o principal “instrumento” de recolha de dados na metodologia qualitativa, o investigador adota o papel de observador-participante, não para medir o fenómeno em estudo mas para conseguir compreendê-lo. De forma a conseguir recolher a informação pretendida terá, por isso, que aceder ao seu ambiente natural mantendo uma atitude “ [...] *discreta [...]*” que lhe permita “ [...] *misturar-se [...]* até compreender [...] *uma determinada situação [...]*” (Carmo e Ferreira, 1998:180-181).

Assim, este estudo terá uma dimensão compreensiva centrada na perceção da realidade dos sujeitos em estudo e não na realidade que o investigador, quer atribuir ou ver.

Para aceder a tais informações, foram selecionadas determinadas técnicas e instrumentos. Seleção, essa, que “ [...] *sintetiza em si todo o trabalho prévio da investigação, resume as aproximações do marco teórico ao fenómeno que se pretende estudar, e portanto as variáveis ou os conceitos utilizados [...]* sintetiza [...] *o estudo concreto escolhido para a investigação*” (Vilelas, 2009:265).

Deste modo, a recolha de dados para a presente investigação foi efetuada através de pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e questionários de informação sociodemográfica.

#### **4.1. Pesquisa documental**

Para a realização desta investigação recorreremos à pesquisa documental, que permitiu aceder ao conhecimento existente sobre as temáticas ou aqui abordadas. Esta pesquisa foi efetuada em bibliotecas universitárias e municipal, via *on-line* em vários motores de pesquisa científica, através dos quais podemos constatar a escassez de estudos sobre este tema em Portugal. Esta técnica é considerada fundamental, neste estudo, para a produção de conhecimento, pois segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani, (2009) “ [...] *propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos [...]* ”, sendo por isso considerada como “ [...] *um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais [...]*”.

#### **4.2. Entrevista**

A utilização de entrevistas em investigação permite “ [...] *serem os próprios atores sociais quem proporciona os dados relativos às suas condutas, opiniões, desejos, atitudes e expectativas, os quais pela sua natureza é quase impossível observar de fora*”. No que concerne à sua classificação existem diversos tipos que variam consoante o seu grau de estruturação (Vilelas, 2009:279).

Neste estudo optámos pela utilização de entrevistas semiestruturadas pois é o tipo de entrevista que apesar de requerer um guião prévio de tópicos a serem abordados no decorrer das entrevistas não limita a liberdade de discurso dos entrevistados, sendo possível surgirem outros temas e categorias de análise (Bell, 1997; Quivy, 1998; Marques *et. al.*, 2016).

Deste modo, através da utilização da entrevista pretendeu-se que cada sujeito exprimisse as suas opiniões, perceções, crenças, entre outros aspetos, de forma livre e espontânea num ambiente pautado pela informalidade. As informações recolhidas foram adequadas ao objetivo de estudo previamente delimitado.

Assim, a elaboração do guião de entrevista (apêndice A), dirigido aos sem-abrigo em estudo, serviu fundamentalmente como guia de modo a garantir que todas as informações necessárias fossem recolhidas.

Desta forma, a realização de entrevistas teve como objetivo aceder às perceções dos sem-abrigo relativamente aos apoios sociais mas também, relativamente a outras dimensões da sua experiência como sem-abrigo, previamente apresentadas na tabela 1: Relações Familiares; Relações Amizade/Comunidade; Experiência como Sem-abrigo; Apoios Sociais (Educação, SNS, SS, Respostas Sociais) e Perspetivas de Futuro.

### **4.3. Questionário de informação sociodemográfico**

Esta técnica (apêndice B) foi aplicada de forma a aceder à informação sociodemográfica dos sujeitos em estudo e, assim, estabelecer-se uma contextualização e caracterização dos mesmos. Para além disso, esta informação permitiu analisar a informação recolhida pelas outras técnicas através da comparação dos dados.

Uma vez que a investigadora provém de uma área profissional afastada das questões relacionadas com as políticas sociais foi do seu interesse entrevistar um assistente social<sup>3</sup>, que trabalha diariamente com esta realidade, que introduziu e elucidou a investigadora não só sobre o tema em si mesmo, mas também sobre a perspetiva dos próprios técnicos que trabalham no terreno possuem sobre os apoios disponibilizados para a população sem-abrigo.

Contribuíram para este estudo, de forma voluntária, 4 indivíduos do sexo masculino temporariamente residentes na Comunidade Vida e Paz de Fátima, um centro de tratamento ao alcoolismo e à toxicodependência cuja filosofia de atuação prioritária é acolher na sua instituição sem-abrigos toxicodependentes e/ou alcoólicos. Todos os sujeitos do estudo encontravam-se em situação de sem-abrigo no momento da recolha de dados.

Para aceder a esta população a investigadora, que se encontrava de momento a trabalhar nesta instituição, solicitou a devida autorização (apêndice C) formal por escrito, enviada por correio eletrónico, à Diretora da mesma instituição. Depois de

---

<sup>3</sup> O Assistente Social entrevistado trabalha no atendimento direto do Centro distrital de Leiria – Segurança Social, onde diariamente recorre às políticas sociais existentes no âmbito do seu serviço.

concedida a devida autorização, foi pedido a uma colega<sup>4</sup> que questionasse os utentes da sua unidade de tratamento<sup>5</sup>, sobre a sua disponibilidade para participarem num estudo. De realçar que a investigadora não trabalhou diretamente com os indivíduos que participaram nesta investigação, de forma a não influenciar as suas respostas e a não enviar os resultados por meio da desejabilidade social mas, também, para não influenciar qualquer julgamento ou interpretação por parte da investigadora. Desta forma, no momento da recolha de dados, a investigadora não conhecia os sujeitos que constituíram a população em estudo.

Inicialmente concordaram em participar no estudo 6 sujeitos, no entanto, um desistiu dessa colaboração e outro, com o qual foram realizados a entrevista e o questionário, teve de ser excluído desta pesquisa devido problemas de gravação de áudio que não permitiram a recolha dos dados necessários para a análise.

As entrevistas e questionários foram executados na própria instituição entre o período de 24 de Setembro e 27 de Outubro de 2015, em dias e horários previamente combinados entre a investigadora, a equipa terapêutica da U. Secundária e o próprio utente.

No momento da concretização das entrevistas, a investigadora procedeu à sua apresentação e, logo em seguida, à explicitação dos objetivos da investigação. Entregou a cada participante um termo de consentimento informado, no qual foi pedida a autorização dos participantes para as entrevistas serem gravadas com recurso a um gravador de áudio e informar que todas as informações pessoais seriam mantidas em anonimato. Foi ainda assegurado que todos os dados obtidos serviram apenas para uso exclusivo desta investigação e qualquer dúvida sobre a realização da investigação foi previamente colocada e explicada pela investigadora. Cinco indivíduos concordaram em participar e assinaram o consentimento informado, entre os quais um foi excluído desta investigação devido aos motivos previamente apresentados.

---

<sup>4</sup> Foi pedido à colega da U. Secundária que questionasse os utentes sobre a possibilidade de participação neste estudo devido à incompatibilidade de horários que impossibilitaram à investigadora ser ela a realizar este passo. Esta opção foi sugerida e apoiada pela própria Diretora do Centro.

<sup>5</sup> Note-se que o tratamento à adição na comunidade Vida e Paz é realizado segundo o modelo Minnesota Hierárquico que é dividido em dois momentos que perfazem as duas unidades de tratamento (a U. Primária e a U. Secundária). A investigadora exerceu funções de Aconselhamento na U. Primária, enquanto os sujeitos em estudo se encontravam na U. Secundária.

Para manter o anonimato foi utilizado um código em iniciais para representar cada participante (por exemplo: primeiro entrevistado – AJ; segundo entrevistado – CL; terceiro entrevistado – NS; e o quarto entrevistado - BG).

Em média as entrevistas duraram 40 minutos à exceção de uma que durou cerca de 150 minutos (2h30 minutos). Todos os participantes mostraram uma atitude de curiosidade acerca da investigação e das questões apresentadas e uma certa “surpresa” ou “estranheza” aquando lhes eram colocadas questões ligadas aos apoios sociais.

#### **4.4. Sujeitos em estudo**

Dada a metodologia escolhida para a realização desta investigação optámos por não designar os indivíduos que participaram neste estudo como amostra, uma vez que não pretendemos generalizações estatísticas dos resultados, mas sim por sujeitos em estudo.

Pode afirmar-se que os sujeitos em estudo foram escolhidos tendo por base a conveniência visto que se recorreu a “ [...] *um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários [...]* ” (Carmo e Ferreira 1998: 197), dado que a investigadora se encontrava a trabalhar no centro de tratamento CVP Fátima, prioritariamente destinado a sem-abrigos toxicodependentes. Outro motivo para realizar o estudo com um universo reduzido prendeu-se com o facto de termos definido inicialmente que esta seria uma investigação focada em estudos de caso, que nos permitisse conhecer de forma aprofundada e compreensiva a realidade dos sem-abrigo, interpretada pelos próprios. Dito isto, tentamos com este estudo mostrar um olhar compreensivo sobre uma das muitas dimensões da realidade de quatro indivíduos sem-abrigo, sem nunca termos como ambição generalizar e/ou replicar quaisquer dados.

Como referido anteriormente, os sujeitos em estudo – quatro sem-abrigo do sexo masculino - encontrava-se a residir temporariamente no centro CVP em Fátima no momento da recolha dos dados.

Os dados recolhidos através da aplicação do questionário de informação sociodemográfica revelaram que todos os sem-abrigo permaneceram nessa situação durante mais de um ano:

**Tabela 2:** Anos estimados de experiência na situação de sem-abrigo

<b>Sujeitos</b>	<b>AJ</b>	<b>CL</b>	<b>NS</b>	<b>BG</b>
<b>Nº de anos</b>	21 anos	2 anos	1 ano e 4 meses	7 anos

No que concerne à idade pode afirmar-se que os sujeitos em estudo são adultos do sexo masculino, de nacionalidade portuguesa com naturalidade nas regiões centro e norte do país, solteiros e com um nível de escolaridade entre a escolaridade básica, o 3º ciclo e o ensino secundário:

**Tabela 3 – Idade/Sexo/Nacionalidade/Naturalidade/Escolaridade**

<b>Sujeitos</b>	<b>AJ</b>	<b>CL</b>	<b>NS</b>	<b>BG</b>
<b>Idade</b>	44 anos	48 anos	39 anos	38 anos
<b>Nacionalidade</b>	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
<b>Naturalidade</b>	Oeiras	Lisboa	Guarda	Lisboa
<b>Estado civil</b>	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
<b>Escolaridade</b>	3º ciclo	3º ciclo	E. Secundário	Ensino básico

Podemos observar também o tipo de dificuldades experienciadas pelos sujeitos em estudo no momento da recolha de dados, em termos físicos e psiquiátricos:

**Tabela 4** – Dificuldades Físicas e/ou Psicológicas no momento da recolha de dados:

Sujeitos	AJ	CL	NS	BG
<b>Doenças físicas</b>	Hepatite B e C. Pouca mobilidade numa das mãos	Psoríase e Hepatite C	Nenhuma	HIV e Hepatite A, B e C. Pouca mobilidade no braço direito
<b>Doenças psiquiátricas</b>	Depressão Adição ao tabaco, álcool e drogas	Depressão Crónica Adição ao tabaco, álcool e drogas	Ansiedade e ataques de pânico Adição ao tabaco, álcool e drogas	Adição ao tabaco, álcool e drogas

Todos os participantes indicaram que mendigaram, com a exceção de um.

**Tabela 5** – Mendigagem durante a experiência como sem-abrigo

Sujeitos	AJ	CL	NS	BG
<b>Mendigagem</b>	Sim	Sim	Não	Sim

Por último questionámos os sujeitos em estudo sobre as condições habitacionais que consideravam possuir naquele momento:

**Tabela 6** – Perceção sobre as condições habitacionais no momento da recolha de dados.

Sujeitos	AJ	CL	NS	BG
<b>Condições habitacionais no momento</b>	“Em situação de sem-abrigo”	“Em situação de sem-abrigo”	Considera que “tem a casa dos pais”	“Em situação de sem-abrigo”

Como se pode observar a percepção que cada sujeito em estudo tem sobre as suas condições habitacionais varia, consoante a percepção de cada um sobre o que é estar em situação de sem-abrigo

## CAPÍTULO III – PARTE EMPÍRICA E RESULTADOS

Após o término das entrevistas e questionários aos quatro sem-abrigo que voluntariamente participaram nesta investigação, apresentaremos em seguida os resultados. Estes serão descritos, analisados e discutidos tendo em conta as categorias de análise e as referentes subcategorias e, também, as leituras bibliográficas realizadas e expostas no primeiro capítulo.

### 1. RELAÇÕES FAMILIARES

No que respeita a esta categoria de análise procurámos compreender como eram os relacionamentos ao nível familiar antes de sobrevir a situação de sem-abrigo e depois de se encontrarem nessa situação, até à atualidade. Alguns autores consideram que a situação de sem-abrigo se desenvolve a partir de um processo de desafiliação dos outros que pode ter início em situações marcantes no seio familiar (Susser *et. al.*, 1987; Bento *et. al.*, 1996 citados por Bento e Barreto, 2002), que podem explicar “ [...] a entrada nessa espiral descendente de [...] processos multifactoriais, num somatório de perdas consecutivas [...]” (Costa *et al.*, 2008 citado por Quintas, 2010).

As relações familiares são recordadas de forma marcante e distinta por todos os participantes em estudo. AJ destaca, como memórias mais significativas do seu passado familiar, a morte do pai quando tinha 8 anos, as dificuldades económicas e o facto de a mãe ter arranjado dois trabalhos para os sustentar: “ [...] o meu pai, [...] faleceu quando [...] tinha 8 anos [...] a minha mãe [...] para não faltar lá nada em casa nem nada disso, ela tinha o trabalho dela e depois arranjou [...] outro part-time [...] Ela saía de casa às 7h00 da manhã e só entrava em casa às 11h30 da noite [...] Quem tomava conta de mim era a minha avó então sempre fiz aquilo que quis [...]”. AJ realça especialmente a relação com a mãe enfatizando: “ [...] a minha mãe sempre foi uma pessoa que me habituou a lidar com dinheiro para eu dar valor ao dinheiro, só que ela nunca esperou [...] que eu me tornasse dealer.” Esse foi o meu maior problema porque quando eu me tornei dealer o dinheiro vinha e ia, vinha e ia, eu aprendi a não dar valor ao dinheiro porque era dinheiro fácil [...] e foi durante 5 anos em que eu ia para discotecas, eu comprava garrafas de vinho, whisky, ia com mulheres [...] ” e

acrescenta: “ [...] eu não culpo a minha mãe por aquilo em que me tornei, [...] não posso culpar porque eu é que fui curioso e quis saber o que é que as drogas eram. A minha mãe nunca pensou que eu me viesse a tornar na pessoa em que me tornei, porque ela não ouvia falar em drogas, nesse tempo não havia informação [...] ”.

Também CL destaca memórias sobre os seus consumos de substâncias e a reação dos pais perante essa situação: “Os meus pais eram pessoas analfabetas mas eram pessoas inteligentes...eu sentia que eles já não tinham forças [...] eu já não respeitava os meus pais e [...] por medo que eu fizesse alguma coisa falavam comigo de uma maneira mais calma e preocupada para ver se eu ia-me curar [...]”. CL revela que sentia “ [...] receio de [...] ser posto fora de casa mas os meus pais nunca [...] me meteram na rua [...] ” e fala igualmente da morte da mãe como um episódio especialmente marcante: “Quando a minha mãe faleceu [...] foi mais complicado e com mais dois irmãos em casa que também consumiam [...] o meu pai [...] estava lá vivo mas [...] não tinha forças para tomar conta de nós [...] era a ele que pedíamos dinheiro para consumir [...] ”.

Já NS foca-se maioritariamente na relação com o pai, com quem refere ter tido sempre dificuldade em relacionar-se: “ [...] o meu pai [...] batia [...] para eu ter medo e fez isso até aos meus 11 anos [...] tornei-me mais rebelde e para contrariar o meu pai faltava às aulas, fazia trinta por uma linha ” e “Ele deixou de me bater depois de uma vez que [...] eu [...] fugi de casa [...] o meu pai ficou com tanto medo que a partir daí nunca mais me bateu nem ameaçou [...] (mas) continuou a... falar e a deitar-me a baixo [...]”. No geral NS assume que as suas relações familiares: “ [...] não eram boas porque o ambiente era sempre um bocado carregado [...] o meu pai havia dias que era uma pessoa bem-disposta, comigo nunca conseguia falar muito, porque nós nunca falámos muito, mas pronto notava-se que quando ele não bebia as coisas eram diferentes [...]” e que ele (NS) “[...] era [...] o grande causador das brigas lá em casa [...] eu considerava-me [...] o culpado [...]”. Relativamente à mãe “ [...] nunca houve problemas [...] o único problema [...] foi fazer-me todas as vontades [...]”.

BG destaca a relação que tinha com os irmãos e a razão pela qual se foi afastando dos mesmos: “Somos oito irmãos. Éramos nove, mas um faleceu com 17 anos [...] sempre nos demos todos bem mas eu desde os 16 anos que me afastei [...] Cortei as ligações por causa da vida que optei por levar. Uma vida de tráficos, de esquemas, de ir buscar e levar droga [...] ”. Descreve a mãe como estando apenas interessada no dinheiro do tráfico e negligente em relação à sua segurança e bem-estar: “ [...] Estava

*mais preocupada com o dinheiro que eu levava para casa [...] do que [...] onde é que eu dormia [...] Nunca quis saber*". Relativamente ao padrasto descreve-o como alguém agressivo e que batia na sua mãe com bastante frequência: "*[...] até que chegou ao ponto que eu comecei-me a fazer ao meu padrasto à porrada e fomos todos postos na rua.*". Com o seu pai a relação era "*[...] Era ótima*".

Como podemos observar à exceção de NS, todos os participantes nomearam o início dos consumos ou de tráfico como um fator que os prejudicou ao nível das relações familiares. De forma geral, são também nomeados a ausência das figuras maternas e/ou paternas (por morte ou não) e/ou atitudes de alheamento por parte dos pais e ainda a existência de um elemento familiar, neste caso o pai e/ou o padrasto, mais agressivo com historial de doença aditiva (NS descreve o pai como alguém que se torna agressivo quando bebe e BG conta que o seu pai era alcohólico e o seu padrasto era adicto ao jogo).

Relativamente às relações familiares **atuais** todos os participantes no estudo realçam o afastamento em relação ao núcleo familiar destes: "*[...] o meu irmão Rui já não me dou mesmo com ele pois já não sei onde é que ele mora [...] eu não dei "o braço a torcer" em me aproximar do meu irmão [...] foi ter comigo quando eu arrumava carros para ver se eu saía daquela vida e eu é que não quis. Queria fazer as coisas sozinho há minha maneira [...]*" (CL) ou a necessidade de realizar esse afastamento, como refere AJ em relação ao seu irmão gémeo: "*[...] é uma relação má [...] Eu gosto dele eu amo-o muito mas eu sei que se eu quiser [...] estar em recuperação eu sei que nos próximos 2 anos ou 3 anos eu não posso envolver-me com ele porque [...] a única coisa que a gente sabe fazer é ir consumir [...]*". Este afastamento também se deu através da morte de alguns familiares, muitas vezes, devido a comportamentos aditivos: "*[...] o Emanuel [...] acabou por falecer há pouco tempo de overdose [...]*" (CL) e "*[...] o meu pai faleceu faz 22 anos [...] por causa do álcool.*" (BG). Também são descritos sentimentos de desconfiança: "*[...] eu sou um sem-abrigo, a minha mãe mantém apartamentos alugados a outras pessoas e ela não me mete nesses apartamentos porque não confia em mim [...]*" (AJ) e a manutenção de mal-estar em determinadas relações como é o caso de NS: "*[...] ainda não nos entendemos e eu gostava de me entender com o meu pai, gostava de ter uma pessoa com quem pudesse falar no meu pai [...]*" ou de BG: "*Com a minha mãe é complicado... porque [...] quando devia ter-se preocupado comigo não se preocupou, e agora é que se está a preocupar comigo*".

## 2. RELAÇÕES DE AMIZADE/COMUNIDADE

Nesta dimensão procuramos compreender o processo de desafiliação contextualizado às relações de amizade e comunidade, uma vez que este processo abrange não só as relações familiares mas também outras estruturas sociais. (Bahr, 1973 citado por Bento e Barreto, 2002; Costa *et al.*, 2008 citado por Quintas, 2010).

Os participantes no estudo descrevem as suas relações de amizade **do passado** como pouco profundas e sustentadas pelo facto dos amigos/conhecidos também consumirem drogas: “ [...] *os meus colegas, andava tudo no mesmo [...] não sabia o erro que eu estava a cometer [...] não éramos grandes amigos [...] eram [...] dos consumos, era tudo por interesses*” (AJ). No caso específico de CL e BJ, os amigos eram quase inexistentes, pois tinham como tendência andarem sós: “ [...] *eu nunca fui pessoa de ter muitos relacionamentos [...] era muito sozinho [...] Tinha [...] o António. Jogava à bola comigo na altura, tínhamos a mesma idade [...] éramos amigos de criação (e) [...] parceiros de consumo [...]*” (CL); “*Nunca fui muito de ter amigos [...] não dava aso a muita conversa, não era muito de me chegar a ninguém [...] Era “boa dia”, “boa tarde”, “boa noite” e lidava mais era com os traficantes com que eu andava na altura.*”. Já NS, apesar de referir possuir amizades ligadas aos consumos, descreve-as como amizades profundas que lhe oferecem suporte: “ [...] *acho que nisso sou um pouco privilegiado [...] mesmo nesta situação [...] sempre me apoiaram [...] porque alguns deles já foram adictos e percebem o que é a adição [...] sempre consegui ter um núcleo de amigos que eu considero que... (são) amigos mesmo, não conhecidos*”.

Quanto às relações de amizade e/ou comunidade **atuais**, à exceção de NS, todos os participantes descrevem um afastamento (devido à morte ou a acontecimentos específicos) ou que, por outro lado, mantiveram o mesmo registo de “andarem sozinhos” como é o caso de BG. AJ refere que as poucas amizades que mantém atualmente se devem ao facto de muitos dos seus amigos terem falecido: “*Tenho poucos [...] alguns 8 ou 9 já morreram ou com HIV ou com overdoses [...]*” mas também pelo facto de ter emigrado: “*[...] já não tenho essa amizade com eles devido a estes anos todos fora de Portugal, foram para aí uns 20 anos [...] portanto eu perdi o contacto com as pessoas [...]*”. CL descreve o afastamento da única amizade que tinha (o António) responsabilizando-se pelo sucedido: “*Essa relação agora está um bocado*

*complicada porque eu cometi uma situação que ainda hoje tenho vergonha de contar [...] fui a casa dele e estava dopado com comprimidos e acabei por lhe tirar um MP3 [...] e ele veio a descobrir [...] ficou chateado e acabou por se afastar [...]*”.

No que toca às relações com a restante comunidade CL recorda que quando recaíu nos consumos não teve coragem de enfrentar “*[...] as outras pessoas, por isso, andava sempre sozinho, não tinha pessoas amigas [...]*”. BG garante que as relações com os outros: “*Continuam na mesma. [...]*” justificando para tal, o facto de não ser uma pessoa sociável: “*[...] Não sou de conversar muito. Sou muito fechado no meu mundo [...] Falo, cumprimento-os como sempre [...] mas [...] não sou de [...] contar a minha vida.*”. NS é o único participante que refere manter as relações de amizade e que estas lhe dão suporte: “*[...] muitos deles [...] disseram para voltar para aqui, porque... já da primeira vez que eu entrei aqui também foi, foi a conselho deles...*” e que “*[...] cada vez que vou a casa, [...] sou bem recebido e [...] as pessoas têm saudades minhas*”. Com a restante comunidade NS nota-se mais reservado: “*[...] aquilo é uma comunidade pequenina e toda a gente me conhece [...] evito ir sair [...] porque toda a gente me começa a perguntar “Então estás melhor? [...] e eu não gosto [...]*”.

### 3. EXPERIÊNCIA COMO SEM-ABRIGO

Através desta categoria quisemos entender as causas que os participantes do estudo apontam para terem ficado em situação de sem-abrigo, que episódios marcantes recordam de quando estiveram nessa situação, o modo como acham que as outras pessoas os viram e a forma como se sentem ou vêem nessa situação, uma vez que, segundo Roll, Toro e Ortola (1999) e Toro (2007), a forma como os sem-abrigo percebem a sua experiência é subjetiva e varia de pessoa para pessoa (citados por Jesus e Menezes, 2010).

Relativamente às **causas**, todos os participantes relataram o consumo de drogas e álcool assim como o tráfico como os motivos que levaram a que ficassem em situação de sem-abrigo. AJ refere: “*[...] eu saí de casa porque, [...] não quis que a minha mãe, [...] me visse a consumir, então [...] disse [...]: “mãe pagas-me o bilhete para Inglaterra?”*”. Aqui AJ parece preocupado com o facto dos seus consumos poderem prejudicar o seu relacionamento com a mãe, no entanto, mais tarde, aquando do seu

regresso a Portugal, torna-se claro que a mãe não o iria receber em consequência de saber dos seus consumos. AJ quando chegou a Portugal ainda ligou à mãe mas esta recusou acolhê-lo em sua casa. Outro episódio que o marcou profundamente ocorreu quando a namorada lhe deu a escolher: ou ela, ou a heroína! “ [...] ela avisou-me “[...] ou ficas com a heroína ou ficas comigo e eu outra vez [...] disse “vou largar [...]”. É claro que depois eu estava em casa dela a viver com ela e ela ia-se apercebendo de fato que eu não fazia nada daquilo [...] ”. Por último, recorda que ao sair do seu primeiro tratamento, recaíu, permanecendo em situação de sem-abrigo até voltar a pedir ajuda: “ [...] quando acabei o meu tratamento, ao fim de 3 ou 4 dias tive uma recaída e depois, [...] andei sempre assim (a consumir) até tornar a pedir ajuda para vir para cá [...] ”.

AJ destaca a sua estadia em Inglaterra como um fator que levou a que se habituasse à condição de sem-abrigo: “ [...] para mim era tudo novo [...] comecei a viciar-me [...] nessa vida porque era só pessoas hippies, [...] que fumam ganzas [...] eu comecei a me adaptar àquela vida de sem-abrigo [...] ” desta forma, para além do consumo de substâncias, há uma tendência clara para a habituação à situação de sem-abrigo. Wallace (1965) descreve essa tendência como sinónimo de aculturação, que pressupõe a vivência na rua como detentora das suas próprias regras e cultura, o que leva as pessoas a permanecerem na rua por já se encontrarem adaptadas a essa realidade. Este fator dificulta qualquer intervenção institucional para a saída desta condição, e é entendido como um fator importante nas motivações que levam estas pessoas a permanecerem na situação de sem-abrigo (Wallace (1965) citado por Bento e Barreto, 2002). Este motivo é também referido em outros excertos da entrevista de AJ: “ [...] ao fim desses 7 anos eu conheci [...] a minha noiva [...] ela teve a ideia de arranjar uma casa para nós [...] eu aceitei e fui viver com ela [...] acho que eu não me adaptei, [...] a essa vida porque aquela vida de campo e de viver em caravanas [...] já estava entranhada em mim [...] Eu não me sentia bem em ter essa casa porque, [...] não tinha outras pessoas com quem eu pudesse estar e conviver [...] eu sentia falta disso [...] ” e “ [...] encontrei uma garagem, uma coisa imensa e aquilo não tinha água nem luz e lá os invernos são super frios [...] vivia com um inglês, [...] um alemão, um dinamarquês, uma finlandesa, era tudo misturado e eu adorava essas coisas há sempre coisas novas que as pessoas ouvem [...] havia um albergue para aí a 400 metros e eu não ia para esse albergue [...] porque queria estar com eles [...] ”.

CL refere que deixou o seu trabalho pois gastava todo o dinheiro do ordenado em droga e que viver na rua foi uma escolha uma vez que “ [...] meti na cabeça que

*não ia mais trabalhar para sustentar um vício. [...] ”. Para além disso, refere que a situação de sem-abrigo: “ [...] foi causado também pela morte dos pais [...] ” e que depois de ter completado um tratamento: “ [...] acabei por ser despedido [...] ” (devido ao consumo de álcool) e voltei outra vez a sem-abrigo e então fui para a Vitae, que é um albergue onde eu dormia [...]* ”.

NS relata que a sua primeira experiência como sem-abrigo ocorreu em Inglaterra quando descobriram que bebia durante o horário de trabalho: “ [...] apanharam-me a beber [...] e fui despedido [...] conforme fui ficando sem dinheiro tive de ir para a rua [...] ”. Na Inglaterra conta que os serviços ofereceram apoio, no entanto, o facto de poder obter dinheiro para os consumos ao invés de uma habitação pesou na sua escolha: “ [...] Eles ofereciam casa, mas eu preferi o dinheiro para o consumo [...] fiquei na rua porque quis, mas fiquei na boa durante quatro meses”. Já em Portugal, refere ter preferido ir viver para a rua do que “arranjar problemas” aos pais, pois o pai “ [...] começou [...] a pressionar-me [...] queria que eu arranjasse trabalho [...] mesmo sabendo que vinha para a Vitae, para a rua [...] preferi não arranjar mais problemas para o lado deles (os pais) ”. Aqui NS revela preocupação para com os pais e a sua situação familiar, mostrando, ao mesmo tempo, dificuldade em lidar com sentimentos de frustração e culpabilidade, assim como com os conflitos que possam existir no meio familiar.

Por último, BG revela que foi a sua situação familiar pautada por um ambiente de agressões que despolotou a sua saída de casa: “ [...] para não estar a assistir há minha mãe a levar porrada constantemente, a ser maltratada... para não estar a assistir a isso, optava por ficar na rua [...] todos os dias havia espetáculo em casa [...] ” BG acrescenta que [...] ver a minha mãe a sofrer maus-tratos de outra pessoa, por causa de outra adição que era o jogo [...] fez com que optasse por “ [...] ficar na rua [...] desde os 7, 8 anos [...] duas noites seguidas”. No entanto refere que a permanência por completo na rua deu-se aos 16 anos: “ [...] A casa era extremamente pequena, era dois metros por dois metros quadrados e não dava para estar em casa... um homem feito [...] A lidar com... o problema que havia em casa” “ [...] arranjei um grupo de amigos nada aconselhável [...] Ia a casa só para deixar ficar dinheiro à minha mãe [...]”, dinheiro este referente ao tráfico de droga do qual BG fazia parte.

No que concerne aos **episódios marcantes**, AJ destaca o momento em que sofreu agressões de um polícia, deixando-o impossibilitado de mover uma das mãos de forma plena: “ [...] andava a pedir na rua e um polícia veio ter comigo e avisou-me que

*eu não podia fazer aquilo. Eu fui embora ao fim de meia hora e tornei a regressar ao mesmo sítio. O mesmo polícia viu-me [...] agrediu-me com o cassetete e fez uma lesão aqui na mão [...] este dedo o máximo que vem para trás é isto [...] aconteceu à [...] 9/10 meses [...] E ando sempre a pensar nisto [...] hoje em dia se eu quiser agarrar um copo tenho que o fazer com muito cuidado [...] isto mexe comigo”.* Esta situação é causadora de sofrimento em AJ, que se encontra, atualmente, limitado em termos físicos. Outra situação também bastante marcante para AJ ocorreu na Dinamarca. Este recorda os consumos abusivos de drogas, álcool e medicamentos: “ [...] os meus piores anos [...] foi quando eu fui para a Dinamarca porque [...] a única coisa que eu fazia era pedir dinheiro [...] eu consumia 1,5 gr. de heroína por dia, [...] metadona logo às 7h00 da manhã, [...] vodka logo às 07h30 da manhã, depois fumava haxixe, depois era a medicação [...]”.

No entanto refere que: “ [...] ser um sem-abrigo lá e ser um sem-abrigo cá em Portugal é totalmente diferente [...] em Portugal é cem vezes mais difícil [...]” pois na Dinamarca: “ [...] eles dão-nos roupa para o frio [...] todas as noites andam com um carro a ver se há sem-abrigos a dormir no meio da rua [...] caso vejam [...] agarram nele vão pô-lo a um albergue [...] ”, Em Portugal destaca o episódio em que foi apanhado com medicação (que não era permitida e tinha como objetivo consumi-la) no albergue de Alcântara tendo sido posteriormente encaminhado para chelas “ [...] mas como ao lado [...] havia uma casa abandonada [...] eu preferia estar ali do que estar epá com pessoas há minha volta a roubarem [...] aquilo é um sitio que aquilo é mesmo o fim do mundo”. O discurso de AJ aponta para a imposição de uma exigência assente numa regra da instituição que acabou por fazê-lo permanecer em piores condições habitacionais devido ao facto de ter sido expulso. O facto de AJ ter preferido ir dormir para uma casa abandonada e recusado ir para chelas vai ao encontro de um estudo realizado por Fernandes (2006) que postula que: “*embora os sem-abrigo recorram às instituições para auferir de benefícios em termos de alimentação, higiene ou vestuário, não deixam de manifestar a imagem negativa que detêm das mesmas, de criticarem as suas práticas e o modo de funcionamento*”. Dentro das queixas usuais estão o controlo social, a ausência de privacidade, os conflitos entre os utentes e o “*trato degradante e humilhante a que estão sujeitos*”. A crítica realizada por AJ enquadra-se claramente nas queixas nomeadas por este autor.

Outra comparação, entre Portugal e a Dinamarca, referida por AJ é a questão do dinheiro que recebeu de esmola: “[...] começava às vezes a pedir, às 10h da manhã até

às 3h, 4h da tarde e só fazia 45 euros veja lá, em 6 horas ou 7 horas ali a pedir, [...] na Dinamarca [...] em 4 horas fazia 150 euros [...]”. Aqui, AJ dá a entender que a própria disposição da sociedade para dar dinheiro a um sem-abrigo difere nos dois países, sendo Portugal apontado como tendo pessoas menos “generosas”.

Já CL recorda a sua vida de consumos na altura em que decidiu deixar o seu trabalho e “[...] fazer-me à vida quer dizer, arrumar carros, o que houvesse na rua e havia vezes que estava 3 ou 4 dias sem “por os pés em casa” e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava [...]”, realçando particularmente um episódio em que “[...] andava ali a arrumar carros perto do Hospital D.<sup>a</sup> Estefânia, [...] houve um assassinato na praça do Chile e um dos polícias identificou-me como muito parecido com a pessoa que tinha assassinado. Fui para a Judiciária, [...] chegou uma pessoa [...] que me ilibou porque disse que não era eu a pessoa que estava envolvida. Senti-me com medo, [...] porque estava a ser acusado de uma coisa que eu também não tinha feito [...] ainda por cima um crime, que é uma coisa que eu nunca fiz na minha vida [...]”.

BG refere apenas um episódio marcante na sua situação de sem-abrigo: “Acordar às 4 da manhã com um jato de água. [...] havia caixas de papelão, o pessoal a lavar as ruas não viam se estava lá alguém a dormir dentro ou não”. Fernandes (2006) refere-se ao trato degradante a que os sem-abrigo estão sujeitos. Neste caso concreto não em relação aos apoios sociais, mas sim, em relação à sociedade civil, aos valores, como por exemplo, o respeito.

Por seu turno, NS refere-se a um momento da sua vida particularmente difícil em que pensou por termo à sua vida “[...] (em Inglaterra) dormia ao pé das linhas de comboio e por vezes pensava em saltar [...] mas nunca aconteceu [...] porque lembrava-me da minha família e sabia que a minha família iria sofrer muito com isso [...]”. Lembra que “[...] fui lá assaltado uma vez [...] levaram-me o que tinha, que eram umas garrafas de vinho do Porto [...] A partir daí comecei a dormir em espaços onde [...] fosse mais visto, onde houvesse mais gente, onde me sentisse mais protegido [...]”. Outro episódio marcante de NS, desta feita em Portugal, foi ter decidido ir viver para Lisboa, para a “[...] Estação do Oriente [...] quando as mentiras começaram a não fazer sentido à minha mãe [...] tive de lhe dizer “Estou na rua, estou a dormir na estação do Oriente. Está-se lá mais ou menos. Dão-me comida, dão-me bebida, dão-me tudo!” a tentar não a preocupar ainda mais, mas assim que o meu pai soube telefonou e [...] disse-me para voltar para casa e eu aceitei, porque a minha vontade também era

*um bocado essa, mas, [...] por orgulho ou coisa assim parecida não o fiz. Mas ele claro que se preocupava com a minha situação [...]*”. Outro momento igualmente importante para NS foi quando passou o seu dia de aniversário na condição de sem-abrigo “*[...] passei os anos, estava na rua [...] o meu pai telefonou-me e eu comecei logo a chorar [...] não é normal o meu pai telefonar-me [...]*”. Para além disto, NS recorda um momento em que um amigo o acolheu em casa: “*[...] antes de entrar na quinta da Tomada [...] (um amigo) acolheu-me em casa e estive lá um mês [...] pagava-me tudo [...] Pagava-me álcool, pagava-me tabaco, levava-me ao cinema, levava-me à praia, foi a minha salvação, [...] eu não estava nada bem psicologicamente [...] durante um mês fez com que... com que eu me sentisse o mais cómodo possível. Foi... e eu considero-o, quase o meu irmão*”. É de notar que este amigo teve um papel particularmente importante, na medida em que ofereceu a NS não só apoio em termos habitacionais e de satisfação das necessidades básicas como também de apoio em termos emocionais.

Relativamente à subcategoria **Heterorepresentação** BG e AJ referem que nunca se importaram muito com essa questão. AJ afirma que: “*[...] quando ando a pedir dinheiro nas ruas eu não penso nisso [...] não me interessa e desde que essas pessoas me deem dinheiro para mim está tudo bem [...]*,no entanto recorda “*[...] várias ocasiões em que [...] respondiam “vai te embora, vai para o “...alho” e depois “és um chulo, és um drogado e isto e aquilo”, isto aconteceu-me muitas vezes, mas eu nunca dizia nada, ia-me embora [...]*”. Da mesma forma, para BG “*[...] a opinião dos outros nunca contava [...] Não dava importância...*” mas sabia que “*[...] as pessoas olhavam de uma forma “coitadinho está a dormir na rua” [...]*”.

Contrariamente, CL e NS dizem ter sentido atitudes de preconceito e rejeição em relação aos sem-abrigo: “*[...] éramos tratados um bocado “abaixo de cão” na maneira de falar, não éramos respeitados só pelo simples facto de sermos sem-abrigo. Ao nível da sociedade nós somos rejeitados [...] senti discriminação, [...]*”(CL). No entanto, CL admite que “*Não é toda a gente porque eu também durante esse tempo tive pessoas boas que me ajudaram e que falavam bem [...]*”. Já NS acrescenta que “*[...] na altura fiquei muito indignado e chateado [...] passam por nós e parece que não existimos [...]as pessoas parece que olhavam [...] uns com preocupação [...] mas não faziam nada, ficavam [...] assustadas por verem ali as pessoas deitadas [...] outras com pena, outras com... um bocado de nojo, [...] isso deixou-me bastante revoltado, porque [...]*

*custa ver assim as pessoas a tratarem-me... ou melhor a não tratarem! A não fazerem nada quando podiam fazer [...]”.*

Através da subcategoria **Autorepresentação** procuramos perceber de que modos os participantes em estudo vêem a sua experiência como sem-abrigo e como a definem, e os principais sentimentos que têm em relação a si mesmo e à situação em que se encontram.

AJ considera-se sem-abrigo mesmo quando vive em caravanas, justificando que apesar de ter um teto “[...] não tinha o conforto de uma casa [...]” ao mesmo tempo, diz que se considerava uma pessoa feliz “[...] Eu não sentia a falta de uma casa [...]”. CL refere que se sentia “[...] muito rejeitado [...] alguma coisa que acontecesse era o sem-abrigo que pagava [...]” e estar sem-abrigo podia implicar: “[...] vezes que estava 3 ou 4 dias sem “por os pés em casa” e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava na vida de consumos [...]”. Já NS diz que sempre tentou esconder dos pais a situação de sem-abrigo em que se encontrava “[...] porque era uma vergonha também para mim! [...]”. Para NS viver sem-abrigo implicava dormir literalmente na rua e BG refere que estar sem-abrigo é dormir “[...] em casas abandonadas, carros [...] Cubículos”. Durante a sua experiência como sem-abrigo “[...] Havia um dia que ia dormir a casa dela (namorada), porque os outros passava-os na rua [...] porque eu [...] ela confrontava-me com aquilo que eu andava a fazer e muitas vezes eu não estava para a estar a ouvir [...] as verdades... [...] Ainda hoje me custa! Optava por ficar na rua [...]”. A variedade de opiniões e sentimentos explanados acerca do que é estar a viver a situação de sem-abrigo denota a subjetividade inerente à experiência, destacada por Roll, Toro e Ortola (1999) e Toro (2007), e que aqui é analisada sobre o ponto de vista de quem experiencia esta situação (citados por Jesus e Menezes, 2010). Assim, observamos que um dos participantes, NS acha que estar sem-abrigo implica estar completamente sem-teto, ou seja, na viver rua, enquanto os restantes participantes focam-se na questão da habitação adequada para distinguir a situação de sem-abrigo, deste modo, viver em Centros de Acolhimento ou em casas abandonadas e até mesmo cubículos ou caravanas é estar em situação de sem-abrigo. Esta perspetiva adequa-se à definição de sem-abrigo da Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-abrigo (2009) e, em último caso, da FEANTSA (s.d.) em que a condição de sem-abrigo é entendida de uma forma mais abrangente e enquadrada numa problemática relacionada não exclusivamente com o viver “na rua”, mas também com a situação de risco dessa situação vir a acontecer.

#### 4. APOIOS SOCIAIS

Esta dimensão foi dissecada de forma a conseguirmos responder ao objetivo principal deste estudo: conhecer a perceção de sem-abrigos acerca dos apoios sociais e perceber se recorrem ou recorreram a estes apoios e de que forma. Para tal, procurámos saber se frequentaram o ensino público, alguns episódios marcantes sobre o mesmo, se sabem o que é o SNS e se são abrangidos, como era a relação com o SNS no passado e como é atualmente. Procurámos de igual modo compreender a sua relação com a Segurança Social, se sabiam qual é o seu objetivo e se alguma vez usufruíram de algum apoio da mesma. Por último, tentámos perceber se os participantes deste estudo já tinham recebido apoio em termos das respostas sociais existentes e que importância lhes atribuí.

No que se refere à primeira subcategoria, **frequência no ensino público**, todos os participantes afirmaram que frequentaram este tipo de ensino.

Em termos de **episódios marcantes** na escola CL, BG e NS realçam memórias ligadas à rebeldia e ao desafio, como por exemplo: “ [...] tive de ser expulso das salas de aula por falar mais alto [...]”(CL), “Primeiro dia de aulas quando passei para o ciclo, para o quinto ano. Entrei dentro da sala de aulas a fumar. Apanhei logo uma suspensão de quinze dias. Depois [...] saía de casa de manhã para ir para a escola, mas não ia para a escola andava na rua o dia todo, na vadiagem.” (BG), e “[...] lembro-me que era rebelde [...] passava um ano e reprovava outro [...] um ano era para brincar e o outro ano era para levar a sério [...]”. Apenas AJ destacou ter sido na escola que começaram os primeiros consumos de haxixe: “[...] a 1ª vez que eu fumei haxixe com eles (os amigos) [...]”.

Relativamente à subcategoria **sabe o que é o Sistema Nacional de Saúde?** todos os participantes responderam sim. AJ respondeu a esta questão de forma particular dizendo que: “[...] o S.N.S. aqui em Portugal está a ser completamente roubado [...]” remetendo esta afirmação para uma situação de saúde marcante pela qual passou recentemente. AJ acrescentou também que esteve num “[...] hospital público e [...] eu ao olhar para aquelas pessoas com 60 e 70 anos a serem tratadas da forma como são nos hospitais [...] aquilo repugna-me há coisas que são mesmo [...] não há preocupação, não há atenção, não há higiene, não há educação [...]”. Aqui AJ alerta para a “falha” dos profissionais que trabalham no SNS na forma como tratam as pessoas

e em particular os idosos, realçando a falta de respeito e a desumanidade com que, em sua opinião, são tratadas as pessoas nos hospitais.

No que toca à questão **sabe se é abrangido pelo SNS**, AJ e BG responderam prontamente que sim e que eram isentos, NS respondeu apenas que sim, argumentando de seguida: “[...] *Quer dizer a minha relação com este sistema, eu não era apoiado por ninguém nem nunca fui. [...]*”. Já em CL a questão causou alguma confusão: “[...] *Não sei mas eu acho que sim, devo, ser devo ser pela Santa Casa porque eu tive a falar com a minha técnica antes de eu entrar para cá e ela disse-me que isto passava pela Segurança Social, que trabalha tudo em círculo e dizem que este era um subsídio especial que era à parte para aqueles sem-abrigo que queriam tratamentos e então eramos subsidiados. [...]*”. É notória a confusão entre o Sistema Nacional de Saúde e os subsídios pecuniários atribuídos por outras entidades. Assim, torna-se claro que para CL existe um pleno desconhecimento sobre em que consiste o SNS.

Relativamente à **relação passada com o SNS** todos os participantes do estudo afirmaram que não tiveram grande contacto. Podemos perceber, mais uma vez, alguma confusão no discurso de CL relativamente à função do SNS: “[...] *nunca utilizei muito do centro de saúde [...], dessa instituição porque eu descontei muito, tive alturas em que descontei 200€ e tal para a segurança social. Também estava num patamar mais alto e fazia estes descontos agora é assim eu não sei se isto tem alguma coisa a haver com a outra [...]*”. AJ realça que na altura ia ao médico através da polícia “[...] *a polícia levava-me a ser visto por uma instituição que estava com a PSP e sempre que eu precisava de alguma coisa e ser visto por um médico [...] ia lá ao médico [...]*” e acrescenta sobre esta época: “[...] *nos anos 80 [...] não havia nenhuma informação acerca de drogas e nem nunca tinha ouvido falar sobre ressacas [...] eu só soube o que era uma ressaca quando a senti pela primeira vez 3 anos depois de ter começado a consumir. [...] nem havia informação sobre a sida que tu injetas com a seringa do outro e podes apanhar HIV, não havia informações [...]*”.

No que diz respeito à **relação atual com o SNS** AJ destaca uma situação em que fez “[...] *30 sessões (de fisioterapia à mão) demorou 120 dias, [...] a fisioterapeuta dali [...] telefona ao S.N.S. diz que foram 120 sessões, quer dizer, o estado está a pagar mais 90 sessões do que eu realmente fiz. Isto é assim [...] se eu nessas 30 sessões fizer esses 120 dias eles telefonam para o S.N.S. a dizer que foram 120 sessões [...]* e o Simão (auxiliar médico da CVP Fátima) até disse assim: “então mas ó senhora como é que isso pode ser?”, “isto já é assim há anos”, “há anos que é assim? Então mas isso é

*estar a enganar o S.N.S.”. Outra situação sublinhada por AJ foi o facto de não existir até à data medicação para a hepatite C, comparticipada para todos: “[...] eu felizmente não tenho HIV, [...] acho que a medicação é de borla. Se é de borla para o HIV também devia ser para a hepatite C, [...] a medicação nova que agora há [...] custa 20.000€ ou 15.000€ uma caixa daquelas, mas dizem que é 100% garantido a cura e se eu tiver a oportunidade de vir a pedir essa medicação eu ficava muito grato ao S.N.S.”. CL confirma estar isento “[...] Como sou uma pessoa sozinha sem condições, não tenho vencimento, não tenho nada [...]” e realça que “[...] Se eu estou aqui foi graças também um bocado a eles. Eu tenho que fazer um monte de exames de saúde para saber se tenho alguma doença que seja má e eles todos, sempre que precisei da ajuda deles eu sempre a tive, não tenho razão de queixa. [...]”. NS afirmou apenas que “[...] não era apoiado por ninguém nem nunca fui [...]” e BG diz ter começado a frequentar o SNS “[...] desde que me foi diagnosticado o HIV [...] Eles (os outros sem-abrigo) começaram a dizer para eu ir ao hospital que tinha os olhos amarelos [...] Foi diagnosticada hepatite e foi quando me disseram que era seropositivo também”.*

Em relação à subcategoria **objetivos da Segurança Social** todos os participantes responderam que o objetivo da Segurança Social é essencialmente dar apoio e ajudar as pessoas que necessitam. Destacam-se especialmente AJ e CL: “[...] penso que é para ajudar as pessoas a reinserirem-se na sociedade (...) Por exemplo ajudando a alugar um quarto, por exemplo, ajudando a pagar o passe para ir à procura de emprego, pronto essas coisas básicas que a gente necessita para nos reintegramos nesta sociedade [...]” (AJ). Já CL refere que: “[...] é de nos ajudar a nós e aqueles que trabalham e não só para que tenhamos [...] hospitais, centros de saúde, desde que a gente desconte, ter os direitos que deve ter ao longo deste tempo [...] e descontando e ter benefícios mais tarde, como por exemplo, [...] ter uma boa reforma, ter bons médicos, bons centros de saúde e poderem dar isso a todas as pessoas que descontam. [...] não é o caso, porque estamos um bocado mal em Portugal ao nível de saúde, segurança social e isso, e já se fala que está falida e [...] no passado houve muita gente a fugir aos descontos da caixa, da segurança social, e acontece que hoje em dia a maior parte dos reformados tem reformas muito baixas [...] comecei a ter os meus consumos e a precisar da segurança social para poder entrar para uma instituição [...]”.

Na subcategoria **usufrui ou usufruiu de algum apoio da Segurança Social**, todos disseram ter usufruído do Rendimento Social de Inserção (RSI) à exceção de AJ:

“Não [...] a minha mãe ainda quis tratar disso (mas) eu não fui à entrevista [...] porque tive de ir consumir ao bairro [...] nunca pedi nada ao governo português [...] nem quando era polícia e quando sai de polícia eu nunca recebi no fundo de desemprego, não tenho nenhum problema com a justiça em Portugal...”

Todos descrevem que sabiam da existência do RSI, excepto AJ.

NS adiou até o requerer, por sentir vergonha em ir pedir apoio: “[...] Às vezes a vergonha não deixava fazer isso, mas cheguei a uma altura em que disse, “eh pá eu preciso, vou pedir o rendimento mínimo tenho direito a ele. Estou numa situação em que não, que não me consigo governar” [...]” (NS). Por vezes o desconhecimento em como requerer o RSI também foi fator condicionante no seu recebimento: “[...] É assim eu não tive mais cedo porque fui cromo (risos) [...] Sabia, (que existia) não sabia era como se tratava [...]” (CL). A este respeito CL refere que pediu ajuda a uma assistente social da Vitae que lhe explicou como podia fazer para receber o apoio: “[...] falei com a minha técnica e ela aconselhou-me a que metesse os papéis, disse-me tudo o que devia tratar, fui ao centro de emprego para ir buscar um papel a comprovar em como estava inscrito, um certificado de residência, essas coisas que eles pedem pronto e foi aí que eu comecei a tratar dos papéis para ter esse tal rendimento [...]”.

BG nota que foi através de duas técnicas “[...] A Dra. Joana (da Positivo) e a Dra. Catarina (da Abraço) [...]”, que conseguiu ajuda para preencher os papéis mas que a decisão de pedir o apoio partiu de si. Através das respostas de CL e BG percebe-se que não são raras as vezes, em que há completo desconhecimento sobre como proceder para conseguir usufruir dos apoios sociais e, por essa razão, necessitam de pedir apoio a alguém (uma terceira parte) que medeie esta situação. Nestes dois casos, em concreto, foram as Assistentes Sociais que trabalham nas respetivas instituições que serviram de mediadoras interculturais entre os sem-abrigo e o apoio do RSI. Já no caso de AJ foi a mãe que serviu de mediadora ao informá-lo da existência do apoio, e de como podia tratar para receber sendo que AJ acabou por não auferir por ter faltado à entrevista.

Relativamente à **relação com a Segurança Social** todos os participantes do estudo referem ter uma relação mínima, ou inexistente com a segurança social caso de AJ que acaba por confundir a Segurança Social com algo relacionado com a Justiça: “[...] Não (tenho) porque eu não estive muito tempo aqui em Portugal [...] as únicas coisas que eu tenho da justiça eram as multas de metro que eu tive que, eu fui apanhado no metro, eu não tive preso aqui em Portugal [...]”. CL realça que apenas se dirigia à Segurança Social “[...] para saber se o meu patrão fazia os descontos todos

como deve ser, se eu estava lá inscrito e essas coisas todas porque isso é muito importante [...]”, acrescentando que: “[...] Hoje em dia a segurança social aperta a entidade patronal de tal maneira que não deixa nenhum empregado sem ser inscrito na segurança social, é mesmo obrigatório, apanhei um tempo em que não era, [...] podia-se fugir ao pagamento e [...]”. NS e BG destacam que a relação que tiveram com a Segurança Social ocorreu quando foram apoiados através do RSI.

Todos os participantes referem ter usufruído de **apoio institucional em termos de respostas sociais** ao longo da sua experiência como sem-abrigo. Para além do apoio da parte da CVP Fátima, que estavam a usufruir no momento da realização das entrevistas, referem ter tido apoio da Santa Casa da Misericórdia, Centros de Acolhimento, CAT (centro de apoio a toxicodependentes) e outras comunidades terapêuticas. Sobre estas últimas AJ assume que não sabia sequer da sua existência: “[...] eu em 41 anos [...] nunca tinha ouvido falar em comunidades [...] nunca na minha vida, [...] Ou nunca tive com pessoas que nunca tiveram algum conhecimento, nunca tive conhecimento disso, a 1ª vez que ouvi falar [...] foi a minha mãe que me disse: “acho que há um centro ali para Alvalade vai lá falar com eles”, [...]”. CL diz que estava a ser seguido no CAT das Taipas “[...] por uma terapeuta [...] que conheço há uns 4 ou 5 anos e ela também me conhece a mim [...] disse-me: “olha desculpa lá mas este vai ser o último (tratamento) porque há pessoas que estão à espera e a gente não pode dar mais oportunidades a você porque temos outros atrás que precisam e você [...] ajudámos já por 3 vezes e não conseguiu...” por isso o Estado está a fazer uma revisão de quem está a entrar consecutivamente, dizem que [...] ao fim de 3 vezes já não há mais direito a nada. [...]”. Mais uma vez, é destacado o papel de mediação, quer por parte de familiares significativos (a mãe de AJ), quer da parte de técnicos das instituições (de CL), que efetuam um papel determinante na elucidação sobre os apoios sociais disponíveis e, em último caso, sobre os seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Ambas as situações aqui descritas ocorrem com pessoas com os quais os sem-abrigo estabelecem confiança, tal como refere CL: “[...] conheço há uns 4 ou 5 anos e ela também me conhece a mim [...]”, característica essa, essencial para o estabelecimento de um processo de mediação.

Relativamente à **importância atribuída aos apoios sociais**, todos os participantes do estudo concordam que os apoios sociais são de facto importantes. No entanto, CL refere que as pessoas que usufruem dos apoios devem saber aproveitar pois “[...] há esses dinheiros para que realmente haja tratamento. Há pessoas [...] que

*utilizam o tratamento e acabam por andar novamente (nos consumos) [...] eu também fiz isso mas eu dou mais importância agora [...]”.* Na mesma linha NS diz: “[...] Não penso que seja bem gerido ou que os apoios sejam bem distribuídos [...]” e acrescenta: “[...] porque [...] não fazem um pré-estudo para verem quem precisa de ajuda e quem não precisa realmente e [...] se calhar há pessoas que nem precisam de ajuda e estão a usufruir e pessoas que precisam e não usufruem [...]”

NS e BG enfatizam a gratidão que sentem por estarem na CVP Fátima: “[...] Este apoio (comunidade) salvou-me mesmo a vida. Veio numa altura que eu precisava mesmo. Saí da vida que levava. Estava farto daquela vida [...]” (BG) e “[...] sei que eles, pelo menos aqui fazem tudo para que nós tenhamos sucesso lá fora, só não temos se não soubermos aproveitar. Por isso considero muito importante mesmo estas instituições [...]” (NS). Aqui os técnicos da referida instituição aparecem como figuras determinantes no apoio ao processo de reabilitação e reinserção destas pessoas, a quem é sobretudo reconhecido o papel de elucidar/consciencializar e, ao mesmo tempo, dar suporte emocional aos utentes durante o seu processo de mudança. Deste modo podem identificar-se características de mediador intercultural nestes técnicos na medida em que são encarados como empáticos, tratam os utentes com respeito, possuem uma componente humana e realista forte, sabem gerir conflitos, quer internos como externos são, muitas vezes, a “ponte” através da qual estas pessoas (re)estabelecem relações familiares e de amizade e conseguem obter apoios para pagar o referido tratamento assim como é através destes técnicos que conseguem dar os primeiros passos em prol da sua inserção social. Dito isto, os técnicos que trabalham em comunidades e instituições de apoio aos sem-abrigo parecem ter já em si características inerentes à mediação intercultural.

## 5. PERSPETIVAS DE FUTURO

No que diz respeito a esta dimensão propusemo-nos a conhecer as expetativas, motivações e sonhos dos sujeitos em estudo, relativamente ao futuro.

Quanto às **expetativas** em relação ao futuro, CL e NS comentam o receio em voltar a consumir drogas e/ou álcool. Para conseguirem evitar a recaída acreditam que necessitam de formar uma família e/ou irem trabalhar: “[...] se tiver alguém que me compreende com a qual me preocupo e preciso de lutar para isso essa era finalidade que eu gostava de ter para poder agarrar-me a qualquer coisa, não estar sozinho,

*porque sozinho já tenho a experiência que não consigo nada [...] sair daqui, arranjar um emprego, [...] uma família e refazer a minha vida como todo o cidadão faz [...]* ” (CL).

AJ refere não ter grandes expectativas em relação ao futuro e que se sente feliz como está “ *[...] ter um teto ou uma caravana em que esteja limpo, [...] que tenha uma televisão [...] utensílios para eu cozinhar e desde [...] que seja num sitio que eu também goste, pronto mas eu não espero muito [...] se calhar ainda vou a tempo de ser pai [...]* ”, contudo tem receio de não poder vir a trabalhar devido à limitação que tem na mão ou de vir a ser maltratado, por exemplo, num hospital. Nesse caso diz preferir “ *[...] injetar-me com uma grama de heroína logo de uma vez e mato-me logo [...]*”.BG também diz não ter grandes projetos ou expectativas em termos futuros. No entanto, paradoxalmente afirma que gostaria de “ *[...] trabalhar, desejo ter uma casa, desejo ter uma vida saudável com ela (a namorada) [...]* ”.



## CAPÍTULO IV- SÍNTESE CONCLUSIVA

Neste último capítulo desenvolvemos uma síntese que apresenta as principais conclusões que foram emergindo ao longo desta pesquisa.

Partimos do pressuposto que é necessário “dar voz” às pessoas que experienciam os problemas de forma a termos uma melhor percepção sobre os mesmos. Neste caso concreto o facto de termos entrevistado 4 pessoas que vivenciaram a situação de sem-abrigo deu-nos a possibilidade de percebermos melhor determinadas condicionantes das suas vidas, nomeadamente no que respeita à sua percepção sobre os apoios sociais disponíveis para apoiar a sua condição e de que forma recorreram a estes apoios. Também procurámos entender de que modo ocorreu o processo de desafiliação, como os próprios e os “outros” veem a sua situação e compreender quais são as suas perspetivas de futuro.

O processo de desafiliação em 2 dos sujeitos estudados inicia-se precocemente através de um ambiente familiar multiproblemático (Alarcão, 2002) em que a violência familiar e os consumos de álcool eram prática frequente despoletando nos jovens sentimentos de revolta, angústia e culpabilização. Nos outros 2 sujeitos estudados este processo origina-se de forma diferente. Num dos casos a ausência paterna (por falecimento) e materna (devido ao facto de trabalhar constantemente) foi determinante neste processo. O estilo parental “*Laissez-faire*” adotado pela avó dificultou a aprendizagem de regras e limites claros em termos comportamentais (Alarcão: 2002). No caso do outro jovem este processo tem origem nas práticas de consumo que levava a cabo juntamente com os irmãos, o que minou a relação com o pai e posteriormente provocou o afastamento do lar. De modo geral, todos sujeitos em estudo mantêm o mesmo padrão de relacionamento, atualmente, tendencialmente distante e problemático, com a família.

Todos os participantes em estudo identificaram os consumos de substâncias ou o tráfico como causas para terem vivenciado ou vivenciarem a condição de sem-abrigo, há exceção de um sujeito que nomeia o ambiente familiar marcadamente agressivo como a causa para ter começado a dormir “na rua” por volta dos 8 anos de idade. Constatámos de igual modo a presença do fenómeno de aculturação num dos sujeitos, como uma das causas para ter permanecido na condição de sem-abrigo aproximadamente durante 20 anos.

É curioso observar que embora todos os participantes afirmem ter pouca relação com os organismos responsáveis pela implementação das políticas sociais, já todos usufruíram em termos de apoios, com particular destaque para o RSI (3 sujeitos). O sujeito que não beneficiou desta medida faltou à entrevista com a técnica da Segurança Social, perdendo a oportunidade de usufruir dessa prestação. No entanto é de destacar que todos os sujeitos entrevistados são conhecedores deste tipo de apoios, muito embora o sejam pelo facto de serem aconselhados por outras pessoas, como Assistentes Sociais ou familiares. Sem o acompanhamento, aconselhamento e encaminhamento por parte dos “outros”, dos que mediaram o processo, não seria expectável que viessem, alguma vez, a beneficiar destes apoios. Constata-se, deste modo, a importância do papel do mediador intercultural como peça fundamental na constituição de ligações ou “pontes” entre aqueles que necessitam de apoio e não dispõem dos meios ou *know-how* necessário para conseguirem auferir do mesmo, e o referido conhecimento acerca, neste caso, das políticas sociais, que o mediador dispõe, e que pode usar para esclarecer e consciencializar as pessoas.

A mediação ganha aqui várias possibilidades de análise, sendo uma delas a mediação vista da perspectiva transformadora quando aplicada nas mais variadas estruturas sociais, políticas, educativas, económicas e outras, na medida em que através dessa aplicação/contextualização são geradas condutas, quer baseadas no *empowerment* quer na empatia que podem “[...] conduzir à transformação do meio social – desde um cenário de luta adversativa até uma colaboração no estabelecimento de laços comuns e na procura de um melhoramento mútuo [...]” (Folger e Bush, 2000 citado por Torremorell, 2008:39). A abordagem “transformadora” da mediação encontra-se orientada para a construção de “pontes” entre as pessoas e estas com a sua comunidade num movimento de constante evolução em conjunto, que apenas pode ser concretizada por meio da mestiçagem, ou por outras palavras, da adoção de uma postura de trânsfuga intercultural Vieira (2009). É a este ponto de encontro que Torremorell (2008) chama nó de intercomunicação quando frisa que “é na especificidade das leituras de cada grupo que encontramos resposta e orientação perante as situações reais com que nos deparamos quotidianamente” (Torremorell, 2008: 74).

Quanto a outro tipo de apoios foi possível observar a confusão acerca dos diferentes organismos e seus propósitos. Veja-se por exemplo a confusão feita entre o Sistema Nacional de Saúde, a Santa Casa da Misericórdia e a Segurança Social. Noutro caso o entrevistado confundiu a Segurança Social com um organismo do foro da justiça.

Relativamente à heterorepresentação é possível perceber que os entrevistados identificam como feedback social um misto de sentimentos entre o distanciamento de quem os ignora por completo, a discriminação, a rejeição, o nojo e a pena “do coitadinho que vive na rua”. Já a imagem que têm de si mesmos demonstra um elevado grau de subjetividade relativamente à experiência de estar sem-abrigo, que pode ser enquadrada na perspectiva de Roll, Toro e Ortola (1999) e novamente Toro (2007 citados por Jesus e Menezes, 2010), que realça não só a subjetividade ao nível terminológico do termo mas, principalmente a subjetividade inerente à forma como as pessoas percecionam a sua experiência como sem-abrigo. Um dos participantes, considera que estar sem-abrigo é estar sem-teto, ou seja, a viver rua. Já os restantes participantes focam-se na questão da habitação adequada para distinguir a situação de sem-abrigo, deste modo, viver em Centros de Acolhimento ou em casas abandonadas e até mesmo cubículos ou caravanas é estar em situação de sem-abrigo. Estas concepções enquadram-se na definição de sem-abrigo proposta pela FEANTSA (s.d.), que perceciona esta condição dentro de uma problemática mais vasta, num *continuum* entre “[...] situações habitacionais que podem [...] variar entre a habitação estável e a situação de sem-abrigo literal, com muitas pessoas situando-se entre os dois extremos” (Toro e Janisse, 2004, citados por Miguel, Ornelas e Maroco, 2010:437).

No que diz respeito ao futuro salientamos a presença de alguma apreensão e receio, seja em termos de recaídas, seja em termos de reinserção no mercado de trabalho em todos os participantes do estudo. Por outro lado, é notória a esperança que mantêm em conseguirem, algum dia, realizar-se em termos familiares e profissionais.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALARCÃO, M. (2002) (2ªEd.). *(Des) equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.

BAPTISTA, I. (2004). A problemática em Portugal In CAIS. *Sem-abrigo e imigração olhares sobre a realidade em Portugal*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

BECKER, H. S. (1966). *Outsiders - Studies in the sociology of deviance*. Nova Iorque: Free Press.

BELL, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Edições Gradiva.

BENTO, A. (2012). Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, nº 65, VII, 42-44.

BENTO, A. & BARRETO, E. (2002). *Sem-amor sem-abrigo*. Lisboa: Climepsi editores.

BRANCO, F. (2004). Políticas Sociais e Direitos Humanos In CAIS. *Sem-abrigo e imigração olhares sobre a realidade em Portugal*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

CARREIRA, H (1996) *As políticas sociais em Portugal*. Lisboa: Gradiva

CARMO, H. & FERREIRA, M., M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

COMISSAO DO LIVRO BRANCO PARA A SEGURANÇA SOCIAL (1998). *Livro Branco da Segurança Social*.

COMUNIDADE VIDA E PAZ. (s.d.). *O que fazemos: comunidades terapêuticas*. Acedido a 14 de Setembro de 2016 em: <http://www.cvidaepaz.pt/site/o-que-fazemos/comunidades-terapeuticas/>

COSTA, J. M. D. (2012). Pensar as origens com Girard. *Didaskalia*, Vol. XI, nº II, p.173-196.

COSTA, A., LEAL, A., ALVES, C., LUIZA, E., SILVA, F., RIBEIRO, F., NASCIMENTO, F., GARCIA, F., ROXO, F., SOUSA, H., GAUTIR, I., MEXIA, J., RIBEIRO, J., BORGES, L., PESSOA, M. & ROSEIRA, M. (1962). Evolução da previdência social portuguesa In *II Colóquio Nacional do trabalho da organização corporativa e da previdência social*. Lisboa: Comunicações II.

FEANTSA (n.d.). ETHOS Typology on Homelessness and Housing Exclusion. *Federação Europeia de Associações que Trabalham com Sem-Abrigos*. Consultado a 14 de Julho de 2014 em: <http://www.feantsa.org/spip.php?article120&lang=en>

FERNANDES, M. M. D. (2006). *Fechados no silêncio - Os sem-abrigo*. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade Aberta

GALVÃO, M. C. B. (2010). O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. In FRANCO, L. J., PASSOS, A. D. C. (Org.). *Fundamentos de epidemiologia*. (2ªed.). São Paulo: Manole.

GIMENÉZ, C. R. (2010). *Mediação Intercultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acidi).

GOFFMAN, E. (1963) (4ª Ed.). *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Nova Jersey: Prentice-Hall.

GOMES, A. J. L. F. (2002). *O rendimento mínimo garantido – da exclusão à inserção social*. Coimbra: Quarteto Editora.

GUNTHER, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 22, nº2, 201-210.

JARES, X. R. (2002). *Educação e conflito: Guia de educação para a convivência*. Porto: Edições ASA.

JESUS, M. F. & MENESES, I. (2010). A experiência de sem-abrigo como promotora de empoderamento psicológico. *Análise psicológica*. 3 (XXVIII): 527-535.

LEAL, A. S. (1985). As políticas sociais no Portugal de hoje. *Análise Social*. Vol. XXI (87-88-89), 925-943.

LOURO, C. (2004). Medidas oficiais In CAIS. *Sem-abrigo e imigração olhares sobre a realidade em Portugal*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

MAIA, F. (s.d.). *Apontamentos da licenciatura em política social do ISCP*.

MARQUES, J. C. FARIA, S. SILVA, P. VIEIRA, R. & LOPES, S. M. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade In VIEIRA, R. MARQUES, J. SILVA, P. VIEIRA, A. & MARGARIDO, C. (Org.). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento.

MARTINS, A. F. (2007). Mulheres Sem-abrigo na Cidade de Lisboa. *AMI*. Consultado 14 de Julho de 2014 em: <http://ami.org.pt/default.asp?id=p1p211p215p340p281&l=1>

MATIAS, A. (1999). *Economia da segurança social: Teoria e prática*. Lisboa: Editora Vulgata

MIGUEL, M. ORNELAS, J. & MAROCO, J. (2010). Modelo de atitudes face aos sem-abrigo em Portugal. *Análise Psicológica*. Vol. 3 (28), 437-450.

OLIVEIRA, A. & FREIRE, I (2009). *Sobre... a mediação sócio-cultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acidi).

- PARDO, M. B. L., MANGIERI, R. H. C. & NUCCI, M. S. A. (1998). Construção de um modelo para análise da formação profissional do psicólogo. *Psicologia ciência e profissão*. Nº18 (3), 18-21.
- PEREIRA, L. (2015). Violência, ética e religião. *Revista diacrítica*. Vo. 29, n. 2, 149-164.
- QUINTAS, S. M. M. (2010). *A percepção de técnicos e indivíduos sem-abrigo - Histórias ocultas de uma realidade no Porto*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto.
- QUIVY, R. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Edições Gradiva.
- RODRIGUES, E. V., SAMAGAIO, F., FERREIRA, H., MENDES M. M. e JANUÁRIO, S. (1999). Políticas sociais e exclusão em Portugal. *Sociologia problemas e práticas*. (31), 39-67.
- ROSANVALLON, P. (1984). *A crise do estado providência*. Lisboa: Ed. Inquérito.
- SANTOS, B. (1990). *O Estado e a sociedade em Portugal (1974-1988)*. Porto: Edições Afrontamento.
- SÁ-SILVA, J. R., ALMEIDA, C. D. & GUINDANI, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I, nº1.
- SILVA, S. P. (2007). *Identidades e Narrativas Sem-abrigo*. Lisboa: Educa.
- TORREMORELL, M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.
- VELHO, G. (Org.) (4ªEd.) (1974). O estudo do comportamento desviante: A contribuição da antropologia social In Velho, G. (Org.). *Desvio e divergência - uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VIEIRA, A. M. (2013). *Educação social e mediação sociocultural*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, Ricardo (2009), *Identidades Pessoais – Interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais*, Lisboa: Colibri.

VIEIRA, Ricardo (2011), *Educação e Diversidade Cultural – notas de antropologia da educação*, Porto: Afrontamento e CIID-IPLeia.

VIEIRA, R. MARGARIDO, C. & MENDES, M. (orgs.) (2009). *Diferenças, Desigualdades, Exclusões e Inclusões*, Porto: Edições Afrontamento.

VIEIRA, R. MARQUES, J. SILVA, P. VIEIRA, A. e MARGARIDO, C. (Orgs) (2016). Introdução In “*Pedagogias de mediação intercultural e Intervenção Social*”. Pp. 9-12.

VILELAS, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Silabo.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A**  
Guião de Entrevista Semiestruturada

---

## **Termo consentimento informado**

Assunto: Projeto de investigação de Mestrado

Eu, Helena Filipa Mendes Gonçalves, aluna do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, a decorrer na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, encontro-me neste momento a realizar um projeto de investigação, sob a supervisão do Prof. Doutor Cristovão Margarido que tem por título: “Os Sem-abrigo e os Apoios Sociais”.

O presente estudo tem como principal objetivo compreender o percurso de vida de quem já experienciou a condição de sem-abrigo e entender como foram e são as suas relações com a família, amigos e sociedade; com os apoios sociais (educação, saúde, segurança social, apoios institucionais); a vivência como sem-abrigo e as perspetivas de futuro. Para tal, serão efetuadas entrevistas semiestruturadas, com recurso a gravador de áudio, que serão posteriormente transcritas e analisadas. Os dados obtidos destinam-se apenas para fins académicos e científicos, nunca sendo cedidos a terceiros ou para outros fins.

A recusa em colaborar, em qualquer momento da investigação, não terá qualquer tipo de consequências para o participante.

Venho por este meio pedir a sua colaboração para a realização deste estudo. Caso aceite participar no estudo agradeço que assine o formulário que se segue.

Grata pela sua disponibilidade,

Assinatura: \_\_\_\_\_ (da investigadora)

Eu \_\_\_\_\_(nome do participante) aceito participar de livre vontade na investigação intitulada “Os Sem-abrigo e os Apoios Sociais”. Tomei conhecimento dos objetivos do estudo e do que terei que fazer para participar nele. Fui esclarecido sobre todos os aspetos que considero importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas.

Declaro que fui devidamente informado sobre o direito de recusar participar em qualquer momento do estudo e de que a minha recusa não terá qualquer tipo de consequências para mim. Foi salvaguardado que todos os dados recolhidos serão para uso exclusivo da investigação e que estes serão mantidos em anonimato.

Assinatura: \_\_\_\_\_ (do participante em estudo)

Local e Data: \_\_\_\_\_

## **Guião de entrevista**

### **1) Relações familiares (percurso)**

- Como eram as relações com a família no passado (antes de se tornar sem-abrigo)
- Como são as relações familiares atuais

### **2) Relações de amizade e relações com a comunidade**

- Como eram as relações com os amigos e a comunidade no passado (antes de se tornar sem-abrigo)
- Relações com amigos e comunidade atuais

### **3) Vivência como sem-abrigo**

- Início da situação/Causas que aponta
- Episódios marcantes como sem-abrigo
- Qual é a imagem que acha que os outros (sociedade/comunidade) têm dele/a como sem-abrigo - Heterorepresentação)
- Qual é a imagem que tem de si próprio (autorepresentação)

### **4) Relação com os apoios sociais**

#### **Educação escolar**

- Se frequentou o ensino público
- Memórias e episódios marcantes na escola

### **Sistema Nacional de Saúde (SNS)**

- Sabe o que é o SNS?
- Sabe se é abrangido pelo SNS?
- Relação passada e atual com o SNS

### **Segurança social (proteção social)**

- Qual é o objetivo da Segurança social?
- Usoufruiu ou usufruiu de algum apoio social da segurança social?
- Como tem sido a sua relação com a Segurança Social?

### **Apoio Institucional**

- Recebeu/recebe algum apoio de alguma instituição?
- Qual a importância que atribui a esses apoios?

### **5) O futuro**

- Desejos pessoais e expectativas para o futuro (O que se vê a fazer ou ser no futuro)

**APÊNDICE B**  
Questionário sociodemográfico

---

## Dados Sociodemográficos

Nome: \_\_\_\_\_

1. Género:       Masculino                      Idade: \_\_\_\_\_  
                     Feminino

2. Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

3. Estado Civil:       Solteiro(a)  
                             Casado(a)  
                             Viúvo(a)  
                             União de facto  
                             Outro (a). Qual? \_\_\_\_\_

4. Escolaridade:       Analfabeto(a)  
                             Ensino Básico (4º ano)  
                             2º Ciclo (5º e 6º anos)  
                             3º Ciclo (7º, 8º e 9º anos)  
                             Ensino Secundário (10º, 11º e 12º ano)  
                             Ensino Superior

5. Condições habitacionais atuais: \_\_\_\_\_

---

6. Tempo de experiência como sem-abrigo: \_\_\_\_\_

---

7. Sofre de alguma doença/condição física debilitante? Qual (ais)?

---

---

8. Atualmente possui alguma perturbação psicológica? Qual (ais)?

---



## **APÊNDICE C**

Pedido de autorização à instituição para a realização da investigação

---

Leiria, 13 de Setembro de 2015

Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Presidente do Centro Comunidade Vida e Paz de Fátima

Assunto: Pedido de autorização para a realização de recolha de dados para uma investigação

Eu, Helena Filipa Mendes Gonçalves, venho por este meio solicitar a colaboração da Comunidade Vida e Paz - Centro Moimento Fátima no sentido de realizar recolha de dados para fins de investigação.

A investigação encontra-se subordinada à unidade curricular Dissertação do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, sob a orientação do Dr. Cristovão Margarido. Os dados recolhidos, serão confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados.

No âmbito deste estudo, subjugado ao tema: “Os Sem-abrigo e os Apoios Sociais” pretende-se compreender o percurso de vida de 6 utentes que tenham experienciado a condição de sem-abrigo. O objetivo será perceber como se relacionaram e relacionam com as políticas sociais da saúde, da educação e principalmente da segurança social, que relações familiares e sociais tiveram e têm neste momento, a relação que possuíram e possuem com instituições/associações de apoio social e o que querem para o seu futuro. Para tal, serão efetuadas entrevistas semiestruturadas, gravadas com recurso a gravador de áudio, cujo conteúdo será posteriormente transcrito e analisado. O conteúdo das gravações será unicamente utilizado para efeitos de transcrição das entrevistas, nunca sendo cedido a terceiros ou para outros fins.

Cumprimentos,

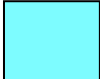


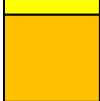



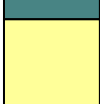




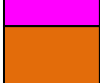

Helena Gonçalves

## **APÊNDICE D**

### Procedimentos de tratamento das entrevistas

---

## Exemplo de legenda de categorias em cores

LEGENDA DE CATEGORIAS		
<b>Relações familiares</b>		Passado
		Atuais
<b>Relações amizade/comunidade</b>		Passado
		Atuais
<b>Experiência como sem-abrigo</b>		Causas
		Episódios marcantes
		Hrepresentação
		Arepresentação
<b>(Apoios sociais)</b> <b>Educação Escolar</b>		Frequência no ensino público
		Episódios marcantes
<b>Sistema Nacional de Saúde</b>		Se sabe o que é
		Se é abrangido pelo SNS
		Relação passada
		Relação atual

**Segurança Social (SS)**

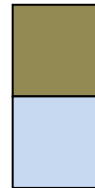


Se sabe o que é a SS

Usufruiu/usufrui de algum apoio da SS

Como tem sido a relação com a SS

**Apoio Institucional**



Recebeu/recebe apoio institucional

Importância atribuída a esse apoio

**Futuro**



Expetativas/Desejos/Objetivos

## Exemplo de identificação de categorias com cores

Transcrição da Entrevista – **BG**

### Observações:

Ao presente entrevistado atribuímos o código **BG**

Data da realização da entrevista: 27 de Outubro de 2015

Local: Comunidade Vida e Paz - Fátima

Duração: 00:19:24

(...) **Investigadora (I)** - Diga-me então como é que deu início a esta situação de sem-abrigo.

**BG-** É assim... era muito novo, vivia em casa do meu padrasto. Estava a ouvir a minha mãe a queixar-se que o meu pai lhe dava maus tratos, porque o meu pai era um alcoólico... por causa do álcool. E estar em casa a ver a minha mãe a sofrer maus tratos de outra pessoa, por causa de outra adição que era o jogo... aí comecei a ficar na rua... desde muito novo... desde os 7, 8 anos... começava a ficar na rua duas noites seguidas...

**I-** Por causa desse ambiente familiar...

**BG-** Por causa do ambiente que havia em casa... para não estar a assistir à minha mãe a levar porrada constantemente, a ser maltratada... para não estar a assistir a isso, optava por ficar na rua.

**I-** Então preferia...

**BG-** ...ficar na rua do que ficar em casa a assistir a este espetáculo todos os dias, que era um espetáculo constante... todos os dias havia espetáculo em casa.

**I-** Ok... E quando é que começou a viver todos os dias na rua? Como é que isso surgiu na sua vida?

**BG-** Comecei a viver na rua desde os 16 anos, em que arranjei um grupo de amigos nada aconselhável... e a vida que eu levava, que comecei a levar desde os 16 anos também não dava para ir a casa. Ia a casa só para deixar ficar dinheiro à minha mãe e saía de casa. Praticamente nunca estava em Lisboa. Andava sempre ou para o sul do país ou para o norte do país, andava sempre a viajar.

**I-** Tem algum episódio mais marcante por ter vivido na rua?

**BG-** Tenho. Acordar às 4 da manhã com um jato de água.

**I-** Um jato de água de onde?

**BG-** Dos gajos da camara que tinham de lavar as ruas e havia caixas de papelão, o pessoal a lavar as ruas não viam se estava lá alguém a dormir dentro ou não.

**I-** Você tinha a perceção da imagem que os outros tinham de si?

**BG-** Não, não tinha, porque a opinião dos outros nunca contava.

**I-** Nunca contou...

**BG-** Não dava importância...

**I-** Nem nunca se apercebeu da forma como as pessoas olhavam?

**BG-** Eu sei que as pessoas olhavam de uma forma “coitadinho está a dormir na rua”, mas eu não ligava para isso... Nunca dei importância a isso.

**I-** Nunca deu valor?

**BG-** Nunca.

**I-** Diga-me uma coisa, então ao nível das suas relações familiares, como é que eram antes de se tornar sem-abrigo?

**BG-** Eram boas. Somos oito irmãos. Éramos nove, mas um faleceu com 17 anos. Somos oito, sempre nos demos todos bem, mas eu desde os dezasseis anos que me afastei

completamente deles. Cortei as ligações por causa da vida que optei por levar. Uma vida de tráficos, de esquemas, de ir buscar e levar droga... fui-me afastando daí, fui-me afastando deles.

**I-** E foi também a partir daí que começou...

**BG-** Em que optei por ficar mais vezes na rua.

**I-** Você fala disso como se fosse uma opção. Foi mesmo uma opção?

**BG-** Foi uma opção para não estar em casa a assistir ao espetáculo que eu já lhe falei: todos os dias constante a minha mãe a levar porrada do meu padrasto.

**I-** Mesmo aos dezasseis anos isso continuou sempre...

**BG-** Começou (confusão com a palavra continuou) sempre... a minha mãe... até que chegou ao ponto que eu comecei-me a fazer ao meu padrasto à porrada e fomos todos postos na rua. Comprei outra casa noutra bairro, também problemático. Fomos viver para esse bairro, só que passados uns tempos não ia a casa, quando cheguei a ficar na rua. A casa era extremamente pequena, era dois metros por dois metros quadrados e não dava para estar em casa... um homem feito...

**I-** Hum... hum... a lidar com aquilo...

**BG-** A lidar com... o problema que havia em casa.

**I-** Hum... hum... e então podemos aqui dizer que com os seus irmãos a relação sempre foi boa.

**BG-** Foi, foi boa, eu é que me afastei deles.

**I-** Com o seu padrasto é que nunca foi boa.

**BG-** Não, nunca tanto que já vou no 4º ou 5º padrasto que tenho

**I-** E como é que são estas relações familiares atuais? Como é que é agora?

**BG-** Com a minha mãe é complicado... porque a minha mãe quando devia ter-se preocupado comigo não se preocupou, e agora é que se está a preocupar comigo.

**I-** Agora está a preocupar-se consigo, mas quando você foi viver para a rua acha que não se preocupou.

**BG-** Não se preocupou... preocupava-se, mas à maneira dela. Estava mais preocupada com o dinheiro que eu levava para casa todas as semanas, do que propriamente onde é que eu dormia ou deixava de dormir. Nunca quis saber.

**I-** Sentiu isso?

**BG-** Senti e sinto isso.

**I-** Então e aqui relativamente às relações que tinha com os seus amigos. Tinha amigos?

**BG-** Nunca fui muito de ter amigos. Tinha muitos conhecidos.

**I-** Tinha muitos conhecidos... como era a relação com eles antes de se tornar sem abrigo?

**BG-** A relação sempre foi boa com os conhecidos, porque não dava aso a muita conversa, não era muito de me chegar a ninguém. Era “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e lidava mais era com os traficantes com que eu andava na altura.

**I-** E como são as relações com esses conhecidos agora?

**BG-** Continuam na mesma. Não sou de conversar muito. Sou muito fechado no meu mundo.

**I-** Fala com eles.

**BG-** Falo, cumprimento-os como sempre cumprimentei, mas de resto não sou de conversar muito não sou de contar a minha vida.

**I-** Hum-hum... não vê aqui nenhuma mudança então? Não vê aqui nenhuma alteração?

**BG-** Não, quanto a isso não.

**I-** Ao nível dos apoios sociais, você frequentou o ensino público?

**BG-** Frequentei.

**I-** Tem alguma memória, episódio marcante da escola?

**BG-** Primeiro dia de aulas quando passei para o ciclo, para o quinto ano. Entrei dentro da sala de aulas a fumar. Apanhei logo uma suspensão de quinze dias. Depois ia para casa, estava em casa da minha mãe na altura, saía de casa de manhã para ir para a escola, mas não ia para a escola andava na rua o dia todo, na vadiagem.

**I-** E começou a fumar na escola?

**BG-** Comecei a fumar antes... Sim na escola. Comecei a fumar antes de ir para a escola. Comecei a roubar beatas ao meu pai.

**I-** Ao seu pai ou ao seu padrasto?

**BG-** Ao meu pai.

**I-** Tinha contato com ele?

**BG-** Tinha. Via-o todos os dias. Todos os dias via a Lisboa, todos os dias o via.

**I-** Como era a sua relação com ele?

**BG-** Com o meu pai? Era ótima. Tanto na rua como sem estar na rua a relação com o meu pai sempre foi ótima.

**I-** E agora também?

**BG-** Não, o meu pai faleceu faz 22 anos. O meu pai faleceu, por causa do álcool.

**I-** Ele tinha uma adição ao álcool?

**BG-** Era alcoólico mesmo. Cheguei a vê-lo a beber álcool, a beber *aftershave*. Apanhei-o de manhã quando chegava à taberna. Tinha de ser o taberneiro a despejar-lhe dois, três ou mais bagaços para a boca, porque ele não conseguia beber.

**I-** E relativamente à saúde. Você sabe o que é o sistema nacional de saúde?

**BG-** Sei.

**I-** Sabe se é abrangido?

**BG-** Sei. Tenho isenção vitalícia.

**I-** Como é que era a sua relação no passado com o sistema nacional de saúde?

**BG-** Não frequentava.

**I-** Não frequentava mesmo? Não havia necessidade?

**BG-** Não frequentava. Comecei a frequentar desde que me foi diagnosticado o HIV...

**I-** Como é que descobriu?

**BG-** Fui internado com uma hepatite. Foi assim que descobriram que eu tinha HIV.

**I-** E descobriu na altura em que vivia na rua...

**BG-** Descobri na altura em que vivia na rua quando fui internado... comecei a ficar com os olhos vermelhos... estava a viver no Martim Moniz juntamente com mais sem-abrigos. Eles começaram a dizer para eu ir ao hospital que tinha os olhos amarelos. Eu fui ao hospital por causa dos olhos. Foi diagnosticada hepatite e foi quando me disseram que era seropositivo também.

**I-** Relativamente a outro tipo de apoios... sabe qual é o objetivo da segurança social?

**BG-** Da segurança social é dar-nos apoio, acho eu...

**I-** Já usufruiu ou usufrui de algum apoio social?

**BG-** Quando aqui dei entrada estava a usufruir do RSI, rendimento de inserção...

**I-** Sim... Ah... então e como é que você adquiriu esse apoio?

**BG-** Meti os papéis e fiquei à espera...

**I-** E como é que soube que havia esse apoio? Sempre soube, alguém lhe disse...

**BG-** Sempre soube que havia esse apoio, tanto que eu meti os papéis e depois fiquei à espera. Fiquei à espera um ano e tal que viesse.

**I-** E nessa altura estava na rua... lembrou-se que havia o apoio e foi...

**BG-** E... tratei dos papéis... pedi ajuda para preencher os papéis, que eu não sabia preencher os papéis, eu não sei preencher os papéis...

**I-** Pediu ajuda a quem?

**BG-** À Positivo. A Dra. Joana da Positivo e à Dra. Catarina da Abraço para preencher os papéis, para poder entregar os papéis para ver se recebia apoio.

**I-** Então foi através dessas instituições que conseguiu então...

**BG-** O apoio.

**I-** E foi através daí que recebeu então motivação para ir tratar disto.

**BG-** Sim recebi alguma motivação, o primeiro passo foi ir buscar os papéis e depois tive que ir ter com elas e pedir para me ajudarem a preencher, porque eu não sabia preencher aquilo.

**I-** Partiu sobretudo de si a decisão?

**BG-** Claro.

**I-** Então e como tem sido esta relação com a segurança social?

**BG-** Não tem sido nenhuma, não tenho relação com eles.

**I-** Agora?

**BG-** Agora não tenho.... Tinha sim, uma vez mandaram-me um cheque.

**I-** Tinha e teve durante quanto tempo?

**BG-** Durante bastante tempo. Durante 10 anos para aí mais ou menos.

**I-** Dez anos.

**BG-** Como sou seropositivo não podia trabalhar. Nem dá para fazer o que eu gostava que eu não posso trabalhar. É na cozinha. Ninguém me dá trabalho por eu ser seropositivo, e porque tenho hepatites.

(...) **I-** Antes disso estava a viver onde e o porquê de pedir o RSI?

**BG-** É assim, estava a viver em casa da minha mãe. Só que tinha problemas em casa porque este meu padrasto atual também é alcoólico e tem discussões com a minha mãe e eu para não estar a assistir às discussões deles vinha para a rua e ficava na rua. Andava a dormir em casas abandonadas, carros...

**I-** Ok...

**BG-** ... Cubículos, como a gente chama...

**I-** Então apesar de ir alguns dias a casa ou um dia ou outro, você vivia na rua?

**BG-** Na rua completamente.

**I-** Então já nessa altura você tinha pedido o apoio?

**BG-** Sim.

**I-** Como meio de subsistência...

**BG-** E usava o apoio para os meus consumos.

**I-** Hum... hum... está bem. Então e diga-me uma coisa: você está agora a receber apoio desta instituição, já recebeu apoio de mais alguma?

**BG-** Estou a receber apoio desta instituição e estou a receber apoio da Santa Casa da Misericórdia, que é quem me está a pagar o tratamento.

**I-** O que é que você acha destes apoios? Qual é a importância que atribui a isto?

**BG-** Eu dou muita importância, porque se não fosse este apoio, não estava aqui agora.

**I-** Salvou-lhe a vida...

**BG-** Salvou-me. Este apoio salvou-me mesmo a vida. Veio numa altura que eu precisava mesmo. Saí da vida que levava. Estava farto daquela vida, farto mesmo, completamente. Depois queria ajudar a minha namorada e não sabia como é que havia de ajudar, que a minha namorada está com uma depressão e eu acho que fui um bocadinho causador dessa depressão também, porque eu passava dias sem ir dormir com ela, sem ir dormir a casa dela, ela ficava preocupadíssima, não conseguia dormir, não conseguia descansar. Muitas vezes ela ligava-me para o telemóvel e eu desligava o

telemóvel. E ela ficava a pensar “O que é que será que já aconteceu com ele? Será que já foi preso? Será que ele está num hospital?”, que eu quando fui atropelado fiquei quinze dias em coma no hospital. E nos primeiros quatro dias que eu estive no hospital ela telefonou para a minha mãe e pediu à minha mãe ajuda e a minha mãe não lhe deu ajuda “Isso já é costume ele fazer, está três quatro dias sem aparecer e depois ele aparece fresquinho que nem uma alface!”. E acho que isso também não estava a ajudar em nada. Por isso optei por vir para aqui para me tratar a mim para a conseguir ajudar a ela depois.

(...) **I-** É um dos dez objetivos. Também me disse que nem sempre estive na rua, que viveu também com a sua namorada?

**BG-** Vivi. Tanto estava em casa dela, como ficava na rua.

**I-** A partir de que momento é que arranjou esta namorada? E quantas vezes é que ia lá (a casa da namorada) dormir?

**BG-** Esta namorada tenho-a há coisa de cinco anos. E estava com ela todas as semanas. Havia um dia que ia dormir a casa dela, porque os outros passava-os na rua.

**I-** Mas era por sua opção?

**BG-** Sim, por opção minha. Porque eu sabia que ia para casa dela, ela confrontava-me com aquilo que eu andava a fazer e muitas vezes eu não estava para a estar a ouvir tão pouco, para estar a ouvir as verdades... custa-me a ouvir as verdades. Ainda hoje me custa! Optava por ficar na rua.

**I-** Então e agora, relativamente ao futuro...

**BG-** Não projeto o futuro. Vivo um dia de cada vez. Não sei se acordo amanhã, quanto mais...

**I-** (...) ia-lhe perguntar o que se vê a fazer e a ser no futuro, se deseja trabalhar...

**BG-** Desejo trabalhar, desejo ter uma casa, desejo ter uma vida saudável com ela. É o grande projeto do futuro. Vivo um dia de cada vez, já vivo assim há 20 anos, tenho 38. Desde que me foi diagnosticada a seropositividade que vivo um dia de cada vez (...)

## **APÊNDICE E**

Instrumentos relativos à entrevista realizada a AJ

---

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA - AJ

### **Observações:**

Entrevistado: AJ

Data da realização da entrevista: 29 de Setembro de 2015

Local: Comunidade Vida e Paz – Fátima

Duração: 02:06:52

**Investigadora (I)** - Se houver alguma dúvida, alguma coisa que não perceba ou que não esteja tão claro diga.

Pausa (leitura do documento informativo sobre o estudo a realizar e todos os procedimentos necessários à participação voluntária)

**AJ** – Está tudo bem.

**I** – Ok e agora tem de ler este documento (termo consentimento informado) e assinar.

**AJ** – Tenho de meter o nome aqui?

**I** – Tem. Tem que meter aí o nome.

Pausa

**AJ** – Acho que sim. É só para salvaguardar o meu interesse, a minha vida que eu não quero estar a expor-me a pessoas que eu não conheço...

**I** - Você está a colocar o seu nome mas vamos fazer tudo em anonimato. Está bem?

Pausa.

**I** – Então vamos começar aqui pelos dados sociodemográficos, disse-me que tinha 44 anos.

**AJ** - Exato.

**I** - Nacionalidade?

**AJ** – Eu nasci em Moçambique em 1970, estou quase a fazer 45 anos.

**I** – E aqui (em Portugal) é natural de?

**AJ** – A nacionalidade é Portuguesa. A minha mãe é portuguesa, o meu pai é português também.

**I** – Hum-hum...

**AJ** – E eu tenho o passaporte e o cartão de cidadão Português também.

**I** – Então tem dupla nacionalidade?

**AJ** – Não é bem dupla nacionalidade. Não porque isso aos 18 anos a gente tem que fazer uma escolha...

**I** – Hum-hum

**AJ** – Foi o que eu fiz, optei por ser Português, portanto é só, é só a naturalidade portuguesa, aliás a nacionalidade portuguesa que tenho.

**I** - **Ok** e é natural de onde, em Portugal?

**AJ** – Eu venho de Oeiras, ali perto de Lisboa, ao pé da linha.

**I** – É solteiro?

**AJ** – Sou solteiro.

**I** – Escolaridade?

**AJ** – Tenho o 10º incompleto. Ainda fiz algumas disciplinas do 10º ano mas foram só algumas.

**I** – Quais eram as suas condições habitacionais, até entrar aqui na Comunidade?

**AJ** – Era sem-abrigo claro. Eu não tinha casa nem nada.

**I** – E neste momento continua a não ter não é?

**AJ** – Sim.

**I** - Qual foi o seu tempo de experiência como sem-abrigo?

**AJ** – Olhe faça assim eh... saí de casa aos 23 anos eh... e desde os 23 anos até à idade agora que tenho, atual, vão 21 anos, portanto. Em 21 anos só vivi em casas com teto, portanto, por cima de mim para aí por uns 2 ou 3 anos. Já ando na rua há bastante tempo, para ser sincero, já lá vão desde os 23 até agora. É imenso tempo.

**I** – O restante tempo esteve sempre como sem-abrigo, não é?

**AJ** – eh... desde os 23 até aos 44 houve duas alturas em que eu tive casa, eu tive noiva, tinha o meu trabalho, tinha carro, tinha tudo, pronto, e isso foi uma situação que durou 2 anos, depois envolvi-me com outra mulher e tive a viver com ela também mais 1 ano e meio ou coisa assim, agora o resto andei sempre pela rua.

**I** – Hum-hum. Sofre de alguma doença ou condição física.

**AJ** – Tenho hepatite C e B.

**I** – C e B...

**AJ** – Sou um bocado gago também (risos).

**I** – Atualmente possui alguma perturbação psicológica? Tem alguma condição, depressão?

**AJ** – Tenho uma depressão neste momento que me apareceu para aí à 6 meses atrás como consequência daquilo que aconteceu há minha mão. Eu andava a pedir na rua e um polícia veio ter comigo e avisou-me que eu não podia fazer aquilo. Eu fui embora ao fim de meia hora e tornei a regressar ao mesmo sítio. O mesmo polícia viu-me e depois agrediu-me com o cassetete e fez uma lesão aqui na mão, portanto ‘tá a ver, este dedo eu consigo mexer, agora este dedo o máximo que vem para trás é isto. Eu já fui ao médico, o médico disse-me a mim que eu, para o resto da minha vida que eu vou ter assim a mão, quer dizer, e isto afeta-me um bocado porque já me aconteceu à coisa de,

de 9/10 meses atrás, ó coisa assim. E eu ando sempre a pensar nisto porque, eu deito-me a pensar nisto, eu levanto-me a pensar nisto porque...

**I** - Nota que...

**AJ** – A limitação disto ‘tá a ver? É pá, é, eu olhar para as outras pessoas que enfim, pronto, vejo-os a fazer tudo aquilo que elas querem e que eu à 9 meses atrás eu também era assim e que agora eu não posso ser como eles. E depois a depressão que isso me trás é que eu vou ter que viver com isto para o resto da minha vida é... Pronto porque eu fui visto pela médica, a médica disse-me a mim a 1ª vez que eu fui visto por ela, ela ainda me disse que uma operação e tal e coiso e o senhor fica 80% a 90% bom mas depois eu tive de fazer testes à mão e não sei o quê, aos dedos e tendões e não sei quê e ela disse então que: “olhe, pelos exames aquilo que isto me diz é que mesmo que eu o opere a si o senhor não poderá ficar bom”, portanto quer dizer, aquilo foi um choque para mim, então ainda hoje...

**I** – Ainda hoje...

**AJ** – Ainda hoje em dia, por exemplo, quando eu faço a folha até ao fim, a folha de, de...

**I** - Reflexão diária...

**AJ** - De reflexão, quando vem lá a dizer com o que é que se sente mal, eu meto sempre a mesma coisa, com o problema da mão. Sempre, porquê? É uma coisa que eu não consigo esquecer porque, eu só de pensar que eu tenho que viver o resto da minha vida com este problema, pá isto, isto mexe comigo. Sinceramente pá, é, eu sinto que eu perdi a alegria que tinha, aquela vontade que eu tinha, aquele espirito alegre que eu tinha, opá e pronto, e não me sinto bem comigo próprio porque a gente para estar bem com os outros a gente tem que se...

**I** – Sentir bem connosco próprios

**AJ** - Também sentir-se bem connosco próprios e eu neste momento a dificuldade que tenho é essa, quer dizer, eu não me sinto bem comigo próprio sabe, porque isto de fato é um problema que isto mexe imenso comigo opá, e pronto é como eu lhe digo, eu deito-me a pensar nisto eu tenho sonhos sobre isto. Às vezes sonho que tenho a mão boa e

depois acordo e isto era tudo um sonho e não sei quê. Eh... Pronto este é o problema que me traz sinceramente, isto mexe imensamente comigo porque, e depois eu, eu penso sobre o que é que vai ser o meu futuro também, quer dizer, agora como é que eu vou, por exemplo se eu quiser ir trabalhar ou para um restaurante ou para uma fábrica e tiver que agarrar coisas porque, as nossas mãos são dois utensílios que a gente tem que qualquer coisa que a gente faça a gente usa as nossas mãos não é? E eu penso nisso muitas vezes, quer dizer, hoje em dia, por exemplo, eu para agarrar numa faca ó coisa assim do género tenho que dar um jeito especial para agarrar a faca, por exemplo, se eu quiser agarrar um copo, por exemplo, eu tenho que o fazer com muito cuidado. Quer dizer e isto é a limitação que isto me trouxe também é se, pronto, eu olho para os outros e vejo-os a fazer uma coisa tão simples que é tão banal, não é?! Uma pessoa agarrar num copo, ou num prato ou nisto ou naquilo e eu pronto é a dificuldade que eu agora tenho em agarrar um copo, e depois isto mexe comigo...

**I** - Ok

**AJ** - É aquilo que lhe posso dizer..

**I** – Olhe fuma?

**AJ** – Fumo, fumo desde os meus 15 anos, para aí.

**I** – Consume bebidas alcoólicas ou consumia bebidas alcoólicas?

**AJ** – Consumia Vodka normalmente.

**I** – Era a sua bebida e eleição?

**AJ** – Era a bebida de eleição. E cerveja também consumia.

**I** – Consumia drogas?

**AJ** – *Ya*, consumo drogas desde os meus 16 anos também, haxixe, comecei pelo haxixe.

**I** – Haxixe era a sua droga de eleição?

**AJ** – Não heroína é a minha droga de eleição. Hoje em dia claro.

**I** – Mendigava?

**AJ** – Mendigava, mendigava.

**I** – Disse-me que começou a beber com que idade?

**AJ** – Eh... eu comecei a beber para aí aos 16 anos mas eu não era alcoólico, eu bebia só para me divertir, só com amigos, só ao fim de semana e de vês em quando, agora alcoólico, alcoólico eu tornei-me eh... pronto, eu tornei-me alcoólico a partir aí dos 35 anos, mesmo alcoólico, mesmo, pá daqueles que é... que era compulsivo mesmo pronto, eu bebia todos os dias e mal eu acordava de manhã às 07h da manhã eu bebia logo uma garrafa de vodka, por exemplo, às 07h da manhã. Isso foi o que me aconteceu pronto mas eh... isto, porque eh... eu não vivo aqui em Portugal desde os meus 23 anos só. Eu andei, eu andei 18 anos, andei 9 anos em Inglaterra e depois fui para a Dinamarca e pronto, e depois é assim eu saí de casa porque, porque eu não quis que a minha mãe, ela, pronto, ela me visse a consumir, então o que disse à minha mãe foi: “ mãe pagas-me o bilhete para Inglaterra?”.

**I** – Hum-hum...

**AJ** – Eu tinha uma prima que era professora de inglês, e então essa prima minha ela telefonou para várias quintas em Inglaterra e houve um patrão que disse “Olha ele que venha”, então, eu com 23 anos, eu saí de casa e..., mas o mais giro, pronto e aquilo tudo para mim era tudo novo, era uma aventura, pronto e... o que aconteceu foi que eh... eu de fato comecei a viciar-me um pouco nessa vida porque era só pessoas hippies, pronto, esses ingleses hippies que fumam ganzas e pronto...

**I** - Sim, sim.

**AJ** - ... e têm festas próprias eh... de, de LSD e não sei o quê. E depois quer dizer, eu trabalhava de dia, sim, e depois à noite havia sempre festas. Porque eu em quintas há sempre para aí 30 ou 40 pessoas e todas as noites há sempre festas, ou na caravana daquele ou na caravana do outro e pronto e há sempre aquelas festas. Eu tinha a minha caravana e desde que saí de casa fui viver para essa caravana. E depois, o que é certo, é que eu comecei a me adaptar àquela vida de sem-abrigo. Eu tinha um teto pronto, eu tinha um teto que era a minha caravana mas eu não tinha o conforto de ...

**I** – Uma casa...

**AJ** – Uma casa, mas eu, para lhe ser muito sincero eu era uma pessoa feliz. Eu não sentia a falta de uma casa eh... eu não sentia mesmo, estou-lhe a dizer. Se calhar porque eu quando saí de Portugal e fui para Inglaterra era tudo novo, opá e, e eu quis experienciar outras coisas e tudo mais. E então como era tudo novo eu não pensei, todos os dias era um ... dia diferente. E então o que aconteceu foi que, pronto eh... eu fui ficando eh... a viver em caravanas e quintas, eu ia de quinta para quinta. Pá e andei assim para aí uns 7 anos. Mas eu não senti falta de uma casa. E depois, ao fim desses 7 anos eu conheci esta rapariga que depois foi a minha noiva, entretanto eh... ela teve a ideia de arranjar uma casa para nós e tudo mais, e então eu aceitei e fui viver com ela. Mas eh... eu para lhe ser muito sincero acho que eu não me adaptei, eu não me adaptei a essa vida porque aquela vida de campo e de viver em caravanas acho que já estava entranhada em mim, sabe? Porque acho que aqueles 7 anos foram uma experiência um bocado m...

**I** – Marcante?

**AJ** – Marcante para mim, pois. E, e... e portanto quer dizer eu quando fui viver com ela eu não, eu não, pronto, eu não pá, como é que eu eI - de dizer? Eu não me sentia bem em ter essa casa porque, quer dizer, eu tava bem em casa mas eu não tinha outras pessoas com quem eu pudesse estar e conviver e não sei o quê, porque eu sentia falta disso, pronto e depois o que aconteceu, quer dizer, eh, ah, nisto tudo andei sempre a consumir, eu nunca parei de consumir, desde os meus 16 até aos meus 42 anos eu nunca parei de consumir eh... as únicas vezes em que eu tive limpo e sóbrio, as únicas, as únicas vezes foi quando estive aqui em tratamento, porque este é o segundo tratamento que estou a fazer. Portanto eu estive aqui 1 ano e dois meses e tive limpo e sóbrio e só quando acabei o meu tratamento, ao fim de 3 ou 4 dias tive uma recaída e depois, pronto, e, e... depois andei sempre assim até tornar a pedir ajuda para vir para cá e pronto e foi isso que me aconteceu, portanto, eu não sei o que é viver a vida lá fora limpo e sóbrio, eu não sei, porque desde os meus 16 anos que eu andei em consumos, por exemplo, eu quando cheguei aqui a Portugal a minha droga de eleição era heroína e continua a ser hoje em dia mas eu deixei Portugal e fui viver para lá, durante 2 anos eu não consumi heroína, eu substitui por outras drogas: LSD, os *ecstasys*, o álcool também, pronto essas drogas. Pronto e eu sinceramente quero viver limpo e sóbrio, eu não tenho,

pronto eu não sei o que é viver, eu nunca vivi assim. A única vida que eu conheço é a vida da rua e andar alterado, sempre alterado desde os meus 16 anos eu não fiz outra coisa pá. E depois é claro que as, as decisões que eu tomei na vida, as minhas escolhas é que me trouxeram aqui, eu sei disso. Além de ser toxicodependente, isto é assim, eh... eu sou toxicodependente e sou alcoólico mas eu tenho a consciência sobre as coisas que faço porque eu sei aquilo que está mal e aquilo que está bem. Só que isto é uma doença que sinceramente ainda hoje eu estava a partilhar isso e aquilo que eu digo é eu não encontro explicação para isto porque eh... sou uma pessoa que é normal que, eu não tomo drogas nem nada disso, e devem pensar assim “Este tipo é um ganda maluco”, então quer dizer ele teve empregos que, eu já fui polícia, eu já trabalhei para os correios ingleses, por exemplo. Eu tive bons empregos, eu deitei tudo a perder, essa é que é a verdade mas se as pessoas me perguntarem “Porque é que fizeste isso pá?” eu não encontro...

**I** – Uma explicação...

**AJ** – Explicação para isso pá, sinceramente, eu não encontro. Eu estou aqui em tratamento, eu estive aqui no meu outro tratamento, eu tinha outra ideia disto. Eu quando tive aqui a minha primeira vez, eu pensava “Eu vou acabar este tratamento” e “Eu já estou bom” e “Estou curado” e não sei o quê. Hoje em dia, quer dizer, eu já não penso assim. Eu às vezes até ouço outros colegas a falar “Ai eu quando sair daqui eu já estou bom” e não sei quê, quer dizer, eh... como é que eu heI - de dizer eh... excesso de confiança e pronto, e isso é uma coisa que eu hoje em dia eu tenho um... muito respeito é pela doença porque eu sei que, que a qualquer momento, epá eu posso ter uma recaída, eu sei disso porque eu olho para outras pessoas, por exemplo, que já tão limpas, por exemplo, eu às vezes em grupo ouço pessoas a partilhar “ai eu já tive limpo 3 e 4 anos” e não sei o quê “pá e depois tive a recair”, opá quer dizer eu não sei o que é que isso é porque eu nunca tive limpo 3 ou 4 anos e nem encontro explicação porque é que eu vou sempre atrás disto, porque isto, eu parece que tenho aqui uma coisa aqui a chamar-me “J vai à heroína” “Ó J vai à heroína” porque é, é a única coisa com que eu me sinto bem é com a heroína porque dá-me aquela paz de espírito que eu não encontro em mais nada. Nem com mulheres, nem com carros, nem com trabalhos, nem nada disso, está a perceber? É mesmo só a heroína, é a única coisa que me faz ter aquele prazer de que eu realmente gosto. Pronto e depois por causa disso quer dizer eu perdi tudo: a mulher, o carro, a casa, eu não tenho filhos, eu pelo menos tive a consciência de nunca ter filhos

porque eu sabia o problema que tinha e eu pronto, e eu pensava sempre se eu um dia vier a ser pai eu vou ser um pai mau, ausente, porque eu não tenho condições também e tudo mais, pronto e porque a minha noiva, ela várias vezes falava comigo: “Ai ó J vamos ter um filho” e não sei quê, eu sempre a adiar a dizer que não, a dizer que não, mas depois a adiar para depois e depois, quer dizer, e porque eu andei a esconder dela o meu uso, claro. Por exemplo, dava mil e uma desculpas ó tinha que me dar dinheiro para o seguro, ou tinha que me dar dinheiro para a minha mãe, tudo assim, tá a perceber? E eu, eu vivi com ela 2 anos e tal e andei sempre a enganá-la até que houve um dia que ela chegou a casa e eu disse assim: “isto vai acabar eu vou ser honesto para ela, eu vou-lhe contar tudo aquilo que está a acontecer comigo” e contei. Eu contei, ela ficou assim um bocado surpresa, pronto, eh, assim um bocado triste também não é, e nesse dia a gente fomos para o quarto e eu acordei para aí às 4 da manhã e quando acordei ela não ‘tava lá ao meu lado, não ‘tava lá ao meu lado, o irmão dela estava a viver connosco e fui perguntar a ele “Então que é da Fiona?” “ah a Fiona foi - se embora” “foi - se embora para onde?” “Ó foi para casa ó... da irmã ou o que foi” e eu então eu telefonei para casa dessa irmã dela e disse-lhe a ela para ela vir ter comigo para a gente conversar sobre o assunto. Ela veio ter comigo, então aquilo que eu lhe fiz foi a promessa que ia entrar no programa de metadona e que ia deixar a heroína. O que é que ela fez, ela disse-me assim “Olha J eu fico com as chaves de casa, fico com as chaves de casa e eu venho cá ver-te de dois em dois dias para ver como é que tu estás” e não sei o quê. Então de dois em dois dias ela vinha-me ver, a ver se eu estava melhor. A verdade é que eu nunca melhorei, antes pelo contrário, só piorei e depois entrei, quando, quando ela se afastou mesmo de mim, então aí eu entrei numa depressão, eu não falava com ninguém porque eu sou gémeo com outra pessoa e o meu irmão gémeo, nós eh... aliás ele, tudo o que se passa com ele, ele conta-me e tudo o que se passa comigo eu conto-lhe a ele, portanto ele sabe tudo acerca de mim, eu sei tudo acerca dele mas nem mesmo assim quando eu ia ter com o meu irmão, às vezes a gente ia sair epá e eu não, eu não abria a boca sequer. E ele virava-se para mim e dizia assim “Ó J o que é que se passa contigo, pá? Tu nem uma palavra dizes, tu não dizes nada? Pá diz alguma coisa rapaz” mas eu não dizia, a depressão era tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, tão grande que eu não tinha a mínima, a mínima vontade de falar, eu não conseguia estar com ninguém, ao pé de ninguém, eu não conseguia ver ninguém, absolutamente nada, pronto e depois quer dizer foram esses 7 anos que eu andei a viver em caravanas e não sei o quê, depois eu conheci a rapariga, andei com ela dois anos, a gente esteve a viver

numa casa. Eu sentia essa falta das festas e não sei quê, entretanto quando eh... ela se afastou de mim eu tornei a regressar há minha vida, tornei a viver em quintas e caravanas e não sei o quê, pronto e depois só em 2000 e..., pronto isto, isto aconteceu com ela, isto foi no ano 2000 que eu tive com ela até ao ano 2002 e depois no ano 2005 conheci outra rapariga e essa rapariga, ela convidou-me para ir viver com ela, ela tinha uma casa, eu fui viver com ela, ela tinha um filho também eh... a gente demo-nos bem ao principio porque ela não gostava de adictos...

**I** – Hum-hum...

**AJ** - ... e ela não sabia que eu era adito. Até que um dia à mesa, porque eu injeto-me sabe, eu injeto-me e então um dia à mesa, ela olhou-me para a mão porque eu injetava-me aqui...

**I** – Hum-hum...

**AJ** – “ Ó J o que é que andaste a fazer?” não sei o quê, pá e ela viu logo que aquilo, que eu andava a fazer, eu não lhe pude mentir porque ela odiava pessoas que tocassem em heroína e cocaína, ela odiava essa gente, ela charros ainda fumava...

**I** – Hum-hum...

**AJ** – Ela charros ainda fumava agora heroína e cocaína ela não podia com isso e depois ela avisou-me “Ó J ou ficas com a heroína ou ficas comigo e eu outra vez eu também disse “vou largar isto e não sei quê e não sei que mais”. É claro que depois eu estava em casa dela a viver com ela e ela ia-se apercebendo de fato que eu não fazia nada daquilo.... Até que chegou aquele ponto de pá, eram discussões todos os dias e ela “tu só queres aquela droga e o teu irmão”. Porque o meu irmão é “outro pronto para a missa”. Isto é assim, porque nós somos gémeos e começamos os dois a consumir eh pá na... na mesma altura.

**I** – na mesma altura.

**AJ** – E... depois aquilo que aconteceu foi que eh... ele a droga de eleição dele é a mesma que a minha e depois é essa, quando a ele não lhe apetece ir consumir eu digo “Anda lá António e não sei o quê”, ele vem consumir, quando a mim não me apetece ir consumir a ele apetece “Anda lá J, anda lá consumir”.

**I** – São parceiros de consumo?

**AJ** – É mesmo, é mesmo...

**I** – Olhe...

**AJ** - ... é uma relação má, é um bocado, mas o que é que eu hei-de dizer? Eu gosto dele eu amo-o muito mas eu sei que se eu quiser ter sucesso e estar em recuperação eu sei que nos próximos 2 anos ou 3 anos eu não posso envolver-me com ele porque se ele tiver comigo, a gente os dois a única coisa que a gente sabe fazer é ir consumir.

**I** – Hum-hum...

**AJ** – E portanto acho que, acho que é tempo de, de eu apesar de o adorar e do amar e ele a mesma coisa a mim acho que o tenho que por um pouco de parte porque opá senão isto, isto nunca vai parar porque, quer dizer, e depois também porque eu começo a sentir-me um pouco cansado desta vida também, sinceramente. Quando a gente anda lá eu não me sinto cansado sabe porquê? Sabe porque é que não me sinto cansado? Porque temos a motivação para pronto porque a droga dá-nos a motivação para ir pedir ou para roubar, ou manipular ou enganar ou isto ou aquilo. E então é, é a motivação que a droga me dá eu não me sinto cansado mas depois eh... quando eu faço o tratamento aí é que os sentimentos começam a vir “ó J não é tão bom tu acordares às 7h00 da manhã e não estares a ressacar nem do álcool nem de drogas nem nada disso?” Pá eu gosto de acordar todas as manhãs e não ter que passar pelo sofrimento que...

**I** - De uma ressaca...

**AJ** - ... eu passava...

**I** – Exatamente...

**AJ** – e hoje em dia eu penso nisso mas às vezes eu também penso que amigos meus uns já se mataram e deixaram bilhetes tipo do género “eu não encontrava uma solução para a saída deste problema” opá e uns enforcaram-se, outros overdose e depois, eu tenho também, por exemplo, os meus piores anos, os meus piores anos de todos foi quando eu fui para a Dinamarca porque a Dinamarca é um país extremamente rico, há poucas pessoas, a droga é um pouco cara também mas eh, as pessoas ajudam muito aqueles que

têm pouco e eu então a única coisa que eu fazia era eu pedia dinheiro mas aquilo tornou-se pá eu como é que eu hei-de dizer, eu já fazia aquilo com, com à vontade, uma coisa imensa. Eu não fico ali numa esquina à espera que as pessoas me venham dar dinheiro, nada disso, vou ter com as pessoas, portanto, enfim, vinha a passar na rua eu ia ter consigo: “eu sou um sem-abrigo podia-me ajudar ou isto ou aquilo” então eh... pode não acreditar nisto que eu vou dizer mas esta é que é a verdade, eu por dia eu fazia um mínimo de 150€ e só para aí em 4 horas e meia.

**I** – Hum-hum...

**AJ** – Eu só trabalhava por exemplo das 10h da manhã até às 3h da tarde depois não fazia mais nada era só consumir porque, aquilo porquê, porque eram só 4 horas e fazia dinheiro para o resto do dia...

**I** – Você ainda na Dinamarca vivia na rua? Vivia como sem abrigo?

**AJ** – Na Dinamarca eu fui viver... Eu quando fui para a Dinamarca eu fui trabalhar para uma quinta, só que o patrão ele disse: “olhe J eu vou vender a quinta portanto tu estás por tua conta e vais ter que arranjar outro emprego”. Ele como me deu para aí uns 5.000€ ou coisa assim, eu fui até à capital que é a Copenhaga e fui para lá, só que a Dinamarca é um país que oferece imensas condições aos sem-abrigo, portanto, há montes de albergues, mas albergues que não têm nada a ver com isto aqui, é uma coisa que é asseio, higiene, é comida quente, é computadores, as pessoas... não falam com aquela a, a...

**I** – arrogância?

**AJ** – Arrogância, eles entendem-nos e falam bem com a gente, pá pronto, e eu, mas eu mesmo assim eu sabia que tinha albergues eu às vezes evitava ir para albergues porque encontrei uma garagem, uma coisa imensa e aquilo não tinha água nem luz e lá os invernos são super frios e eu houve alturas por exemplo, de inverno que aquilo lá é 17 e 18 graus abaixo de zero. E eu ia para a cama de botas calçadas, acredite que é verdade. Mas eh, mas ao mesmo tempo eu não pensava muito acerca disso sabe, porque andava sempre a consumir e depois, por exemplo, eu era português, eu vivia com um inglês, depois vivia com um alemão, um dinamarquês, uma finlandesa, era tudo misturado e eu adorava essas coisas há sempre coisas novas que as pessoas ouvem, hoje ouço um

amanhã ouço outro, pá, e nunca é igual sabe? E eu como já tinha a experiencia de ter vivido em Inglaterra, não é, e eu adorava esse meio de, de estar a comunicar com, com outras pessoas de...

**I** - Outras nacionalidades...

**AJ** - ... outros países e nacionalidades eu adorava isso. E então aquilo pronto quando eu fui viver para a garagem era, pronto, era esse inglês, o dinamarquês, o alemão, a finlandesa, pronto e depois acabava por estar um bocadinho só comigo e mais uns três ou quatro, e eu adorava estar com eles, porque isto é um bocado estranho, quer dizer, onde eu vivia, havia um albergue para aí a 400 metros e eu não ia para esse albergue opá porque queria estar com eles, e mesmo com o frio que era de inverno, essas coisas todas, mas como a gente todos os dias era dia de festa, a gente bebia, fumava e estávamos a li a conversar e não sei quê e eu pronto não sentia aquela falta de ter uma casa nem nada disso opá porque isto é uma coisa que, às vezes, eu mesmo com as pessoas a ouvir-me partilhar isto até dizem “este gajo é maluco”, mas o que é certo é que eu nesse tempo eh... eu sentia-me feliz também ao mesmo tempo sabe? Ele não, isto é um bocado difícil de dizer mas eh... pronto eu não sinto aquele, há pessoas que querem ter carros e casas e roupas e coisas do género. Eu não penso em materialismos, sabe? Eu não sou uma pessoa, eu pronto, eu desde que tenha por exemplo, um fogão, uma televisão, aquecimento, opá para mim é suficiente, porque eu vivi assim muitos anos pronto, e não peço aquelas coisas que as outras pessoas pedem, sabe?

**I** - Sim.

**AJ** - ...eu já me habituei a isso. Opá eu sou uma pessoa simples, eu fui sempre uma pessoa simples está a ver? Há pessoas que dizem: “Ah eu gostava de ter”, eu também gostava mas eu não sinto aquela necessidade sabe? Eu não sinto porque opá porque estes anos todos andei pela rua, fui feliz assim, e sentia-me feliz por comunicar com outras pessoas de outros países e coisas do género assim, eu sentia-me feliz assim. Epá e ainda hoje, às vezes, pronto é triste eu dizer isto mas é que é a verdade, às vezes eu sinto pena desses tempos sabe? Quando era mais jovem e andava em festas, por exemplo, eu fui para a Índia por exemplo, eu fui para a Tailândia...

**I** – É um homem viajado...

**AJ** - ... eu fui para o Nepal... eh, eu vivi na Holanda também, por exemplo, eu na Holanda, eu tive de me vir embora da Holanda porque senão eu tinha morrido na Holanda, porque lá as drogas epá são super boas, opá e então aquilo pronto, eu ganhava bem, as drogas também são muito baratas, sabe? E 'pá e então aquilo que eu fazia portanto era andava a consumir, acho que era 4 gr de heroína por dia, veja lá bem. É que eu depois se eu fosse, eu funciono um pouco assim, eu sou uma pessoa de excessos, por exemplo, eu sei que por exemplo, eu já, eu em toda a minha vida, por exemplo, pode não acreditar nisto mas isto é verdade, eu já tive 20 e tal overdoses, eu estou aqui a falar consigo mas nem sei como é que estou vivo, por exemplo, aquilo que eu fazia era eu fechava-me em casas de banho, por exemplo, fechava-me em casas de banho, injetava-me, depois só acordava as vezes ao fim de 4 ou 5 horas e tinha a agulha espetada no braço. Por vezes, por exemplo, já me aconteceu por várias vezes ter overdoses no meio da rua, isto é verdade, aqui é um hotel depois era só atravessar a rua e eu tava aqui deste lado do passeio, e eu injetei-me em frente a esse hotel, eu cai no chão e tive inanimado para aí umas 2 horas e ninguém me socorreu, foi o que me aconteceu, e quando eu acordei a primeira coisa que fiz foi levar as mãos aos bolsos. Já me tinham levado o dinheiro, o passaporte, essas coisas todas. E sabe que me aconteceu algumas 7 ou 8 vezes ou assim. Pronto, eu sou uma daquelas pessoas que gosto mesmo de ir ao limite sabe? Por exemplo se, eu posso estar aqui, mesmo assim, mas se meterem um pouco mais de droga à minha frente eu vou consumir essa droga toda, quer dizer, eu consumo até não haver mais nada para consumir. Pronto e depois eh... eu na Dinamarca de fato foi a pior altura da minha vida porque ora eu consumia 1 gr. e meia de heroína por dia, eu consumia a metadona logo às 7h00 da manhã, eu consumia vodka logo também às 07h30 da manhã, depois fumava haxixe, depois era a medicação, isto tudo no mesmo dia sabe? Era desde as 7h00 da manhã eu às vezes deitava-me, por exemplo, à meia-noite, adormecia e só acordava no outro dia por vezes às 9h00 ou 10h00 da manhã sabe? Era, eram.... Eu nem sei sabe, aliás...

**I** - Tem que estar mesmo muito grato...

**AJ** - Hã?

**I** - Tem que estar mesmo muito grato por estar vivo.

**AJ** – Eh... Eu estou muito grato por estar vivo, aliás quando acabei o meu tratamento, a primeira coisa que eu fiz 4 dias depois foi eu comecei a beber e bebi para aí umas 20 cervejas. Nesse dia à noite eu decido injetar-me com... heroína. Injetei-me com heroína, tive uma overdose é claro, eu tava limpo há não sei quantos dias, há 13 meses ou 14 meses. O que é que aconteceu? Tive uma overdose no meio da rua, houve pessoas que viram e socorreram-me, por acaso nesse dia tive sorte eh... eu tive que levar choques elétricos aqui e tudo mais eh... e houve pessoas que, que eles já me conheciam da rua, e quando me viram assim até disseram: “ele já morreu” e não sei o quê, “ele já está morto” e não sei o quê e foram-se embora. O que é certo é que eu não morri e no outro dia quando ia a andar na rua viravam-se para mim: “então mas tu, tu estás aqui vivo? Eu ontem à noite vi-te morto como é que estás aqui vivo e não sei o quê?”... Eh isto já me aconteceu eh, pá mas é assim eu sou uma pessoa que gosto de ir mesmo até ao limite e depois pá, pronto, tenho a sorte de estar vivo, eh...

**I** – E isso é muito bom (continuar vivo). Deixa-me só perguntar-lhe uma coisa, o seu início de situação como sem-abrigo foi essa ida para Inglaterra?

**AJ** – *Ya*, foi essa ida para Inglaterra.

**I** – Com que idade?

**AJ** – Com 23 anos.

**I** – Hum-hum...e viveu sobretudo em caravanas?

**AJ** – Em caravanas, exatamente.

**I** – Depois da Inglaterra foi para a Dinamarca onde vivia na rua nessa tal garagem?

**AJ** – Não eu fui para esta quinta que tinha umas caravanas eu tive lá 1 ano e tal ou 2 anos, depois o trabalho acabou e tive de ir para a rua. E fui viver para a garagem onde tive até ao fim.

**I** – Depois da Dinamarca?

**AJ** – Depois da Dinamarca e digo-lhe uma coisa vim aqui para Portugal, mas eu digo-lhe uma coisa, o ser um sem-abrigo lá e ser um sem-abrigo cá em Portugal...

**I** – É totalmente diferente...

**AJ** - ... é totalmente diferente. Doutora, não tem mesmo nada haver, isto aqui em Portugal é cem vezes mais difícil, você não está a ver, mas é mesmo do dia para a noite, você não está a ver...porque lá...

**I** – Conte-me como foi.

**AJ** – ... eles dão-nos roupa para o frio, por exemplo, lá é assim, isto é só um pequeno exemplo, lá a polícia, por exemplo, todas as noites eles andam com um carro a ver se à sem-abrigos a dormir no meio da rua porque àquelas pessoas que são alcoólicos, opá assim como eu e eu tive amigos meus que morreram assim que, por exemplo, lá quando é inverno, é dia só às 9h00 da manhã e às 3h00 da tarde é completamente noite e que era um frio de rachar. Então o que acontece é que a vodka é uma bebida que nos aquece e foi por isso que eu comecei também a beber vodka eh... e o que acontece é que às vezes a gente junta-se, depois um começa-se a ir embora, outro vai-se embora, até que fica lá só um e se esse um, se ele lá ficar e se ele adormecer é morte certa, ele nunca mais acorda, então o que a polícia faz é andar a fazer rondas, a ver se veem sem-abrigos, pronto, e caso vejam um sem-abrigo agarram nele vão polo a um albergue, fica lá ele não morre e fica bem ali e depois nesses albergues, eles dão-nos roupa, por exemplo, à coisas que isto de estar aqui em Portugal custa-me bastante sabe? Porque eu já vivi outras...

**I** – Outras realidades...

**AJ** – Outras, exatamente isso, outras realidades e aqui em Portugal isto de facto é ...

**I** – Tem algum episódio marcante?

**AJ** – a onde?

**I** – como sem-abrigo aqui em Portugal.

**AJ** – Ehh... Epá já, por exemplo eh, por exemplo, olhe eh, eu por exemplo, eh, fui para o albergue de Alcântara que é um dos melhores de Lisboa e não sei o quê, um dia fui apanhado a dormir, por exemplo, não, um dia eu fui apanhado a entrar e tinha droga comigo e eles disseram assim: “olha agora durante 7 dias vais ter que ir para outro

albergue, o de Xelas, mas aquilo em Xelas é terrível, você não está bem a ver, aquilo é mesmo, aquilo é uma imundice. Eu digo-lhe uma coisa, o primeiro albergue que eu vi aqui em Portugal foi ali para Xelas e eu vinha habituado aquele conforto da Dinamarca, daquelas coisas todas. Quando ali entrei naquele albergue, doutora você não está bem a ver, aquilo foi um...

**I** – foi um choque...

**AJ** – Foi um choque, você não está a ver. O segurança ali encostado, eu nos albergues da Dinamarca? Ninguém estava encostado à gente, se a gente quisesse ir consumir para a casa-de-banho a gente ia consumir para a casa-de-banho, não havia problema nenhum. Aqui a primeira vez que (quis consumir no albergue) veio o segurança encostar-se a mim todo: “então mas o que é isto? Mas estás a *snifar*?” Coisas assim do género sabe? e lá (referia-se à Dinamarca) isso nunca aconteceu. E depois foi um choque para mim e pronto e então fui apanhado com a medicação e “vais agora para Xelas”, mas como ao lado de Xelas havia uma casa abandonada, eu disse assim “eu não vou ali ficar que aquilo é tudo porco” e não sei o quê.

**I** – Preferiu ficar na casa abandonada.

**AJ** – E fiquei nessa casa abandonada e sozinho e tudo, bem e pronto. Pronto e só para lhe dizer, eu preferia estar ali do que estar epá com pessoas à minha volta a roubarem e a coiso. Aquilo olhe doutora aquilo é um sitio que aquilo é mesmo o fim do mundo, estou-lhe a dizer, é mesmo o fim do mundo. Eu, opá, eu não estou nada habituado a essas coisas porque a realidade é completamente opá é mesmo outra cá. E então o que aconteceu foi que eu preferi estar ali sozinho e o que aconteceu foi por exemplo, às vezes às 2h da manhã e 3h da manhã iam para lá pessoas injetarem-se e iam ter comigo a perguntarem-me o que é que eu estava ali a fazer, “então mas está ali um albergue, porque é que não vais para o albergue?” “Prefiro estar aqui”. Aqui nunca me aconteceu pronto aquilo que eu aqui fazia, por exemplo, aqui em Portugal uma coisa que eu aqui fazia era pedir. Então ia ali para o Caís do Sodré, para o Martim Moniz, para o Chiado pronto e era nessa área que eu andava a pedir. Então por exemplo, eu começava às vezes a pedir, às 10h da manha até às 3h, 4h da tarde e só fazia 45 euros veja lá, em 6 horas ou 7 horas ali a pedir, se eu tivesse na Dinamarca eu em 4 horas fazia 150 euros “o que é que eu estou aqui a fazer nossa senhora?” Mas a realidade lá é completamente outra...

**I** – então o que é que acha que era a imagem que os outros tinham de si como sem-abrigo? O que é que você acha?

**AJ** – A onde? Cá ou lá?

**I** – Cá (em Portugal). Qual é o sentimento?

**AJ** – Olhe eh o único sentimento que eu tenho é de culpa e de vergonha e tudo mais é perante a minha família, agora quanto às outras pessoas, porque quando ando a pedir dinheiro nas ruas eu não penso nisso...

**I** – e não se apercebe de julgamentos? Nem da perceção das outras pessoas?

**AJ** – Eu não quer saber, não me interessa e desde que essas pessoas me deem dinheiro para mim está tudo bem. Aliás houve várias ocasiões em que eu pedia dinheiro e respondiam “vai te embora, vai para o “alho” e depois “és um chulo, és um drogado e isto e aquilo”, isto aconteceu-me muitas vezes, mas eu nunca dizia nada, ia-me embora e via outra pessoa e dizia “olhe sou sem-abrigo pode ajudar-me por favor?”. Eu acho que a droga sabe o que é que a droga faz a mim? Eu acho que aquilo que a droga faz a mim é tira-me os sentimentos todos. Ao longo destes anos todos penso que me tornei uma pessoa mais fria, sabe? Amarga sabe? Como eu já vi tanta porcaria também, já fui para a Índia e você não está bem a ver, a Índia é um país que aquilo é uma miséria que é uma coisa incrível, você não está bem a ver, aquilo é mesmo horrível. Opá e lá uma pessoa vai no meio da rua e vê-se um cão morto, tem os ossos todos à mostra e pessoas as suas necessidades no meio da rua e coisas assim. A Índia é mesmo, mas lá, sabe porque é que eu fui para a Índia? Porque na Índia a heroína tem um preço muito baixo e a qualidade é muito alta, o preço é muito baixo a qualidade é muito alta. Fui para a Tailândia porque lá é a mesma coisa, a heroína está em toda a parte, é muito baixa e a qualidade é muito alta. Então todos os países em que fui eram países que eu escolhia porque eu sabia que lá eu podia encontrar a minha droga de eleição e, pronto e apesar de pronto, de eu ir de férias, porque lá, se a gente levar 1.200€ a gente pode ficar lá a viver para ai uns 5 meses, a gente almoça todos os dias, a gente janta todos os dias, a gente anda de táxi, a gente compra drogas e é super barato. E tem um bom clima, a comida é boa. Uma vez tive lá 5 meses, outra vez tive lá 2 meses e meio, depois fui para a Tailândia, ainda tive lá 2 meses e meio também, tive no Nepal onde fui até aos Himalaias, ainda fui aos 5.500 metros de altura. Eu fui a partir dos 23 anos, de facto eu

passei a andar pela rua e depois quando a gente toma o gosto a essas coisas, a gente nunca mais pára. Ainda hoje, por exemplo, às vezes, em grupos à pessoas que dizem “Ó J tu não tens sentimentos nenhuns?”, eu as vezes até posso ver uma pessoa cheia de fome e até ter dinheiro mas se eu pensar assim se eu for dar dinheiro a esta pessoa, depois se eu quiser ir consumir, eu não consigo consumir e assim, não dou dinheiro nenhum. Pronto eu funciono um bocado assim quando estou a consumir, está a perceber? Quando eu estou a consumir eu não ajudo ninguém...

**I** – Exatamente...

**AJ** – eu não ajudo ninguém, a única pessoa que eu ajudo é a mim mesmo, eu não penso nos outros, nos sentimentos dos outros e, por vezes, eu tenho a consciência de que estou a fazer mal mas eu não consigo parar, esse é que é o meu problema e ainda hoje, eu sei que quando acabar aqui o tratamento isto não oferece nenhuma garantia que a pessoa fique bem, eu sei que não oferece...

**I** – depende sobretudo de vocês mesmos...

**AJ** – Depende mesmo de nós mesmos é mesmo isso... ainda hoje estava a partilhar em grupo e haviam lá pessoas que diziam assim: “Ah e tal o mais importante de tudo é ir a reuniões e não sei o quê” mas há aquelas pessoas que nunca foram a reuniões e estão bem na vida. Há pessoas que nunca foram a reuniões ou não se identificam com aquilo ou não gostam daquilo opá e estão bem na vida e não é pelas reuniões que uma pessoa fica livre disso, essa é a conclusão que eu tirei. Há pessoas que vão a reuniões e entram em recuperação, há pessoas que não vão e entram em recuperação à mesma. E depois a Dr.<sup>a</sup> disse assim: “acho que falta a vocês falarem sobre o vosso problemas e os vossos sentimentos” mas o que é que eu posso mais dizer? A única coisa eu disse foi: “o sentimento que eu tenho pela droga é uma coisa inexplicável que não há palavras para eu descrever isso, não há palavras”, quer dizer até os cientistas que estudam os problemas neurológicos nem eles têm uma explicação para isso. Como é que eu posso ter as respostas para isso? Eu só sei é que às vezes, por exemplo, eu posso andar muito bem e eu até concordo com aquilo que diz o programa, é mesmo só por hoje, porque isto pode haver aqui um clique sabe e amanhã sou, nem que venha de lá o papa, se isto faz aqui um clique e a minha cabeça vai para aquilo é para lá que eu vou, venha lá quem vier. E depois quando meto algo na minha cabeça não há ninguém neste mundo que me

consiga dizer para parar. É que depois eu fico tão obcecado naquilo, é uma obsessão tão grande que não consigo pensar em mais nada, eu só penso naquilo e mesmo eu sabendo que ou vou chegar tarde ao emprego ou não fui ter com a namorada por causa daquilo ou mesmo que sei lá, uma coisa qualquer, eu sei que estou a agir mal mas eu não deixo de ir eu vou, porque a minha obsessão é aquela, eu vou comprar a droga e só depois é que vou ter com aquela pessoa e só depois é que vou trabalhar, só depois é que vou fazer as coisas que tenho a fazer, eu sei que tenho de dar prioridades às coisas que eu mais necessito mas quando a gente entra neste mundo, as prioridades acabam-se, a gente troca tudo por aquilo, não há prioridades, a única prioridade é só ir consumir agora um emprego, um filho, um carro, tudo o resto fica tudo para trás pronto e se perguntar, por exemplo, às vezes as pessoas perguntam-me: “Ó J mas tu não achas que já sofreste o suficiente?” Eu não sei aquilo que hei-de responder às pessoas porque eu quando me encontro eu não penso nisso, eu sinceramente não penso nisso. Quando eu estou lá a droga abstraí-me de tal forma que eu nem penso nisso nem se as outras pessoas pensam mal de mim, não tenho essas paranoias. Agora quando ando limpo e sóbrio aí tenho essas paranoias...

**I** - Sim e apercebe-se de algumas perceções dos outros...

**AJ** – É claro que me apercebo, por exemplo, eu vou ao café ali de baixo e aquilo é um café que às vezes param lá alcoólicos que você não está bem a ver, aquilo é uma coisa terrível e eu às vezes penso assim “esta era a figura que eu fazia há 7 meses ou 8 meses atrás” e não gosto daquilo que vejo.

**I** – E você não sentia isso? Na sua altura, dos outros? Nunca tomou atenção a isso?

**AJ** – Não, não havia hipótese. Não porque eu era igual a eles como é que eu podia sentir isso? Agora quando uma pessoa está do outro lado é que a pessoa tem facto a perceção que os outros têm de nós de quando a gente se encontra a fazer aquelas figuras. Eu é como lhe digo, eu vou ao café e vejo aquela figura “Este gajo era melhor ir para casa e deita-te que é o melhor que tens a fazer!” é o que me apetece dizer à pessoa não é. Pronto mas eu penso “este gajo está aqui a fazer uma figura incrível” e depois concluo “opá ó J não comeces a criticar esta pessoa porque amanhã podia-te acontecer a mesma coisa e tu já foste assim também”. Porque depois há outra coisa que também não concordo aqui em tratamento, por exemplo, ah eu acho que as pessoas têm é que passar

pela experiência porque aqui há muita gente que diz “não eu só vou fazer este tratamento e depois eu já estou bem e tudo mais”, houve o caso do Agostinho e mais alguns que estavam aqui e recaíram... eu falo por mim, quem sou eu para censurá-los, isto já me aconteceu também a mim e pode vir a acontecer amanhã outra vez, por isso eu não vou estar a criticar nem nada disso. Opá aquilo que eu posso dizer ao rapaz é “agora tem calma e leva isto como deve ser”, agora há pessoas aí que criticam, eu tenho que dizer quando eu estive cá a fazer o meu outro tratamento eu também era um pouco assim, eu pensava “ai eu vou acabar o tratamento, eu já estou bem e tudo mais” mas às vezes as pessoas têm que passar pela experiência para...

**I** – Saberem dar o valor?

**AJ** – Para dar o valor a isso e depois às vezes, por exemplo, oiço certas pessoas a partilharem em grupos aquele excesso de confiança que eu também tinha quando aqui passei, pronto isto cada um é como cada qual eh...

**I** – Então para além deste tratamento atual teve também um tratamento anterior aqui e para além destes teve mais algum?

**AJ** – Nunca, eu só entrei em tratamento a primeira vez tinha eu 41 anos.

**I** – Aqui?

**AJ** - Aqui.

**I** – E qual é a importância que atribui a estes apoios?

**AJ** - A importância que eu atribuo ao tratamento?

**I** - A estes apoios institucionais que existem.

**AJ** - Opá é assim sobre estes apoios sociais... eu sou um sem-abrigo tenho de concordar com isto, eu sei que eu não sei combater esta doença, eu meti-me nestas drogas por curiosidade mas depois isto é assim, já fui a escolas uma vez e disse que isto é a curiosidade é que leva a pessoa a tornar-se assim. Porque quando a gente entra depois para sair isto da droga não há heróis, isto quando se entra e quando se começa a afundar cada vez mais depois para sair é quase impossível, há aqueles que conseguem mas se calhar há 4% ou 5% que conseguem, quem me dera a mim um dia vir a pertencer a estas

percentagens, esse é o meu desejo. Mas eu concordo com estas ajudas do estado porque afinal de contas quer dizer eu tenho este problema que tenho que é um problema que não tem explicação, ninguém pode explicar porque é que isto acontece connosco nem eu sei aquilo que acontece comigo como é que os outros poderão entender isso? Acho eu isto é a minha forma de ver a coisa, portanto isto é uma doença que não há explicação para isto, desde que uma pessoa entre aí a pessoa está mesmo “arrumada”. A curiosidade é a pior coisa que existe. Quando se é jovem e vai-se à procura disto é a pior coisa que pode acontecer. Eu quando comecei sabe, os meus colegas, andava tudo no mesmo e eu disse assim para mim: “para não ser excluído por eles eu vou entrar neste grupo porque assim eu posso ser aceite por eles” e foi assim que eu fiz, opá mas eu não sabia o erro que eu estava a cometer nessa altura, aliás em Portugal quando eu comecei havia muito pouca informação. Eu não vou dizer, por exemplo, hoje à pessoas que vão às drogas e têm informação sobre as coisas, eu não estou a dizer isto como justificação, eu também tenho que dizer que nos anos 80, quando eu comecei, não havia nenhuma informação acerca de drogas e nem nunca tinha ouvido falar sobre ressacas, sabia lá o que era uma ressaca! Eu nunca tinha ouvido falar sobre isso. Aliás eu só soube o que era uma ressaca quando a senti pela primeira vez 3 anos depois de ter começado a consumir. Eu nunca soube o que era uma ressaca nem havia informação sobre a sida que tu injetas com a seringa do outro e podes apanhar HIV, não havia informações dessas, não havia informações sobre o que era a ressaca, não havia nada pronto...

**I** – E quando começou foi através destas relações de amizade?

**AJ** – Claro foi através das relações de amizade e quer dizer eh... pronto...

**I** – Ou seja, estas eram as suas relações do passado? Como é que vê agora essas relações? Como estão agora? Tem alguns amigos dessa altura?

**AJ** - Tenho poucos mas tenho olhe, por exemplo, eh alguns 8 ou 9 já morreram ou com HIV ou com overdoses, coisas desse género...

**I** - Permaneceram sempre em contacto consigo?

**AJ** – Não. Porque eu pronto, sai aqui de Portugal com 23 anos e depois só vim aqui a Portugal a 1ª vez para aí só 3 ou 4 anos depois de ter saído daqui de Portugal. Eu fui logo à procura dos meus amigos porque andava a consumir também e então eu queria

saber onde é que eles iam comprar também e fui à procura deles e vim a descobrir que um já tinha morrido, outros estavam presos eh... outros aliás, houve casos que eles pararam mesmo porque, ainda aqui à 2 meses tive com um colega meu que, isto já vem desde os meus 18 anos, eu vi - o e ele está completamente limpo. É taxista, está mais forte, não toca em drogas nem em álcool, absolutamente nada e eu lembro-me que nessa altura em que andava comigo aquilo era heroína, álcool e haxixe todos os dias. Esse conseguiu passar, é um vencedor mas vencedores houve muito poucos houve para aí uns 3 ou 4 só porque o resto alguns andam mal, outros morreram, outros estão presos, outros saíram mas num número muito baixo, pronto e é isso. Pronto mas eu já não tenho essa amizade com eles devido a estes anos todos fora de Portugal, foram para aí uns 20 anos fora de Portugal, portanto eu perdi o contacto com as pessoas. Portanto eh...

**I** - Mas eram grandes amigos?

**AJ** – Não, não eramos grandes amigos...

**I** - Eram os amigos dos consumos.

**AJ** – Pois eram os amigos dos consumos, era tudo por interesses. Quando a gente temos por exemplo, eu normalmente o que eu fazia aqui em Portugal eu depois de ter sido polícia, veja lá bem até como polícia a D.<sup>a</sup> sabe o que é que eu fazia? Andava a consumir na altura e eu fui apanhado por vários colegas meus eh... uma vez fui ali a Carcavelos e fui a um bairro de uso e dei o meu dinheiro a um homem que estava lá “Eu dou-te 4 contos ou 5 contos e tu compras para ti e para mim compras-me uns 10 contos de heroína”, eu tinha medo de entrar nesse bairro porque podia apanhar outros polícias que vinham ter comigo. O que é que aconteceu é que esse rapaz foi comprar, veio deu-me a droga eu dei-lhe aquilo que lhe disse que dava a ele, entretanto perguntei-lhe se tinha algum sítio para ir consumir aquilo, ele respondeu que tinha uma casa. Fomos lá para casa dele, eu não sabia que a polícia já estava a observar-nos, o que é que aconteceu? Entrei na casa dele e quando saí, eu fumei para aí 1 gr de heroína, os meus olhos estavam uma coisa incrível mesmo, eu quando saí logo que dou um passo, aparece a polícia à civil e eu disse “eu sou colega”, “você é colega? Então onde é que está o seu cartão (crachá)?”, eu dei-lhe o meu crachá e tudo o mais, ele era um subchefe da polícia e disse “vai tudo já para o posto”. Fomos para o posto e você não está bem a ver, o outro rapaz foi para uma cela e eu fui para um gabinete e levei uma descasca. O

polícia dizia-me “Ouve lá, o que é que eu agora vou fazer? Tu devias ser um exemplo! Agora o que é que eu vou fazer àquele gajo, tu que és polícia andas a consumir com ele! Eu sei que ele vende droga, o que é que eu agora vou fazer?”, até que concluiu: “Tu olha faz uma coisa, nunca mais apareças aqui neste bairro, tu desaparece-me daqui, organiza a tua vida”. Repare na sorte que eu tive, nunca comunicou ao meu chefe que eu consumia foi uma sorte incrível. Outra vez vou ao Porto ver o futebol, o Benfica e o que é que aconteceu, disse “Olhe eu vou cá passar a noite” e então fomos para um quarto de hotel mas antes de ir para esse quarto de hotel fomos a um bairro de uso, comprámos droga e fomos para o quarto do hotel e esse rapaz meu amigo estava com a namorada dele e eu tinha a minha arma comigo e a rapariga disse assim “Ó J eu nunca vi uma arma de polícia eu posso ver?” e dei-lhe a arma só que eu não sabia que atrás da porta estava o dono da pensão que quando ouviu a palavra arma pensou que a gente íamos assaltar aquilo, o que é que ele fez, telefonou à polícia, a polícia apareceu no quarto do hotel, bem aquilo com uma nuvem de fumo que era uma coisa incrível eu tive que me identificar “eu sou colega”, “és colega? És polícia de Lisboa, o que é que estás aqui a fazer?”, “opá vim aqui ver futebol”, responderam-me “tu meti-te já no autocarro, desaparece-me daqui!”. Tive sorte, eu quando era polícia, o que eu fazia era, a minha esquadra era mesmo ao pé de um bairro de uso, eu quando fazia a minha ronda ia sempre sozinho, quando via alguém a sair dizia a esses usuários “encosta aí”, fazia-lhes uma revista e a droga que eles tinham eu ficava com essa droga e andei assim para aí... eu fui polícia para aí uns 2 anos e tal...

**I** – E durante esse tempo viveu onde?

**AJ** – Vivia com a minha mãe.

**I** – Com que idade mais ou menos?

**AJ** – Eu entrei para a polícia tinha eu 21 anos e sai da polícia tinha 23 anos, foi quando decidi ir para Inglaterra. Entretanto eh... porque quando eu saí da polícia depois para eu arranjar dinheiro para as drogas o que é que eu fiz? Eu tive de começar a roubar, então eu tornei-me um perito a arrombar essas máquinas de jogos sabe, esses *flippers* e coisas assim do gênero. Eu com a minha chave de fendas em 20 segundos abria aquilo e de uma máquina só às vezes eu fazia 120 contos, de uma máquina só, às vezes eram 4 por dia ou 5 por dia veja lá bem. Eh... e fui apanhado também, claro, para aí umas 3 vezes a

roubar, nunca fui preso e porque me deram a pena suspensa foi aí que eu disse à minha mãe e para não ter mais problemas com a justiça aqui em Portugal e tudo mais: “antes de eu ser preso faz-me já um favor dá-me dinheiro para ir para Inglaterra, ofereci-me lá dinheiro, paga-me a passagem de avião e não sei o quê” e foi assim que eu fui. Depois também outra coisa que tinha foi que dos 18 aos 23 andei a vender haxixe porque eu tive um conhecimento aqui em Portugal que foi uma mulher chamada Graça e eu conhecia-a por acaso e um dia ela perguntou se eu tinha haxixe, eu disse-lhe que não tinha e ela disse-me: “então vamos até Alfama que eu tenho lá uma pessoa que vende haxixe”, então ela levou-me a casa dessa pessoa e pronto e comprei haxixe e quando vinha a sair essa pessoa disse-me assim “ficas aqui com o meu número de telefone, aquilo que tu quiseres, quando tu quiseres é só telefonar”. Eu no outro dia telefonei logo ao gajo e disse-lhe “arranja-me 1 Kg”, eu vendi o quilo em 3 dias, pronto e depois a partir daí nunca mais parei, andei 5 anos a vender haxixe e era polícia também ao mesmo tempo, só que eu não vendia na rua sabe? Eh... eu dava a outros colegas, dava-lhes a percentagem deles, pronto e era assim que fazia, o que é que aconteceu? Uma vez eh... houve um colega que veio ter comigo e disse-me assim: “Ó J olha que a polícia quinta-feira vai lá a tua casa fazer uma busca”, perguntei-lhe “então porquê?”, e respondeu-me “não sei o que é que se passa mas ouvi dizer que eles vão lá a tua casa” e eu cheguei a casa e disse ao meu irmão: “ouve lá tudo aquilo que tiveres em casa, vê-te livre disso tudo porque vieram-me dizer que a polícia vem aqui a casa na quinta-feira”, mas o meu irmão não levou aquilo a sério e eu levei aquilo a sério, claro. O que é que eu fiz? A minha parte da droga eu levei-a toda para fora de casa e não é que nessa quinta-feira a polícia foi mesmo lá a casa! Eles começam a fazer a rusga à casa e encontram aquela droga e perguntaram de quem é que era aquela droga e o meu irmão teve de dizer “é minha e não sei o quê” e depois a minha droga eu tinha posto na parte de fora da casa que era no quintal e qualquer pessoa tinha acesso a esse quintal e eles então vinham com um cão e foram lá ao quintal, eu tinha metido a droga escondida dentro de um vaso mas o cão a cheirar deu com aquilo e os polícias depois eles perguntaram-me: “de quem é esta droga?” Não era do meu irmão pois ele tinha a droga dele dentro de casa perguntaram se aquela droga era minha e eu disse: “ah não tenho nada a ver com isso” “então mas esta droga é minha?” dizia o polícia, e eu respondi “eu não sei de quem é essa droga, o senhor polícia está a ver este quintal qualquer pessoa tem acesso, qualquer pessoa pode ir aí meter isso, eu sei lá quem é que meteu isso aí”. Eh... e depois é claro que fomos levados para o TIC em Lisboa, para a judiciária e fui ouvido pelo juiz para a

via de coação, o que é que aconteceu? O meu irmão disse ao juiz que a droga que estava em casa, que era dele e a que estava fora não era dele, depois eu fui também ouvido pelo juiz e disse-lhe: “eu sou polícia, eu não sei nada disso”, o juiz respondeu: “então e você não sabe que o seu irmão tinha droga lá em casa?” Ao que eu referi: “Ó senhor juiz eu tenho a minha vida, eu faço a minha vida eu não ando cá atrás dele a ver o que ele faz ou aquilo que ele não faz”. Bem o que é que o juiz pensou ele associou se a droga que esta dentro de casa era dele (irmão) então a droga que estava fora de casa era dele também. Então o que é que aconteceu, a medida que ele levou foi a prisão preventiva, à vinda dele para casa, entretanto o meu irmão quando foi a julgamento isto é uma coisa que até hoje eu estou muito grato ao meu irmão foi que ele quando foi ao julgamento ele nunca acusou nem o traficante de droga, nem que a droga que estava fora de casa era a minha droga e depois o juiz ao fim associou que a droga que estava fora de casa era dele também então deu-lhe 5 anos de prisão e a mim mandou-me para casa. Ainda hoje, eu já chorei a partilhar isto, eu não sei explicar isto mas acredite a Dr.<sup>a</sup> que eu não consigo falar isto com o meu irmão eu nunca fui capaz de chegar ao pé dele e agradecer-lhe por isto que fez, juro. Eu não tenho palavras, não sou mesmo capaz de o fazer (visivelmente emocionado).

**I** – Compreendo.

**AJ** – Eu sei que aquilo que ele fez de facto eu não posso esquecer sinceramente porque ele podia ter acusado a pessoa que lhe dava a droga, podia-me ter acusado a mim e em vez de ter levado 5 anos tinha levado 1 ano na prisão e eu como era polícia eu não podia dizer que desconhecia a lei aí é que está o problema, é que se ele apanhou 5 anos eu apanhava 10, está a perceber? Porque eu é que conheço e ele sabia disso e tudo mais e foi razão suficiente para fazer o que fez. Tanto que no correio da manhã a rusga foi a uma quinta-feira e no sábado fui comprar o jornal e dizia assim sobre mim “agente da PSP envolvido em tráfico de haxixe, eu fiquei opá (chocado) ... agora imagine os meus colegas na esquadra onde eu estava a trabalhar, era o pessoal todo: “O J está envolvido nisto também”. Depois eu tive que aparecer lá também porque o juiz mandou-me para casa e depois eles sempre a perguntar: “então não sabias que o teu irmão andava envolvido nas drogas? E tu também andavas de certeza” e eu respondia: “alto aí, já estás a falar demais, olha o que dizes senão eu vou apresentar queixa de ti”. Pronto mas eu sei que eles ficaram sempre com a suspeita sobre mim e depois em parte eu comecei também a sentir-me mal com a situação e disse “isto o melhor é enquanto eu estou

limpo aqui na polícia, o melhor é eu sair e saio limpo e saio pela porta grande e se um dia eu quiser voltar...” porque isto é assim eu fui para a polícia tinha eu 21 anos e quando saí tinha 23 mas quando eu saí perguntaram-me: “então vais sair da polícia?” E eu respondi “vou” e diziam-me: “não saias da polícia, fica aqui”, “eu vou para a América trabalhar”, tentei eu arranjar um motivo e eles “não fica cá, o que é que aconteceu?” e eu disse “não eu vou sair” e eles deram-me a oportunidade, veja lá bem, eu saí limpo sem nada para me acusarem, nada disso, eles disseram-me assim: “Ó J até à idade dos 35 anos tu podes sempre voltar”, agora veja lá a Dr.<sup>a</sup> os anos que eu tive para decidir se havia de voltar ou não, tive 12 anos para decidir isto e nunca voltei, às vezes estava lá na Inglaterra e na Dinamarca e diziam-me “Ó J vai lá para Portugal tens um emprego à tua espera, tu podes tornar a ser polícia” e eu sempre a adiar e depois o tempo passou, mas pronto isto são escolhas que...

**I** - São escolhas que são feitas.

**AJ** - É as escolhas que a gente faz na vida, pronto.

**I** - Exatamente, olhe diga-me aqui uma coisa, você frequentou o ensino público?

**AJ** - Frequentei.

**I** - Tem alguma memória ou episódio marcante na escola?

**AJ** - Só se for a 1<sup>a</sup> vez que eu fumei haxixe com eles.

**I** - E isso aconteceu enquanto andava na escola? Foi marcante?

**AJ** - Sim, claro e é daquelas coisas que nunca me esqueço. Os meus colegas diziam-me: “anda cá J, tu vais gostar disto”, mas a primeira vez que eu fumei vou-lhe ser muito sincero não senti nada, eu não sei se fumei aquilo mal ou não eu só sei que não senti nada! Eu até pensei “que raio mas o que é que se passa comigo? Não senti nada disso...” já tinha fumado umas 4 ou 5 vezes e não tinha sentido nada até que um dia eu vou a um café e estava lá um amigo meu, mas isto já não era na escola, e apareceu lá com um charro que era uma coisa assim deste tamanho (a indicar que era um charro grande) e nós eramos só os dois e até que disse: “o quê? Isso tudo para nós os dois?”. Você não está bem a ver, quando aquilo me bateu, ainda hoje me lembro a 1<sup>a</sup> vez que aquilo me bateu, eu digo-lhe uma coisa, eu comecei a ficar branco, a perder as forças,

quase que a desmaiar. Eu só pensava: “eu não consigo estar de pé, eu tenho que ir para casa” e depois o meu medo era que a minha mãe, que estava em casa, se apercebesse de como é que eu estava. Você não está a ver o esforço que eu fiz para me controlar em frente à minha mãe, também porque aquilo deu-me uma sede imensa, o que é que eu fiz? Quando eu cheguei a casa fui à cozinha, a minha mãe estava lá e disse assim: “como é que eu vou fazer isto? Eu tenho que beber um copo de água gelado”, e eu a fazer um esforço tremendo porque eu tinha uns olhos que era uma coisa incrível, vermelhos, vermelhos, mas ela, pronto, nunca pensou que eu fumasse drogas. E depois eu tirei a água e disse assim há minha mãe: “olha mãe vou-me deitar”, bem eu dormi para aí umas 5 horas seguidas. Isto é assim também, sabe que o meu pai, ele faleceu quando eu era jovem, o meu pai faleceu quando eu tinha 8 anos. E o que aconteceu foi que a minha mãe, pronto, para não faltar lá nada em casa nem nada disso, ela tinha o trabalho dela e depois arranjou outro *part-time*. Ela saía de casa às 7h00 da manhã e só entrava em casa às 11h30 da noite. Quem tomava conta de mim era a minha avó então sempre fiz aquilo que quis e depois o que aconteceu foi que a minha mãe ao fim de 2 anos arranjou trabalho num banco então aí as condições de vida já eram melhorzinhas, ela esteve a trabalhar para um banco durante 32 anos pois ela tem o curso ou de contabilidade ou gestão mas eu acho que é de contabilidade. Pronto e depois é uma pessoa que sabe falar muito bem, é uma pessoa incrível a minha mãe, eh... ela trabalha mesmo, às vezes ela estava lá no banco até às 9h da noite e só era paga até às 6h da tarde. Essas 4 horas ela fazia por gosto àquilo. Pronto e então o que é que acontecia? Acontecia que eu raramente via a minha mãe, eu por exemplo às vezes só via a minha mãe à hora do jantar e era às vezes, e até havia situações quando eu tinha já os meus 15 anos, 17, que a minha mãe às vezes vinha para casa só às 08h30 mas só que a minha avó queria sempre jantar às 8h00 entretanto eu ia logo para a rua e nem via a minha mãe. Isto aconteceu-me imensas vezes. Pronto eu não culpo a minha mãe por aquilo em que me tornei, isso eu não posso culpar porque eu é que fui curioso e quis saber o que é que as drogas eram. A minha mãe nunca pensou que eu me viesse a tornar na pessoa em que me tornei, porque ela não ouvia falar em drogas, nesse tempo não havia informação nenhuma, não se ouvia falar de drogas nem de nada disso. Então a minha mãe sempre pensou que: “Ah o meu filho está a estudar, ele nunca se vai meter em nada disso”, porque em lembro-me que uma vez eu fumei um cigarro e fui para casa e a minha mãe disse-me qualquer coisa e eu tive a falar com a minha mãe, claro, ela sentiu o cheiro a

tabaco, bem deu-me um estaladão! Perguntou-me “andaste a fumar?”, mas foi a única vez que me disse aquilo, a partir daí nunca mais me disse nada.

**I** - isso foi com que idade?

**AJ** – Isso tinha eu para aí uns 14 ou 15 anos. Veja lá que a minha mãe sempre foi uma pessoa que me habituou a lidar com dinheiro para eu dar valor ao dinheiro, só que ela nunca esperou era que eu me tornasse *dealer*. Esse foi o meu maior problema porque quando eu me tornei *dealer* o dinheiro vinha e ia, vinha e ia, eu aprendi a não dar valor ao dinheiro porque era dinheiro. Quando eu tinha 13 ou 14 anos, por exemplo, às vezes a minha mãe dava-me dinheiro para almoçar na escola e eu às vezes nem almoçava para ir comprar um maço de tabaco, eu nunca lhe contei mas cheguei a fazer isto várias vezes. Mas a minha mãe foi sempre uma pessoa que me habituou a dar valor às coisas. Ela podia dar mas não dava só que ela nunca pensou que eu me tornasse *dealer* e foi durante 5 anos em que eu ia para discotecas, eu comprava garrafas de vinho, whisky, ia com mulheres, eu sei lá o que é que eu fazia! Eu levava amigos comigo...

**I** – Tudo isto até aos 23 anos?

**AJ** – Sim, tudo isto até aos 23 anos.

**I** – Até ir embora para a Inglaterra.

**AJ** – Sim, exato.

**I** – Sim mas olhe diga-me uma coisa como é que eram as suas relações com a sua família antes de se tornar sem-abrigo?

**AJ** – Ora foi sempre até eu ter 16 anos, foi sempre, por exemplo, o meu tio, irmão da minha mãe ia sempre lá a casa todos os domingos ver a gente com o filho dele, só para a Dr.<sup>a</sup> ver isto, ainda ontem estive a falar com a minha mãe, esse irmão da minha mãe, esse filho dele fez anos dia 25 agora deste mês e a minha mãe foi ao aniversário dele e ontem ela era assim para mim: “olha fui ao aniversário dele e tu não sabes o que aconteceu, ele comprou um mercedes novo para oferecer à mulher”. Eu digo-lhe uma coisa, o meu primo foi daquelas pessoas, se ele não passou fome teve lá perto, porque o meu tio só queria era mulheres e iates. O meu pai quando faleceu ele tinha duas empresas de livros, duas editoras, e o que aconteceu foi que ele (o tio) tinha uma amante

inglesa, tinha outra que era brasileira e vivia com a mulher. Entretanto às vezes ele metia essas mulheres em casa dele com a mulher lá. Ele também ia para o hotel Ritz e coisas assim do género e ele gastava fortunas. Ele fazia isto, ia por o filho a casa da mãe dele que era a minha avó e deixava-o lá o fim-de-semana e eu depois pronto saia com o meu primo e ia-mos jogar futebol ou coisas do género assim. Pronto e o que aconteceu foi que o meu pai faleceu, a minha mãe estava a passar por uma situação um bocado má com o dinheiro mas o meu tio nunca foi capaz de chegar-se ao pé da minha mãe, por exemplo, e dizer-lhe “opá toma lá isto (dinheiro), é para ti, para comprares roupa ou para ti ou para os teus filhos”. A minha mãe nunca se esqueceu disto, ainda hoje ela diz isso às vezes. E o que é que aconteceu? O meu tio endividou-se tanto que ficou mesmo com “a corda pelo pescoço”, era só pessoas atrás dele a pedirem dinheiro, tanto que o meu primo passou mal porque, tratavam mal dele em casa, não sei digo eu não é... mas acredite que o meu primo ele lutou pela vida, ele veio do nada praticamente...

**I** – E qual era a sua relação com eles? Era boa?

**AJ** – Era, era boa. Iam lá a casa aos domingos, a gente conversava, ia-mos sair, ia-mos ao cinema, íamos ao futebol de vez em quando. Por exemplo, quando o meu pai faleceu, a minha mãe, às vezes ela levava-me a casa das irmãs do meu pai, as minhas tias. Ia lá passar uma semana a casa delas às vezes pronto estava lá, elas davam-me dinheiro, elas ajudavam-me muito mais do que o meu tio, pois o meu tio nunca deu nada. Entretanto o que aconteceu foi que esse meu primo, ele nem fuma nem bebe, não tem vícios nenhuns. Ah, eu acho que o único vício dele é o dinheiro. Pronto mas ele fez pela vida, ele lutou, tem duas casas, uma no Algarve, outra onde é a Expo, aquilo custa uma fortuna, aquilo é 400.000,00€ cada apartamento lá. Ele tem um BMW descapotável, agora ofereceu um mercedes à mulher, novo, ele vai de férias para a Tailândia e para a Malásia, para a Finlândia, duas ou três vezes por ano com a mulher e sempre que é Natal, eu sinto-me mal, sabe, você não está a ver como é que eu me sinto mal, porque sempre que é Natal ele nunca se esquece dos primos, de mim e do meu irmão, então ele convida sempre a gente para ir lá passar o Natal e depois pronto, o meu primo quando oferece presentes é tudo bom, ele só compra coisas de marca, por exemplo, ele a mim não me oferece um presente que custe 10€ ou 20€ ele dá presentes de 70€ ou 80€, opá e eu não tenho nada para dar, é a minha mãe que tem de comprar. E depois eu vou lá a casa e sinto-me um bocado mal, porque ele tem os filhos dele, o que é que os miúdos pensaram de mim e do meu irmão, não é? Quer dizer, um filho já tem 16 anos, aquela

idade com que eu comecei na droga, a filha tem para aí 8 ou 9 anos, eles têm tudo os miúdos, aquilo é escolas privadas, aquilo é tudo do bom e do melhor. O meu primo aprendeu a dar o valor ao dinheiro e veio do nada e eu acho que o meu mal foi mesmo eu me ter envolvido nesse negocio da droga. Pronto eu comecei a não dar valor às coisas porque o dinheiro era fácil, por exemplo, em 1988, eu já gastava por mês para aí uns 600 contos, veja bem. A minha mãe, por exemplo, ganhava uns 150 contos e eu já gastava 500 a 600 contos e às vezes mais, eu nunca aprendi a dar o valor às coisas e ainda hoje sou um bocado assim, sabe, ainda hoje sei que as coisas veem mas as coisas hoje estão e amanhã... por exemplo, uma coisa que me faz imensa confusão é que eu não posso ter dinheiro. Se eu tiver muito dinheiro a primeira coisa em que penso é “eu vou é consumir, eu gasto só 10 euritos, ¼ de heroína ou coisa assim e é só hoje”. O pior é que depois ando com muito dinheiro e faz-me confusão à cabeça, juro! É claro que quando decido ir consumir o dinheiro acaba-se num instante.

**I** – Então e como é que são estas relações familiares atualmente? Como é que se dá com esse primo? Como é que se dá com a sua mãe? São as relações mais significativas da sua vida, certo?

**AJ** – A minha mãe é a pessoa mais significativa da minha vida. A minha mãe apoia-me, por exemplo, se eu precisar de dentes e for ao dentista como já foi preciso e em que gastei 1.000 e tal euros ela paga isso, se eu precisar de roupa, no outro dia eu fui a casa e ela gastou 120€ comigo, era sapatos, era botas, calças e fatos de treino... eh, se se passa alguma coisa que eu necessite a minha mãe dá-me mas é assim Dr.<sup>a</sup>, se eu chegar ao pé da minha mãe e se disser: “Ó mãe arranja-me aí 10€ para ir ao café” ela diz logo que não. A minha mãe aquilo que ela tem a dizer é muito frontal, a minha mãe “não papa grupos”, pronto porque ela sabe os filhos que tem também. A minha mãe diz-me: “se precisas de roupa eu pago, se precisas de medicação eu pago” agora pedir dinheiro para ir ao café ela diz logo: “aprende a viver com o dinheiro que tens” pronto e depois eu sei que a minha mãe, por exemplo, a minha mãe aluga apartamentos. Quer dizer, eu sou um sem-abrigo, a minha mãe mantém apartamentos alugados a outras pessoas e ela não me mete nesses apartamentos porque não confia em mim, porque ela uma vez alugou-me um quarto ali para o Marquês de Pombal, bem você não está bem a ver o que é que fiz ao quarto, eu virei aquele quarto “de pernas para o ar”, tanto que a senhoria teve de telefonar há minha mãe a dizer: “o seu filho vai ter que sair aqui do quarto, eu não o posso ter aqui, ele partiu-me o quarto todo!”. O que é que a minha mãe fez? A

minha mãe deu-me 1.500 libras e disse-me assim: “Olha J vais sair daqui de Portugal...”, isto foi quando tive na Dinamarca e depois voltei para Portugal, pronto e eu disse à minha mãe que queria ir tirar a carteira de taxista e tirar isso custava 1.000 e tal euros e a minha mãe disse-me: “pronto vai lá tirar a carteira de taxista” e pagou-me aquilo, o que é que aconteceu? Eu tirei a carteira de taxista mas para dizer a verdade eu só fui taxista durante 2 meses porque adormecia ao volante e não morri porque não calhou, era com grandes “predadas” de heroína, ia a conduzir sozinho, ainda metia a música alta e depois adormecia. Acabei por dizer a mim mesmo: “bem ó J é melhor é parares e não conduzires mais”. Depois a minha mãe disse-me: “então tiraste a carteira de taxista, eu paguei-te isso e tu agora não estás a trabalhar?!”, “Eu trabalhei uns 2 meses”, bem ela ficou fula comigo, você não está bem a ver, o que é que ela fez? Ela disse-me assim: “olha J vai lá para Inglaterra outra vez, eu dou-te 1.500 libras”, isto é suficiente para tu ires para Inglaterra, arranjar emprego, até podes comprar um carro, lá um quarto é 60 libras à semana, pronto e disse: “aceita as 1.500 libras e vai lá fazer a tua vida”. Eu aceitei. Arranquei para Inglaterra e na primeira semana gastei as 1.500 libras todas, tudo em droga, ela pagou-me o bilhete de avião e ainda me deu as 1.500 libras e eu numa semana gastei o dinheiro todo. E depois eu telefonei para ela a dizer: “Ó mãe nem sabes o que me aconteceu eu fui roubado”, “roubado? Isso é tudo mentira!” “opá eu peço-te ajuda e que me mandes mais umas 100 libras ou coisa assim”, ela disse logo: “acabou-se! Eu não mando mais nada!”. Fui ao consulado português pedir ajuda mas como ia tão sujo, tão porco e a cheirar mal que a senhora disse-me logo assim: “desculpe lá o senhor aqui nem pode entrar assim como está”, a senhora ainda telefonou outra vez a minha mãe que contou à senhora o que se tinha passado com os 1.500€. O governo português não me ajudou, acabou por não me dar dinheiro. Depois eu fui pedir ajuda ao governo inglês, porque eu tive lá a trabalhar ainda alguns anos, entretanto o governo inglês disse sim, arranjaram-me o bilhete e enviaram-me para Portugal. Quando cheguei aqui a Portugal a 1ª coisa que fiz foi ir telefonar à minha mãe: “olha mãe já estou em Portugal”, disse - me logo: “ah não venhas aqui bater à porta”. Bem a partir daí tive de ir para o albergue de Xelas, que eu nem conhecia, aliás eu em 41 anos eu nunca tinha ouvido falar em comunidades nem nada disso, nunca na minha vida, estou-lhe a ser muito sincero. Ou nunca tive com pessoas que nunca tiveram algum conhecimento, nunca tive conhecimento disso, a 1ª vez que ouvi falar disso foi aqui em Portugal, foi a minha mãe que me disse: “Ó J acho que há um centro ali para Alvalade vai lá falar com eles”, ela nunca mencionou o nome Vida e Paz nem nada disso. Eu

tinha uma grande mochila, chego a esse centro lá em Alvalade completamente a ressacar, com uma ressaca que era uma coisa incrível, o homem quando olhou para mim, bem eu tinha uma cara... os olhos todos para dentro, você não está a ver como é que eu estava. “Mas o que é que se passa contigo?”, “Eu estou a ressacar e preciso de ajuda, disseram-me para vir aqui ter”, bem eles lá telefonaram para o Espaço Aberto ao Diálogo (E.A.D.), os do Espaço Aberto foram-me lá apanhar e levaram-me para esse albergue em Xelas, quando eu lá entrei nem quis acreditar. Mas a relação com a minha mãe é boa à parte de que ela não me dá dinheiro se eu quiser ir ao café, ela diz-me logo que não: “dinheiro para ires ao café esquece que eu não te dou nem 1 €”. Ah e outra coisa que ela me faz é se eu lhe pedir dinheiro para comprar tabaco ela diz assim: “não, não te dou dinheiro, eu compro-te tabaco”, ela dinheiro não me dá.

**I** - E a relação com o seu irmão?

**AJ** – A relação com o meu irmão é exatamente a mesma coisa, ela aquilo que dá a um dá a outro, a minha mãe nisso nunca fez distinção e ainda hoje é assim. Ele está em tratamento também ali para Setúbal pronto e infelizmente ele não pode ir a casa ao fim-de-semana, eu posso e então a minha mãe diz-me logo ao telefone: “não podes dizer ao teu irmão que podes vir a casa ao fim-de-semana porque senão ele fica todo cheio de ciúmes”, “ó mãe ele já sabe que ele já esteve na Vida e Paz e sabe como é que funciona”, “esta bem mas não menciones o facto de vires aqui a casa”. Está a ver a preocupação? Porque ele fica todo ciumento depois. A minha mãe é assim, aquilo que dá a um é aquilo que dá ao outro, ela não faz distinções com ninguém. Pronto e depois é pelo Natal ir a casa e depois ver as partes, as irmãs do meu pai mudaram muito porque os maridos delas morreram, elas ficaram viúvas e depois, devido aos meus problemas e do meu irmão, elas antigamente para aí à coisa de uns 3 anos atrás ainda me davam dinheiro de vez em quando, agora já não dão dinheiro nenhum...

**I** – Como é que se dá com elas? Dá-se bem ou nem por isso?

**AJ** – Epá olhe são três tias, elas são todas irmãs do meu pai, uma delas é como se fosse uma mãe para mim, a minha tia Ilda nunca casou e portanto nós eramos os filhos dela. O irmão dela morreu, a minha mãe, como isso aconteceu, estava mal de finanças na altura e ela (tia Ilda) sempre se disponibilizou a ajudar a minha mãe a comprar roupas para nós, eu podia ter ido para a universidade se eu quisesse porque ela (essa tia) disse:

“se quiseses ir para a universidade, não te preocupes que eu pago-te o curso”, só que quando eu cheguei aquela altura dos 16/17 anos quis lá saber disso! Quando eu comecei a fumar ganzas eu só me foquei nisso: “eu quero é curtir, quero é festas...” e depois ia para discotecas todos os fins-de-semana e para Setúbal e para Lisboa e para Cascais e para o Estoril, andava assim. Aquela zona onde eu moro, eu adoro aquela área pois é uma zona que é a melhor parte de Lisboa, a linha que vai dentro do Caís do Sodré até Cascais e então eu estou habituado às praias, eu vivo mesmo ao lado da praia, praticamente. A praia é a 1 Km de casa e eu gosto de ir à praia se bem que quando eu fui para Inglaterra e para a Dinamarca eu perdi esse hábito porque lá as águas são frias, pronto e deixei de ir à praia e tive assim para aí alguns 15 anos mas eu continuo a gostar de praia. Agora, por exemplo, quando eu vou a casa ao fim-de-semana eu digo sempre a minha mãe para irmos à praia e pronto, vamos até à praia, andamos pela praia fora, pronto mas a relação das irmãs do meu pai, à parte dessa tia Ilda, com as outras minhas duas tias eu não me dou lá muito bem, elas falam comigo e tudo mais...

**I** – Mas não é uma relação próxima?

**AJ** – Pois, não é uma relação próxima, com a minha tia Ilda foi sempre uma relação mais próxima agora com as minhas outras duas tias não.

**I** – Mudando aqui um pouco de assunto, você é abrangido pelo Sistema Nacional de Saúde (S.N.S.)?

**AJ** – Sou e estou isento.

**I** – Qual é a sua relação no passado, antes de se tornar sem-abrigo, com S.N.S? Era uma relação dita “normal”?

**AJ** – Era porque a polícia levava-me a ser visto por uma instituição que estava com a PSP e sempre que eu precisava de alguma coisa e ser visto por um médico, pronto ia lá ao médico. Se eu quisesse ir lá hoje eu ligava para lá e dizia: “olha eu preciso de ir aí”, era logo visto, pronto e foi assim...

**I** – E atualmente?

**AJ** – Eh... D.<sup>a</sup> eu só ontem é que soube disto é a maior falcatura que há cá no país, sinceramente, o S.N.S. aqui em Portugal está a ser completamente roubado e sabe

porquê? Eu por ter este problema na mão eu faço fisioterapia e o que é que acontece? Eu fui ao médico e o médico deu-me 15 sessões e depois tornei a ir lá ao médico e acabou-se essas 15 sessões e tornei a ser visto pelo médico que me deu mais 15 sessões e depois o Simão aqui da comunidade telefonou para a fisioterapeuta e perguntou-lhe: “olhe eu estou com o utente x quantas sessões é que ele fez?” e ela responde assim: “fez 120”, e eu disse: “ó Simão isso é mentira eu fiz 30 sessões como é que eu fiz 120?! Isso é impossível”. Então veja lá bem como é que eles enganam o estado, eu a fazer essas 30 sessões demorou 120 dias, portanto a fisioterapeuta dali quando telefona ao S.N.S. diz que foram 120 sessões, quer dizer, o estado está a pagar mais 90 sessões do que eu realmente fiz. Isto é assim que eles veem, se eu nessas 30 sessões fizer esses 120 dias eles telefonam para o S.N.S. a dizer que foram 120 sessões porque opá, é assim, quer dizer... e o Simão até disse assim: “então mas ó senhora como é que isso pode ser?”, “Isto já é assim há anos”, “há anos que é assim? Então mas isso é estar a enganar o S.N.S.”, “não, não, há anos que é assim”. E depois o Simão a brincar até lhe disse assim: “então olhe eu vou abrir também um centro, já que isto é assim”. Uma pessoa vai lá, por exemplo, para ter 8 sessões, a D.<sup>a</sup>. demora 80 dias a fazer essas sessões depois dizem ao S.N.S. que a D.<sup>a</sup>. fez 80 sessões. Opá isto é uma coisa incrível eu até fiquei assim: “como é que isto pode ser possível?” Quer dizer e depois como este país há de andar para a frente. Isto é uma barbaridade que é uma coisa incrível! Não percebo isto sinceramente mas pronto é daquelas coisas que... já não me recorda o que é que a D.<sup>a</sup> tinha perguntado...

**I** – Tinha perguntado qual era a sua relação passada e atual com o S.N.S. e estava-me a explicar que está isento?

**AJ** – Pois, estou isento. Acho eu que está relacionado com o facto de eu ser sem-abrigo. As pessoas que, por exemplo, eu felizmente não tenho HIV, por exemplo, acho que a medicação é de borla. Se é de borla para o HIV também devia ser para a hepatite C, pronto isso é uma coisa que se calhar enquanto estou aqui dentro, porque eu sei que a medicação nova que agora há aquilo custa 20.000€ ou 15.000€ uma caixa daquelas, mas dizem que é 100% garantido a cura e se eu tiver a oportunidade de vir a pedir essa medicação eu ficava muito grato ao S.N.S. mas acho que é só para pessoas que estão em casos extremos e portanto, a lista de espera é muito grande e não sei se tomarei essa medicação antes de acabar o tratamento, é uma coisa que tenho que falar com o Simão um pouco sobre isso, já que eu estou isento é de aproveitar agora a oportunidade não é?

**I** – Ok então você recebe ou recebia algum tipo de rendimento da Segurança Social (S.S.)?

**AJ** – Não.

**I** - Rendimento de Inserção Social? Nunca chegou a receber?

**A** – Epá a minha mãe ainda quis tratar disso: “olha J eu tenho uma cunha ali em Oeiras, já falei com a senhora, vais lá, dás o teu nome” e eu não fui à entrevista, e a minha mãe: “então eu não posso confiar em vocês? És sempre a mesma coisa, porque é que não foste?”, “Não fui porque tive de ir consumir ao bairro”, e pronto e não fui, não recebi esse dinheiro e nunca pedi nada disso, a única coisa que, também só trabalhei aqui em Portugal para ai uns 3 anos ou coisa assim, também nunca pedi nada ao governo português...

**I** – Nunca teve no fundo de desemprego?

**AJ** – Nunca, nem quando era polícia e quando sai de polícia eu nunca recebi no fundo de desemprego, não tenho nenhum problema com a justiça em Portugal...

**I** - Nem com a S.S.? Qual o tipo de relação que tem com a S.S.?

**AJ** – Epá, não porque eu não estive muito tempo aqui em Portugal. Pronto as únicas coisas que eu tenho da justiça eram as multas de metro que eu tive que, eu fui apanhado no metro, eu não tive preso aqui em Portugal, mas estive preso na Inglaterra durante 9 meses e preferi estar preso porque não quis dar a preocupação à minha mãe ou o desgosto em dizer que estava preso em Inglaterra. Então eu preferi passar a sentença toda sem uma única visita, nem o meu próprio irmão que nessa altura tinha ido para a Dinamarca. Eu fui preso porque eu era carteiro em Inglaterra e então os ingleses têm a mania de quando fazem anos meterem dinheiro em envelopes e eu apercebia-me da pessoa que fazia anos pela quantidade de envelopes que nesse dia essa pessoa recebia. Eu é que era o carteiro, eu fazia a ronda, eu sabia que aquela pessoa recebia algumas cartas e naquele dia ela recebia 11 ou 14 envelopes e eu pensava “esta pessoa faz anos”, e como eu sabia da mania dos ingleses em enviarem dinheiro nos envelopes, o que é que eu fazia? Em 14 envelopes eu dava 7 à pessoa e ficava com os outros 7 para mim, era assim que eu fazia. E depois aconteceu que eu abria esses envelopes, e veja lá como é que eu fui apanhado!... Isto a vida traz com cada uma! Quando a gente menos espera é

quando somos apanhados. Eu fazia isto tão bem feito que não havia hipótese deles me apanharem. Eu quando ficava com esses 7 envelopes, eu quando passava em frente a um caixote do lixo mandava aquilo fora e num dia, num sábado, eu guardei 3 envelopes e meti no meu carro, ao lado do banco do condutor mas debaixo do banco. Eu nesse dia à noite fui a casa de um *dealer* e estava lá uma pessoa que me disse assim: “ó J arranja-me lá boleia para casa daquela pessoa”, mas eu não sabia que para ir para casa dessa pessoa eu tinha que passar pela esquadra da polícia e quando vinha a passar pela esquadra da polícia, vinha um carro da polícia a sair epá, e não sei porquê o carro meteu-se logo atrás de mim e eu tive que encostar, o gajo sai do carro: “ouça lá, tem a carta?” Entretanto o polícia olha para dentro do carro e reconhece a pessoa que ia comigo como um traficante de droga e vira-se para mim e diz-me: “ó meu amigo desculpe lá mas aquela pessoa é traficante de droga e eu vou ter que passar revista ao seu carro”. Nunca mais me tinha lembrado das cartas que lá tinha quando ele vai à bagageira e vê a mala da carteira diz: “então mas você é carteiro?”, “Sou, sou”, passado um bocado de estar a ver o carro ele encontra as cartas e disse: “então mas você é carteiro e tem aqui estas cartas abertas? Cada carta é uma morada diferente... onde é que você foi buscar isto?” Eu inventei logo uma desculpa: “olhe isso estava assim e eu pensei que era melhor não entregar essas cartas assim rasgadas e dar ao meu *manager*”, “pois mas não pode, isto tem que ser investigado”, o que é que ele fez? Agarrou em mim, posto da esquadra. Lá em Inglaterra eles tentam confundir uma pessoa toda com as perguntas e eu sempre a dizer que não. Dois dias depois fizeram-me uma rusga a casa de surpresa, bem apanharam-me cartas e tudo mais, fui ao juiz que me disse para aparecer no tribunal daí a 15 dias e eu nunca lá apareci, porquê? Porque andava a consumir. Depois fui apanhado por um polícia já não sei onde, ou num bairro de uso ou noutro sítio qualquer que me disse que tinha de os acompanhar até ao tribunal. Disseram-me que a minha sentença ia ser lida daí a 15 dias, eu nem apareci. O que é que aconteceu? Emitiram um mandato de captura, foram apanhar-me só no norte de Inglaterra, aliás, mesmo ao pé da Escócia, veja lá. Fui para lá só para fugir à polícia só que e tive azar porque a polícia de Inglaterra e da Escócia eles estão sempre em comunicação uns com os outros e sabem das pessoas que estão a ser procuradas ou cá ou lá, então quando eu fui ao bairro de uso outra vez, a polícia apanhou-me, perguntou-me o nome, dei um nome falso, entretanto ele foi ao carro começou a tirar de lá uns papéis e viu o meu verdadeiro nome, ele telefonou outra vez a perguntar se algum dado tinha sido alterado, disseram-lhe que não e agarraram em mim e fui preso. Tive 9 meses

preso e depois na Dinamarca também estive preso, por exemplo, o sistema lá na Dinamarca, só para fazer uma pequena comparação com Portugal, aqui em Portugal eu nunca estive preso os únicos problemas com a justiça que eu aqui tive foi quando eu fiz esses roubos a essas máquinas agora de resto nunca mais tive problemas nenhuns, mas por exemplo, a Dinamarca é assim, é celas individuais, cada cela tem tv, tem um frigorífico dentro da cela, à *playstation* de dois em dois dias, mesmo que você entre e não esteja a trabalhar, eu quero entrar mas eu quero trabalhar, a gente mete o papel a dizer que quer trabalhar, mesmo sem estar a trabalhar a gente é pago como se estivesse a trabalhar...

**I** – Têm um subsídio? Digamos assim...

**AJ** – Sim, sim quer dizer, eu lá recebia à semana 65 euros, quer dizer, eu não fazia nada! E eles davam-me 65 euros pronto e depois é assim se eu quero ir ao dentista, aqui por exemplo em Portugal, se eu quiser ir ao dentista, isso nunca mais! É meses e meses à espera. Eu lá pedi, por exemplo, numa quinta-feira e na segunda-feira estava a ir ao dentista.

**I** – É outro sistema. Olhe relativamente à Segurança Social (S.S.) em Portugal sabe qual é o objetivo da S.S.? E o que é para si a S.S.?

**AJ** - A Segurança Social incide, penso que é para ajudar as pessoas a reinserirem-se na sociedade não é? Por exemplo ajudando a alugar um quarto, por exemplo, ajudando a pagar o passe para ir à procura de emprego, pronto essas coisas básicas que a gente necessita para nos reintegramos nesta sociedade, por exemplo, ter um quarto para ter apresentação senão vou lá todo sujo não é? Pronto ou o passe para eu ir à procura de emprego ou metro ou autocarro ou de comboio, aquilo que seja ou dinheiro para eu fazer um telefonema, pronto acho que serve para estas coisas básicas...

**I** – Exatamente, relativamente ao futuro, quais são os seus desejos pessoais? Quais são as suas expetativas para o futuro? O que se vê a fazer no futuro?

**AJ** – Olhe eu vou-lhe ser muito sincero eu já não tenho muita esperança. Primeiro, se eu morrer, morri porque também acho que não vou deixar muitas saudades a ninguém, a única pessoa que ainda pode chorar por mim é o meu irmão mais a minha mãe agora de resto, pronto e essa minha tia Ilda... agora de resto epá, objetivos... sou uma pessoa que

não sou qualificado em nada, eu fui polícia, não é nenhuma qualificação, eu fui carteiro, não é nenhuma qualificação, eu já trabalhei em fábricas, não é nenhuma qualificação, quer dizer, não tenho nenhuma qualificação com a idade que tenho e com a crise que está isto vai ser um problema. E depois é às vezes penso que não tenho nada para viver, eu não tenho dinheiro, eu não tenho filhos, eu não tenho casa que seja minha a droga deitou-me abaixo psicologicamente, eu não me sinto a mesma pessoa. Eu sinceramente eu não sei, olhe eu não espero nada... olhe desde que...é como eu comecei a falar consigo ainda há pouco, eu sinto-me feliz, por exemplo, em ter um teto ou uma caravana em que esteja limpo, desde de que tenha uma televisão, desde de que tenha utensílios para eu cozinhar e desde que tenha as condições e que seja num sitio que eu também goste, pronto mas eu não espero muito... se calhar ainda vou a tempo de ser pai ou coisa assim não sei, ainda posso vir a tempo de ser pai, isso é uma coisa que eu tenho que pensar muito bem nesse assunto porque, pronto lá está, eu não sei... eu vivo o só por hoje, o amanhã eu não sei aquilo que vai acontecer e depois estar a tomar uma decisão que não é baseada em consenso, é precipitada depois eu venho-me a arrepender não é? Epá eu não espero muito...eu sei que às vezes, digo-lhe uma coisa, uma coisa que eu não quero é isto: eu tive internado 2 meses aqui no hospital por causa de um problema que eu tive aqui na perna e você não está bem a ver como é que as pessoas contratadas nos hospitais foram. Onde eu estive era um hospital público e eu já cheguei a dizer nas partilhas e nas terapias que tenho eu ao olhar para aquelas pessoas com 60 e 70 anos a serem tratadas da forma como são nos hospitais você não está a ver, aquilo repugna-me há coisas que são mesmo...

**I** – São desumanas?

**AJ** – São mesmo isso, é mesmo uma coisa... não há preocupação, não há atenção, não há higiene, não há educação... epá às vezes as pessoas são tratadas como animais em gaiolas, veja lá que eu tinha uma pessoa que estava comigo na mesma enfermaria e eles atavam-na à cama, você não está a ver! Eu digo-lhe uma coisa eu não quero passar por isso, isso comigo nunca vai acontecer eu digo isto e não estou a falar só por falar... eu prefiro injetar-me com uma grama de heroína logo de uma vez e mato-me logo, estou-lhe a dizer! Não estou para passar por isso e olhe não deixo cá saudades a ninguém, não tenho filhos a esperança é ter apenas um quarto limpo e eu tenho carta de condução também e tudo mais. Aquilo que eu realmente queria fazer era viajar, adoro viajar porque já desde os meus 23 anos que faço isso, já vivi na Dinamarca, na Escócia,

Inglaterra, Holanda, pronto é uma coisa que eu gosto de fazer e portanto antes de ir parar a esses hospitais eu prefiro morrer, prefiro injetar-me com cocaína ou heroína ficar com uma overdose e que me leve, ao menos é uma morte santa, estou-lhe a dizer. Às vezes custa-me estar aqui em tratamento e pensar “eu não quero acabar assim”, isto não é nenhuma crítica, o Agostinho, por exemplo, ou o Paulo S., tiveram aqui em secundária comigo e eles agora tiveram a recaída que tiveram e agora vejo que voltaram e eu olho para eles e eu vejo a carrada de medicação que eles têm em cima, quer dizer é que nem são eles são outras pessoas quaisquer! Tanto que eu fui acompanhar o Paulo S. a Ourém, ao centro de saúde e ele não conseguia falar... pronto eu estava preocupado com ele porque eu estava a acompanhá-lo e era para fazer o melhor que eu pudesse por ele e eu sou assim, se eles confiam em mim: “ó J vais lá e ajudas o rapaz” e eu vou lá e faço o meu melhor mas custa-me tanto ver as pessoas assim! Por exemplo, eu tive a recaída que tive mas eu não fui cá pedir a medicação toda e custa-me ver estas pessoas assim, porque hoje é eu estar a falar com uma pessoa e depois amanhã a pessoa é completamente diferente, nem se conhece a ela mesma, epá aquilo faz-me confusão sabe? Eu mesmo a consumir eu não me vou cá refugiar em... por exemplo, se eu estou a ressacar ok, deem-me a metadona tudo bem pois com a metadona eu penso e raciocínio agora com uma carrada de medicação. Eu não sei se são eles que pedem ou se será a equipa técnica... porque às vezes eles parecem *zombies* e eu tive uma recaída aqui dentro também à 9 meses atrás mas eu quando vim da minha recaída eu não fui ali ao médico pedir medicação, não pedi nada, “qual medicação, eu não quero nada disso! Eu não quero medicação nenhuma, eu quero é metadona o resto é”, “ah e tal mas você para andar calmo é preciso medicação”, “não eu não preciso de medicação, para andar calmo já ando eu! Só preciso de metadona”. Isto sinceramente as pessoas tipo robôs ou tipo *zombies* custa-me tanto olhar para elas.

## SINOPSE DE ENTREVISTA DE AJ

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUB-CATEGORIAS	EXCEROTOS DA ENTREVISTA
<p><b>Relações familiares</b> (percurso)</p>	<p>No passado (antes de ser sem-abrigo)</p>	<p>“ [...] o meu pai, [...] faleceu quando [...] tinha 8 anos”</p> <p>“ [...] a minha mãe [...] para não faltar lá nada em casa nem nada disso, ela tinha o trabalho dela e depois arranhou outro arranhou outro <i>part-time</i> [...] Ela saía de casa às 7h00 da manhã e só entrava em casa às 11h30 da noite [...] Quem tomava conta de mim era a minha avó então sempre fiz aquilo que quis [...]”</p> <p>“ [...] Quando eu tinha 13 ou 14 anos, [...] às vezes a minha mãe dava-me dinheiro para almoçar na escola e eu às vezes nem almoçava para ir comprar um maço de tabaco, eu nunca lhe contei mas cheguei a fazer isto várias vezes [...]”</p> <p>“ [...] tinha já os meus 15 anos [...] (às 20 horas) ia logo para a rua e nem via a minha mãe”</p> <p>“ [...] é uma pessoa que sabe falar muito bem, é uma pessoa incrível a minha mãe, eh... ela trabalha mesmo, às vezes ela estava lá no banco até às 9h da noite e só era paga até às 6h da tarde. Essas 4 horas ela fazia por gosto àquilo [...]”</p> <p>“ [...] a minha mãe sempre foi uma pessoa que me habituou a lidar com dinheiro para eu dar valor ao dinheiro, só que ela nunca esperou [...] que eu me tornasse <i>dealer</i>.” Esse foi o meu maior problema porque quando eu me tornei <i>dealer</i> o dinheiro vinha e ia, vinha e ia, eu aprendi a não dar valor ao dinheiro porque era dinheiro fácil [...] e foi durante 5 anos em que eu ia para discotecas, eu comprava garrafas de vinho, whisky, ia com mulheres [...]”</p> <p>“ [...] eu não culpo a minha mãe por aquilo em que me tornei, [...] não posso culpar porque eu é que fui curioso e quis saber o que é que as drogas eram. A minha mãe nunca pensou que eu me viesse a tornar na pessoa em</p>

		<p>que me tornei, porque ela não ouvia falar em drogas, nesse tempo não havia informação [...] não se ouvia falar de drogas nem de nada disso. [...] a minha mãe sempre pensou que: “Ah o meu filho está a estudar, ele nunca se vai meter em nada disso”, porque em lembro-me que uma vez eu fumei um cigarro e fui para casa [...] e eu tive a falar com a minha mãe, [...] ela sentiu o cheiro a tabaco bem, deu-me um estaladão! Perguntou-me “andaste a fumar?”, [...] a partir daí nunca mais me disse nada. [...]”</p> <p>“ [...] até eu ter 16 anos, foi sempre, [...] o meu tio, irmão da minha mãe, ia sempre lá a casa todos os domingos ver a gente com o filho dele [...] era boa (a relação com o tio e o primo) [...] a gente conversava, ia-mos sair, ia-mos ao cinema, íamos ao futebol [...]”</p> <p>“ [...] é como se fosse uma mãe para mim, a [...] tia Ilda [...] nunca casou e portanto nós éramos os filhos dela. [...] sempre se disponibilizou a ajudar a minha mãe a comprar roupas para nós, eu podia ter ido para a universidade se eu quisesse porque ela disse: “se quiseres ir para a universidade, não te preocupes que eu pago-te o curso”, só que quando eu cheguei aquela altura dos 16/17 anos quis lá saber disso! [...]”</p> <p>“ [...] o meu irmão quando foi a julgamento [...] nunca acusou nem o traficante de droga, nem que a droga que estava fora de casa, que era a minha droga [...] o juiz [...] deu-lhe 5 anos de prisão e a mim mandou-me para casa [...] eu nunca fui capaz de chegar ao pé dele e agradecer-lhe por isto que fez, juro. [...]”</p> <p>“ [...] disse à minha mãe que queria ir tirar a carteira de taxista e tirar isso custava 1.000 e tal euros e a minha mãe [...] pagou-me aquilo, o que é que aconteceu? Eu tirei a carteira de taxista mas para dizer a verdade eu só fui taxista durante 2 meses [...] ela ficou fula comigo, [...] disse-me assim: “olha J vai lá para Inglaterra outra vez, eu dou-te 1.500 libras”, isto é suficiente para tu ires</p>
--	--	---

		<p>para Inglaterra, arranjar emprego, até podes comprar um carro, lá um quarto é 60 libras à semana [...] “aceita as 1.500 libras e vai lá fazer a tua vida”. Eu aceitei. [...] na primeira semana gastei as 1.500 libras todas, tudo em droga [...] depois [...] telefonei para ela a dizer: [...] “peço-te ajuda e que me mandes mais umas 100 libras ou coisa assim”, ela disse logo: “acabou-se! Eu não mando mais nada!” [...]”</p> <p>“ [...] estive preso na Inglaterra durante 9 meses e preferi estar preso porque não quis dar a preocupação à minha mãe ou o desgosto em dizer que estava preso [...] Então eu preferi passar a sentença toda sem uma única visita, nem o meu próprio irmão que nessa altura tinha ido para a Dinamarca. [...]”</p>
	<p>Atualmente</p>	<p>“A minha mãe é a pessoa mais significativa da minha vida. [...] Apoia-me [...]”</p> <p>“ [...] se se passa alguma coisa que eu necessite a minha mãe dá-me [...] (mas) [...] se eu chegar ao pé da minha mãe e [...] disser: “Ó mãe arranja-me aí 10€ para ir ao café” ela diz logo que não. [...] porque ela sabe os filhos que tem [...] A minha mãe diz-me: “se precisas de roupa eu pago, se precisas de medicação eu pago” agora pedir dinheiro para ir ao café ela diz logo: “aprende a viver com o dinheiro que tens” [...]”</p> <p>“ [...] eu sou um sem-abrigo, a minha mãe mantém apartamentos alugados a outras pessoas e ela não me mete nesses apartamentos porque não confia em mim [...]”</p> <p>“ [...] ela aquilo que dá a um dá a outro [...] Ele (o irmão) está em tratamento também [...] infelizmente ele não pode ir a casa ao fim-de-semana [...]”</p> <p>“ [...] (com o irmão) é uma relação má [...] Eu gosto dele eu amo-o muito mas eu sei que se eu quiser [...] estar em recuperação eu sei que nos próximos 2 anos ou 3 anos eu não posso envolver-me com ele porque [...] a única coisa que a gente sabe fazer é ir consumir [...]”</p>

		<p>“ [...] (o primo) convida sempre a gente para ir lá passar o Natal [...] você não está a ver como é que eu me sinto mal, porque [...] ele nunca se esquece dos primos, de mim e do meu irmão, então ele convida sempre a gente para ir lá passar o Natal e depois [...] quando oferece presentes é tudo bom, ele só compra coisas de marca, [...] ele a mim não me oferece um presente que custe 10€ ou 20€ ele dá presentes de 70€ ou 80€, [...] e eu não tenho nada para dar, é a minha mãe que tem de comprar. E depois [...] sinto-me um bocado mal, porque ele tem os filhos dele, o que é que os miúdos pensaram de mim e do meu irmão, não é? [...]”</p> <p>“ [...] as (Tias) [...] mudaram muito [...] devido aos meus problemas e do meu irmão [...] antigamente [...] davam dinheiro [...] agora já não [...] não é uma relação próxima [...] à parte dessa tia Ilda [...]”</p>
<p><b>Relações amizade/comunidade</b></p>	<p>Antes de ser sem-abrigo</p>	<p>“ [...] os meus colegas, andava tudo no mesmo [...] não sabia o erro que eu estava a cometer [...] não éramos grandes amigos [...] eram [...] dos consumos, era tudo por interesses”</p>
	<p>Atualmente</p>	<p>“Tenho poucos [...] alguns 8 ou 9 já morreram ou com HIV ou com overdoses [...] já não tenho essa amizade com eles devido a estes anos todos fora de Portugal, foram para aí uns 20 anos [...] portanto eu perdi o contacto com as pessoas [...]” “ [...] uns já se mataram e deixaram bilhetes tipo do género “eu não encontrava uma solução para a saída deste problema” [...] e uns enforcaram-se, outros overdose [...]” “ [...] alguns (desses amigos) andam mal, outros morreram, outros estão presos, outros saíram (dos consumos) mas num número muito baixo [...] há 2 meses tive com um colega meu que, isto já vem desde os meus 18 anos, eu vi-o e ele está completamente limpo [...]”</p>
		<p>“ [...] eu saí de casa porque, [...] não quis que a minha mãe, [...] me visse a consumir, então [...] disse [...]: “mãe pagas-me o bilhete para Inglaterra?” [...]”</p>

<p><b>Vivência como sem-abrigo</b></p>	<p>Causas</p>	<p>“ [...] para mim era tudo novo [...] comecei a viciar-me [...] nessa vida porque era só pessoas hippies, [...] que fumam ganzas [...] eu comecei a me adaptar àquela vida de sem-abrigo [...]”</p> <p>“ [...] ao fim desses 7 anos eu conheci [...] a minha noiva [...] ela teve a ideia de arranjar uma casa para nós [...] eu aceitei e fui viver com ela. Mas [...] acho que eu não me adaptei, [...] a essa vida porque aquela vida de campo e de viver em caravanas [...] já estava entranhada em mim [...] Eu não me sentia bem em ter essa casa porque, [...] não tinha outras pessoas com quem eu pudesse estar e conviver [...] eu sentia falta disso [...]”</p> <p>“ [...] ela (namorada) avisou-me “ [...] ou ficas com a heroína ou ficas comigo e eu outra vez [...] disse “vou largar [...]”. É claro que depois eu estava em casa dela a viver com ela e ela ia-se apercebendo de fato que eu não fazia nada daquilo [...]”</p> <p>(depois de ser despedido na Dinamarca) “ [...]encontrei uma garagem, uma coisa imensa e aquilo não tinha água nem luz e lá os invernos são super frios [...] vivia com um inglês, depois vivia com um alemão, um dinamarquês, uma finlandesa, era tudo misturado e eu adorava essas coisas há sempre coisas novas que as pessoas ouvem [...] havia um albergue para aí a 400 metros e eu não ia para esse albergue [...] porque queria estar com eles [...]”</p> <p>“Quando cheguei [...] a Portugal [...]” (ligou à mãe mas esta recusou recebê-lo).</p> <p>“ [...] quando acabei o meu tratamento, ao fim de 3 ou 4 dias tive uma recaída e depois, [...] andei sempre assim (a consumir) até tornar a pedir ajuda para vir para cá [...]”</p>
		<p>“ [...] andava a pedir na rua e um polícia veio ter comigo e avisou-me que eu não podia fazer aquilo. Eu fui embora ao fim de meia hora e tornei a regressar ao mesmo sítio. O mesmo polícia viu-me [...] agrediu-me</p>

	<p>Episódios marcantes</p>	<p>com o cassetete e fez uma lesão aqui na mão [...] este dedo o máximo que vem para trás é isto [...] eu, para o resto da minha vida [...] isto afeta-me [...] aconteceu à [...] 9/10 meses [...] E [...] ando sempre a pensar nisto [...] hoje em dia [...] se eu quiser agarrar um copo [...] tenho que o fazer com muito cuidado [...] isto mexe comigo”</p> <p>“ [...] (Inglaterra) trabalhava de dia [...] e depois à noite havia sempre festas [...] em quintas há sempre para aí 30 ou 40 pessoas e todas as noites há sempre festas, ou na caravana daquele ou na caravana do outro [...] Aqueles 7 anos (a viver em caravanas) foram uma experiência um bocado marcante para mim [...]”</p> <p>“ [...] os meus piores anos [...] foi quando eu fui para a Dinamarca porque [...] a única coisa que eu fazia era eu pedia dinheiro [...] eu consumia 1 gr. e meia de heroína por dia, [...] metadona logo às 7h00 da manhã, [...] vodka logo [...] às 07h30 da manhã, depois fumava haxixe, depois era a medicação [...]”</p> <p>“ [...] havia um albergue [...] a 400 metros e eu não ia para esse albergue [...] porque queria estar com eles (outros sem-abrigo com quem convivia e partilhava uma garagem), [...] todos os dias era dia de festa, a gente bebia, fumava e estávamos a li a conversar [...]”</p> <p>“ [...] injetei-me em frente a esse hotel, eu cai no chão e tive inanimado para aí umas 2 horas e ninguém me socorreu, [...] e quando eu acordei [...] Já me tinham levado o dinheiro, o passaporte, essas coisas todas [...]”</p> <p>“ [...] quando acabei o meu tratamento, [...] 4 dias depois foi [...]comecei a beber [...]Nesse dia à noite eu decido injetar-me com... heroína [...] Tive uma overdose no meio da rua, houve pessoas que viram e socorreram-me, [...] tive que levar choques elétricos [...] e tudo [...] sou uma pessoa que gosto de ir mesmo até ao limite e depois [...] tenho a sorte de estar vivo [...]”</p> <p>“ [...] ser um sem-abrigo lá e ser um sem-abrigo cá em</p>
--	----------------------------	---

		<p>Portugal é [...] totalmente diferente [...] em Portugal é cem vezes mais difícil [...]"</p> <p>“ [...] eles dão-nos roupa para o frio [...] lá (na Dinamarca) a polícia, [...] todas as noites [...] andam com um carro a ver se à sem-abrigos a dormir no meio da rua [...] caso vejam [...] agarram nele vão pô-lo a um albergue [...]"</p> <p>“ [...] fui apanhado com (...) medicação e (mandaram-no para o albergue de Xelas) [...] mas como ao lado [...] havia uma casa abandonada [...] eu preferia estar ali do que estar epá com pessoas à minha volta a roubarem [...] aquilo é um sitio que aquilo é mesmo o fim do mundo”</p> <p>“ [...] começava às vezes a pedir, às 10h da manhã até às 3h, 4h da tarde e só fazia 45 euros veja lá, em 6 horas ou 7 horas ali a pedir, [...] na Dinamarca [...] em 4 horas fazia 150 euros [...] ”</p>
	<p>Imagem que acha que os outros tinham/têm dele como sem-abrigo (heterorepresentação)</p>	<p>“ [...] quando ando a pedir dinheiro nas ruas eu não penso nisso [...] não me interessa e desde que essas pessoas me deem dinheiro para mim está tudo bem [...]"</p> <p>“ [...] houve várias ocasiões em que eu pedia dinheiro e respondiam “vai te embora, vai para o “alho” e depois “és um chulo, és um drogado e isto e aquilo”, isto aconteceu-me muitas vezes, mas eu nunca dizia nada, ia-me embora e via outra pessoa e dizia “olhe sou sem-abrigo pode ajudar-me por favor?” [...]"</p> <p>“ [...] devem pensar assim “Este tipo é um ganda maluco” [...] teve empregos [...] já fui polícia, eu já trabalhei para os correios ingleses [...] Eu tive bons empregos, eu deitei tudo a perder, essa é que é a verdade mas se as pessoas me perguntarem “Porque é que fizeste isso pá?” eu não encontro [...] Explicação [...]"</p> <p>“ [...] eu não penso nos outros, nos sentimentos dos outros e, por vezes, eu tenho a consciência de que estou a fazer mal mas eu não consigo parar [...]"</p> <p>“ [...] quando uma pessoa está do outro lado é que a pessoa tem facto a perceção que os outros têm de nós de</p>

		quando a gente se encontra a fazer aquelas figuras. [...]”
	Experiência percebida por si mesmo (autorepresentação)	<p>“ [...] Eu tinha um teto [...] que era a minha caravana mas eu não tinha o conforto de [...] Uma casa, mas eu [...] era uma pessoa feliz. Eu não sentia a falta de uma casa [...]”</p> <p>“ [...] eu nesse tempo eh... eu sentia-me feliz também ao mesmo tempo [...] eu desde que tenha por exemplo, um fogão, uma televisão, aquecimento, opá para mim é suficiente, porque eu vivi assim muitos anos [...] eu sou uma pessoa simples [...] eu também gostava (de ter coisas) mas eu não sinto aquela necessidade [...] não sinto [...] porque estes anos todos andei pela rua, fui feliz assim, e sentia-me feliz por comunicar com outras pessoas de outros países e [...] e ainda hoje, às vezes, pronto é triste eu dizer isto mas é que é a verdade, [...] eu sinto pena desses tempos [...]”</p> <p>“ [...] A única vida que eu conheço é a vida da rua e andar alterado, [...] desde os meus 16 anos eu não fiz outra coisa [...] E depois [...] as decisões que eu tomei na vida, as minhas escolhas é que me trouxeram aqui, eu sei disso [...] sou toxicodependente e sou alcoólico mas eu tenho a consciência sobre as coisas que faço porque eu sei aquilo que está mal e aquilo que está bem. Só que isto é uma doença que [...] eu não encontro explicação para isto [...]”</p> <p>“ [...] Quando a gente anda lá (na rua) eu não me sinto cansado [...] porque [...] a droga dá-nos a motivação para ir pedir ou para roubar, ou manipular ou enganar [...] quando eu faço o tratamento aí é que os sentimentos começam a vir “ó J não é tão bom tu acordares às 7h00 da manhã e não estares a ressacar nem do álcool nem de drogas nem nada disso?” Pá eu gosto de acordar todas as manhãs e não ter que passar pelo sofrimento que [...] eu passava”</p> <p>“ [...] sou uma pessoa de excessos, [...] em toda a minha vida já tive 20 e tal overdoses [...] gosto mesmo de ir ao</p>

		<p>limite [...]”</p> <p>“ [...] o único sentimento que eu tenho é de culpa e de vergonha e tudo mais é perante a minha família [...]”</p> <p>“ [...] acho que aquilo que a droga faz a mim é tira-me os sentimentos todos. Ao longo destes anos todos penso que me tornei uma pessoa mais fria [...]”</p>
<p>Relação com os apoios sociais (educação pública, S.N.S., S.S. e instituições)</p>	<p>Frequência no ensino público</p>	<p>“Frequentei”</p>
	<p>Episódios marcantes na escola</p>	<p>“ [...] a 1ª vez que eu fumei haxixe com eles (os amigos) [...]”</p>
	<p>O que é o S.N.S.</p>	<p>“ [...] eu estive era um hospital público e eu já cheguei a dizer nas partilhas e nas terapias que tenho, eu ao olhar para aquelas pessoas com 60 e 70 anos a serem tratadas da forma como são nos hospitais [...] aquilo repugna-me há coisas que são mesmo [...] (desumanas) não há preocupação, não há atenção, não há higiene, não há educação [...]”</p> <p>“ [...] é a maior falcatura que há cá no país, sinceramente, o S.N.S. aqui em Portugal está a ser completamente roubado [...]”</p>
	<p>Se é abrangido pelo S.N.S.</p>	<p>“Sou e estou isento”</p>
	<p>Relação no passado (antes de ser sem-abrigo)</p>	<p>“ [...] a policia levava-me a ser visto por uma instituição que estava com a PSP e sempre que eu precisava de alguma coisa e ser visto por um médico [...] ia lá ao médico [...]”</p> <p>“ [...] nos anos 80 [...] não havia nenhuma informação acerca de drogas e nem nunca tinha ouvido falar sobre ressacas [...] eu só soube o que era uma ressaca quando a senti pela primeira vez 3 anos depois de ter começado a consumir. [...] nem havia informação sobre a sida que tu injetas com a seringa do outro e podes apanhar HIV, não havia informações [...]”</p>
		<p>“ [...] estou isento. Acho eu que está relacionado com o facto de eu ser sem-abrigo [...]”</p> <p>“As pessoas que, por exemplo, eu felizmente não tenho</p>

	<p>Relação atual</p>	<p>HIV, [...] acho que a medicação é de borla. Se é de borla para o HIV também devia ser para a hepatite C, pronto isso é uma coisa que se calhar enquanto estou aqui dentro, porque eu sei que a medicação nova que agora há aquilo custa 20.000€ ou 15.000€ uma caixa daquelas, mas dizem que é 100% garantido a cura e se eu tiver a oportunidade de vir a pedir essa medicação eu ficava muito grato ao S.N.S.”</p> <p>“ [...] Então veja [...] como é que eles enganam o estado, eu a fazer essas 30 sessões (de fisioterapia à mão) demorou 120 dias, portanto a fisioterapeuta dali quando telefona ao S.N.S. diz que foram 120 sessões, quer dizer, o estado está a pagar mais 90 sessões do que eu realmente fiz. Isto é assim [...] se eu nessas 30 sessões fizer esses 120 dias eles telefonam para o S.N.S. a dizer que foram 120 sessões porque opá, é assim, quer dizer... e o Simão até disse assim: “então mas ó senhora como é que isso pode ser?”, “isto já é assim há anos”, “há anos que é assim? Então mas isso é estar a enganar o S.N.S.”</p>
	<p>Objetivo da S.S.</p>	<p>“ [...] penso que é para ajudar as pessoas a reinserirem-se na sociedade (...) Por exemplo ajudando a alugar um quarto, por exemplo, ajudando a pagar o passe para ir à procura de emprego, pronto essas coisas básicas que a gente necessita para nos reintegramos nesta sociedade [...]”</p>
	<p>Usufriui ou usufriuiu de algum apoio da S.S.</p>	<p>“Não [...] a minha mãe ainda quis tratar disso (mas) eu não fui à entrevista [...] porque tive de ir consumir ao bairro [...] nunca pedi nada ao governo português [...] nem quando era polícia e quando sai de polícia eu nunca recebi no fundo de desemprego, não tenho nenhum problema com a justiça em Portugal...”</p> <p>“ [...] a Dinamarca é assim, é celas individuais, cada cela tem tv, tem um frigorifico dentro da cela, à <i>playstation</i> de dois em dois dias, mesmo que você entre e não esteja a trabalhar, [...] a gente mete o papel a dizer que quer trabalhar, mesmo sem estar a trabalhar a gente é pago</p>

		como se estivesse a trabalhar [...] recebia à semana 65 euros [...] e depois é assim [...] em Portugal, se eu quiser ir ao dentista, isso nunca mais! É meses e meses à espera. Eu lá pedi, por exemplo, numa quinta-feira e na segunda-feira estava a ir ao dentista [...]"
	Relação com a S.S.	“ [...] Não (tenho) porque eu não estive muito tempo aqui em Portugal [...] as únicas coisas que eu tenho da justiça eram as multas de metro que eu tive que, eu fui apanhado no metro, eu não tive preso aqui em Portugal [...]"
	Recebeu/recebe algum apoio institucional	<p>“ [...] Fui ao consulado português pedir ajuda mas como ia tão sujo, tão porco e a cheirar mal que a senhora disse-me logo assim: “desculpe lá o senhor aqui nem pode entrar assim como está”, a senhora ainda telefonou outra vez a minha mãe que contou à senhora o que se tinha passado com os 1.500€. O governo português não me ajudou, acabou por não me dar dinheiro. Depois eu fui pedir ajuda ao governo inglês, porque eu tive lá a trabalhar ainda alguns anos, entretanto o governo inglês disse sim, arranjaram-me o bilhete [...] para Portugal [...]"</p> <p>“ [...] Bem a partir daí tive de ir para o albergue de Xelas, que eu nem conhecia, aliás eu em 41 anos eu nunca tinha ouvido falar em comunidades nem nada disso, nunca na minha vida, estou-lhe a ser muito sincero. Ou nunca tive com pessoas que nunca tiveram algum conhecimento, nunca tive conhecimento disso, a 1ª vez que ouvi falar disso foi aqui em Portugal, foi a minha mãe que me disse: “Ó J acho que há um centro ali para Alvalade vai lá falar com eles”, ela nunca mencionou o nome Vida e Paz nem nada disso. Eu tinha uma grande mochila, chego a esse centro lá em Alvalade completamente a ressacar, [...] eles lá telefonaram para o Espaço Aberto ao Diálogo (E.A.D.), [...] foram-me lá apanhar e levaram-me para esse albergue em Xelas,</p>

		<p>quando eu lá entrei nem quis acreditar [...]”</p> <p>“ [...] as únicas vezes em que eu tive limpo e sóbrio [...] foi quando estive aqui em tratamento, [...] este é o segundo tratamento que estou a fazer [...]”</p>
	<p>Importância desses apoios</p>	<p>“eu sou um sem-abrigo tenho de concordar com isto [...] concordo com estas ajudas do estado porque afinal de contas quer dizer eu tenho este problema [...] que é um problema que não tem explicação [...] desde que uma pessoa entre aí (numa comunidade terapêutica) a pessoa está mesmo “arrumada” [...]”</p>
<p>Futuro</p>	<p>Expetativas</p>	<p>“ [...] agora como é que eu vou, por exemplo, se eu quiser ir trabalhar ou para um restaurante ou para uma fábrica e tiver que agarrar coisas porque, as nossas mãos são dois utensílios [...] qualquer coisa que a gente faça a gente usa as nossas mãos não é? [...]”</p> <p>“ [...] eu não espero nada [...] sinto-me feliz [...] em ter um teto ou uma caravana em que esteja limpo, [...] que tenha uma televisão [...] utensílios para eu cozinhar e desde [...] que seja num sitio que eu também goste, pronto mas eu não espero muito... se calhar ainda vou a tempo de ser pai [...]”</p> <p>“ [...] isso comigo nunca vai acontecer (ser mal tratado) [...] não estou a falar só por falar... eu prefiro injetar-me com uma grama de heroína logo de uma vez e mato-me logo [...]”</p>

## **APÊNDICE F**

### **Instrumentos relativos à entrevista realizada a CL**

---

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA - CL

### **Observações:**

Entrevistado: CL

Data da realização da entrevista: 02 de Outubro de 2015

Local: Comunidade Vida e Paz – Fátima

Duração: 00:36:11

Depois de explicados os principais objetivos da investigação foi dado a ler e a assinar o termo de consentimento informado. Logo em seguida foi iniciada a gravação da entrevista.

**CL-** Local e a data hoje é... dois?

**Investigadora (I)** - É dois.

**CL-** Local é Fátima?

**I-** Fátima sim.

**CL-** Ok, ok.

**I-** Ora então vamos começar aqui pelos dados sociodemográficos.

**CL-** Hum-hum.

**I-** Ora, tem que idade?

**CL-** 48.

**I-** Qual é a nacionalidade?

**CL-** Português

**I-** E naturalidade?

**CL-** Lisboa.

**I-** É solteiro?

**CL-** Sim.

**I-** Qual é o nível de escolaridade?

**CL-** 9º ano.

**I-** 9º ano, quais são ou quais eram as suas condições habitacionais até entrar na comunidade?

**CL-** Não percebi.

**I-** Quais são ou quais eram as suas condições habitacionais, qual era, tinha casa?

**CL-** Antes de entrar aqui para o programa estava no albergue da Vitae em Xabregas.

**I-** Estava lá porque estava em condição de sem-abrigo não é?

**CL-** Sim, sim.

**I-** Quanto tempo teve de experiência como sem abrigo? A viver mesmo na rua?

**CL-** Mesmo na rua estive cerca de 2 anos, 2 anos intervalados.

**I-** Hum-hum, com algumas coisas pelo meio?

**CL-** Pelo meio sim.

**I-** Mas foram 2 anos.

**CL-** Mas sempre, sim foram 2 no total.

**I-** Pronto, sofre de alguma doença ou condição física?

**CL-** Não.

**I-** Não?

**CL-** A única doença que eu tenho é a psoríase, que é um problema de pele.

**I-** Hum-hum.

**CL-** De resto não tenho mais nada.

**I-** Não tem hepatite?

**CL-** Tenho, tenho hepatite C *ya* sim, sim... estava-me a esquecer disso.

**I-** Não tem nenhuma doença psiquiátrica?

**CL-** Não, tenho depressão se quiser pôr.

**I-** Hum, hum

**CL-** É depressão crónica

**I-** É?

**CL-** É.

**I-** Fuma?

**CL-** Sim.

**I-** Consumia bebidas alcoólicas até entrar para o tratamento?

**CL-** Sim, sim.

**I-** Quais?

**CL-** Eh... Cerveja, era a minha bebida de eleição era a cerveja só.

**I-** Hum-hum, consumia drogas?

**CL-** Sim.

**I-** Quais?

**CL-** Heroína e cocaína.

**I-** Eram as suas drogas de eleição?

**CL-** Sim. Mas a principal era a heroína. A cocaína é muito “gulosa”, não tinha muitas vezes dinheiro para isso.

**I-** Mendigava?

**CL-** Não, não mendigava, não andava a pedir.

**I-** Nunca teve o hábito de pedir por arrumar carros?

**CL-** Sim, sim, a arrumar carros sim, sim, houve uma altura que sim.

**I-** Vamos então começar, queria pedir-lhe que dissesse quais são as causas que aponta para ter vivido como sem-abrigo.

**CL-** Ok.

**I-** O que é que acha que causou essa situação?

**CL-** A situação de sem-abrigo foi causado também pela morte dos pais e... pronto, trabalho deixei de o ter. Quando eu andava a consumir eu não tinha muito o hábito de andar em furtos nem nada e por isso, comecei por andar a arrumar carros, que era uma das fontes que eu tinha para consumir...

**I-** Para sobreviver...

**CL-** Mas trabalhei quase toda a minha vida de consumos, trabalhei a maior parte do tempo. Estes dois últimos anos é que foi um bocado intervalado. Fiz um programa pelo meio em que não tive sucesso e então voltei outra vez, recai e voltei outra vez a sem-abrigo e então fui para a Vitae, que é um albergue onde eu dormia. Durante o dia andava a arrumar carros ou tinha um trabalho ou outro que de vez em quando fazia mas era...

**I-** Que tipo de trabalhos?

**CL-** Eletricista.

**I-** Eletricista?

**CL-** Sim, sim.

**I-** Lembra-se de algum episódio marcante como sem-abrigo? Um episódio que o marcou?

**CL-** Sim, um dos que me marcou mesmo foi quando tinha havido um, isto foi em Lisboa, e eu andava ali a arrumar carros perto do Hospital D.<sup>a</sup> Estefânia, não sei se a Dr.<sup>a</sup> conhece, e mais acima é a polícia Judiciaria. Acontece que nesse mesmo dia houve um assassinato na praça do Chile e um dos polícias identificou-me como muito parecido com a pessoa que tinha assassinado. Fui para a Judiciaria, fui posto num vidro em que a testemunha via-me mas eu não via a testemunha e causou-me transtorno, fiquei com bastante medo porque estava a ser acusado, até que chegou uma pessoa que viu a pessoa que assassinou e que me ilibou porque disse que não era eu a pessoa que estava envolvida. Senti-me com medo, com tudo, porque estava a ser acusado de uma coisa que eu também não tinha feito e então, ainda por cima um crime, que é uma coisa que eu nunca fiz na minha vida, foi isso.

**I-** Exato. Qual era a imagem que os outros, a sociedade, a comunidade tinham de si como sem-abrigo? O que é que você percebia dos outros que passavam por si?

**CL-** Sim, dos outros era um bocado desprezo, éramos tratados um bocado “abaixo de cão” na maneira de falar, não eramos respeitados só pelo simples facto de sermos sem-abrigo. Ao nível da sociedade nós somos rejeitados, somos...

**I-** Sentia-se rejeitado?

**CL-** Sim, sentia-me muito rejeitado, do ponto de, quer dizer tudo o que acontecesse, alguma coisa que acontecesse era o sem-abrigo que pagava e...

**I-** Sentiu isso?

**CL-** Senti, senti discriminação, principalmente perante a sociedade de sermos discriminados nesse sentido. Não é toda a gente porque eu também durante esse tempo tive pessoas boas que me ajudaram e que falavam bem mas a maior parte era discriminação mesmo por completo. Até tinha às vezes receio quando me davam a moeda de haver um certo afastamento, que pensassem que eu tivesse a lepra ou coisa parecida, que lhes pegasse.

**I-** Ok. Então diga-me uma coisa como é que eram as relações com a sua família antes de se tornar sem-abrigo, no passado?

**CL-** Eh... é assim, com a minha mãe, os meus pais quando era vivos a minha mãe foi a 1ª pessoa... os meus pais faleceram, foi complicado porque todo o dinheiro que eu ganhava ao final do mês, muitas das vezes eu chegava ao final do mês e não tinha dinheiro para dar em casa, porquê por causa dos consumos que eu tinha e do dinheiro que eu pedia emprestado chegava-se ao final do mês, pagava às pessoas a quem devia e ficava quase sem nada. E acontece que às vezes tinha receio de que iria ser posto fora de casa mas os meus pais nunca foram por esse caminho, nunca me meteram na rua por causa disso. Ficavam era preocupados claro da maneira como eu andava e acabei numa dada altura por deixar de andar à procura de trabalho, por uma simples razão, porque causa de que todo o dinheiro que eu ganhava no trabalho eu gastava na heroína e então eu deixei de trabalhar para isso e meti na cabeça que não ia mais trabalhar para sustentar um vício. E os outros depois tinham carros e antenas parabólicas e eu andava um mês inteiro a trabalhar para o consumo. Acabei por deixar de ir trabalhar e comecei a andar mais na rua e pronto...

**I-** E como é que os seus pais reagiram perante o seu consumo?

**CL-** Os meus pais eram pessoas analfabetas mas eram pessoas inteligentes...eu sentia que eles já não tinham forças... a droga para nós, a droga tomou conta de tal maneira em nós que eu já não respeitava os meus pais e os meus pais por medo que eu fizesse alguma coisa falavam comigo de uma maneira mais calma e preocupada para ver se eu ia-me curar, pronto tinham esse tipo de conversas.

**I-** Eram compreensivos?

**CL-** Eram. Eram porque tinham o receio que eu fizesse pior e então andavam sempre com “panos quentes” para tudo andar como deve ser, para eu não cometer nada de roubos nem nada disso. Quando a minha mãe faleceu ai sim, já foi mais complicado e com mais dois irmãos em casa que também consumiam, comigo eramos três a consumir naquela casa e o meu pai pronto, o meu pai estava lá vivo mas o meu pai já não tinha forças para tomar conta de nós. Nós consumíamos em casa com ele lá e ele a saber que nos íamos consumir...só que ele já não tinha forças para nós. Muitas vezes até era a ele que pedíamos dinheiro para consumir porque não tínhamos dinheiro para nós. Quando

estava na parte da ressaca em vez de me fazer à vida pedia ao meu pai por favor para ele me dar 1000 escudos, ainda na altura era escudos para eu comprar uma dose para eu poder depois ter forças e ir-me “fazer à vida”, fazer-me à vida quer dizer, arrumar carros, o que houvesse na rua e havia vezes que estava 3 ou 4 dias sem “por os pés em casa” e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava na vida de consumos.

**I-** E como são as suas relações familiares atuais? Sei que agora não tem pais não é?

**CL-** São muito más Dr.<sup>a</sup>, são muito más. Tenho um irmão, o Rui que ele na altura, a primeira comunidade para onde fui foi para o Desafio Jovem, e dos 3 irmãos que consumiam eu fui o primeiro a ir para um programa de recuperação depois os outros 2 irmãos é que foram atrás de mim eu disse-lhes que aquilo era bom, que fizessem um programa e ficavam livres das drogas e assim foi, eles foram para o Desafio Jovem e conseguiram também sair disso. Hoje em dia o Rui é vivo o Emanuel já não, acabou por falecer há pouco tempo de overdose quis experimentar e a coisa deu para o torto. O meu irmão Rui está bem é um ex-tóxico, tem um emprego e uma vida estável...

**I-** E dá-se bem com ele?

**CL-** Já me dei melhor do que agora. Já não me dou mesmo com ele pois já não sei onde é que ele mora. Estava numa casa na Bobadela e agora já não sei onde é que ele está...

**I-** Esta condição de sem-abrigo que você viveu separou-os?

**CL-** Sim, separou, separou porque foi um bocado por minha culpa, eu não dei “o braço a torcer” em me aproximar do meu irmão. Duas vezes foi ter comigo quando eu arrumava carros para ver se eu saia daquela vida e eu é que não quis. Queria fazer as coisas sozinho há minha maneira, acabei por sempre fazer coisas erradas. Tudo aquilo que eu pensava muitas vezes não deu resultado, mesmo ao nível de consumos e de curas, nunca deu resultado.

**I-** Hum-hum. Então passando às relações de amizade e relações com o resto da comunidade como é que eram as suas relações com os seus amigos e com a comunidade no seu passado, antes de se tornar sem-abrigo?

**CL-** É assim eu nunca fui pessoa de ter muitos relacionamentos com pessoas, eu era muito sozinho, sempre fui uma pessoa sozinha. Fazia as coisas sozinho não andava com amigos meus para lado nenhum, eu como costume dizer eu orientava-me ao nível de dinheiros era sempre sozinho. O ser sem-abrigo foi aquela causa que eu já disse, depois de o meu pai falecer ficamos sem a casa.

**I-** Sim, mas por exemplo, onde morava não se dava bem com os vizinhos?

**CL-** Não.

**I-** Não tinha amigos?

**CL-** Não.

**I-** Não tinha um melhor amigo?

**CL-** Tinha, tinha era o António. Jogava à bola comigo na altura, tínhamos a mesma idade, pronto eramos amigos de criação. Esse é o único amigo que ainda tenho, que sobra de todos, ou morreram ou se foram embora para outro lado e nunca mais os vi e esse António é o único que ainda está nos Olivais, tem uma vida estável, era uma pessoa que também consumia mas já fez tratamento à bastante tempo e nunca mais...

**I-** Vocês eram parceiros de consumo?

**CL-** Sim, erámos parceiros de consumo. Ele muitas vezes pedia-me a mim para ir comprar para não interferir na vida, porque ele era casado e então para não dar a entender à família e à mulher eu ia comprar para ele e consumíamos em minha casa.

**I-** Sim e como está essa relação agora?

**CL-** Eh... Essa relação agora está um bocado complicada porque eu cometi uma situação que ainda hoje tenho vergonha de contar. Eu há pouco, cerca de 4/5 meses, mas eu estou aqui à 9, por isso já lá vai 1 ano, fui a casa dele e estava dopado com comprimidos e acabei por lhe tirar um MP3 a ele e ele veio a descobrir e disse-me “César desculpa lá mas a minha casa já não voltas mais” por ter feito aquilo e eu pedi-lhe desculpas, dei-lhe o MP3 na mesma e pedi-lhe desculpas mas ele ficou chateado, guardou essa situação e acabou por...

**I-** Por se afastar...

**CL-** Por se afastar exatamente. Era a única pessoa que eu tinha assim de amizade era ele, era com ele que eu falava mais assuntos...

**I-** Mesmo durante esta altura específica em que teve como sem-abrigo falava com ele?

**CL-** Não, aí não falava com ele. Não falava porque não tinha condições para estar juntamente com ele por causa da vizinhança porque eu andava num estado lastimável mesmo, mesmo de sem-abrigo, não tinha mesmo condições. Comecei a dar-me bem com ele quando terminei o programa no Desafio Jovem, eu consegui dar a “volta por cima”, arranjei um trabalho, tirei a carta pela 1ª vez, a minha vida deu uma volta de 380º graus em que tinha uma casa minha, pronto aquilo que uma pessoa consegue através do trabalho. E tive quase 6 anos parados sem consumir, não fumava, não bebia, tive assim durante 6 anos até ter tido um acidente com o carro da empresa e acusou álcool e ao acusar álcool o seguro recusou-se a pagar e eu acabei por ser despedido e ficar só com a mensalidade, o ordenado daquele mês o resto foi tudo para pagar o arranjo e essas coisas todas.

**I-** E depois voltou à situação de sem-abrigo outra vez?

**CL-** Voltei, voltei...

**I-** Foi essa a situação que me estava a falar, não foram 2 anos seguidos, houve um intervalo de tempo porque fez um tratamento?

**CL-** E tive 6 anos bem, com uma vida razoável que qualquer pessoa tem e acabei por estragar tudo outra vez e por os pés pelas mãos e as mãos pelos pés... a minha vida rebentou outra vez e não tive coragem de enfrentar as outras pessoas, por isso, andava sempre sozinho, não tinha pessoas amigas nem nada e claro, tinha alguns conhecidos como é lógico, mas amizades, amizades eu não tinha Dr.<sup>a</sup>, não tinha nada.

**I-** Ok. Recebeu então apoio institucional?

**CL-** Sim, eh... recebi apoio institucional desde que vim para aqui para a comunidade.

**I-** Mas também já estive noutras comunidades.

**CL-** Tive, tive.

**I-** Em quais?

**CL-** Tive na Ponte.

**I-** Só estive nessa?

**CL-** Não, estive no Desafio Jovem. Mas na altura em que estive no Desafio Jovem houve uma má inscrição e não tive direito a subsídios nenhuns. Nem paguei mensalidade nem nada disso mas mesmo assim acabei por ficar lá 1 ano e tal.

**I-** Qual é a importância que atribui a esses apoios?

**CL-** Eu acho que é boa, desde que a gente saiba aproveitar e acho que o Estado ou o governo, pronto, há esses dinheiros para que realmente haja tratamento. Há pessoas, há umas que não, utilizam o tratamento e acabam por andar novamente...eu também fiz isso mas eu dou mais importância agora. Vim através do CAT das Taipas em Lisboa e estava a ser seguido por uma terapeuta Sandra Dinis que eu já a conheço há uns 4 ou 5 anos e ela também me conhece a mim bem e disse-me “César olha desculpa lá mas este vai ser o último porque há pessoas que estão à espera e a gente não pode dar mais oportunidades a você César porque temos outros atrás que precisam e você já veio 3 vezes, ajudámos já por 3 vezes e não conseguiu...” por isso o Estado está a fazer uma revisão de quem está a entrar consecutivamente, dizem que só é 3 vezes, ao fim de 3 vezes já não há mais direito para nada. E então eu estou nestas condições aqui. Eu decidi vir para a comunidade Vida e Paz porque falaram-me que era uma instituição boa sem exigir muito trabalho muito trabalho às pessoas, era mais terapêutico e então eu decidi vir para a Vida e Paz, porque a minha ideia era voltar outra vez para o Desafio Jovem mas não voltei e vim para aqui. E quando eu vim para aqui eu tratei da papelada toda para poder entrar e então foi quando eu falei com a minha assistente da segurança social que me deu esse apoio.

**I-** Ok. Ao nível da educação frequentou o ensino público?

**CL-** Sim frequentei o ensino público sim.

**I-** Tem alguma memória ou episódio marcante na escola?

**CL-** Tive uns quantos Dr.<sup>a</sup>. (risos)

**I-** Pode contar-me um?

**CL-** Tive uns quantos mas assim episódios meio coiso já foi há bastante tempo mas tive de ser expulso das salas de aula por falar mais alto e outras coisas mais, ter namoradas e depois o namorado que era de outra escola foi há minha escola para me bater porque eu andava a gozar com eles e depois juntaram-se todos e houve uma série de episódios assim um bocado para o esquisito. E os episódios no desporto também, gostava muito de desporto, gostava muito de jogar à bola eh... incentivei um professor para fazer-mos um torneio de futebol. Foi um ponto alto da minha parte porque consegui fazer essa organização e tudo correu bem, foi porreiro agora assim outras coisas mais, já não me lembro.

**I-** E então relativamente à saúde sabe o que é o SNS?

**CL-** Sim.

**I-** Sabe se é abrangido por este sistema?

**CL-** Não sei mas eu acho que sim, devo ser, devo ser pela Santa Casa porque eu tive a falar com a minha técnica antes de eu entrar para cá e ela disse-me que isto passava pela Segurança Social, que trabalha tudo em círculo e dizem que este era um subsídio especial que era à parte para aqueles sem-abrigo que queriam tratamentos e então eramos subsidiados. (confusão com subsídios da S.S.)

**I-** Sim e a nível de apoios, por exemplo, as taxas moderadoras, você sabe se é isento de pagar as taxas?

**CL-** Sou. Sou isento. Como sou uma pessoa sozinha sem condições, não tenho vencimento, não tenho nada, há pouco tempo recebi uma carta das finanças para pagar uma multa de IRS já de há 2 anos atrás e tive que a pagar, foram 200 e tal euros, paguei aqui em Ourém para isto não ir mais para a frente e porque achei que devia, tenho juntado dinheiro, falei com a Dr.<sup>a</sup> Paula sobre a possibilidade de tirar 200€ dessa conta que eu tenho para poder pagar com eles não andarem com o processo mais para a frente. Para quê? Para que daqui a mais tarde eu arranje trabalho e não tenha o meu patrão a receber a carta das finanças para eu poder pagar porque hoje em dia as multas, mesmo

as multas de autocarro e outras multas vão para as finanças porquê? Para a pessoa quando trabalhar vão ao ordenado das pessoas e tiram entende? Eu não era para pagar, tenho que lhe ser sincero mas achei que devia pagar para no futuro não me acontecerem mais problemas. E com a agravante de ser não 200€ mas 300€ ou 400€, pode agravar e então achei melhor pagar já.

**I-** Exatamente e então relativamente a este SNS teve assim alguma relação passada e alguns episódios marcantes relativamente ao SNS? Antes de ser sem-abrigo? Depois?

**CL-** Não Dr.<sup>a</sup> é assim, nunca utilizei muito o centro de saúde, dessa instituição porque eu descontei muito, tive alturas em que descontei 200€ e tal para a segurança social. Também estava num patamar mais alto e fazia estes descontos agora é assim eu não sei se isto tem alguma coisa a ver com a outra.

**I-** Está a ligar mais à segurança social, mas já vamos aí. Tem tido uma boa relação com o SNS?

**CL-** Tenho. Tem-me ajudado. Se eu estou aqui foi graças também um bocado a eles. Eu tenho que fazer um monte de exames de saúde para saber se tenho alguma doença que seja má e eles todos, sempre que precisei da ajuda deles eu sempre a tive, não tenho razão de queixa.

**I-** Ok. Relativamente à segurança social, sabe qual é o objetivo da segurança social?

**CL-** O objetivo da segurança social é de nos ajudar a nós e aqueles que trabalham e não só para que tenhamos um... hospitais, centros de saúde, desde que a gente desconte, ter os direitos que deve ter ao longo deste tempo em que uma pessoa vai trabalhando e descontando e ter benefícios mais tarde, como por exemplo, ir ao médico que é uma das coisas principais, ter benefício disso, ter uma boa reforma, ter bons médicos, bons centros de saúde e poderem dar isso a todas as pessoas que descontam. Não acontece, não é o caso, porque estamos um bocado mal em Portugal ao nível de saúde, segurança social e isso, e já se fala que está falida e que pronto, no passado houve muita gente a fugir aos descontos da caixa, da segurança social, e acontece que hoje em dia a maior parte dos reformados tem reformas muito baixas e digo-lhe uma coisa quando trabalhei, o que descontei não foi muito mas descontei um bom bocado, nunca usufrui das baixas médicas nem da segurança social, sim fazia os descontos mas nunca precisei da

segurança social só depois quando vim para... quando comecei a ter os meus consumos e a precisar da segurança social para poder entrar para uma instituição...

**I-** Aí precisou da segurança social, ou seja, já usufruiu de apoio da segurança social. E já recebeu o RSI?

**CL-** É assim, recebi. Eu antes de vir para aqui eu tinha posto os papéis para o rendimento 1 mês antes ou mais ou menos e então entrei para cá. Acontece que ao falar com a minha técnica da Santa Casa achamos por bem de que ou uma coisa ou outra, ou recebia o rendimento mínimo e com esse rendimento eu pagava a mensalidade ou tinha o apoio por inteiro de ter a minha estadia paga mais X para coisas pessoais e acontece que eu dei baixa do rendimento mínimo pois não podia estar a receber duas coisas ao mesmo tempo, ou uma coisa ou outra, eu optei pela outra, dava mais benefícios e tudo e então acabei por dar baixa. Passado 2 meses recebi um vale de 300 e tal euros para eu levantar que já era da inscrição que eu tinha lá e dos retroativos, mas já tinha dado baixa pronto e fiquei com esses 300 e tal euros porque também precisava e recebi-os aqui, já eu cá estava na comunidade.

**I-** Então durante estes 2 anos como sem-abrigo o único momento em que pediu apoio foi esse?

**CL-** Foi. É assim eu não tive mais cedo porque fui cromo (risos) no sentido, pronto, é uma maneira de falar...

**I-** Não sabia...

**CL-** Sabia, não sabia era como se tratava ... e então a Vitae tem assistentes sociais lá dentro, temos a nossa técnica, cada um tem a sua técnica e eu falei com a minha técnica e ela concedeu-me a que metesse os papéis, disse-me tudo o que devia tratar, fui ao centro de emprego para ir buscar um papel a comprovar em como estava inscrito, um certificado de residência, essas coisas que eles pedem pronto e foi aí que eu comecei a tratar dos papeis para ter esse tal rendimento, não cheguei a ter porque vim para aqui mas recebi os 2 meses e tal que já tinha dos papeis entregues e dos retroativos recebidos....

**I-** Sim então como tem sido a sua relação com a segurança social?

**CL-** A minha relação com a segurança social tem sido muito pouca, que eu me lembre nunca tive coisas de ir lá saber seja o que fosse, mesmo a trabalhar nunca tive muita relação com a segurança social.

**I-** E então a que é que se deve essa relação quase inexistente? Quais são as razões?

**CL-** Não sei bem explicar D.<sup>a</sup>. as razões eh... pronto porque nunca estive inclinado para isso, nunca precisei deles, precisava sim quando via que algum patrão meu pronto, quando desconfiava que não descontava eu dirigia-me à segurança social para saber se o meu patrão fazia os descontos todos como deve ser, se eu estava lá inscrito e essas coisas todas porque isso é muito importante. Hoje em dia a segurança social aperta a entidade patronal de tal maneira que não deixa nenhum empregado sem ser inscrito na segurança social, é mesmo obrigatório, apanhei um tempo em que não era, não havia essas coisas todas, podia-se fugir ao pagamento e pronto e era só nessa base que eu ia lá à segurança social para saber se realmente os descontos estavam a ser feitos também para eu também saber se eu fosse pedir uma baixa se tinha dinheiro da baixa não é? E então era só nessa base que eu me deslocava à segurança social para saber certas coisas do meu foro de preocupação.

**I-** E então relativamente ao futuro quais são os seus desejos pessoais, quais são as suas expectativas, o que é que se vê a fazer no futuro?

**CL-** Está a falar da minha vida pessoal?

**I-** Sim.

**CL-** Pois (risos) eu não gosto muito de dizer essas coisas Dr.<sup>a</sup> porque nem sempre vai ser aquilo que eu penso, há sempre alguma coisa no meio que faz que eu me desvie porque eu já tenho a experiência do passado e tive “cá em cima mesmo” e de um momento para o outro vim “cá parar a baixo”, ao ponto de andar em albergues e andar nisto e naquilo. Pronto eu sinceramente o meu objetivo desta vez tem que ser um objetivo com bases solidas mesmo para que realmente não cometa mais nenhuma recaída porque também tenho a idade que tenho não é, estou aqui e é a última vez que tenho esta oportunidade, não vou ter mais e tenho que agarrar com as duas mãos e eu gostava realmente que a minha vida, como é que eu hei-de dizer, ficasse estável.

**I-** Estável como?

**CL-** Casando com alguém, criando uma família e ter alguma coisa que me preocupasse, que tivesse na cabeça...

**I-** Um foco?

**CL-** Exatamente, porque sozinho há aquela coisa “estou sozinho também não tenho ninguém ao meu encargo, se coiso (recair) estou a marimbar-me para isso” agora se tiver alguém que me compreende com a qual me preocupo e preciso de lutar para isso essa era finalidade que eu gostava de ter para poder agarrar-me a qualquer coisa, não estar sozinho, porque sozinho já tenho a experiencia que não consigo nada, não consigo mesmo nada e o meu futuro é um bocado isso, era sair daqui, arranjar um emprego, arranjar uma família e refazer a minha vida como todo o cidadão faz que tem mais ou menos, ter as capacidades para trabalhar e ter força e saúde para isso tudo é o que eu desejo. É um bocado isso que eu penso estando aqui é para que realmente tenha forças e saúde para ter um trabalho digno, sem recorrer a subsídios nem nada disso, nunca fui muito disso dos subsídios e então gostava de trabalhar e fazer os meus descontos e ter as minhas regalias como toda a gente tem.

**I-** É esse o objetivo?

**CL-** É esse o objetivo, tal e qual.

**I-** Agradeço-lhe pela sua participação.

## SINOPSE DE ENTREVISTA DE CL

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUB-CATEGORIAS	EXCERTOS DA ENTREVISTA
Relações familiares (percurso)	No passado (Antes de ser sem-abrigo)	<p>“ [...] tinha receio de [...] ser posto fora de casa mas os meus pais nunca [...] me meteram na rua [...]”</p> <p>“Os meus pais eram pessoas analfabetas mas eram pessoas inteligentes...eu sentia que eles já não tinham forças [...] eu já não respeitava os meus pais e [...] por medo que eu fizesse alguma coisa falavam comigo de uma maneira mais calma e preocupada para ver se eu ia-me curar [...]”</p> <p>“Quando a minha mãe faleceu [...] foi mais complicado e com mais dois irmãos em casa que também consumiam [...] o meu pai [...] estava lá vivo mas [...] não tinha forças para tomar conta de nós [...] era a ele que pedíamos dinheiro para consumir [...] Quando estava na parte da ressaca em vez de me fazer à vida pedia ao meu pai por favor para ele me dar 1000 escudos, [...] para eu comprar uma dose [...]”</p>
	Atualmente	<p>“São muito más [...] o Emanuel [...] acabou por falecer há pouco tempo de overdose [...] o meu irmão Rui já não me dou mesmo com ele pois já não sei onde é que ele mora [...]” “ [...] eu não dei “o braço a torcer” em me aproximar do meu irmão. Duas vezes foi ter comigo quando eu arrumava carros para ver se eu saia daquela vida e eu é que não quis. Queria fazer as coisas sozinho à minha maneira [...]”</p>
Relações amizade/comunidade	No passado (Antes de ser sem-abrigo)	<p>“ [...] eu nunca fui pessoa de ter muitos relacionamentos com pessoas, eu era muito sozinho, sempre fui uma pessoa sozinha. Fazia as coisas sozinho não andava com amigos meus para lado nenhum [...] nunca fui pessoa de ter muitos relacionamentos [...] Tinha (um melhor amigo) era o António. Jogava à bola comigo na altura, tínhamos a mesma idade [...] éramos amigos de criação (e) [...] parceiros de consumo [...] Ele muitas vezes pedia-me a mim para ir comprar (droga) porque ele era casado e então</p>

		para não dar a entender à família e à mulher eu ia comprar para ele e consumíamos em minha casa [...]"
	Atualmente	<p>“ [...] (quando esteve sem-abrigo) Não, ai não falava com ele. Não falava porque não tinha condições para estar juntamente com ele por causa da vizinhança porque eu andava num estado lastimável mesmo, mesmo de sem-abrigo, não tinha mesmo condições [...]"</p> <p>“Essa relação agora está um bocadinho complicada porque eu cometi uma situação que ainda hoje tenho vergonha de contar [...] já lá vai 1 ano, fui a casa dele e estava dopado com comprimidos e acabei por lhe tirar um MP3 [...] e ele veio a descobrir [...] ficou chateado [...] e acabou [...] por se afastar [...].”</p> <p>“ [...] acabei por estragar tudo outra vez [...] (quando recaiu) não tive coragem de enfrentar as outras pessoas, por isso, andava sempre sozinho, não tinha pessoas amigas [...]"</p>
Vivência como sem-abrigo	Causas	<p>“ [...] foi causado também pela morte dos pais e... pronto, trabalho deixei de o ter. Quando eu andava a consumir eu não tinha muito o hábito de andar em furtos nem nada e por isso, comecei por andar a arrumar carros, que era uma das fontes que eu tinha para consumir [...] todo o dinheiro que eu ganhava [...] gastava na heroína e [...] meti na cabeça que não ia mais trabalhar para sustentar um vício. [...] comecei a andar mais na rua [...]"</p> <p>“ [...] Fiz um programa pelo meio em que não tive sucesso e então [...] recaí e voltei outra vez a sem-abrigo e então fui para a Vitae, que é um albergue onde eu dormia. Durante o dia andava a arrumar carros ou tinha um trabalho ou outro que de vez em quando fazia [...]"</p> <p>(depois de 6 anos em recuperação) “ [...] acabei por ser despedido [...]" (devido ao consumo de álcool)</p>
		<p>“ [...] eu andava ali a arrumar carros perto do Hospital D.<sup>a</sup> Estefânia, [...] e mais acima é a polícia Judiciária. Acontece que nesse mesmo dia houve um assassinato na praça do Chile e um dos polícias identificou-me como</p>

	Episódios marcantes	<p>muito parecido com a pessoa que tinha assassinado. Fui para a Judiciária, fui posto num vidro em que a testemunha via-me mas eu não via a testemunha e causou-me transtorno, fiquei com bastante medo porque estava a ser acusado, até que chegou uma pessoa que viu a pessoa que assassinou e que me ilibou porque disse que não era eu a pessoa que estava envolvida. Senti-me com medo, com tudo, porque estava a ser acusado de uma coisa que eu também não tinha feito [...] ainda por cima um crime, que é uma coisa que eu nunca fiz na minha vida [...]"</p> <p>" [...] fazer-me à vida quer dizer, arrumar carros, o que houvesse na rua e havia vezes que estava 3 ou 4 dias sem "por os pés em casa" e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava na vida de consumos [...]"</p>
	Imagem que acha que os outros tinham/têm dele como sem-abrigo (heterorepresentação)	<p>" [...] éramos tratados um bocado "abaixo de cão" na maneira de falar, não éramos respeitados só pelo simples facto de sermos sem-abrigo. Ao nível da sociedade nós somos rejeitados [...]"</p> <p>"Não é toda a gente porque eu também durante esse tempo tive pessoas boas que me ajudaram e que falavam bem [...]" " [...] senti discriminação, principalmente perante a sociedade [...]"</p>
	Experiência percebida por si mesmo (autorepresentação)	<p>" [...] sentia-me muito rejeitado [...] alguma coisa que acontecesse era o sem-abrigo que pagava [...]"</p> <p>" [...] havia vezes que estava 3 ou 4 dias sem "por os pés em casa" e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava na vida de consumos [...]"</p>
	Frequência no ensino público	<p>"Sim frequentei o ensino público [...]"</p>
	Episódios marcantes na escola	<p>" [...] tive de ser expulso das salas de aula por falar mais alto [...]"</p> <p>" [...] ter namoradas e depois o namorado que era de outra escola foi à minha escola para me bater porque eu andava a gozar com eles [...]"</p>

<p>Relação com os apoios sociais (educação pública, S.N.S., S.S. e instituições)</p>		<p>“ [...] gostava muito de desporto, gostava muito de jogar à bola eh... incentivei um professor para fazer-mos um torneio de futebol. Foi um ponto alto da minha parte porque consegui fazer essa organização e tudo correu bem [...]”</p>
	Sabe o que é o S.N.S.	<p>“Sim”</p>
	É abrangido pelo S.N.S.	<p>“ [...] Não sei mas eu acho que sim, devo, ser devo ser pela Santa Casa porque eu tive a falar com a minha técnica antes de eu entrar para cá e ela disse-me que isto passava pela Segurança Social, que trabalha tudo em círculo e dizem que este era um subsídio especial que era à parte para aqueles sem-abrigo que queriam tratamentos e então éramos subsidiados. [...]”</p>
	Relação no passado (antes de ser sem-abrigo)	<p>“ [...] nunca utilizei muito do centro de saúde [...], dessa instituição porque eu descontei muito, tive alturas em que descontei 200€ e tal para a segurança social. Também estava num patamar mais alto e fazia estes descontos agora é assim eu não sei se isto tem alguma coisa a haver com a outra [...]”</p>
	Relação atual	<p>“Sou isento. Como sou uma pessoa sozinha sem condições, não tenho vencimento, não tenho nada [...] há pouco tempo recebi uma carta das finanças para pagar uma multa de IRS já de há 2 anos atrás e tive que a pagar, foram 200 e tal euros [...]”</p> <p>“Tem-me ajudado [...] sempre que precisei da ajuda deles eu sempre a tive, não tenho razão de queixa [...]”</p> <p>“ [...] Se eu estou aqui foi graças também um bocado a eles. Eu tenho que fazer um monte de exames de saúde para saber se tenho alguma doença que seja má e eles todos, sempre que precisei da ajuda deles eu sempre a tive, não tenho razão de queixa. [...]”</p>
		<p>“ [...] é de nos ajudar a nós e aqueles que trabalham e não só para que tenhamos [...] hospitais, centros de saúde, desde que a gente desconte, ter os direitos que deve ter ao longo deste tempo em que uma pessoa vai trabalhando e</p>

	Objetivo da S.S.	<p>descontando e ter benefícios mais tarde, como por exemplo, ir ao médico que é uma das coisas principais, ter benefício disso, ter uma boa reforma, ter bons médicos, bons centros de saúde e poderem dar isso a todas as pessoas que descontam. Não acontece, não é o caso, porque estamos um bocado mal em Portugal ao nível de saúde, segurança social e isso, e já se fala que está falida e que pronto, no passado houve muita gente a fugir aos descontos da caixa, da segurança social, e acontece que hoje em dia a maior parte dos reformados tem reformas muito baixas e digo-lhe uma coisa quando trabalhei, o que descontei não foi muito mas descontei um bom bocado, nunca usufrui das baixas médicas nem da segurança social, sim fazia os descontos mas nunca precisei da segurança social só depois quando [...] comecei a ter os meus consumos e a precisar da segurança social para poder entrar para uma instituição...”</p>
	Usufrii ou usufruii de algum apoio da S.S.	<p>“ [...] recebi. Eu antes de vir para aqui eu tinha posto os papéis para o rendimento 1 mês antes [...] Acontece que ao falar com a minha técnica da Santa Casa achamos por bem de que ou uma coisa ou outra, ou recebia o rendimento mínimo e com esse rendimento eu pagava a mensalidade ou tinha o apoio por inteiro de ter a minha estadia paga mais X para coisas pessoais e acontece que eu dei baixa do rendimento mínimo pois não podia estar a receber duas coisas ao mesmo tempo [...] optei pela outra, dava mais benefícios [...]”</p> <p>“ [...] Passado 2 meses recebi um vale de 300 e tal euros para eu levantar que já era da inscrição que eu tinha lá e dos retroativos [...]”</p> <p>“ [...] É assim eu não tive mais cedo porque fui cromo (risos) [...] Sabia, (que existia) não sabia era como se tratava [...]”</p>
		<p>“ [...] nunca tive coisas de ir lá saber seja o que fosse, mesmo a trabalhar nunca tive muita relação com a segurança social [...] porque nunca estive inclinado para</p>

	<p>Relação com a S.S.</p>	<p>isso, nunca precisei deles, precisava sim quando [...] quando desconfiava que não descontava eu dirigia-me à segurança social para saber se o meu patrão fazia os descontos todos como deve ser, se eu estava lá inscrito e essas coisas todas porque isso é muito importante [...] “</p> <p>“ [...] Hoje em dia a segurança social aperta a entidade patronal de tal maneira que não deixa nenhum empregado sem ser inscrito na segurança social, é mesmo obrigatório, apanhei um tempo em que não era, [...] podia-se fugir ao pagamento e [...] era só nessa base que eu ia lá à segurança social para saber se realmente os descontos estavam a ser feitos [...] (e) também para [...] saber se eu fosse pedir uma baixa se tinha dinheiro da baixa não é? [...] “</p>
	<p>Recebeu/recebe algum apoio institucional</p>	<p>“Tive na Ponte (e) [...] estive no Desafio Jovem (onde) houve uma má inscrição e não tive direito a subsídios nenhuns. Nem paguei mensalidade nem nada disso [...] mesmo assim acabei por ficar lá 1 ano e tal [...] “</p> <p>“ [...] terminei o programa no Desafio Jovem, [...] consegui dar a “volta por cima”, arranjei um trabalho, tirei a carta pela 1ª vez, a minha vida deu uma volta de 380º graus em que tinha uma casa minha, pronto aquilo que uma pessoa consegue através do trabalho. E tive quase 6 anos parados sem consumir, não fumava, não bebia [...] “</p> <p>“ [...] a Vitae tem assistentes sociais lá dentro, [...] falei com a minha técnica e ela concedeu-me [...] que metesse os papéis, disse-me tudo o que devia tratar, fui ao centro de emprego para ir buscar um papel a comprovar em como estava inscrito, um certificado de residência, essas coisas que eles pedem pronto e foi ai que eu comecei a tratar dos papeis para ter esse tal rendimento [...] “ (RSI)</p> <p>“ [...] Vim através do CAT das Taipas em Lisboa e estava a ser seguido por uma terapeuta [...] que [...] conheço há uns 4 ou 5 anos e ela também me conhece a mim [...] disse-me “C olha desculpa lá mas este vai ser o último (tratamento) porque há pessoas que estão à espera e a gente não pode dar mais oportunidades a você C porque temos</p>

		<p>outros atrás que precisam e você já veio 3 vezes, ajudámos já por 3 vezes e não conseguiu...” por isso o Estado está a fazer uma revisão de quem está a entrar consecutivamente, dizem que só é 3 vezes, ao fim de 3 vezes já não há mais direito para nada. E então eu estou nestas condições aqui. Eu decidi vir para a comunidade Vida e Paz porque falaram-me que era uma instituição boa sem exigir muito trabalho [...] às pessoas, era mais terapêutico e então eu decidi vir para a Vida e Paz, porque a minha ideia era voltar outra vez para o Desafio Jovem [...] “</p>
	<p>Importância desses apoios</p>	<p>“ [...] desde que a gente saiba aproveitar e acho que o Estado ou o governo, pronto, há esses dinheiros para que realmente haja tratamento. Há pessoas [...] que [...] utilizam o tratamento e acabam por andar novamente (nos consumos) ... eu também fiz isso mas eu dou mais importância agora [...] “</p>
<p>Futuro</p>	<p>Expetativas</p>	<p>“Casando com alguém [...] se tiver alguém que me compreende com a qual me preocupo e preciso de lutar para isso essa era finalidade que eu gostava de ter para poder agarrar-me a qualquer coisa, não estar sozinho, porque sozinho já tenho a experiência que não consigo nada [...] sair daqui, arranjar um emprego, [...] uma família e refazer a minha vida como todo o cidadão faz [...] ter as capacidades para trabalhar e ter força e saúde para isso tudo é o que eu desejo [...] “</p> <p>“ [...] gostava de trabalhar e fazer os meus descontos e ter as minhas regalias como toda a gente tem [...] “</p>

## **APÊNDICE G**

### **Instrumentos relativos à entrevista realizada a NS**

---

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA - NS

### **Observações:**

Entrevistado: NS

Data da realização da entrevista: 06 de Outubro de 2015

Local: Comunidade Vida e Paz – Fátima

Duração: 00:41:14

Depois de explicados os principais objetivos da investigação foi dado a ler e a assinar o termo de consentimento informado. Logo em seguida foi iniciada a gravação da entrevista.

**Investigadora (I) - Qual é a sua idade?**

**NS-** Faço 40 daqui a 2 dias. Está quase.

**I-** Nacionalidade?

**NS-** Portuguesa.

**I-** E é natural de onde?

**NS-** Peneda. Peneda na Guarda.

**I-** Estado civil?

**NS-** Solteiro.

**I-** Escolaridade?

**NS-** Tenho o 12.º. Tirei nas novas oportunidades, mas penso que...

**I-** Quais eram as suas condições habitacionais até vir aqui para a comunidade?

**NS-** Mas quê, desde que... desde a última vez?

**I-** Hum... hum...

**NS-** Eu estava em casa dos meus pais agora.

**I-** Teve quanto tempo como sem-abrigo?

**NS-** Estive 4 meses em Inglaterra.

**I-** Em Inglaterra?

**NS-** Sim. E aqui em Portugal para aí um ano, um ano e meio.

**I-** Sofre de alguma doença, condição física?

**NS-** Sim, o meu problema é... e por isso é que tenho problemas com o álcool, o meu problema é a ansiedade.

**I-** A nível psicológico, ansiedade.

**NS-** E ataques de pânico.

**I-** E ataques de pânico... A nível físico sofre de alguma doença de fígado?

**NS-** Não.

**I-** Não tem HIV?

**NS-** Não. Essas doenças assim, quer dizer, por causa do álcool ou por causa da droga não tenho nenhuma doença.

**I-** Fuma?

**NS-** Sim.

**I-** Consumia bebidas alcoólicas? Quais eram as suas bebidas de eleição?

**NS-** Era cerveja, era vinho do Porto, era whiskey, era o que aparecia à frente... era o que tinha à mão. Quando era só socialmente bebia cerveja, mas quando comecei a

tornar-me adicto, quando necessitava todos os dias de consumir era o que tinha, tanto podia ser vodca, como vinho, como vinho do Porto, whiskey, essas coisas todas...

**I-** E drogas?

**NS-** Haxixe e erva.

**I-** E mais?

**NS-** Nunca toquei em mais... mais droga nenhuma.

**I-** Mendigou?

**NS-** Não, porque... porque tenho vergonha de... Eu sobrevivia com dinheiro, com algum dinheiro que a minha mãe me mandava e nunca fui capaz de andar a pedir nem...

**I-** Nem a arrumar carros...

**NS-** Não... diziam-me uma vez que não e desistia logo. Não tenho essa... essa predisposição nem... às vezes faltavam-me 0,20€ para comprar alguma coisa para beber e não conseguia pedir a ninguém.

**I-** Então, diga-me uma coisa, como é que começou a viver como sem-abrigo da primeira vez?

**NS-** Da primeira vez foi quando, acabei aqui o tratamento, decidi ir para Inglaterra trabalhar. Não correu como... não correu lá como... trabalhei lá durante três semanas ou quatro e depois como já estava novamente com a adição ativa...

**I-** Adição a quê nesse momento?

**NS-** Álcool e ganzas... haxixe e erva essencialmente. A partir daí trabalhei três semanas e tivemos lá um problema porque me viram, apanharam-me a beber essas coisas e fui despedido. Eu nessa altura ainda tinha casa, porque ainda tinha algum dinheiro, mas conforme fui ficando sem dinheiro, tive de ir para a rua morar. Eles ofereciam casa, mas eu preferi o dinheiro para o consumo do que eles pagarem-me um quarto ou uma casa... Porque eles pagavam-me um quarto ou uma casa...

**I-** Se quisesse...

**NS-** Se eu quisesse, mas davam-me o dinheiro na mesma. O dinheiro da casa davam-mo de quinze em quinze dias, ou melhor, de semana a semana e todos os dias me davam 15£ para eu consumir, para eu não andar a roubar nem essas coisas. Ia lá ao *Job Center* que é o centro de emprego lá, e ia lá todos os dias e pedia, pedia não, eles davam-me, que eu dei-me como toxicod dependente e eles lá dão algum dinheiro todos os dias que é claro, para as pessoas não andarem a roubar nem essas coisas... nem a pedir e... e pronto. E fiquei à rua porque quis, mas fiquei na boa durante quatro meses.

**I-** Lembra-se de algum episódio marcante como sem-abrigo?

**NS-** Lembro-me de dormir ali ao pé do comboio e lembrar-me das vezes, porque eu estava com uma depressão imensa, porque andava com as malas todas, andava com o computador, andava... Se quisesse ir a algum lado tinha de levar as minhas malas comigo e isso... levou-me a uma depressão e eu dormia ao pé das linhas de comboio e por vezes pensava em saltar e essas coisas, mas nunca aconteceu porque... porque lembrava-me da minha família e sabia que a minha família iria sofrer muito com isso. Também fui lá assaltado uma vez, apesar de não ter muito, levaram-me o que tinha, que eram umas garrafas de vinho do Porto que eu lá tinha, mas isso foi só uma vez... A partir daí comecei a dormir... aquilo lá também tem albergues, mas só abrem na época de inverno, durante o verão estão, só abrem durante o dia e à noite fecham, por isso tinha de dormir na rua, mas depois comecei a dormir em espaços onde fosse... onde fosse mais visto, onde houvesse mais gente, onde houvesse mais... onde me sentisse mais protegido. A partir daí foi...

**I-** Isto lá em Inglaterra, certo?

**NS-** Sim.

**I-** E aqui como foi o início dessa situação?

**NS-** Aqui foi quando cheguei cá, cheguei cá, consegui que me pagassem o bilhete de volta, falei com... com a câmara municipal de lá e eles pagaram-me o bilhete. Cheguei cá e fui para casa do meu pai, mas depois o meu pai estava bastante desiludido comigo e essas coisas e... pronto... não tolerou bem... estive em casa duas semanas e ele começou a... a pressionar-me bastante queria que eu arranjasse trabalho não sei quê... rápido, não sei... E eu sabia que aquilo, que não ia dar em nada e decidi vir para Lisboa

para ficar na Vitae na altura. Estive, consegui ficar na Vitae uma semana e meia, não consegui mais, porque aquilo é pior que dormir na rua aquilo é um espaço, a Vitae é de Xabregas, não é de Alcântara e pronto aquilo fazia-me mal à mente e ao físico e a tudo, porque... à mente por causas das pessoas andarem todo o dia, toda a noite a gritarem umas com as outras e... o cheiro era... não se podia estar lá e mentalmente porque... ou fisicamente, fisicamente porque havia lá muitos escarave... como chama? Percevejos e durante a noite iam-me mordendo e eu cheguei a uma altura que já estava cheio de ampolas no braço, pronto não era nada fácil...

**I-** Nada agradável...

**NS-** Absolutamente. E depois decidi, decidi ir dormir para a rua. Ia todos os dias ao “Espaço Aberto”, mas ia dormir... ia dormir à... Estação do Oriente. É onde eu me sinto mais seguro... e não é tão frio está lá, não sei se conhece aquilo, a parte de baixo da estação do Oriente... aquelas naves que tem assim... pronto. E há lá um sítio onde o pessoal se pode esticar. Há lá centenas que dormem lá... Eu já lá tinha dormido, mas por situações de ter ido ver um concerto no pavilhão Atlântico assim e ficar lá essa noite e já conhecia aquilo e fui para lá que decidi ir, porque está lá a PSP ao lado, está lá... estão todos os dias a dar de comer e essas coisas e... pronto, era o sítio que eu melhor conhecia, se calhar... havia outras opções, mas eu fui para a estação do Oriente.

**I-** Relativamente a estas duas experiencias, qual é a imagem que acha que os outros, e quando eu digo outros refiro-me à sociedade em geral tinham de si como sem-abrigo?

**NS-** Eu na altura fiquei muito indignado e chateado e... eu já não sou muito de me dar bem nesta sociedade, pronto, não acredito muito nas pessoas, não acredito muito na boa-fé e a partir daí ainda fiquei com mais revolta em relação às pessoas e... é que passam por nós e parece que não existimos! Apesar de eu não estar a pedir nada, estar só ali sentado a descansar ou a beber ou qualquer coisa, que a minha vida depois foi essa, beber e... todo o dia, não fazia mais nada, e por vezes tinha de dormir e quando acordava as pessoas parece que olhavam de uma maneira... uns com preocupação, outros... mas preocupação, mas não faziam nada, ficavam... sei lá um pouco assustadas por verem ali as pessoas deitadas e... outras com pena, outras com... um bocado de nojo, também aconteceu... e isso deixou-me bastante revoltado, porque... sei lá... porque custa... custa ver assim as pessoas a tratarem-me... ou melhor a não tratarem! A

não fazerem nada quando podiam fazer, não é? E... isso revoltou-me um bocadinho. E mesmo na estação do Oriente nós tínhamos de estar levantados às 6 da manhã, porque às 6 da manhã começam a vir as pessoas e as pessoas não podem ver aquele espetáculo, porque aquilo é um corredor de 100 metros e são pessoas esticadas lá... às 6 da manhã tínhamos de estar todos levantados, ia lá o segurança... mas vá lá deixar nos dormir lá já é bom! Contra isso não tenho... não tenho grande coisa a dizer, mas pronto também diz muita coisa do que é o sem-abrigo para a sociedade, penso que não têm grande valor... são pessoas sem valor.

**I-** Relativamente aos apoios que você teve durante a vida, a nível da educação, você frequentou o ensino público?

**NS-** Sim, claro.

**I-** Tem alguma memória ou episódio marcante na escola?

**NS-** Mas a que nível?

**I-** Tanto a nível da sua relação com os seus professores, como a nível da sua relação com os colegas.

**NS-** Eu lembro-me que era rebelde... que era um bocado rebelde, também era um bocado revoltado com a... não é que eu tivesse tido uma má infância, foi uma infância que de alguma maneira me marcou. Não sei se é por eu ser fraco... o meu pai fazia o que os outros pais faziam... não me batia com força... batia, mas era só mais para... para me avisar, para eu ter medo e fez isso até aos meus 11 anos e derivado a isso eu sempre fui um bocado revoltado com o que aconteceu e por causa disso, tornei-me mais rebelde e para contrariar o meu pai... faltava às aulas, fazia trinta por uma linha. E a nível letivo, passava um ano e reprovava outro, nunca... a partir do quinto ano, reprovava um, passava outro... e sempre foi assim... não é que eu não tivesse capacidade para passar os anos todos, mas um ano era para brincar e o outro ano era para levar a sério... No oitavo ano fui considerado o melhor aluno de todos os oitavos, porque eu ia lá... a minha mãe ficou toda contente, mas no ano a seguir reprovei com sete ou oito negativas, que dizer... Eu sei que se me aplicasse era capaz de ser... um aluno médio, não quero dizer um aluno bom, mas um aluno médio, só que lá está, a revolta que eu tinha, que hoje não já tenho tanto, porque já percebi as razões do meu pai

e... as razões da minha mãe, porque estar aqui fez-me pensar isso, mas na altura... não o fazia, não o fiz... não pensei e fiz as coisas à minha maneira... e pronto! Fazia o que me apetecia e tudo o que pudesse contrariar o meu pai era para onde eu ia... só para... sei lá... fazer tipo uma vingança...

**I-** Então vingava-se na escola?

**NS-** Na escola era a maneira mais fácil, não tinha medo, porque já não me batia. Ele deixou de me bater depois de uma vez que... que eu... que eu fugi de casa... fugi de casa porque... porque pronto, lá na escola disseram-lhe qualquer coisa e... apanhei o meu pai pelo caminho e ele disse-me “Quando chegares a casa vamos ter uma conversa séria!” e eu não queria, não queria ter essa conversa, então agarrei em dois bocados de pão, um bocado de água e, com 11 anos, fui... andei sozinho sem destino e essas coisas e... e acabei por estar um dia e uma noite fora de casa, e o meu pai ficou com tanto medo que a partir daí nunca mais me bateu nem ameaçou, mas continuava a... não era a bater, mas a nível psicológico continuou a... falar e a deitar-me a baixo e essas coisas todas, que acontece até hoje, não mudou muito, só que agora é mais subtil.

**I-** Agora, depois de ter passado por tudo o que passou e depois de ter estado na rua a viver, o seu pai agora é diferente consigo?

**NS-** O meu pai, o meu pai claro que ficou preocupado quando soube que... que eu estava na rua e... fez logo questão de me telefonar e dizer que... para eu ir para casa e essas coisas todas, mas claro que ficou... é pai! Penso que é normal, mas eu sempre tentei esconder, tanto da minha mãe como do meu pai, porque era uma vergonha também para mim! Também nunca pensei chegar a este... a este... beco sem saída, pronto, e muito menos os meus pais pensavam isso... e eu tentei esconder ao máximo, e para isso inventava histórias e essas coisas, mas no fundo a minha mãe já sabia, mas o meu pai só soube, só soube mesmo no dia que eu... que eu disse que estava a dormir na rua e...

**I-** E quando é que disse que estava a dormir na rua?

**NS-** Quando... sei lá... quando as mentiras começaram a não fazer sentido à minha mãe e ela pediu-me para lhe dizer a verdade e... tive de lhe dizer “Estou na rua, estou a dormir na estação do Oriente. Está-se lá mais ou menos. Dão-me comida, dão-me

bebida, dão-me tudo!”, a tentar não a preocupar ainda mais, mas assim que o meu pai soube logo, logo me telefonou e disse isso, e disse-me para voltar para casa e eu aceitei, porque a minha vontade também era um bocado essa, mas, sei lá, por orgulho ou coisa assim parecida não o fiz. Mas ele claro que se preocupava com a minha situação.

**I-** Então antes de tornar sem abrigo, você considera que as relações com sua família eram boas? Ou nem por isso?

**NS-** Eram boas dentro do... não eram boas, porque o ambiente era sempre um bocado carregado, era sempre... o meu pai havia dias que era uma pessoa bem-disposta, comigo nunca conseguia falar muito, porque nós nunca falámos muito, mas pronto notava-se que quando ele não bebia as coisas eram diferentes. Agora quando bebia em exagero, sabia que havia problemas e... e pronto, eu estava no meu quarto, o meu irmão estava no quarto dele e sentíamos todos os dias... quer dizer eu estava a ouvir música, para a música para ouvir o que se passava lá em baixo, se havia um... se ouvia um aumentar do tom... não me parece que ele batesse na minha mãe, nunca aconteceu, mas eu tinha esse medo e sei que...

**I-** Mas ele sob o efeito do álcool torna-se uma pessoa mais agressiva?

**NS-** Sim agressiva sem saber... não sabia bem o que dizia era o que lhe vinha à cabeça...

**I-** Não media bem as palavras. E agora que está aqui em tratamento como é que é esta relação com o seu pai e com a sua mãe?

**NS-** Quer dizer para eles é... é um alívio eu estar aqui. É sinal que não estou a fazer asneira! Ou que não estou a beber ou que não estou... Eles já, eles vieram aí à... como é que se chama? A reunião familiar que... vieram cá na primeira, pronto eu tive oportunidade de dizer aquilo que pensava que devia dizer, que gosto dos dois, que apesar de tudo não guardo rancor de nada, porque o meu pai pensa, pensava que eu não gostava dele, pronto! E eu quis, quis dizer-lhe isso e é verdade! Cada vez falo do meu pai começo logo a ficar um bocado...

**I-** Emocionado?

**NS-** Emocionado e... vai fazer daqui a dois dias um ano que... quando fiz anos, por acaso passei os anos, estava na rua, mas passei os anos com um amigo meu ali em Lisboa e o meu pai telefonou-se e eu comecei logo a chorar comecei logo a... porque não é normal o meu pai telefonar-me e foi uma coisa que... também estava com álcool já estava assim, já tinha bebido bastante, mas ouvir a voz do meu pai é... lá está... é... penso que poderia ter sido outro filho e ele pensa que poderia ter sido outro pai e nunca falámos o suficiente e já aqui também me fartei de chorar quando falei para ele, porquê? Porque há essa parte em que... ainda não nos entendemos e eu gostava de me entender com o meu pai, gostava de ter uma pessoa com quem pudesse falar no meu pai, com a minha mãe era totalmente diferente! Com a minha mãe sempre houve... nunca houve problemas de relação com a minha mãe. Acho que o único problema que ela me causou foi fazer-me todas as vontades, porque... porque isso não me fez bem nenhum e... apesar disso arranjava problemas com o meu pai quando o meu pai descobria. Depois em grande parte penso que era também o grande causador das brigas lá em casa, das discussões da... de tudo o que acontecia de mal naquela casa e eu considerava-me que era eu o culpado, pronto! E foi por isso que decidi outra vez sair de casa e vir para Lisboa, mesmo sabendo que vinha para a Vitae, para a rua e preferi não arranjar mais problemas para o lado deles.

**I-** E relativamente às relações de amizade? Como é que eram antes de se tornar sem abrigo? Como é que foram as suas relações de amizade ao longo da sua vida?

**NS-** Eu acho que... sei lá, acho que nisso sou um pouco privilegiado. Sempre tive boas relações com... com bons amigos e... tinha a sorte de os poder ter ao meu lado, mas isso foi desde sempre... Claro que os amigos foram mudando à medida que os anos foram passando, mas quando uns iam embora, outros... sempre consegui ter um núcleo de amigos que eu considero que... amigos mesmo, não conhecidos! E mesmo nesta situação de... em que eu comecei a ficar adicto, sempre me apoiaram. Apoiaram-me porque alguns deles já foram adictos e percebem o que é a adição e... e muitos deles foram eles que me disseram para voltar para aqui, porque... já da primeira vez que eu entrei aqui também foi, foi a conselho deles... pronto, eu a nível de amizades acho que sou um privilegiado. Não me posso queixar.

**I-** E quando você esteve como sem-abrigo, ia tendo contato com esses amigos?

**NS-** Sim havia telefone, porque eles estão a maior parte em Meda, mas houve um que... um mês antes de entrar na quinta da Tomada, pronto, acolheu-me em casa e estive lá um mês. Ele pagava-me tudo! Pagava-me álcool, pagava-me tabaco, pagava-me... levava-me ao cinema, levava-me à praia, levava-me... sei lá... foi, foi quase que... um bocado como a minha salvação, porque eu não estava nada bem e foi também em desespero que pedi ajuda e falei com ele. Podia ter falado com ele antes, que ainda assim abria-me as portas, mas lá está, o orgulho não deixou, não deixou pedir ajuda, só mesmo em caso de... só quando eu estava mesmo mal, não é? Quando já me sentia... não era o problema de estar na rua, como eu me estava a sentir psicologicamente. Por estar a viver aquilo tudo e... pedi-lhe ajuda e durante um mês fez com que... com que eu me sentisse o mais cómodo possível. Foi... e eu considero-o, quase o meu irmão.

**I-** Atualmente como são estas relações de amizade?

**NS-** Com esta pessoa?

**I-** Não, com os seus amigos no geral.

**NS-** Eles já me telefonaram para aí, pelo menos o tal que me... que me acolheu na casa dele já me telefonou para aí. Alguns amigos também já... também já me ligaram. Ainda nenhum deles me veio ver, porque também não há hipótese, porque eles trabalham... eles têm as vidas deles, mas cada vez que vou a casa, sei que soube recebido e... e penso que as pessoas têm saudades minhas.

**I-** E mesmo pela comunidade envolvente? A vizinhança?

**NS-** Sim, aquilo é uma comunidade pequenina e toda a gente me conhece. E às vezes eu também evito ir sair por causa disso, porque toda a gente me começa a perguntar “Então estás melhor?”, “Estás com uma cara mais bonita!”, esse tipo de coisas e... eu não gosto muito, por isso evito sair quando vou a casa, pronto! É mais nesse sentido, pronto! Mas sei que as pessoas, alguma são honestas no que dizem, outras não e isso é o que me chateia mais.

**I-** Voltando à parte dos apoios sociais, sabe o que é o sistema nacional de saúde?

**NS-** Sistema nacional de saúde parei-me que já usufruí, mas...

**I-** É abrangido pelo sistema nacional de saúde. Como é que era a sua relação com este sistema antes de se tornar sem-abrigo e depois?

**NS-** Quer dizer a minha relação com este sistema, eu não era apoiado por ninguém nem nunca fui.

**I-** Sempre pagou as taxas moderadoras, sempre que foi ao hospital, tem um cartão com o seu nº de utente de saúde...

**NS-** Sim, fazia isso. Também era raro ir ao hospital. A minha mãe trabalhou no hospital, mas ainda bem que não me via lá. No hospital não, no centro de saúde que é uma coisa mais pequenina aquilo... mas nunca... nunca recebi apoios e nada nem... a única, o único apoio que recebi foi agora o rendimento mínimo, porque... porque pronto, porque estava sem abrigo, estava numa situação em que disse assim: eu também preciso. Às vezes a vergonha não deixava fazer isso, mas cheguei a uma altura em que disse, eh pá eu preciso, vou pedir o rendimento mínimo tenho direito a ele. Estou numa situação em que não, que não me consigo governar... e estou a recebê-lo atualmente e ele está a pagar aqui a... o tratamento. São 180€.

**I-** E desde quando é que está a receber o rendimento mínimo?

**NS-** No outro tratamento pagaram-me... pagaram-me... já me tinham pago o tratamento, também 180€ e no segundo tratamento que fiz, foi na Tomada, foi a Santa Casa da Misericórdia que me pagou o tratamento todo.

**I-** E então isto foi tudo por via das assistentes sociais que foi tendo ao longo destas instituições?

**NS-** Sim, foi através da Vitae.

**I-** Foi através da Vitae que teve o primeiro contato com estes apoios.

**NS-** Com a Santa Casa da Misericórdia neste caso.

**I-** Então para si, qual é o objetivo da Segurança Social?

**NS-** O objetivo da Segurança Social é... sei lá... é... conseguir ver os problemas e tentar ajudar ao máximo o que puder as pessoas.

**I-** O único apoio que recebeu até agora foi mesmo o rendimento mínimo?

**NS-** Sim, e a Santa Casa da Misericórdia.

**I-** E você quando estava como sem-abrigo nunca teve conhecimento de que poderia usufruir disto?

**NS-** Não, eu se calhar tinha conhecimento, mas nunca me lembrou de pedir sequer, por... não sei porquê. Eu pedi, porque houve uma pessoa que “oh pá tu tens direito, vai pedir em vez de estares aí a pedir dinheiro à Santa Casa”, porque eu ia todas as semanas e eles davam-me um cheque de 50€ todas as semanas acho eu, “eh pá e pedes e tens direito a ele e vais-te governando com isso”.

**I-** Então a sua relação com a segurança social tem sido praticamente inexistente, só começou a existir a partir do momento em que veio para as comunidades terapêuticas.

**NS-** Sim, nesse aspeto foi. Foi quando eles começaram a apoiar-me de alguma maneira.

**I-** A nível de apoios institucionais teve o apoio da Santa Casa da Misericórdia, foi o único apoio institucional que recebeu até agora?

**NS-** Sim, penso que foi.

**I-** Sem contar então com a estadia aqui na comunidade, que também é um tipo de apoio, qual é a importância que atribui a estes apoios, a estas instituições?

**NS-** Eu sei lá... Eu posso falar disso, mas sei lá... Não penso que seja bem gerido ou que os apoios sejam bem distribuídos, porque... não há, sei lá... não há... não fazem um pré-estudo para verem quem precisa de ajuda e quem não precisa realmente e... se calhar há pessoas que nem precisam de ajuda e estão a usufruir e pessoas que... precisam e não usufruem... sei lá... a ideia que eu tenho é mesmo essa. (está a referir-se a apoios financeiros da S.S. ou outro tipo de instituições de solidariedade social).

**I-** Mas está a referir-se aos apoios dados pela segurança social ou em relação às comunidades terapêuticas e as instituições que existem de apoio às pessoas que precisam?

**NS-** As comunidades é uma coisa à parte. À comunidade eu só posso estar grato porque por duas ou três vezes tiraram me de situações muito más para a minha vida. Eu consegui, tanto aqui como na Tomada, mas mais aqui, aqui em Fátima, da primeira vez saí daqui com uma autoestima como nunca tive e... e ajudaram-me e eu só não utilizei todas essas ferramentas, porque não soube gerir as minhas emoções, porque eles fizeram tudo para me ajudar e isso foi...

**I-** Reconhece isso? Dá importância à ajuda que recebeu destas instituições?

**NS-** Sim, claro que é importantíssimo, eu não sei como é que eu poderia sozinho ajudar-me. Não penso que houvesse outra maneira, nem fazendo uma desintoxicação apenas, porque o problema já nem é tanto o álcool é o psicológico das pessoas e aqui temos tempo de, aos poucos voltar a ter um... sei lá, um... uma vida emocional mais estável. Isso dá-nos... a mim dá-me muita segurança. Não me aproveito disto para nada, porque eu venho para cá mesmo para tentar contrariar a minha adição, mas se não consigo é porque ainda não consegui trabalhá-la bem, mas a casa deu-me as ferramentas todas, mesmo quando eu fui para Inglaterra toda a gente me dizia para não ir, que era perigoso e realmente foi, no fundo pus a minha vida em risco. Nunca tinha pensado em suicídio e aí pensei, mas claro que estou muito grato, por estar aqui e... ser parte da família. Que isto para mim é quase uma família, pronto. É que são muitos anos já, são três anos a viver em comunidades, estes três anos tem sido quase todos vividos em comunidades e... pronto. E sei que eles, pelo menos aqui fazem tudo para que nós tenhamos sucesso lá fora, só não temos se não soubermos aproveitar. Por isso considero muito importante mesmo estas instituições.

**I-** E em relação ao futuro? Quais são os seus desejos pessoais, expectativas, o que é que se vê a fazer em relação ao futuro?

**NS-** No futuro, no futuro, estou um bocado a pensar nisso e estas casas também dão um direito a isso. Uma pessoa poder programar com tempo a sua reinserção, mas o essencial é não tocar em álcool, porque se eu tocar em álcool, eu vou-me a baixo, não é fisicamente, é psicologicamente. O álcool já não me dá aquele prazer que me dava antigamente, o álcool agora leva-me à depressão. Aos poucos, aos poucos, vou-me isolando e... e é a maior preocupação que tenho no meu futuro é essa: não voltar a tocar em álcool. Depois lá tenho as minhas ideias e as minhas ambições, quero formar, se

puder, formar uma família... eu não gosto muito do estilo de família tradicional, nem do estilo de vida tradicional, mas penso nisso um bocado, não sei se isso interessa, mas... é a maneira como eu vejo a minha vida e a maneira de eu funcionar nem sou muito bem-adaptado à, ao que é a sociedade normal pronto e se calhar por isso é que eu ainda não tive êxito e o resto depois quero ver se faço as coisas, não à minha maneira, mas como eu sei que podem resultar e... a maneira como eu sei que podem resultar é fazer uma coisa que eu gosto, não ir para um trabalho que eu não gosto, porque vai acontecer o que sempre aconteceu: ou eu que me farto ou o patrão se farta de mim, acontecem sempre problemas e porquê? Porque uma pessoa não está contente naquilo que faz e acho que é essencial para uma pessoa gostar daquilo que faz. Eu sei que muitas pessoas não têm essa hipótese, mas eu não tenho nada a perder, não tenho família, posso arriscar e fazer uma coisa que goste. E o que é que eu gosto? Gostava de trabalhar com animais, gostava de trabalhar sei lá, na floresta, como guarda-rios, esse tipo de coisas... E depois tenho os meus sonhos mais pessoais que eu não gostava de falar aqui, a nível laboral! Porque são um bocado, sei lá, não é normal...

**I-** São mais pessoais...

**NS-** Sim, são mais pessoais.

## SINOPSE DE ENTREVISTA DE NS

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUB-CATEGORIAS	EXCERTOS DE ENTREVISTA
<b>Relações familiares</b> (percurso)	No passado (Antes de ser sem-abrigo)	<p>“ [...] o meu pai [...] batia [...] para eu ter medo e fez isso até aos meus 11 anos [...] tornei-me mais rebelde e para contrariar o meu pai faltava às aulas, fazia trinta por uma linha”</p> <p>“Ele deixou de me bater depois de uma vez que [...] eu [...] fugi de casa [...] o meu pai ficou com tanto medo que a partir daí nunca mais me bateu nem ameaçou [...] (mas) continuou a... falar e a deitar-me a baixo [...]”</p> <p>“ [...] não eram boas porque o ambiente era sempre um bocado carregado [...] o meu pai havia dias que era uma pessoa bem-disposta, comigo nunca conseguia falar muito, porque nós nunca falámos muito, mas pronto notava-se que quando ele não bebia as coisas eram diferentes [...]”</p> <p>“ [...] quando bebia em exagero, sabia que havia problemas [...] não me parece que ele batesse na minha mãe, [...] mas eu tinha esse medo [...]”</p> <p>“Com a minha mãe [...] nunca houve problemas [...] o único problema [...] foi fazer-me todas as vontades [...]” “ [...] penso que era [...] o grande causador das brigas lá em casa [...] eu considerava-me [...] o culpado [...]”</p>
	Atualmente	<p>“ [...] agora é mais subtil (o pai deitá-lo abaixo [...]).”</p> <p>“ [...] penso que poderia ter sido outro filho e ele pensa que poderia ter sido outro pai e nunca falámos o suficiente [...] ainda não nos entendemos e eu gostava de me entender com o meu pai, gostava de ter uma pessoa com quem pudesse falar no meu pai [...]”</p> <p>“ [...] para eles é... é um alívio eu estar aqui. É sinal</p>

		que não estou a fazer asneira! [...] vieram cá [...] (e) tive oportunidade de dizer aquilo que pensava que devia dizer, que gosto dos dois, que apesar de tudo não guardo rancor de nada [...] “
<b>Relações amizade/comunidade</b>	No passado (Antes de ser sem-abrigo)	“ [...] acho que nisso sou um pouco privilegiado. Sempre tive boas relações com... com bons amigos e... tinha a sorte de os poder ter ao meu lado, mas isso foi desde sempre...” “ [...] mesmo nesta situação [...] sempre me apoiaram [...] Apoiaram-me porque alguns deles já foram adictos e percebem o que é a adição [...] “ “ [...] sempre consegui ter um núcleo de amigos que eu considero que... amigos mesmo, não conhecidos”
	Atualmente	“ [...] muitos deles foram eles que me disseram para voltar para aqui, porque... já da primeira vez que eu entrei aqui também foi, foi a conselho deles...” “Eles já me telefonaram para aí [...] Ainda nenhum deles me veio ver, porque [...] não há hipótese” “ [...] cada vez que vou a casa, [...] sou bem recebido e [...] as pessoas têm saudades minhas” “ [...] aquilo é uma comunidade pequenina e toda a gente me conhece [...] evito ir sair [...] porque toda a gente me começa a perguntar “Então estás melhor? [...] e eu não gosto [...] “
<b>Vivência como sem-abrigo</b>	Causas	“ [...] apanharam-me a beber [...] e fui despedido. [...] conforme fui ficando sem dinheiro tive de ir para a rua [...] “ “ [...] Eles ofereciam casa, mas eu preferi o dinheiro para o consumo [...] fiquei na rua porque quis, mas fiquei na boa durante quatro meses” (Em Portugal) “ele (pai) começou [...] a pressionar-me [...] queria que eu arranjasse trabalho [...] mesmo sabendo que vinha para a Vitae, para a rua [...] preferi não arranjar mais problemas para o lado deles” (pais)
		“ [...] (em Inglaterra) dormia ao pé das linhas de

	Episódios marcantes	<p>comboio e por vezes pensava em saltar [...] mas nunca aconteceu [...] porque lembrava-me da minha família e sabia que a minha família iria sofrer muito com isso [...] “</p> <p>“ [...] fui lá assaltado uma vez [...] levaram-me o que tinha, que eram umas garrafas de vinho do Porto que eu lá tinha, [...] A partir daí comecei a dormir [...] em espaços onde [...] fosse mais visto, onde houvesse mais gente, [...] onde me sentisse mais protegido [...] “</p> <p>“ [...] decidi ir dormir para a rua [...] ia dormir à... Estação do Oriente. É onde eu me sinto mais seguro... e não é tão frio [...] “</p> <p>“ [...] quando as mentiras começaram a não fazer sentido à minha mãe [...] tive de lhe dizer “Estou na rua, estou a dormir na estação do Oriente. Está-se lá mais ou menos. Dão-me comida, dão-me bebida, dão-me tudo!”, a tentar não a preocupar ainda mais, mas assim que o meu pai soube [...] telefonou e [...] disse-me para voltar para casa e eu aceitei, porque a minha vontade também era um bocado essa, mas, [...] por orgulho ou coisa assim parecida não o fiz. Mas ele claro que se preocupava com a minha situação [...] “</p> <p>“ [...] vai fazer [...] um ano que [...] passei os anos, estava na rua [...] o meu pai telefonou-se e eu comecei logo a chorar [...] não é normal o meu pai telefonar-me [...] “</p> <p>“ [...] (um amigo) acolheu-me em casa e estive lá um mês [...] pagava-me tudo [...] foi [...] a minha salvação, (...) eu não estava nada bem [...] “</p>
		<p>“Eu na altura fiquei muito indignado e chateado [...] passam por nós e parece que não existimos [...] por vezes tinha de dormir e quando acordava as pessoas parece que olhavam de uma maneira... uns com preocupação [...] mas não faziam nada, ficavam...</p>

	<p>Imagem que acha que os outros de si como sem-abrigo (heterorepresentação)</p>	<p>sei lá um pouco assustadas por verem ali as pessoas deitadas e... outras com pena, outras com... um bocado de nojo, também aconteceu... e isso deixou-me bastante revoltado, porque... [...] custa ver assim as pessoas a tratarem-me... ou melhor a não tratarem! A não fazerem nada quando podiam fazer [...]</p> <p>“ [...] na estação do Oriente nós tínhamos de estar levantados às 6 da manhã, porque [...] começam a vir as pessoas e as pessoas não podem ver aquele espetáculo, porque aquilo é um corredor de 100 metros e são pessoas esticadas [...] o sem-abrigo para a sociedade, penso que não têm grande valor [...] são pessoas sem valor [...] “</p>
	<p>Experiência percebida por si mesmo (autorepresentação)</p>	<p>“ [...] eu sempre tentei esconder, tanto da minha mãe como do meu pai, porque era uma vergonha também para mim! (saberem que estava sem-abrigo) [...] “</p> <p>“ [...] Também nunca pensei chegar a este... a este... beco sem saída [...] “</p>
<p>Relação com os apoios sociais (educação pública, S.N.S., S.S. e instituições)</p>	<p>Frequência no ensino público</p>	<p>“Sim, claro.”</p>
	<p>Episódios marcantes na escola</p>	<p>“ [...] lembro-me que era rebelde [...] passava um ano e reprovava outro [...] um ano era para brincar e o outro ano era para levar a sério [...] “</p> <p>“ [...] No oitavo ano fui considerado o melhor aluno de todos os oitavos [...] a minha mãe ficou toda contente, mas no ano a seguir reprovei com sete ou oito negativas, [...] Eu sei que se me aplicasse era capaz de ser... um aluno médio, não quero [...] só que lá está, a revolta que eu tinha (em relação aos pais) que hoje não já tenho tanto, porque já percebi as razões do meu pai e... as razões da minha mãe [...] mas na altura [...] não pensei e fiz as coisas à minha maneira [...] “</p>
	<p>O que é o S.N.S.</p>	<p>“ [...] parece-me que já usufruí [...] “</p>
	<p>Se é abrangido pelo</p>	<p>“Sim [...] “ “ [...] Quer dizer a minha relação com este sistema, eu não era apoiado por ninguém nem</p>

	S.N.S.	nunca fui. [...] “
	Relação no passado (antes de ser sem-abrigo)	“ [...] era raro ir ao hospital [...] A minha mãe trabalhou no hospital, mas ainda bem que não me via lá. No hospital não, no centro de saúde que é uma coisa mais pequenina aquilo... mas nunca [...] recebi apoios [...] “
	Relação atual	“ [...] a minha relação com este sistema, eu não era apoiado por ninguém nem nunca fui [...] “
	Objetivo da S.S.	“ [...] O objetivo é [...] conseguir ver os problemas e tentar ajudar ao máximo o que puder as pessoas.”
	Usufriui ou usufrui de algum apoio da S.S.	<p>“ [...] o único apoio que recebi foi agora o rendimento mínimo, [...] porque [...] estava sem abrigo, [...] numa situação em que disse assim: “eu também preciso”. Às vezes a vergonha não deixava fazer isso, mas cheguei a uma altura em disse, “eh pá eu preciso, vou pedir o rendimento mínimo tenho direito a ele. Estou numa situação em que não, que não me consigo governar” e estou a recebê-lo atualmente e ele está a pagar [...] o tratamento. São 180€</p> <p>“ [...] se calhar tinha conhecimento, mas nunca me lembrou de pedir sequer [...] “</p> <p>“ [...] pedi (RSI), [...] porque houve uma pessoa que (disse) “oh pá tu tens direito, vai pedir em vez de estares aí a pedir dinheiro à Santa Casa” [...] “,</p>
	Relação com a S.S.	“ [...] (quando foi para tratamento) Foi quando eles começaram a apoiar-me de alguma maneira [...] “
	Recebeu/recebe algum apoio institucional	<p>“ [...] Ia lá ao <i>Job Center</i> que é o centro de emprego lá (em Inglaterra), e ia lá todos os dias [...] eu dei-me como toxicodependente e eles lá dão algum dinheiro todos os dias que é claro, para as pessoas não andarem a roubar [...] nem a pedir [...] “</p> <p>“ [...] Ia todos os dias ao “Espaço Aberto [...] já conhecia (a Estação do Oriente) [...] e foi para lá que decidi ir, porque está lá a PSP ao lado, está lá... estão todos os dias a dar de comer [...] “</p>

		<p>“ [...] (antes de pedir RSI) porque eu ia todas as semanas e eles (Santa Casa da Misericórdia) davam-me um cheque de 50€ [...] “</p> <p>“ [...] no segundo tratamento que fiz, foi na Tomada, foi a Santa Casa da Misericórdia que me pagou o tratamento [...] “</p> <p>(teve conhecimento do apoio da Santa Casa da Misericórdia) “através da Vitae [...] “</p>
	<p>Importância desses apoios</p>	<p>“ [...] Não penso que seja bem gerido ou que os apoios sejam bem distribuídos, porque [...] não fazem um pré-estudo para verem quem precisa de ajuda e quem não precisa realmente e [...] se calhar há pessoas que nem precisam de ajuda e estão a usufruir e pessoas que precisam e não usufruem [...] “</p> <p>“À comunidade eu só posso estar grato porque por duas ou três vezes tiraram me de situações muito más para a minha vida [...] eu não sei como é que eu poderia sozinho ajudar-me. Não penso que houvesse outra maneira, nem fazendo uma desintoxicação apenas, porque o problema já nem é tanto o álcool é o psicológico das pessoas e aqui temos tempo de, aos poucos voltar a ter [...] uma vida emocional mais estável. Isso [...] a mim dá-me muita segurança [...] Não me aproveito disto para nada, porque eu venho para cá [...] para tentar contrariar a minha adição [...] se não consigo é porque ainda não consegui trabalhá-la bem, mas a casa deu-me as ferramentas todas [...] “</p> <p>“ [...] isto para mim é quase uma família, [...] são muitos anos já, são três anos a viver em comunidades [...] sei que eles, pelo menos aqui fazem tudo para que nós tenhamos sucesso lá fora, só não temos se não soubermos aproveitar. Por isso considero muito importante mesmo estas instituições [...] “</p>
		<p>“ [...] a maior preocupação que tenho no meu futuro</p>

Futuro	Expetativas	é essa: não voltar a tocar em álcool [...] quero [...] formar uma família [...] Gostava de trabalhar (numa coisa que goste) [...] “
--------	-------------	---

**APÊNDICE H**  
Instrumentos relativos à entrevista realizada a BG

---

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA - BG

### **Observações:**

Entrevistado: BG

Data da realização da entrevista: 27 de Outubro de 2015

Local: Comunidade Vida e Paz – Fátima

Duração: 00:19:24

Depois de explicados os principais objetivos da investigação foi dado a ler e a assinar o termo de consentimento informado. Logo em seguida foi iniciada a gravação da entrevista.

**Investigadora (I) - Nacionalidade?**

**BG-** Português

**I-** É natural de que região?

**BG-** Lisboa

**I-** É solteiro?

**B-** Sou.

**I-** Escolaridade?

**BG-** 4.<sup>a</sup> classe.

**I-** Quais eram as suas condições de habitação até entrar aqui para a comunidade?

**BG-** Tanto estava a viver na rua tanto estava a viver em casa da minha namorada. Era conforme.

**I-** Variava?

**BG-** Sim. Variava porque estava a dar dores de cabeça e problemas e...

**I-** Hum... hum...

**BG-** Não lhe queria arranjar problemas.

**I-** Quanto tempo é que esteve como sem abrigo?

**BG-** A viver na rua? Aí seis, sete anos.

**I-** Sofre de alguma doença ou condição física?

**BG-** Sofro de doenças...

**I-** Quais?

**BG-** Sou seropositivo tenho hepatites...

**I-** Tem hepatite C e B?

**BG-** A, B e C.

**I-** Sim e mais?

**BG-** E antes de entrar aqui fui atropelado. Não mexo o braço direito.

**I-** Foi atropelado...

**BG-** Fiz uma lesão braquial.

**I-** Não mexe o braço direito... Tem alguma doença psicológica, alguma perturbação?

**BG-** Não... isso não...

**I-** Fuma?

**BG-** Fumo.

**I-** Consumia bebidas alcoólicas?

**BG-** Consumia.

**I-** Quais?

**BG-** Bebia whisky, bebia absinto...

**I-** Eram as suas bebidas de eleição?

**BG-** Eram.

**I-** Consumia drogas?

**BG-** Consumia.

**I-** Que tipo de drogas?

**BG-** Cocaína, heroína, haxixe, cânabis...

**I-** E... eram as suas drogas de eleição?

**BG-** Sim normalmente eram essas quatro, as outras consumia também, mas era esporadicamente.

**I-** Mendigava?

**BG-** Não.

**I-** Nunca pediu dinheiro por arrumar carros?

**BG-** Não. Estava a arrumar carros ultimamente, mas as pessoas davam-me dinheiro porque me davam a chave dos carros, por causa dos parquímetros.

**I-** Sim...

**BG-** Davam-me a chave no carro e davam-me dinheiro para por no parquímetro caso viesse o fiscal da ML não deixar o carro ser multado.

**I-** Hum... hum...

**BG-** Mas pedir nunca pedi...

**I-** Ok...

**BG-** Diretamente não pedi... pedia de outra maneira...

**I-** Diga-me então como é que deu início a esta situação de sem-abrigo.

**BG-** É assim... era muito novo, vivia em casa do meu padrasto. Estava a ouvir a minha mãe a queixar-se que o meu pai lhe dava maus tratos, porque o meu pai era um alcoólico... por causa do álcool. E estar em casa a ver a minha mãe a sofrer maus tratos de outra pessoa, por causa de outra adição que era o jogo... aí comecei a ficar na rua... desde muito novo... desde os 7, 8 anos... começava a ficar na rua duas noites seguidas...

**I-** Por causa desse ambiente familiar...

**BG-** Por causa do ambiente que havia em casa... para não estar a assistir à minha mãe a levar porrada constantemente, a ser maltratada... para não estar a assistir a isso, optava por ficar na rua.

**I-** Então preferia...

**BG-** ...ficar na rua do que ficar em casa a assistir a este espetáculo todos os dias, que era um espetáculo constante... todos os dias havia espetáculo em casa.

**I-** Ok... E quando é que começou a viver todos os dias na rua? Como é que isso surgiu na sua vida?

**BG-** Comecei a viver na rua desde os 16 anos, em que arranjei um grupo de amigos nada aconselhável... e a vida que eu levava, que comecei a levar desde os 16 anos também não dava para ir a casa. Ia a casa só para deixar ficar dinheiro à minha mãe e saía de casa. Praticamente nunca estava em Lisboa. Andava sempre ou para o sul do país ou para o norte do país, andava sempre a viajar.

**I-** Tem algum episódio mais marcante por ter vivido na rua?

**BG-** Tenho. Acordar às 4 da manhã com um jato de água.

**I-** Um jato de água de onde?

**BG-** Dos gajos da camara que tinham de lavar as ruas e havia caixas de papelão, o pessoal a lavar as ruas não viam se estava lá alguém a dormir dentro ou não.

**I-** Você tinha a perceção da imagem que os outros tinham de si?

**BG-** Não, não tinha, porque a opinião dos outros nunca contava.

**I-** Nunca contou...

**BG-** Não dava importância...

**I-** Nem nunca se apercebeu da forma como as pessoas olhavam?

**BG-** Eu sei que as pessoas olhavam de uma forma “coitadinho está a dormir na rua”, mas eu não ligava para isso... Nunca dei importância a isso.

**I-** Nunca deu valor?

**BG-** Nunca.

**I-** Diga-me uma coisa, então ao nível das suas relações familiares, como é que eram antes de se tornar sem-abrigo?

**BG-** Eram boas. Somos oito irmãos. Éramos nove, mas um faleceu com 17 anos. Somos oitos, sempre nos demos todos bem, mas eu desde os dezasseis anos que me afastei completamente deles. Cortei as ligações por causa da vida que optei por levar. Uma vida de tráficos, de esquemas, de ir buscar e levar droga... fui-me afastando daí, fui-me afastando deles.

**I-** E foi também a partir daí que começou...

**BG-** Em que optei por ficar mais vezes na rua.

**I-** Você fala disso como se fosse uma opção. Foi mesmo uma opção?

**BG-** Foi uma opção para não estar em casa a assistir ao espetáculo que eu já lhe falei: todos os dias constante a minha mãe a levar porrada do meu padrasto.

**I-** Mesmo aos dezasseis anos isso continuou sempre...

**BG-** Começou (confusão com a palavra continuou) sempre... a minha mãe... até que chegou ao ponto que eu comecei-me a fazer ao meu padrasto à porrada e fomos todos postos na rua. Comprei outra casa noutra bairro, também problemático. Fomos viver para esse bairro, só que passados uns tempos não ia a casa, quando cheguei a ficar na rua. A casa era extremamente pequena, era dois metros por dois metros quadrados e não dava para estar em casa... um homem feito...

**I-** Hum... hum... A lidar com aquilo...

**BG-** A lidar com... o problema que havia em casa.

**I-** Hum... hum... e então podemos aqui dizer que com os seus irmãos a relação sempre foi boa.

**BG-** Foi, foi boa, eu é que me afastei deles.

**I-** Com o seu padrasto é que nunca foi boa.

**BG-** Não, nunca tanto que já vou no 4º ou 5º padrasto que tenho

**I-** E como é que são estas relações familiares atuais? Como é que é agora?

**BG-** Com a minha mãe é complicado... porque a minha mãe quando devia ter-se preocupado comigo não se preocupou, e agora é que se está a preocupar comigo.

**I-** Agora está a preocupar-se consigo, mas quando você foi viver para a rua acha que não se preocupou.

**BG-** Não se preocupou... preocupava-se, mas à maneira dela. Estava mais preocupada com o dinheiro que eu levava para casa todas as semanas, do que propriamente onde é que eu dormia ou deixava de dormir. Nunca quis saber.

**I-** Sentiu isso?

**BG-** Senti e sinto isso.

**I-** Então e aqui relativamente às relações que tinha com os seus amigos. Tinha amigos?

**BG-** Nunca fui muito de ter amigos. Tinha muitos conhecidos.

**I-** Tinha muitos conhecidos... como era a relação com eles antes de se tornar sem abrigo?

**BG-** A relação sempre foi boa com os conhecidos, porque não dava aso a muita conversa, não era muito de me chegar a ninguém. Era “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e lidava mais era com os traficantes com que eu andava na altura.

**I-** E como são as relações com esses conhecidos agora?

**BG-** Continuam na mesma. Não sou de conversar muito. Sou muito fechado no meu mundo.

**I-** Fala com eles.

**BG-** Falo, cumprimento-os como sempre cumprimentei, mas de resto não sou de conversar muito não sou de contar a minha vida.

**I-** Hum-hum... não vê aqui nenhuma mudança então? Não vê aqui nenhuma alteração?

**BG-** Não, quanto a isso não.

**I-** Ao nível dos apoios sociais, você frequentou o ensino público?

**BG-** Frequentei.

**I-** Tem alguma memória, episódio marcante da escola?

**BG-** Primeiro dia de aulas quando passei para o ciclo, para o quinto ano. Entrei dentro da sala de aulas a fumar. Apanhei logo uma suspensão de quinze dias. Depois ia para casa, estava em casa da minha mãe na altura, saía de casa de manhã para ir para a escola, mas não ia para a escola andava na rua o dia todo, na vadiagem.

**I-** E começou a fumar na escola?

**BG-** Comecei a fumar antes... Sim na escola. Comecei a fumar antes de ir para a escola. Comecei a roubar beatas ao meu pai.

**I-** Ao seu pai ou ao seu padrasto?

**BG-** Ao meu pai.

**I-** Tinha contato com ele?

**BG-** Tinha. Via-o todos os dias. Todos os dias via a Lisboa, todos os dias o via.

**I-** Como era a sua relação com ele?

**BG-** Com o meu pai? Era ótima. Tanto na rua como sem estar na rua a relação com o meu pai sempre foi ótima.

**I-** E agora também?

**BG-** Não, o meu pai faleceu faz 22 anos. O meu pai faleceu, por causa do álcool.

**I-** Ele tinha uma adição ao álcool?

**BG-** Era alcoólico mesmo. Cheguei a vê-lo a beber álcool, a beber *aftershave*. Apanhei-o de manhã quando chegava à taberna. Tinha de ser o taberneiro a despejar-lhe dois, três ou mais bagaços para a boca, porque ele não conseguia beber.

**I-** E relativamente à saúde. Você sabe o que é o sistema nacional de saúde?

**BG-** Sei.

**I-** Sabe se é abrangido?

**BG-** Sei. Tenho isenção vitalícia.

**I-** Como é que era a sua relação no passado com o sistema nacional de saúde?

**BG-** Não frequentava.

**I-** Não frequentava mesmo? Não havia necessidade?

**BG-** Não frequentava. Comecei a frequentar desde que me foi diagnosticado o HIV...

**I-** Como é que descobriu?

**BG-** Fui internado com uma hepatite. Foi assim que descobriram que eu tinha HIV.

**I-** E descobriu na altura em que vivia na rua...

**BG-** Descobri na altura em que vivia na rua quando fui internado... comecei a ficar com os olhos vermelhos... estava a viver no Martim Moniz juntamente com mais sem-abrigos. Eles começaram a dizer para eu ir ao hospital que tinha os olhos amarelos. Eu fui ao hospital por causa dos olhos. Foi diagnosticada hepatite e foi quando me disseram que era seropositivo também.

**I-** Relativamente a outro tipo de apoios... sabe qual é o objetivo da segurança social?

**BG-** Da segurança social é dar-nos apoio, acho eu...

**I-** Já usufruiu ou usufrui de algum apoio social?

**BG-** Quando aqui dei entrada estava a usufruir do RSI, rendimento de inserção...

**I-** Sim... Ah... então e como é que você adquiriu esse apoio?

**BG-** Meti os papéis e fiquei à espera...

**I-** E como é que soube que havia esse apoio? Sempre soube, alguém lhe disse...

**BG-** Sempre soube que havia esse apoio, tanto que eu meti os papéis e depois fiquei à espera. Fiquei à espera um ano e tal que viesse.

**I-** E nessa altura estava na rua... lembrou-se que havia o apoio e foi...

**BG-** E... tratei dos papéis... pedi ajuda para preencher os papéis, que eu não sabia preencher os papéis, eu não sei preencher os papéis...

**I-** Pediu ajuda a quem?

**BG-** À Positivo. A Dra. Joana da Positivo e à Dra. Catarina da Abraço para preencher os papéis, para poder entregar os papéis para ver se recebia apoio.

**I-** Então foi através dessas instituições que conseguiu então...

**BG-** O apoio.

**I-** E foi através daí que recebeu então motivação para ir tratar disto.

**BG-** Sim recebi alguma motivação, o primeiro passo foi ir buscar os papéis e depois tive que ir ter com elas e pedir para me ajudarem a preencher, porque eu não sabia preencher aquilo.

**I-** Partiu sobretudo de si a decisão?

**BG-** Claro.

**I-** Então e como tem sido esta relação com a segurança social?

**BG-** Não tem sido nenhuma, não tenho relação com eles.

**I-** Agora?

**BG-** Agora não tenho.... Tinha sim, uma vez mandaram-me um cheque.

**I-** Tinha e teve durante quanto tempo?

**BG-** Durante bastante tempo. Durante 10 anos para aí mais ou menos.

**I-** Dez anos.

**BG-** Como sou seropositivo não podia trabalhar. Nem dá para fazer o que eu gostava que eu não posso trabalhar. É na cozinha. Ninguém me dá trabalho por eu ser seropositivo, e porque tenho hepatites.

**I-** No entanto você aqui tinha-me dito que viveu na rua seis ou sete anos. Você está a dizer-me que usufruiu do RSI durante 10 anos.

**BG-** Mas eu tive a viver na rua estava a receber o RSI.

**I-** Sim, mas você disse-me que só esteve sete anos na rua.

**BG-** Sim.

**I-** Antes disso estava a viver onde e o porquê de pedir o RSI?

**BG-** É assim, estava a viver em casa da minha mãe. Só que tinha problemas em casa porque este meu padrasto atual também é alcoólico e tem discussões com a minha mãe e eu para não estar a assistir às discussões deles vinha para a rua e ficava na rua. Andava a dormir em casas abandonadas, carros...

**I-** Ok...

**BG-** ... Cubículos, como a gente chama...

**I-** Então apesar de ir alguns dias a casa ou um dia ou outro, você vivia na rua?

**BG-** Na rua completamente.

**I-** Então já nessa altura você tinha pedido o apoio?

**BG-** Sim.

**I-** Como meio de subsistência...

**BG-** E usava o apoio para os meus consumos.

**I-** Hum... hum... está bem. Então e diga-me uma coisa: você está agora a receber apoio desta instituição, já recebeu apoio de mais alguma?

**BG-** Estou a receber apoio desta instituição e estou a receber apoio da Santa Casa da Misericórdia, que é quem me está a pagar o tratamento.

**I-** O que é que você acha destes apoios? Qual é a importância que atribui a isto?

**BG-** Eu dou muita importância, porque se não fosse este apoio, não estava aqui agora.

**I-** Salvou-lhe a vida...

**BG-** Salvou-me. Este apoio salvou-me mesmo a vida. Veio numa altura que eu precisava mesmo. Saí da vida que levava. Estava farto daquela vida, farto mesmo, completamente. Depois queria ajudar a minha namorada e não sabia como é que havia de ajudar, que a minha namorada está com uma depressão e eu acho que fui um bocadinho causador dessa depressão também, porque eu passava dias sem ir dormir com ela, sem ir dormir a casa dela, ela ficava preocupadíssima, não conseguia dormir, não conseguia descansar. Muitas vezes ela ligava-me para o telemóvel e eu desligava o telemóvel. E ela ficava a pensar “O que é que será que já aconteceu com ele? Será que já foi preso? Será que ele está num hospital?”, que eu quando fui atropelado fiquei quinze dias em coma no hospital. E nos primeiros quatro dias que eu estive no hospital ela telefonou para a minha mãe e pediu há minha mãe ajuda e a minha mãe não lhe deu ajuda “Isso já é costume ele fazer, está três quatro dias sem aparecer e depois ele aparece fresquinho que nem uma alface!”. E acho que isso também não estava a ajudar em nada. Por isso optei por vir para aqui para me tratar a mim para a conseguir ajudar a ela depois.

**I-** Parece-me um bom objetivo.

**BG-** É um dos dez objetivos.

**I-** É um dos dez objetivos. Também me disse que nem sempre estive na rua, que viveu também com a sua namorada?

**BG-** Vivi. Tanto estava em casa dela, como ficava na rua.

**I-** A partir de que momento é que arranjou esta namorada? E quantas vezes é que ia lá (a casa da namorada) dormir?

**BG-** Esta namorada tenho-a há coisa de cinco anos. E estava com ela todas as semanas. Havia um dia que ia dormir a casa dela, porque os outros passava-os na rua.

**I-** Mas era por sua opção?

**BG-** Sim, por opção minha. Porque eu sabia que ia para casa dela, ela confrontava-me com aquilo que eu andava a fazer e muitas vezes eu não estava para a estar a ouvir tão pouco, para estar a ouvir as verdades... custa-me a ouvir as verdades. Ainda hoje me custa! Optava por ficar na rua.

**I-** Então e agora, relativamente ao futuro...

**BG-** Não projeto o futuro. Vivo um dia de cada vez. Não sei se acordo amanhã, quanto mais...

**I-** E... pronto ia-lhe perguntar o que se vê a fazer e a ser no futuro, se deseja trabalhar...

**BG-** Desejo trabalhar, desejo ter uma casa, desejo ter uma vida saudável com ela. É o grande projeto do futuro. Vivo um dia de cada vez, já vivo assim há 20 anos, tenho 38. Desde que me foi diagnosticada a seropositividade que vivo um dia de cada vez.

**I-** Agradeço-lhe profundamente a sua participação.

## SINOPSE DE ENTREVISTA DE BG

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUB-CATEGORIAS	EXCERTOS DE ENTREVISTA
<b>Relações familiares</b> (percurso)	No passado (Antes de ser sem-abrigo)	<p>“Eram boas. Somos oito irmãos. Éramos nove (ele e os irmãos), mas um faleceu com 17 anos [...] sempre nos demos todos bem mas eu desde os 16 anos que me afastei [...] Cortei as ligações por causa da vida que optei por levar. Uma vida de tráficos, de esquemas, de ir buscar e levar droga [...]”</p> <p>“ [...] (mãe) Estava mais preocupada com o dinheiro que eu levava para casa [...] do que [...] onde é que eu dormia [...] Nunca quis saber.”</p> <p>(padrasto agredia a mãe) “ [...] até que chegou ao ponto que eu comecei-me a fazer ao meu padrasto à porrada e fomos todos postos na rua.”</p> <p>(com esse padrasto) “Não, nunca (se deram bem) tanto que já vou no 4º ou 5º padrasto”</p> <p>“Tinha (uma boa relação com o pai). Via-o todos os dias [...] Era ótima.”</p>
	Atualmente	<p>“Com a minha mãe é complicado... porque [...] quando devia ter-se preocupado comigo não se preocupou, e agora é que se está a preocupar comigo”</p> <p>“ [...] quando fui atropelado fiquei quinze dias em coma no hospital. E nos primeiros quatro dias que eu estive no hospital ela (a namorada) telefonou para a minha mãe e pediu [...] ajuda e a minha mãe não lhe deu ajuda: “Isso já é costume ele fazer, está três</p>

		<p>quatro dias sem aparecer e depois ele aparece fresquinho que nem uma alface!”</p> <p>[...] “</p> <p>“ [...] o meu pai faleceu faz 22 anos [...] por causa do álcool.”</p>
<p>Relações amizade/comunidade</p>	<p>No passado (Antes de ser sem-abrigo)</p>	<p>“Nunca fui muito de ter amigos [...] não dava aso a muita conversa, não era muito de me chegar a ninguém [...] Era “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e lidava mais era com os traficantes com que eu andava na altura.”</p>
	<p>Atualmente</p>	<p>“Continuam na mesma. Não sou de conversar muito. Sou muito fechado no meu mundo [...] Falo, cumprimento-os como sempre [...] mas [...] não sou de [...] contar a minha vida.”</p>
<p>Vivência como sem-abrigo</p>	<p>Causas</p>	<p>“ [...] era muito novo, vivia em casa do meu padrasto. Estava a ouvir a minha mãe a queixar-se que o meu pai lhe dava maus tratos, porque o meu pai era um alcoólico [...] ver a minha mãe a sofrer maus-tratos de outra pessoa, por causa de outra adição que era o jogo [...] comecei a ficar na rua [...] desde os 7, 8 anos [...] duas noites seguidas”</p> <p>“Por causa do ambiente que havia em casa... para não estar a assistir à minha mãe a levar porrada constantemente, a ser maltratada... para não estar a assistir a isso, optava por ficar na rua [...] todos os dias havia espetáculo em casa”</p> <p>“ [...] Comecei a viver (completamente) na rua desde os 16 anos, em que arranjei um</p>

		<p>grupo de amigos nada aconselhável [...] Ia a casa só para deixar ficar dinheiro à minha mãe [...] “</p> <p>“A casa era extremamente pequena, era dois metros por dois metros quadrados e não dava para estar em casa... um homem feito [...] A lidar com... o problema que havia em casa”</p>
	Episódios marcantes	<p>“Acordar às 4 da manhã com um jato de água. [...] havia caixas de papelão, o pessoal a lavar as ruas não viam se estava lá alguém a dormir dentro ou não”</p>
	<p>Imagem que acha que os outros tinham/têm dele como sem-abrigo (Heterorepresentação)</p>	<p>“ [...] a opinião dos outros nunca contava [...] Não dava importância...”</p> <p>“ [...] Eu sei que as pessoas olhavam de uma forma “coitadinho está a dormir na rua”, mas eu não ligava para isso [...] Nunca dei importância a isso”</p>
	<p>Experiência percebida por si mesmo (autorepresentação)</p>	<p>“ [...] Andava a dormir em casas abandonadas, carros [...] Cubículos”</p> <p>“ [...] Havia um dia que ia dormir a casa dela (namorada), porque os outros passava-os na rua [...] porque eu sabia que ia para casa dela, ela confrontava-me com aquilo que eu andava a fazer e muitas vezes eu não estava para a estar a ouvir [...] as verdades... [...] Ainda hoje me custa! Optava por ficar na rua [...] “</p>
	Frequência no ensino público	<p>“Frequentei”</p>
		<p>“Primeiro dia de aulas quando passei para o ciclo, para o quinto ano. Entrei dentro da sala de aulas a fumar. Apanhei logo uma</p>

<p>Relação com os apoios sociais (educação pública, S.N.S., S.S. e instituições)</p>	<p>Episódios marcantes na escola</p>	<p>suspensão de quinze dias. Depois ia para casa, estava em casa da minha mãe na altura, saia de casa de manhã para ir para a escola, mas não ia para a escola andava na rua o dia todo, na vadiagem.”</p>
	<p>O que é o S.N.S.</p>	<p>“Sei.”</p>
	<p>Se é abrangido pelo S.N.S.</p>	<p>“Sei. Tenho isenção vitalícia”</p>
	<p>Relação antes de ser sem-abrigo</p>	<p>“Não frequentava [...] “</p>
	<p>Relação atual</p>	<p>“ [...] Comecei a frequentar desde que me foi diagnosticado o HIV [...] “</p> <p>“Descobri na altura em que vivia na rua quando fui internado [...] estava a viver no Martim Moniz juntamente com mais sem-abrigos. Eles começaram a dizer para eu ir ao hospital que tinha os olhos amarelos. Eu fui ao hospital por causa dos olhos. Foi diagnosticada hepatite e foi quando me disseram que era seropositivo também.”</p> <p>“ [...] quando fui atropelado fiquei quinze dias em coma no hospital [...] “</p>
	<p>Objetivo da S.S.</p>	<p>“ [...] é dar-nos apoio, acho eu [...] “</p>
	<p>Usufriui ou usufruii de algum apoio da S.S.</p>	<p>“Quando aqui dei entrada estava a usufruir do RSI, rendimento de inserção [...] “</p> <p>“Sempre soube que havia esse apoio, tanto que eu meti os papéis e depois fiquei à espera [...] pedi ajuda para preencher os papéis [...] “</p> <p>“Como sou seropositivo não podia trabalhar [...] Ninguém me dá trabalho por eu ser seropositivo, e porque tenho hepatites.”</p>

		“ [...] usava o apoio para os meus consumos.”
	Relação com a S.S.	“Não tem sido nenhuma, não tenho relação com eles” “Tinha sim, uma vez mandaram-me um cheque. [...] Durante 10 anos” [...] “
	Recebeu/recebe algum apoio institucional	“À Positivo. A Dra. Joana da Positivo e à Dra. Catarina da Abraço para preencher os papéis, para poder entregar os papéis para ver se recebia apoio” “ [...] recebi alguma motivação, o primeiro passo foi ir buscar os papeis e depois tive que ir ter com elas e pedir para me ajudarem a preencher, porque eu não sabia preencher aquilo” “Estou a receber apoio desta instituição e [...] da Santa Casa da Misericórdia, que é quem me está a pagar o tratamento”
	Importância desses apoios	“Eu dou muita importância, porque se não fosse este apoio, não estava aqui agora” “ [...] Este apoio (comunidade) salvou-me mesmo a vida. Veio numa altura que eu precisava mesmo. Saí da vida que levava. Estava farto daquela vida [...] Depois queria ajudar a minha namorada e não sabia como é que havia de ajudar, que a minha namorada está com uma depressão e eu acho que fui um bocadinho causador dessa depressão também, porque eu passava dias sem ir dormir com ela, sem ir dormir a casa dela, ela ficava preocupadíssima [...] Por isso optei por vir para aqui para me tratar a mim para a conseguir ajudar a ela depois

		[...] “
Futuro	Expetativas	“Não projeto o futuro. Vivo um dia de cada vez [...] Desejo trabalhar, desejo ter uma casa, desejo ter uma vida saudável com ela (a namorada) [...] “

## **APÊNDICE I**

Grelhas de Análise de Conteúdo – Categoria de Análise: Relações familiares

---

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÕES FAMILIARES NO PASSADO (ANTES DE SER SEM-ABRIGO)</b>	AJ	<p>“ [...] o meu pai, [...] faleceu quando [...] tinha 8 anos”</p> <p>“ [...] a minha mãe [...] para não faltar lá nada em casa nem nada disso, ela tinha o trabalho dela e depois arranjou outro arranjou outro <i>part-time</i> [...] Ela saía de casa às 7h00 da manhã e só entrava em casa às 11h30 da noite [...] Quem tomava conta de mim era a minha avó então sempre fiz aquilo que quis [...] “</p> <p>“ [...] Quando eu tinha 13 ou 14 anos, [...] às vezes a minha mãe dava-me dinheiro para almoçar na escola e eu às vezes nem almoçava para ir comprar um maço de tabaco, eu nunca lhe contei mas cheguei a fazer isto várias vezes [...] “</p> <p>“ [...] tinha já os meus 15 anos [...] (às 20 horas) ia logo para a rua e nem via a minha mãe”</p> <p>“ [...] é uma pessoa que sabe falar muito bem, é uma pessoa incrível a minha mãe, eh... ela trabalha mesmo, às vezes ela estava lá no banco até às 9h da noite e só era paga até às 6h da tarde. Essas 4 horas ela fazia por gosto àquilo [...] “</p> <p>“ [...] a minha mãe sempre foi uma pessoa que me habituou a lidar com dinheiro para eu dar valor ao dinheiro, só que ela nunca esperou [...] que eu me tornasse <i>dealer</i>.” Esse foi o meu maior problema porque quando eu me tornei <i>dealer</i> o dinheiro vinha e ia, vinha e ia, eu aprendi a não dar valor ao dinheiro porque era dinheiro fácil [...] e foi durante 5 anos em que eu ia para discotecas, eu comprava garrafas de vinho, whisky, ia com mulheres [...] “</p> <p>“ [...] eu não culpo a minha mãe por aquilo em que me tornei, [...] não posso culpar porque eu é que fui curioso e quis saber o que é que as drogas eram. A minha mãe</p>

		<p>nunca pensou que eu me viesse a tornar na pessoa em que me tornei, porque ela não ouvia falar em drogas, nesse tempo não havia informação [...] não se ouvia falar de drogas nem de nada disso. [...] a minha mãe sempre pensou que: “Ah o meu filho está a estudar, ele nunca se vai meter em nada disso”, porque em lembro-me que uma vez eu fumei um cigarro e fui para casa [...] e eu tive a falar com a minha mãe, [...] ela sentiu o cheiro a tabaco bem, deu-me um estaladão! Perguntou-me “andaste a fumar?” [...] a partir daí nunca mais me disse nada. [...]</p> <p>“</p> <p>“ [...] até eu ter 16 anos, foi sempre, [...] o meu tio, irmão da minha mãe, ia sempre lá a casa todos os domingos ver a gente com o filho dele [...] era boa (a relação com o tio e o primo) [...] a gente conversava, ia-mos sair, ia-mos ao cinema, íamos ao futebol [...] “</p> <p>“ [...] é como se fosse uma mãe para mim, a [...] tia Ilda [...] nunca casou e portanto nós éramos os filhos dela. [...] sempre se disponibilizou a ajudar a minha mãe a comprar roupas para nós, eu podia ter ido para a universidade se eu quisesse porque ela disse: “se quiseres ir para a universidade, não te preocupes que eu pago-te o curso”, só que quando eu cheguei aquela altura dos 16/17 anos quis lá saber disso! [...] “</p> <p>“ [...] o meu irmão quando foi a julgamento [...] nunca acusou nem o traficante de droga, nem que a droga que estava fora de casa, que era a minha droga [...] o juiz [...] deu-lhe 5 anos de prisão e a mim mandou-me para casa [...] eu nunca fui capaz de chegar ao pé dele e agradecer-lhe por isto que fez, juro. [...] “</p> <p>“ [...] disse à minha mãe que queria ir tirar a carteira de taxista e tirar isso custava 1.000 e tal euros e a minha mãe [...] pagou-me aquilo, o que é que aconteceu? Eu tirei a</p>
--	--	---

		<p>carteira de taxista mas para dizer a verdade eu só fui taxista durante 2 meses [...] ela ficou fula comigo, [...] disse-me assim: “olha J vai lá para Inglaterra outra vez, eu dou-te 1.500 libras”, isto é suficiente para tu ires para Inglaterra, arranjar emprego, até podes comprar um carro, lá um quarto é 60 libras à semana [...] “aceita as 1.500 libras e vai lá fazer a tua vida”. Eu aceitei. [...] na primeira semana gastei as 1.500 libras todas, tudo em droga [...] depois [...] telefonei para ela a dizer: [...] “peço-te ajuda e que me mandes mais umas 100 libras ou coisa assim”, ela disse logo: “acabou-se! Eu não mando mais nada!” [...] “</p> <p>“ [...] estive preso na Inglaterra durante 9 meses e preferi estar preso porque não quis dar a preocupação à minha mãe ou o desgosto em dizer que estava preso [...] Então eu preferi passar a sentença toda sem uma única visita, nem o meu próprio irmão que nessa altura tinha ido para a Dinamarca. [...] “</p>
	CL	<p>“ [...] tinha receio de [...] ser posto fora de casa mas os meus pais nunca [...] me meteram na rua [...] “</p> <p>“Os meus pais eram pessoas analfabetas mas eram pessoas inteligentes...eu sentia que eles já não tinham forças [...] eu já não respeitava os meus pais e [...] por medo que eu fizesse alguma coisa falavam comigo de uma maneira mais calma e preocupada para ver se eu ia-me curar [...]”</p> <p>“Quando a minha mãe faleceu [...] foi mais complicado e com mais dois irmãos em casa que também consumiam [...] o meu pai [...] estava lá vivo mas [...] não tinha forças para tomar conta de nós [...] era a ele que pedíamos dinheiro para consumir [...] Quando estava na parte da ressaca em vez de me fazer à vida pedia ao meu pai por favor para ele me dar 1000 escudos, [...] para eu</p>

		comprar uma dose [...] “
	NS	<p>“ [...] o meu pai [...] batia [...] para eu ter medo e fez isso até aos meus 11 anos [...] tornei-me mais rebelde e para contrariar o meu pai faltava às aulas, fazia trinta por uma linha”</p> <p>“Ele deixou de me bater depois de uma vez que [...] eu [...] fugi de casa [...] o meu pai ficou com tanto medo que a partir daí nunca mais me bateu nem ameaçou [...] (mas) continuou a... falar e a deitar-me a baixo [...] “</p> <p>“ [...] não eram boas porque o ambiente era sempre um bocado carregado [...] o meu pai havia dias que era uma pessoa bem-disposta, comigo nunca conseguia falar muito, porque nós nunca falámos muito, mas pronto notava-se que quando ele não bebia as coisas eram diferentes [...] “</p> <p>“ [...] quando bebia em exagero, sabia que havia problemas [...] não me parece que ele batesse na minha mãe, [...] mas eu tinha esse medo [...] “</p> <p>“Com a minha mãe [...] nunca houve problemas [...] o único problema [...] foi fazer-me todas as vontades [...] “</p> <p>“ [...] penso que era [...] o grande causador das brigas lá em casa [...] eu considerava-me [...] o culpado [...] “</p>
	BG	<p>“Eram boas. Somos oito irmãos. Éramos nove (ele e os irmãos), mas um faleceu com 17 anos [...] sempre nos demos todos bem mas eu desde os 16 anos que me afastei [...] Cortei as ligações por causa da vida que optei por levar. Uma vida de tráficos, de esquemas, de ir buscar e levar droga [...] “</p> <p>“ [...] (mãe) Estava mais preocupada com o dinheiro que eu levava para casa [...] do que [...] onde é que eu dormia [...] Nunca quis saber.”</p> <p>(padrasto agredia a mãe) “ [...] até que chegou ao ponto que eu comecei-me a fazer ao meu padrasto à porrada e</p>

		<p>fomos todos postos na rua.”</p> <p>(com esse padrasto) “Não, nunca (se deram bem) tanto que já vou no 4º ou 5º padrasto”</p> <p>“Tinha (uma boa relação com o pai). Via-o todos os dias [...] Era ótima.”</p>
--	--	--

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÕES FAMILIARES ATUAIS</b>	AJ	<p>“A minha mãe é a pessoa mais significativa da minha vida. [...] Apoia-me [...] “ “ [...] se se passa alguma coisa que eu necessite a minha mãe dá-me [...] (mas) [...] se eu chegar ao pé da minha mãe e [...] disser: “Ó mãe arranja-me aí 10€ para ir ao café” ela diz logo que não. [...] porque ela sabe os filhos que tem [...] A minha mãe diz-me: “se precisas de roupa eu pago, se precisas de medicação eu pago” agora pedir dinheiro para ir ao café ela diz logo: “aprende a viver com o dinheiro que tens” [...] “ “ [...] eu sou um sem-abrigo, a minha mãe mantém apartamentos alugados a outras pessoas e ela não me mete nesses apartamentos porque não confia em mim [...] “ “ [...] ela aquilo que dá a um dá a outro [...] Ele (o irmão) está em tratamento também [...] infelizmente ele não pode ir a casa ao fim-de-semana [...] “</p> <p>“ [...] (com o irmão) é uma relação má [...] Eu gosto dele eu amo-o muito mas eu sei que se eu quiser [...] estar em recuperação eu sei que nos próximos 2 anos ou 3 anos eu não posso envolver-me com ele porque [...] a única coisa que a gente sabe fazer é ir consumir [...] “</p> <p>“ [...] (o primo) convida sempre a gente para ir lá passar o Natal [...] você não está a ver como é que eu me sinto mal, porque [...] ele nunca se esquece dos primos, de mim e do meu irmão, então ele convida sempre a gente para ir lá passar o Natal e depois [...] quando oferece presentes é tudo bom, ele só compra coisas de marca,</p>

		<p>[...] ele a mim não me oferece um presente que custe 10€ ou 20€ ele dá presentes de 70€ ou 80€, [...] e eu não tenho nada para dar, é a minha mãe que tem de comprar. E depois [...] sinto-me um bocado mal, porque ele tem os filhos dele, o que é que os miúdos pensaram de mim e do meu irmão, não é? [...] “ “ [...] as (Tias) [...] mudaram muito [...] devido aos meus problemas e do meu irmão [...] antigamente [...] davam dinheiro [...] agora já não [...] não é uma relação próxima [...] à parte dessa tia Ilda [...] “</p>
	CL	<p>“São muito más [...] o Emanuel [...] acabou por falecer há pouco tempo de overdose [...] o meu irmão Rui já não me dou mesmo com ele pois já não sei onde é que ele mora [...] “ “ [...] eu não dei “o braço a torcer” em me aproximar do meu irmão. Duas vezes foi ter comigo quando eu arrumava carros para ver se eu saía daquela vida e eu é que não quis. Queria fazer as coisas sozinho à minha maneira [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] agora é mais subtil (o pai deitá-lo abaixo) [...].”</p> <p>“ [...] penso que poderia ter sido outro filho e ele pensa que poderia ter sido outro pai e nunca falámos o suficiente [...] ainda não nos entendemos e eu gostava de me entender com o meu pai, gostava de ter uma pessoa com quem pudesse falar no meu pai [...] “</p> <p>“ [...] para eles é... é um alívio eu estar aqui. É sinal que não estou a fazer asneira! [...] vieram cá [...] (e) tive oportunidade de dizer aquilo que pensava que devia dizer, que gosto dos dois, que apesar de tudo não guardo rancor de nada [...] “</p>
		<p>“Com a minha mãe é complicado... porque [...] quando devia ter-se preocupado comigo não se preocupou, e agora é que se está a preocupar comigo”</p> <p>“ [...] quando fui atropelado fiquei quinze dias em coma</p>

	BG	no hospital. E nos primeiros quatro dias que eu estive no hospital ela (a namorada) telefonou para a minha mãe e pediu [...] ajuda e a minha mãe não lhe deu ajuda: “Isso já é costume ele fazer, está três quatro dias sem aparecer e depois ele aparece fresquinho que nem uma alface!” [...] “ [...] o meu pai faleceu faz 22 anos [...] por causa do álcool.”
--	----	---

## **APÊNDICE J**

Grelhas de Análise de Conteúdo – Categoria de Análise: Relações de  
Amizade/Comunidade

---

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÕES DE AMIZADE/COMUNIDADE NO PASSADO (ANTES DE SER SEM-ABRIGO)</b>	AJ	“ [...] os meus colegas, andava tudo no mesmo [...] não sabia o erro que eu estava a cometer [...] não éramos grandes amigos [...] eram [...] dos consumos, era tudo por interesses”
	CL	“ [...] eu nunca fui pessoa de ter muitos relacionamentos com pessoas, eu era muito sozinho, sempre fui uma pessoa sozinha. Fazia as coisas sozinho não andava com amigos meus para lado nenhum [...] nunca fui pessoa de ter muitos relacionamentos [...] Tinha (um melhor amigo) era o António. Jogava à bola comigo na altura, tínhamos a mesma idade [...] éramos amigos de criação (e) [...] parceiros de consumo [...] Ele muitas vezes pedia-me a mim para ir comprar (droga) porque ele era casado e então para não dar a entender à família e à mulher eu ia comprar para ele e consumíamos em minha casa [...] “
	NS	“ [...] acho que nisso sou um pouco privilegiado. Sempre tive boas relações com... com bons amigos e... tinha a sorte de os poder ter ao meu lado, mas isso foi desde sempre...” “ [...] mesmo nesta situação [...] sempre me apoiaram [...] Apoiaram-me porque alguns deles já foram adictos e percebem o que é a adição [...] “ “ [...] sempre consegui ter um núcleo de amigos que eu considero que... amigos mesmo, não conhecidos”
	BG	“Nunca fui muito de ter amigos [...] não dava aso a muita conversa, não era muito de me chegar a ninguém [...] Era “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e lidava mais era com os traficantes com que eu andava na altura.”

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÕES DE AMIZADE/COMUNIDADE ATUAIS</b>	AJ	<p>“Tenho poucos [...] alguns 8 ou 9 já morreram ou com HIV ou com overdoses [...] já não tenho essa amizade com eles devido a estes anos todos fora de Portugal, foram para aí uns 20 anos [...] portanto eu perdi o contacto com as pessoas [...]”</p> <p>“ [...] uns já se mataram e deixaram bilhetes tipo do género “eu não encontrava uma solução para a saída deste problema” [...] e uns enforcaram-se, outros overdose [...]”</p> <p>“ [...] alguns (desses amigos) andam mal, outros morreram, outros estão presos, outros saíram (dos consumos) mas num número muito baixo [...] há 2 meses tive com um colega meu que, isto já vem desde os meus 18 anos, eu vi-o e ele está completamente limpo [...]”</p>
	CL	<p>“ [...] (quando estive sem-abrigo) Não, aí não falava com ele. Não falava porque não tinha condições para estar juntamente com ele por causa da vizinhança porque eu andava num estado lastimável mesmo, mesmo de sem-abrigo, não tinha mesmo condições [...]”</p> <p>“Essa relação agora está um bocado complicada porque eu cometi uma situação que ainda hoje tenho vergonha de contar [...] já lá vai 1 ano, fui a casa dele e estava dopado com comprimidos e acabei por lhe tirar um MP3 [...] e ele veio a descobrir [...] ficou chateado [...] e acabou [...] por se afastar [...]”</p> <p>“ [...] acabei por estragar tudo outra vez [...] (quando recaiu) não tive coragem de enfrentar as outras pessoas, por isso, andava sempre sozinho, não tinha pessoas amigas [...]”</p>
		<p>“ [...] muitos deles foram eles que me disseram para</p>

	NS	<p>voltar para aqui, porque... já da primeira vez que eu entrei aqui também foi, foi a conselho deles...”</p> <p>“Eles já me telefonaram para aí [...] Ainda nenhum deles me veio ver, porque [...] não há hipótese”</p> <p>“ [...] cada vez que vou a casa, [...] sou bem recebido e [...] as pessoas têm saudades minhas”</p> <p>“ [...] aquilo é uma comunidade pequenina e toda a gente me conhece [...] evito ir sair [...] porque toda a gente me começa a perguntar “Então estás melhor? [...] e eu não gosto [...] “</p>
	BG	<p>“Continuam na mesma. Não sou de conversar muito. Sou muito fechado no meu mundo [...] Falo, cumprimento-os como sempre [...] mas [...] não sou de [...] contar a minha vida.”</p>

## **APÊNDICE K**

Grelhas de Análise de Conteúdo – Categoria de Análise: Experiência como Sem-abrigo

---

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>CAUSAS/ÍNICIO DA SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO</b>	AJ	<p>“ [...] eu saí de casa porque, [...] não quis que a minha mãe, [...] me visse a consumir, então [...] disse [...]: “mãe pagas-me o bilhete para Inglaterra?” [...] “</p> <p>“ [...] para mim era tudo novo [...] comecei a viciar-me [...] nessa vida porque era só pessoas hippies, [...] que fumam ganzas [...] eu comecei a me adaptar àquela vida de sem-abrigo [...] “</p> <p>“ [...] ao fim desses 7 anos eu conheci [...] a minha noiva [...] ela teve a ideia de arranjar uma casa para nós [...] eu aceitei e fui viver com ela. Mas [...] acho que eu não me adaptei, [...] a essa vida porque aquela vida de campo e de viver em caravanas [...] já estava entranhada em mim [...] Eu não me sentia bem em ter essa casa porque, [...] não tinha outras pessoas com quem eu pudesse estar e conviver [...] eu sentia falta disso [...] “</p> <p>“ [...] ela (namorada) avisou-me “ [...] ou ficas com a heroína ou ficas comigo e eu outra vez [...] disse “vou largar [...] “. É claro que depois eu estava em casa dela a viver com ela e ela ia-se apercebendo de fato que eu não fazia nada daquilo [...] “</p> <p>(depois de ser despedido na Dinamarca) “ [...] encontrei uma garagem, uma coisa imensa e aquilo não tinha água nem luz e lá os invernos são super frios [...] vivia com um inglês, depois vivia com um alemão, um dinamarquês, uma finlandesa, era tudo misturado e eu adorava essas coisas há sempre coisas novas que as pessoas ouvem [...] havia um albergue para aí a 400 metros e eu não ia para esse albergue [...] porque queria estar com eles [...] “</p> <p>“Quando cheguei [...] a Portugal [...] “ (ligou à mãe mas</p>

		<p>esta recusou recebê-lo).</p> <p>“ [...] quando acabei o meu tratamento, ao fim de 3 ou 4 dias tive uma recaída e depois, [...] andei sempre assim (a consumir) até tornar a pedir ajuda para vir para cá [...] “</p>
	CL	<p>“ [...] foi causado também pela morte dos pais e... pronto, trabalho deixei de o ter. Quando eu andava a consumir eu não tinha muito o hábito de andar em furtos nem nada e por isso, comecei por andar a arrumar carros, que era uma das fontes que eu tinha para consumir [...] todo o dinheiro que eu ganhava [...] gastava na heroína e [...] meti na cabeça que não ia mais trabalhar para sustentar um vício. [...] comecei a andar mais na rua [...] “</p> <p>“ [...] Fiz um programa pelo meio em que não tive sucesso e então [...] recaí e voltei outra vez a sem-abrigo e então fui para a Vitae, que é um albergue onde eu dormia. Durante o dia andava a arrumar carros ou tinha um trabalho ou outro que de vez em quando fazia [...] “</p> <p>(depois de 6 anos em recuperação) “ [...] acabei por ser despedido [...] “ (devido ao consumo de álcool)</p>
	NS	<p>“ [...] (na Inglaterra) apanharam-me a beber [...] e fui despedido. [...] conforme fui ficando sem dinheiro tive de ir para a rua [...] “</p> <p>“ [...] Eles ofereciam casa, mas eu preferi o dinheiro para o consumo [...] fiquei na rua porque quis, mas fiquei na boa durante quatro meses”</p> <p>(Em Portugal) “ele (pai) começou [...] a pressionar-me [...] queria que eu arranjasse trabalho [...] mesmo sabendo que vinha para a Vitae, para a rua [...] preferi não arranjar mais problemas para o lado deles” (pais)</p>
		<p>“ [...] era muito novo, vivia em casa do meu padrasto. Estava a ouvir a minha mãe a queixar-se que o meu pai</p>

	BG	<p>lhe dava maus tratos, porque o meu pai era um alcoólico [...] ver a minha mãe a sofrer maus-tratos de outra pessoa, por causa de outra adição que era o jogo [...] comecei a ficar na rua [...] desde os 7, 8 anos [...] duas noites seguidas”</p> <p>“Por causa do ambiente que havia em casa... para não estar a assistir à minha mãe a levar porrada constantemente, a ser maltratada... para não estar a assistir a isso, optava por ficar na rua [...] todos os dias havia espetáculo em casa”</p> <p>“ [...] Comecei a viver (completamente) na rua desde os 16 anos, em que arranjei um grupo de amigos nada aconselhável [...] Ia a casa só para deixar ficar dinheiro à minha mãe [...] “</p> <p>“A casa era extremamente pequena, era dois metros por dois metros quadrados e não dava para estar em casa... um homem feito [...] A lidar com... o problema que havia em casa”</p>
--	----	---

Subcategoria	População	Excertos significativos
EPISÓDIOS MARCANTES (COMO SEM-ABRIGO)	AJ	<p>“ [...] andava a pedir na rua e um polícia veio ter comigo e avisou-me que eu não podia fazer aquilo. Eu fui embora ao fim de meia hora e tornei a regressar ao mesmo sítio. O mesmo polícia viu-me [...] agrediu-me com o cassetete e fez uma lesão aqui na mão [...] este dedo o máximo que vem para trás é isto [...] eu, para o resto da minha vida [...] isto afeta-me [...] aconteceu à [...] 9/10 meses [...] E [...] ando sempre a pensar nisto [...] hoje em dia [...] se eu quiser agarrar um copo [...] tenho que o fazer com muito cuidado [...] isto mexe comigo”</p> <p>“ [...] (Inglaterra) trabalhava de dia [...] e depois à noite havia sempre festas [...] em quintas há sempre para aí 30</p>

		<p>ou 40 pessoas e todas as noites há sempre festas, ou na caravana daquele ou na caravana do outro [...] Aqueles 7 anos (a viver em caravanas) foram uma experiência um bocado marcante para mim [...] “</p> <p>“ [...] os meus piores anos [...] foi quando eu fui para a Dinamarca porque [...] a única coisa que eu fazia era eu pedia dinheiro [...] eu consumia 1 gr. e meia de heroína por dia, [...] metadona logo às 7h00 da manhã, [...] vodka logo [...] às 07h30 da manhã, depois fumava haxixe, depois era a medicação [...] “</p> <p>“ [...] havia um albergue [...] a 400 metros e eu não ia para esse albergue [...] porque queria estar com eles (outros sem-abrigo com quem convivia e partilhava uma garagem), [...] todos os dias era dia de festa, a gente bebia, fumava e estávamos a li a conversar [...] “</p> <p>“ [...] injetei-me em frente a esse hotel, eu cai no chão e tive inanimado para aí umas 2 horas e ninguém me socorreu, [...] e quando eu acordei [...] Já me tinham levado o dinheiro, o passaporte, essas coisas todas [...] “</p> <p>“ [...] quando acabei o meu tratamento, [...] 4 dias depois foi [...] comecei a beber [...] Nesse dia à noite eu decido injetar-me com... heroína [...] Tive uma overdose no meio da rua, houve pessoas que viram e socorreram-me, [...] tive que levar choques elétricos [...] e tudo [...] sou uma pessoa que gosto de ir mesmo até ao limite e depois [...] tenho a sorte de estar vivo [...] “</p> <p>“ [...] ser um sem-abrigo lá e ser um sem-abrigo cá em Portugal é [...] totalmente diferente [...] em Portugal é cem vezes mais difícil [...] “</p> <p>“ [...] eles dão-nos roupa para o frio [...] lá (na Dinamarca) a polícia, [...] todas as noites [...] andam com um carro a ver se à sem-abrigos a dormir no meio da rua [...] caso vejam [...] agarram nele vão polo a um</p>
--	--	---

		<p>albergue [...]</p> <p>“ [...] fui apanhado com (...) medicação e (mandaram-no para o albergue de Xelas) [...] mas como ao lado [...] havia uma casa abandonada [...] eu preferia estar ali do que estar epá com pessoas à minha volta a roubarem [...] aquilo é um sitio que aquilo é mesmo o fim do mundo”</p> <p>“ [...] começava às vezes a pedir, às 10h da manhã até às 3h, 4h da tarde e só fazia 45 euros veja lá, em 6 horas ou 7 horas ali a pedir, [...] na Dinamarca [...] em 4 horas fazia 150 euros [...] ”</p>
	CL	<p>“ [...] eu andava ali a arrumar carros perto do Hospital D.<sup>a</sup> Estefânia, [...] e mais acima é a polícia Judiciaria. Acontece que nesse mesmo dia houve um assassinato na praça do Chile e um dos polícias identificou-me como muito parecido com a pessoa que tinha assassinado. Fui para a Judiciária, fui posto num vidro em que a testemunha via-me mas eu não via a testemunha e causou-me transtorno, fiquei com bastante medo porque estava a ser acusado, até que chegou uma pessoa que viu a pessoa que assassinou e que me ilibou porque disse que não era eu a pessoa que estava envolvida. Senti-me com medo, com tudo, porque estava a ser acusado de uma coisa que eu também não tinha feito [...] ainda por cima um crime, que é uma coisa que eu nunca fiz na minha vida [...] “</p> <p>“ [...] fazer-me à vida quer dizer, arrumar carros, o que houvesse na rua e havia vezes que estava 3 ou 4 dias sem “por os pés em casa” e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava na vida de consumos [...] “</p>
		<p>“ [...] (em Inglaterra) dormia ao pé das linhas de comboio e por vezes pensava em saltar [...] mas nunca aconteceu [...] porque lembrava-me da minha família e</p>

	<p>NS</p>	<p>sabia que a minha família iria sofrer muito com isso [...]</p> <p>“</p> <p>“ [...] fui lá assaltado uma vez [...] levaram-me o que tinha, que eram umas garrafas de vinho do Porto que eu lá tinha, [...] A partir daí comecei a dormir [...] em espaços onde [...] fosse mais visto, onde houvesse mais gente, [...] onde me sentisse mais protegido [...] “</p> <p>“ [...] decidi ir dormir para a rua [...] ia dormir à... Estação do Oriente. É onde eu me sinto mais seguro... e não é tão frio [...] “</p> <p>“ [...] quando as mentiras começaram a não fazer sentido à minha mãe [...] tive de lhe dizer “Estou na rua, estou a dormir na estação do Oriente. Está-se lá mais ou menos. Dão-me comida, dão-me bebida, dão-me tudo!” a tentar não a preocupar ainda mais, mas assim que o meu pai soube [...] telefonou e [...] disse-me para voltar para casa e eu aceitei, porque a minha vontade também era um bocado essa, mas, [...] por orgulho ou coisa assim parecida não o fiz. Mas ele claro que se preocupava com a minha situação [...] “</p> <p>“ [...] vai fazer [...] um ano que [...] passei os anos, estava na rua [...] o meu pai telefonou-se e eu comecei logo a chorar [...] não é normal o meu pai telefonar-me [...] “</p> <p>“ [...] (um amigo) acolheu-me em casa e estive lá um mês [...] pagava-me tudo [...] foi [...] a minha salvação, [...] eu não estava nada bem [...] “</p>
	<p>BG</p>	<p>“Acordar às 4 da manhã com um jato de água. [...] havia caixas de papelão, o pessoal a lavar as ruas não viam se estava lá alguém a dormir dentro ou não”</p>

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>IMAGEM QUE ACHA QUE OS OUTROS TÊM DE SI COMO SEM-ABRIGO (HETEROREPRESENTAÇÃO)</b>	AJ	<p>“ [...] quando ando a pedir dinheiro nas ruas eu não penso nisso [...] não me interessa e desde que essas pessoas me deem dinheiro para mim está tudo bem [...] “</p> <p>“ [...] houve várias ocasiões em que eu pedia dinheiro e respondiam “vai te embora, vai para o “alho” e depois “és um chulo, és um drogado e isto e aquilo”, isto aconteceu-me muitas vezes, mas eu nunca dizia nada, ia-me embora e via outra pessoa e dizia “olhe sou sem-abrigo pode ajudar-me por favor?” [...] “</p> <p>“ [...] devem pensar assim “Este tipo é um ganda maluco” [...] teve empregos [...] já fui polícia, eu já trabalhei para os correios ingleses [...] Eu tive bons empregos, eu deitei tudo a perder, essa é que é a verdade mas se as pessoas me perguntarem “Porque é que fizeste isso pá?” eu não encontro [...] Explicação [...] “</p> <p>“ [...] eu não penso nos outros, nos sentimentos dos outros e, por vezes, eu tenho a consciência de que estou a fazer mal mas eu não consigo parar [...] “</p> <p>“ [...] quando uma pessoa está do outro lado é que a pessoa tem facto a perceção que os outros têm de nós de quando a gente se encontra a fazer aquelas figuras. [...] “</p>
	CL	<p>“ [...] éramos tratados um bocado “abaixo de cão” na maneira de falar, não éramos respeitados só pelo simples facto de sermos sem-abrigo. Ao nível da sociedade nós somos rejeitados [...] “</p> <p>“Não é toda a gente porque eu também durante esse tempo tive pessoas boas que me ajudaram e que falavam bem [...] “ “ [...] senti discriminação, principalmente perante a sociedade [...] “</p>
		<p>“Eu na altura fiquei muito indignado e chateado [...] “</p>

	NS	<p>passam por nós e parece que não existimos [...] por vezes tinha de dormir e quando acordava as pessoas parece que olhavam de uma maneira... uns com preocupação [...] mas não faziam nada, ficavam... sei lá um pouco assustadas por verem ali as pessoas deitadas e... outras com pena, outras com... um bocado de nojo, também aconteceu... e isso deixou-me bastante revoltado, porque... [...] custa ver assim as pessoas a tratarem-me... ou melhor a não tratarem! A não fazerem nada quando podiam fazer [...]</p> <p>“ [...] na estação do Oriente nós tínhamos de estar levantados às 6 da manhã, porque [...] começam a vir as pessoas e as pessoas não podem ver aquele espetáculo, porque aquilo é um corredor de 100 metros e são pessoas esticadas [...] o sem-abrigo para a sociedade, penso que não têm grande valor [...] são pessoas sem valor [...] “</p>
	BG	<p>“ [...] a opinião dos outros nunca contava [...] Não dava importância...”</p> <p>“ [...] Eu sei que as pessoas olhavam de uma forma “coitadinho está a dormir na rua”, mas eu não ligava para isso [...] Nunca dei importância a isso”</p>

Subcategoria	População	Excertos significativos
EXPERIÊNCIA PERCEBIDA POR SI MESMO		<p>“ [...] Eu tinha um teto [...] que era a minha caravana mas eu não tinha o conforto de [...] Uma casa, mas eu [...] era uma pessoa feliz. Eu não sentia a falta de uma casa [...] “</p> <p>“ [...] eu nesse tempo eh... eu sentia-me feliz também ao mesmo tempo [...] eu desde que tenha por exemplo, um fogão, uma televisão, aquecimento, opá para mim é suficiente, porque eu vivi assim muitos anos [...] eu sou</p>

	AJ	<p>uma pessoa simples [...] eu também gostava (de ter coisas) mas eu não sinto aquela necessidade [...] não sinto [...] porque estes anos todos andei pela rua, fui feliz assim, e sentia-me feliz por comunicar com outras pessoas de outros países e [...] e ainda hoje, às vezes, pronto é triste eu dizer isto mas é que é a verdade, [...] eu sinto pena desses tempos [...] “</p> <p>“ [...] A única vida que eu conheço é a vida da rua e andar alterado, [...] desde os meus 16 anos eu não fiz outra coisa [...] E depois [...] as decisões que eu tomei na vida, as minhas escolhas é que me trouxeram aqui, eu sei disso [...] sou toxicodependente e sou alcoólico mas eu tenho a consciência sobre as coisas que faço porque eu sei aquilo que está mal e aquilo que está bem. Só que isto é uma doença que [...] eu não encontro explicação para isto [...] “</p> <p>“ [...] Quando a gente anda lá (na rua) eu não me sinto cansado [...] porque [...] a droga dá-nos a motivação para ir pedir ou para roubar, ou manipular ou enganar [...] quando eu faço o tratamento aí é que os sentimentos começam a vir “ó J não é tão bom tu acordares às 7h00 da manhã e não estares a ressacar nem do álcool nem de drogas nem nada disso?” Pá eu gosto de acordar todas as manhãs e não ter que passar pelo sofrimento que [...] eu passava”</p> <p>“ [...] sou uma pessoa de excessos, [...] em toda a minha vida já tive 20 e tal overdoses [...] gosto mesmo de ir ao limite [...] “</p> <p>“ [...] o único sentimento que eu tenho é de culpa e de vergonha e tudo mais é perante a minha família [...] “</p> <p>“ [...] acho que aquilo que a droga faz a mim é tira-me os sentimentos todos. Ao longo destes anos todos penso que me tornei uma pessoa mais fria [...] “</p>
--	----	---

	CL	<p>“ [...] sentia-me muito rejeitado [...] alguma coisa que acontecesse era o sem-abrigo que pagava [...] “</p> <p>“ [...] havia vezes que estava 3 ou 4 dias sem “por os pés em casa” e dormia na rua muitas vezes ou dormia no albergue e era assim que eu andava na vida de consumos [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] eu sempre tentei esconder, tanto da minha mãe como do meu pai, porque era uma vergonha também para mim! (saberem que estava sem-abrigo) [...] “</p> <p>“ [...] Também nunca pensei chegar a este... a este... beco sem saída [...] “</p>
	BG	<p>“ [...] Andava a dormir em casas abandonadas, carros [...] Cubículos”</p> <p>“ [...] Havia um dia que ia dormir a casa dela (namorada), porque os outros passava-os na rua [...] porque eu sabia que ia para casa dela, ela confrontava-me com aquilo que eu andava a fazer e muitas vezes eu não estava para a estar a ouvir [...] as verdades... [...] Ainda hoje me custa! Optava por ficar na rua [...] “</p>

**APÊNDICE L**  
Grelhas de Análise de Conteúdo – Apoios Sociais

---

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>FREQUENTOU O ENSINO PÚBLICO</b>	AJ	“Frequentei”
	CL	“Sim frequentei o ensino público [...]”
	NS	“Sim, claro.”
	BG	“Frequentei”

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>EPISÓDIOS MARCANTES (DO ENSINO PÚBLICO)</b>	AJ	“ [...] a 1ª vez que eu fumei haxixe com eles (os amigos) [...]”
	CL	“ [...] tive de ser expulso das salas de aula por falar mais alto [...]” “ [...] ter namoradas e depois o namorado que era de outra escola foi à minha escola para me bater porque eu andava a gozar com eles [...]” “ [...] gostava muito de desporto, gostava muito de jogar à bola eh... incentivei um professor para fazer-mos um torneio de futebol. Foi um ponto alto da minha parte porque consegui fazer essa organização e tudo correu bem [...]”
	NS	“ [...] lembro-me que era rebelde [...] passava um ano e reprovava outro [...] um ano era para brincar e o outro ano era para levar a sério [...]” “ [...] No oitavo ano fui considerado o melhor aluno de todos os oitavos [...] a minha mãe ficou toda contente, mas no ano a seguir reprovei com sete ou oito negativas, [...] Eu sei que se me aplicasse era capaz de ser... um aluno médio, não quero [...] só que lá está, a revolta que

		eu tinha (em relação aos pais) que hoje não já tenho tanto, porque já percebi as razões do meu pai e... as razões da minha mãe [...] mas na altura [...] não pensei e fiz as coisas à minha maneira [...] “
	BG	“Primeiro dia de aulas quando passei para o ciclo, para o quinto ano. Entrei dentro da sala de aulas a fumar. Apanhei logo uma suspensão de quinze dias. Depois ia para casa, estava em casa da minha mãe na altura, saía de casa de manhã para ir para a escola, mas não ia para a escola andava na rua o dia todo, na vadiagem.”

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>O QUE É O SNS</b>	AJ	“ [...] eu estive era um hospital público e eu já cheguei a dizer nas partilhas e nas terapias que tenho, eu ao olhar para aquelas pessoas com 60 e 70 anos a serem tratadas da forma como são nos hospitais [...] aquilo repugna-me há coisas que são mesmo [...] (desumanas) não há preocupação, não há atenção, não há higiene, não há educação [...] “ “ [...] é a maior falcatrua que há cá no país, sinceramente, o S.N.S. aqui em Portugal está a ser completamente roubado [...] “
	CL	“Sim”
	NS	“Sistema nacional de saúde parece-me que já usufruí [...] “
	BG	“Sei.”

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>SE É ABRANGIDO PELO SNS</b>	AJ	“Sou e estou isento”
	CL	“ [...] Não sei mas eu acho que sim, devo, ser devo ser pela Santa Casa porque eu tive a falar com a minha técnica antes de eu entrar para cá e ela disse-me que isto passava pela Segurança Social, que trabalha tudo em círculo e dizem que este era um subsídio especial que era à parte para aqueles sem-abrigo que queriam tratamentos e então eramos subsidiados. [...] “
	NS	“Sim [...] “ “ [...] Quer dizer a minha relação com este sistema, eu não era apoiado por ninguém nem nunca fui. [...] “
	BG	“Sei. Tenho isenção vitalícia”

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÃO NO PASSADO COM O SNS (ANTES DE SER SEM-ABRIGO)</b>	AJ	“ [...] a policia levava-me a ser visto por uma instituição que estava com a PSP e sempre que eu precisava de alguma coisa e ser visto por um médico [...] ia lá ao médico [...] “ “ [...] nos anos 80 [...] não havia nenhuma informação acerca de drogas e nem nunca tinha ouvido falar sobre ressacas [...] eu só soube o que era uma ressaca quando a senti pela primeira vez 3 anos depois de ter começado a consumir. [...] nem havia informação sobre a sida que tu injetas com a seringa do outro e podes apanhar HIV, não havia informações [...] “
	CL	“ [...] nunca utilizei muito do centro de saúde [...], dessa instituição porque eu descontei muito, tive alturas em que descontei 200€ e tal para a segurança social. Também estava num patamar mais alto e fazia estes descontos agora é assim eu não sei se isto tem alguma coisa a ver

		com a outra [...] “
	NS	“ [...] era raro ir ao hospital [...] A minha mãe trabalhou no hospital, mas ainda bem que não me via lá. No hospital não, no centro de saúde que é uma coisa mais pequenina aquilo... mas nunca [...] recebi apoios [...] “
	BG	“Não frequentava [...] “

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÃO ATUAL COM O SNS</b>	AJ	<p>“ [...] estou isento. Acho eu que está relacionado com o facto de eu ser sem-abrigo [...] “</p> <p>“As pessoas que, por exemplo, eu felizmente não tenho HIV, [...] acho que a medicação é de borla. Se é de borla para o HIV também devia ser para a hepatite C, pronto isso é uma coisa que se calhar enquanto estou aqui dentro, porque eu sei que a medicação nova que agora há aquilo custa 20.000€ ou 15.000€ uma caixa daquelas, mas dizem que é 100% garantido a cura e se eu tiver a oportunidade de vir a pedir essa medicação eu ficava muito grato ao S.N.S.”</p> <p>“ [...] Então veja [...] como é que eles enganam o estado, eu a fazer essas 30 sessões (de fisioterapia à mão) demorou 120 dias, portanto a fisioterapeuta dali quando telefona ao S.N.S. diz que foram 120 sessões, quer dizer, o estado está a pagar mais 90 sessões do que eu realmente fiz. Isto é assim [...] se eu nessas 30 sessões fizer esses 120 dias eles telefonam para o S.N.S. a dizer que foram 120 sessões porque opá, é assim, quer dizer... e o Simão até disse assim: “então mas ó senhora como é que isso pode ser?”, “isto já é assim há anos”, “há anos que é assim? Então mas isso é estar a enganar o S.N.S.”</p>
		“Sou isento. Como sou uma pessoa sozinha sem condições, não tenho vencimento, não tenho nada [...] há

	CL	<p>pouco tempo recebi uma carta das finanças para pagar uma multa de IRS já de há 2 anos atrás e tive que a pagar, foram 200 e tal euros [...] “</p> <p>“Tem-me ajudado [...] sempre que precisei da ajuda deles eu sempre a tive, não tenho razão de queixa [...] “</p> <p>“ [...] Se eu estou aqui foi graças também um bocado a eles. Eu tenho que fazer um monte de exames de saúde para saber se tenho alguma doença que seja má e eles todos, sempre que precisei da ajuda deles eu sempre a tive, não tenho razão de queixa. [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] a minha relação com este sistema, eu não era apoiado por ninguém nem nunca fui [...] “</p>
	BG	<p>“ [...] Comecei a frequentar desde que me foi diagnosticado o HIV [...] “</p> <p>“Descobri na altura em que vivia na rua quando fui internado [...] estava a viver no Martim Moniz juntamente com mais sem-abrigos. Eles começaram a dizer para eu ir ao hospital que tinha os olhos amarelos. Eu fui ao hospital por causa dos olhos. Foi diagnosticada hepatite e foi quando me disseram que era seropositivo também.”</p> <p>“ [...] quando fui atropelado fiquei quinze dias em coma no hospital [...] “</p>

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>OBJETIVO DA SS</b>	AJ	<p>“ [...] penso que é para ajudar as pessoas a reinserirem-se na sociedade (...) Por exemplo ajudando a alugar um quarto, por exemplo, ajudando a pagar o passe para ir à procura de emprego, pronto essas coisas básicas que a gente necessita para nos reintegramos nesta sociedade [...] “</p>
		<p>“ [...] é de nos ajudar a nós e aqueles que trabalham e não só para que tenhamos [...] hospitais, centros de saúde,</p>

	CL	desde que a gente desconte, ter os direitos que deve ter ao longo deste tempo em que uma pessoa vai trabalhando e descontando e ter benefícios mais tarde, como por exemplo, ir ao médico que é uma das coisas principais, ter benefício disso, ter uma boa reforma, ter bons médicos, bons centros de saúde e poderem dar isso a todas as pessoas que descontam. Não acontece, não é o caso, porque estamos um bocado mal em Portugal ao nível de saúde, segurança social e isso, e já se fala que está falida e que pronto, no passado houve muita gente a fugir aos descontos da caixa, da segurança social, e acontece que hoje em dia a maior parte dos reformados tem reformas muito baixas e digo-lhe uma coisa quando trabalhei, o que descontei não foi muito mas descontei um bom bocado, nunca usufrui das baixas médicas nem da segurança social, sim fazia os descontos mas nunca precisei da segurança social só depois quando [...] comecei a ter os meus consumos e a precisar da segurança social para poder entrar para uma instituição...”
	NS	“ [...] O objetivo é [...] conseguir ver os problemas e tentar ajudar ao máximo o que puder as pessoas.”
	BG	“ [...] é dar-nos apoio, acho eu [...] “

Subcategoria	População	Excertos significativos
USUFRUI/USUFRUIU DE APOIO DA SEGURANÇA SOCIAL	AJ	<p>“Não [...] a minha mãe ainda quis tratar disso (mas) eu não fui à entrevista [...] porque tive de ir consumir ao bairro [...] nunca pedi nada ao governo português [...] nem quando era polícia e quando sai de polícia eu nunca recebi no fundo de desemprego, não tenho nenhum problema com a justiça em Portugal...”</p> <p>“ [...] a Dinamarca é assim, é celas individuais, cada cela</p>

		<p>tem tv, tem um frigorifico dentro da cela, à <i>playstation</i> de dois em dois dias, mesmo que você entre e não esteja a trabalhar, [...] a gente mete o papel a dizer que quer trabalhar, mesmo sem estar a trabalhar a gente é pago como se estivesse a trabalhar [...] recebia à semana 65 euros [...] e depois é assim [...] em Portugal, se eu quiser ir ao dentista, isso nunca mais! É meses e meses à espera. Eu lá pedi, por exemplo, numa quinta-feira e na segunda-feira estava a ir ao dentista [...] “</p>
	CL	<p>“ [...] recebi. Eu antes de vir para aqui eu tinha posto os papéis para o rendimento 1 mês antes [...] Acontece que ao falar com a minha técnica da Santa Casa achamos por bem de que ou uma coisa ou outra, ou recebia o rendimento mínimo e com esse rendimento eu pagava a mensalidade ou tinha o apoio por inteiro de ter a minha estadia paga mais X para coisas pessoais e acontece que eu dei baixa do rendimento mínimo pois não podia estar a receber duas coisas ao mesmo tempo [...] optei pela outra, dava mais benefícios [...] “</p> <p>“ [...] Passado 2 meses recebi um vale de 300 e tal euros para eu levantar que já era da inscrição que eu tinha lá e dos retroativos [...] “</p> <p>“ [...] É assim eu não tive mais cedo porque fui cromo (risos) [...] Sabia, (que existia) não sabia era como se tratava [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] o único apoio que recebi foi agora o rendimento mínimo, [...] porque [...] estava sem abrigo, [...] numa situação em que disse assim: “eu também preciso”. Às vezes a vergonha não deixava fazer isso, mas cheguei a uma altura em que disse, “eh pá eu preciso, vou pedir o rendimento mínimo tenho direito a ele. Estou numa situação em que não, que não me consigo governar” e estou a recebê-lo atualmente e ele está a pagar [...] o</p>

		<p>tratamento. São 180€</p> <p>“ [...] se calhar tinha conhecimento, mas nunca me lembrou de pedir sequer [...] “</p> <p>“ [...] pedi (RSI), [...] porque houve uma pessoa que (disse) “oh pá tu tens direito, vai pedir em vez de estares aí a pedir dinheiro à Santa Casa” [...] “,</p>
	BG	<p>“Quando aqui dei entrada estava a usufruir do RSI, rendimento de inserção [...] “</p> <p>“Sempre soube que havia esse apoio, tanto que eu meti os papéis e depois fiquei à espera [...] pedi ajuda para preencher os papéis [...] “</p> <p>“Como sou seropositivo não podia trabalhar [...] Ninguém me dá trabalho por eu ser seropositivo, e porque tenho hepatites.”</p> <p>“ [...] usava o apoio para os meus consumos.”</p>

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RELAÇÃO COM A SS</b>	AJ	<p>“ [...] Não (tenho) porque eu não estive muito tempo aqui em Portugal [...] as únicas coisas que eu tenho da justiça eram as multas de metro que eu tive que, eu fui apanhado no metro, eu não tive preso aqui em Portugal [...] “</p>
	CL	<p>“ [...] nunca tive coisas de ir lá saber seja o que fosse, mesmo a trabalhar nunca tive muita relação com a segurança social [...] porque nunca estive inclinado para isso, nunca precisei deles, precisava sim quando [...] quando desconfiava que não descontava eu dirigia-me à segurança social para saber se o meu patrão fazia os descontos todos como deve ser, se eu estava lá inscrito e essas coisas todas porque isso é muito importante [...] “</p> <p>“ [...] Hoje em dia a segurança social aperta a entidade patronal de tal maneira que não deixa nenhum empregado sem ser inscrito na segurança social, é mesmo</p>

		obrigatório, apanhei um tempo em que não era, [...] podia-se fugir ao pagamento e [...] era só nessa base que eu ia lá à segurança social para saber se realmente os descontos estavam a ser feitos [...] (e) também para [...] saber se eu fosse pedir uma baixa se tinha dinheiro da baixa não é? [...] “
	NS	“ [...] (quando foi para tratamento) Foi quando eles começaram a apoiar-me de alguma maneira [...] “
	BG	“Não tem sido nenhuma, não tenho relação com eles” “Tinha sim, uma vez mandaram-me um cheque. [...] Durante 10 anos” [...] “

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>RECEBEU/RECEBE APOIO INSTITUCIONAL</b>	AJ	<p>“ [...] (em Inglaterra) Fui ao consulado português pedir ajuda mas como ia tão sujo, tão porco e a cheirar mal que a senhora disse-me logo assim: “desculpe lá o senhor aqui nem pode entrar assim como está”, a senhora ainda telefonou outra vez a minha mãe que contou à senhora o que se tinha passado com os 1.500€. O governo português não me ajudou, acabou por não me dar dinheiro. Depois eu fui pedir ajuda ao governo inglês, porque eu tive lá a trabalhar ainda alguns anos, entretanto o governo inglês disse sim, arranjaram-me o bilhete [...] para Portugal [...] “</p> <p>“ [...] Bem a partir daí tive de ir para o albergue de Xelas, que eu nem conhecia, aliás eu em 41 anos eu nunca tinha ouvido falar em comunidades nem nada disso, nunca na minha vida, estou-lhe a ser muito sincero. Ou nunca tive com pessoas que nunca tiveram algum conhecimento, nunca tive conhecimento disso, a 1ª vez que ouvi falar disso foi aqui em Portugal, foi a minha mãe que me disse: “Ó J acho que há um centro ali para Alvalade vai lá falar com eles”, ela nunca mencionou o</p>

		<p>nome Vida e Paz nem nada disso. Eu tinha uma grande mochila, chego a esse centro lá em Alvalade completamente a rressacar, [...] eles lá telefonaram para o Espaço Aberto ao Diálogo (E.A.D.), [...] foram-me lá apanhar e levaram-me para esse albergue em Xelas, quando eu lá entrei nem quis acreditar [...] “</p> <p>“ [...] as únicas vezes em que eu tive limpo e sóbrio [...] foi quando estive aqui em tratamento, [...] este é o segundo tratamento que estou a fazer [...] “</p>
	CL	<p>“Tive na Ponte (e) [...] estive no Desafio Jovem (onde houve uma má inscrição e não tive direito a subsídios nenhuns. Nem paguei mensalidade nem nada disso [...] mesmo assim acabei por ficar lá 1 ano e tal [...] “</p> <p>“ [...] terminei o programa no Desafio Jovem, [...] consegui dar a “volta por cima”, arranjei um trabalho, tirei a carta pela 1ª vez, a minha vida deu uma volta de 380º graus em que tinha uma casa minha, pronto aquilo que uma pessoa consegue através do trabalho. E tive quase 6 anos parados sem consumir, não fumava, não bebia [...] “</p> <p>“ [...] a Vitae tem assistentes sociais lá dentro, [...] falei com a minha técnica e ela concedeu-me [...] que metesse os papéis, disse-me tudo o que devia tratar, fui ao centro de emprego para ir buscar um papel a comprovar em como estava inscrito, um certificado de residência, essas coisas que eles pedem pronto e foi ai que eu comecei a tratar dos papeis para ter esse tal rendimento [...] “ (RSI)</p> <p>“ [...] Vim através do CAT das Taipas em Lisboa e estava a ser seguido por uma terapeuta [...] que [...] conheço há uns 4 ou 5 anos e ela também me conhece a mim [...] disse-me “C olha desculpa lá mas este vai ser o último (tratamento) porque há pessoas que estão à espera e a gente não pode dar mais oportunidades a você C</p>

		<p>porque temos outros atrás que precisam e você já veio 3 vezes, ajudámos já por 3 vezes e não conseguiu...” por isso o Estado está a fazer uma revisão de quem está a entrar consecutivamente, dizem que só é 3 vezes, ao fim de 3 vezes já não há mais direito para nada. E então eu estou nestas condições aqui. Eu decidi vir para a comunidade Vida e Paz porque falaram-me que era uma instituição boa sem exigir muito trabalho [...] às pessoas, era mais terapêutico e então eu decidi vir [...] porque a minha ideia era voltar outra vez para o Desafio Jovem [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] Ia lá ao <i>Job Center</i> que é o centro de emprego lá (em Inglaterra), e ia lá todos os dias [...] eu dei-me como toxicod dependente e eles lá dão algum dinheiro todos os dias que é claro, para as pessoas não andarem a roubar [...] nem a pedir [...] “</p> <p>“ [...] Ia todos os dias ao “Espaço Aberto [...] já conhecia (a Estação do Oriente) [...] e foi para lá que decidi ir, porque está lá a PSP ao lado, está lá... estão todos os dias a dar de comer [...] “</p> <p>“ [...] (antes de pedir RSI) porque eu ia todas as semanas e eles (Santa Casa da Misericórdia) davam-me um cheque de 50€ [...] “</p> <p>“ [...] no segundo tratamento que fiz, foi na Tomada, foi a Santa Casa da Misericórdia que me pagou o tratamento [...] “</p> <p>(teve conhecimento do apoio da Santa Casa da Misericórdia) “através da Vitae [...] “</p>
	BG	<p>“À Positivo. A Dra. Joana da Positivo e à Dra. Catarina da Abraço para preencher os papéis, para poder entregar os papéis para ver se recebia apoio”</p> <p>“ [...] recebi alguma motivação, o primeiro passo foi ir buscar os papeis e depois tive que ir ter com elas e pedir</p>

		<p>para me ajudarem a preencher, porque eu não sabia preencher aquilo”</p> <p>“Estou a receber apoio desta instituição e [...] da Santa Casa da Misericórdia, que é quem me está a pagar o tratamento”</p>
--	--	--

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA AOS APOIOS INSTITUCIONAIS</b>	AJ	<p>“eu sou um sem-abrigo tenho de concordar com isto [...] concordo com estas ajudas do estado porque afinal de contas quer dizer eu tenho este problema [...] que é um problema que não tem explicação [...] desde que uma pessoa entre aí (numa comunidade terapêutica) a pessoa está mesmo “arrumada” [...] “</p>
	CL	<p>“ [...] desde que a gente saiba aproveitar e acho que o Estado ou o governo, pronto, há esses dinheiros para que realmente haja tratamento. Há pessoas [...] que [...] utilizam o tratamento e acabam por andar novamente (nos consumos) ... eu também fiz isso mas eu dou mais importância agora [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] Não penso que seja bem gerido ou que os apoios sejam bem distribuídos, porque [...] não fazem um pré-estudo para verem quem precisa de ajuda e quem não precisa realmente e [...] se calhar há pessoas que nem precisam de ajuda e estão a usufruir e pessoas que precisam e não usufruem [...] “</p> <p>“À comunidade eu só posso estar grato porque por duas ou três vezes tiraram me de situações muito más para a minha vida [...] eu não sei como é que eu poderia sozinho ajudar-me. Não penso que houvesse outra maneira, nem fazendo uma desintoxicação apenas, porque o problema já nem é tanto o álcool é o psicológico das pessoas e aqui temos tempo de, aos poucos voltar a ter [...] uma vida emocional mais estável. Isso [...] a</p>

		<p>mim dá-me muita segurança [...] Não me aproveito disto para nada, porque eu venho para cá [...] para tentar contrariar a minha adição [...] se não consigo é porque ainda não consegui trabalhá-la bem, mas a casa deu-me as ferramentas todas [...] “</p> <p>“ [...] isto para mim é quase uma família, [...] são muitos anos já, são três anos a viver em comunidades [...] sei que eles, pelo menos aqui fazem tudo para que nós tenhamos sucesso lá fora, só não temos se não soubermos aproveitar. Por isso considero muito importante mesmo estas instituições [...] “</p>
	<p>BG</p>	<p>“Eu dou muita importância, porque se não fosse este apoio, não estava aqui agora”</p> <p>“ [...] Este apoio (comunidade) salvou-me mesmo a vida. Veio numa altura que eu precisava mesmo. Saí da vida que levava. Estava farto daquela vida [...] Depois queria ajudar a minha namorada e não sabia como é que havia de ajudar, que a minha namorada está com uma depressão e eu acho que fui um bocadinho causador dessa depressão também, porque eu passava dias sem ir dormir com ela, sem ir dormir a casa dela, ela ficava preocupadíssima [...] Por isso optei por vir para aqui para me tratar a mim para a conseguir ajudar a ela depois [...] “</p>

## **APÊNDICE M**

### **Grelhas de Análise de Conteúdo – Expetativas de Futuro**

---

Subcategoria	População	Excertos significativos
<b>EXPETATIVAS EM RELAÇÃO AO FUTURO</b>	AJ	<p>“ [...] agora como é que eu vou, por exemplo, se eu quiser ir trabalhar ou para um restaurante ou para uma fábrica e tiver que agarrar coisas porque, as nossas mãos são dois utensílios [...] qualquer coisa que a gente faça a gente usa as nossas mãos não é? [...] “</p> <p>“ [...] eu não espero nada [...] sinto-me feliz [...] em ter um teto ou uma caravana em que esteja limpo, [...] que tenha uma televisão [...] utensílios para eu cozinhar e desde [...] que seja num sitio que eu também goste, pronto mas eu não espero muito... se calhar ainda vou a tempo de ser pai [...] “</p> <p>“ [...] isso comigo nunca vai acontecer (ser mal tratado) [...] não estou a falar só por falar... eu prefiro injetar-me com uma grama de heroína logo de uma vez e mato-me logo [...] “</p>
	CL	<p>“Casando com alguém [...] se tiver alguém que me compreende com a qual me preocupo e preciso de lutar para isso essa era finalidade que eu gostava de ter para poder agarrar-me a qualquer coisa, não estar sozinho, porque sozinho já tenho a experiência que não consigo nada [...] sair daqui, arranjar um emprego, [...] uma família e refazer a minha vida como todo o cidadão faz [...] ter as capacidades para trabalhar e ter força e saúde para isso tudo é o que eu desejo [...] “</p> <p>“ [...] gostava de trabalhar e fazer os meus descontos e ter as minhas regalias como toda a gente tem [...] “</p>
	NS	<p>“ [...] a maior preocupação que tenho no meu futuro é essa: não voltar a tocar em álcool [...] quero [...] formar uma família [...] Gostava de trabalhar (numa coisa que goste) [...] “</p>

	BG	“Não projeto o futuro. Vivo um dia de cada vez [...] Desejo trabalhar, desejo ter uma casa, desejo ter uma vida saudável com ela (a namorada) [...] “
--	----	---

## ANEXO

**ANEXO 1 – TIPOLOGIA EUROPEIA DE EXCLUSÃO RELACIONADO COM  
HABITAÇÃO**

# ETHOS Tipologia europeia de Exclusão relacionada com Habitação

Categoria conceptual		Categoria Operacional		Definição geral
SEM ABRIGO	1	Pessoas que vivem na rua	1.1	Dormir na rua (sem acesso a alojamento de emergência) / Sem Abrigo
	2	Pessoas em alojamento de emergência	2.1	Alojamento de emergência
SEM ALOJAMENTO	3	Pessoas em lares de alojamento, para pessoas sem domicílio	3.1	Lar de alojamento em fase de inserção
			3.2	Alojamento provisório
	4	Pessoas em lar de alojamento para mulheres	4.1	Lar de alojamento para mulheres
	5	Pessoas em alojamento para imigrantes	5.1	Alojamento provisório/ Centro de Acolhimento (requerentes de asilo)
			5.2	Lar para trabalhadores migrantes
	6	Pessoas que saíram de instituições	6.1	Instituição penal
			6.2	Instituição médica
7	Beneficiários de um acompanhamento em alojamento	7.1	Instituição de cuidados destinada às pessoas sem domicílio	
		7.2	Alojamento acompanhado	
		7.3	Alojamento de transição acompanhado	
		7.4	Alojamento assistido	
HABITAÇÃO PRECÁRIA	8	Pessoas em habitação precária	8.1	Provisoriamente alojado pela família ou amigos
			8.2	Sem arrendamento (sob)location
			8.3	Ocupação ilegal de uma construção
			8.4	Ocupação ilegal de um terreno
9	Pessoas à beira de despejo	9.1	Aplicação de uma decisão de expulsão (aluguer)	
		9.2	Pareceres de apreensão (propriedade)	
10	Pessoas vítimas de violência doméstica	10.1	Incidentes registados pela polícia ligada à violências domésticas	
HABITAÇÃO INADEQUADA	11	Pessoas que vivem em estruturas provisórias e não se adequam às normas sociais	11.1	Habitação móvel/caravana
			11.2	Construção não conforme com as normas
			11.3	Estrutura provisória
12	Pessoas em alojamento indigno	12.1	Habitação (ocupado) declarada inabitável em conformidade com a legislação nacional	
13	Pessoas vivem em condições de sobrepopulação severa	13.1	Normas nacionais mais severas	



**FEANTSA**

European Federation of National Associations Working with the Homeless AISBL

Fédération Européenne d'Associations Nationales Travaillant avec les Sans-Abris AISBL

194 Chaussée de Louvain ■ 1210 Brussels ■ Belgium ■ Tel.: +32 2 538 66 60 ■ Fax: +32 2 539 41 74 ■ office@feantsa.org ■ www.feantsa.org